



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

José Roberto Prezotto Junior

**Construções completivas de manipulação interpessoal na história
do português**

São José do Rio Preto
2024

José Roberto Prezotto Junior

Construções completivas de manipulação interpessoal na história do português

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Processo nº: 88887.488584/2020-00

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto
2024

P944c Prezotto Junior, José Roberto

Construções completivas de manipulação interpessoal na história do português / José Roberto Prezotto Junior. -- São José do Rio Preto, 2024

237 f. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

1. Manipulação interpessoal. 2. Subordinação. 3. Gramática de Construções Diacrônica. 4. História do português. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

José Roberto Prezotto Junior

Construções completivas de manipulação interpessoal na história do português

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Processo nº: 88887.488584/2020-00

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (*Orientador*)
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira (*titular*)
UFMS – Câmpus de Três Lagoas

Prof. Dr. Augusto Soares da Silva (*titular*)
Universidade Católica Portuguesa – Braga, Portugal

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (*titular*)
UNESP – Câmpus de Araraquara

Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian (*titular*)
UFMG – Belo Horizonte

Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa (*suplente*)
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira (*suplente*)
UFF – Niterói

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale (*suplente*)
UFSCar – São Carlos

São José do Rio Preto

1º de julho de 2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, por todos os ensinamentos compartilhados, por sua gentileza, dedicação e amizade ao me guiar pelos caminhos da linguística.

À Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira, pelas importantes contribuições, desde o exame de qualificação geral, que ajudaram a enriquecer este trabalho, e pelo aceite em participar do exame de defesa da tese, na qualidade de membro titular.

Ao Prof. Dr. Graeme Trousdale, pela disponibilidade em me receber e me supervisionar na Universidade de Edimburgo, durante o período de Capacitação, no âmbito do programa CAPES-PrInt-Unesp, em abril de 2024.

À Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, pela acolhida e pela atenção demonstradas durante o período de mobilidade interna na Unesp - Câmpus de Araraquara, no âmbito do programa CAPES-PrInt-Unesp, em setembro de 2022, e pelo aceite em participar do exame de defesa da tese, na qualidade de membro titular. Também, aos membros de seu grupo de pesquisa, *SoLAR*, pela carinhosa recepção.

À Profa. Dra. Angélica Karim Simão, pelo grande auxílio prestado no exame de qualificação especial na linha de pesquisa de Lexicologia e Lexicografia.

Ao Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian, pela reunião de discussão de meu projeto de doutorado, que contribuiu para as análises desta tese, e pelo aceite em participar do exame de defesa, na qualidade de membro titular.

Aos Profs. Dr. Cássio Florêncio Rúbio e Dra. Angélica Rodrigues, pelas avaliações de meu trabalho no Congresso de Estudos Linguísticos (SELin) nas modalidades debate e painel.

À Profa. Dra. Gisele Cássia de Souza, pela avaliação do trabalho no exame de qualificação geral, e pelo aceite em participar do exame de defesa da tese, na qualidade de membro suplente.

Ao Prof. Dr. Augusto Soares da Silva, pelo aceite em participar do exame de defesa da tese, na qualidade de membro titular.

Às Profs. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale e Dra. Mariângela Rios de Oliveira, pelo aceite em participar do exame de defesa da tese, na qualidade de membro suplente.

Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, pelo incentivo e pela ajuda na inscrição da bolsa de Capacitação do projeto CAPES-PrInt-Unesp.

Aos professores e colegas do *Grupo de Estudos Sociofuncionalistas*, pelas constantes e profícuas discussões.

Aos servidores técnico-administrativos da Seção Técnica de Pós-Graduação da Unesp, Câmpus de São José do Rio Preto, pela eficiência nos serviços prestados.

À toda a minha família, por todo o apoio. Em especial à minha mãe, Maria Cristina de Souza Prezotto, que, desde a infância, sempre me incentivou a explorar os fatos linguísticos, e ao meu companheiro, Marcos Vinícius Celeri de Souza, pela paciência e pelo carinho sem iguais.

Aos meus amigos, por todo o suporte dispensado durante este processo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A língua nada mais é do que outro tipo - embora um tipo muito especial - de habilidade de atenção conjunta; as pessoas usam a língua para influenciar e manipular a atenção umas das outras (Tomasello, 2003, p. 21).

RESUMO

Esta tese tem como tema a manipulação interpessoal, aqui considerada de domínio semântico-pragmático diferente do de causação e entendida como ação social, regida pela Dinâmica de Forças, sob a qual Manipulador e Manipulado, de diferentes *status* social e forças interpsicológicas, agem em direção ao completamento do ato manipulativo expresso por construções complexas compostas de oração matriz e subordinada. Esse entendimento ampara-se em três bases epistemológicas: *gramatical* (Dixon, 2010; Givón, 1975; 2001; *inter alia*), *cognitiva* (Lakoff; Johnson, 1999; 2003; Talmy, 2000; *inter alia*) e *antropológica* (Enfield, 2008; 2013; Enfield; Sidnell, 2017; Tomasello, 2008; *inter alia*). O principal objetivo do trabalho é o de realizar um mapeamento diacrônico dessas construções nos períodos arcaico (séculos XIII-XV), médio (séculos XVI-XVII) e brasileiro moderno (séculos XVIII-XX) do português, adotando-se as premissas teórico-metodológicas da *Gramática de Construções Diacrônica* (Barðdal; Gildea, 2015; Sommerer; Smirnova, 2020; Traugott; Trousdale, 2021; Hilpert, 2021; Gildea; Barðdal; 2023; *inter alia*) e das *Redes multidimensionais e dinâmicas* (Diessel, 2019; 2023). A pesquisa é motivada pela verificação de duas hipóteses: a primeira prevê uma trajetória de mudança gradual de microconstruções com subordinadas finitas a microconstruções com subordinada infinitivas, possível de ser captada pela mudança do grau de integração sentencial envolvendo oração matriz e subordinada; a segunda, em direção contrária, sustenta a estabilidade diacrônica das microconstruções manipulativas, pelo fato de a manipulação constituir um primitivo das relações interpessoais. Metodologicamente, para o alcance do objetivo proposto e verificação das hipóteses, a pesquisa é empiricamente embasada em dados de uso efetivo da língua, extraídos de um *corpus* histórico composto por gêneros textuais variados e representativos das três sincronias do português, mediante o controle de parâmetros de análise previamente definidos e relevantes para a caracterização das construções. Os resultados do mapeamento diacrônico corroboram a segunda hipótese, sob a qual se atesta, ao longo da história, a existência de nove microconstruções manipulativas, cujas orações completivas nos formatos finito e infinitivo, correlacionam-se aos imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição. Esse resultado aponta que microconstruções manipulativas são estáveis na história do português, com raríssimas inovações. Além disso, destaca-se o papel do *status* social dos participantes do ato manipulativo como parte essencial da composição do significado da construção. No confronto dos objetivos, da hipótese validada e dos resultados, a conclusão é a de que a manipulação interpessoal se vincula às esferas social, porque inclui os *status* dos Agentes em interação, cognitiva, porque mostra como se conceptualizam e se processam os imperativos manipulativos, e gramatical, porque identifica uma codificação linguística estável por meio de construções finitas e infinitivas, que expressam os cenários bem-sucedido e pretendido do ato manipulativo.

Palavras-chave: Manipulação interpessoal. Subordinação. Gramática de Construções Diacrônica. História do português.

INTERPERSONAL MANIPULATIVE COMPLEMENT CONSTRUCTIONS IN THE HISTORY OF PORTUGUESE

ABSTRACT

This thesis explores interpersonal manipulation as distinct from causation, viewing it as a social action governed by Force Dynamics. In this context, Manipulator and Manipulee, who possess different social statuses and interpsychological forces, interact to complete the manipulative act. This act is expressed through complex constructions comprising main and subordinate clauses. The analysis is grounded in three epistemological bases: *grammatical* (Dixon, 2010; Givón, 1975; 2001; *inter alia*), *cognitive* (Lakoff; Johnson, 1999; 2003; Talmy, 2000; *inter alia*), and *anthropological* (Enfield, 2008; 2013; Enfield; Sidnell, 2017; Tomasello, 2008; *inter alia*). The primary aim is to map these constructions diachronically across three periods of Portuguese: archaic (13th -15th centuries), middle (16th -17th centuries), and modern Brazilian (18th -20th centuries). This study adopts the theoretical and methodological premises of *Diachronic Construction Grammar* (Barðdal; Gildea, 2015; Sommerer; Smirnova, 2020; Traugott; Trousdale, 2021; Hilpert, 2021; Gildea; Barðdal, 2023; *inter alia*) and *Multidimensional and Dynamic Networks* (Diessel, 2019; 2023). Two hypotheses guide this research. The first predicts a gradual shift from microconstructions with finite subordinate clauses to those with infinitive subordinate clauses, indicated by increased clause integration. The second hypothesis suggests the diachronic stability of manipulative microconstructions, due to manipulation being fundamental to interpersonal relations. Methodologically, the research relies on empirical data from a historical corpus of varied textual genres representing the three periods of Portuguese. Parameters for analysis were predefined and relevant to characterizing these constructions. The diachronic mapping results support the second hypothesis, confirming the existence of nine manipulative microconstructions. These constructions, in both finite and infinitive forms, correlate with the semantic-pragmatic imperatives of order, instruction, permission, and prohibition. The results indicate that manipulative microconstructions have remained stable throughout the history of Portuguese, with minimal innovations. The social status of the participants in the manipulative act plays a crucial role in the construction's meaning. In conclusion, interpersonal manipulation is linked to the social sphere (reflecting the agents' status), the cognitive sphere (demonstrating how manipulative imperatives are conceptualized and processed), and the grammatical sphere (showing stable linguistic coding through finite and infinitive constructions).

Keywords: Interpersonal manipulation. Subordination. Diachronic Construction Grammar. History of Portuguese.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Modelo da estrutura simbólica de uma construção na <i>GC Radical</i>	15
Figura 2 – A MicroCx <i>will can</i> , incluindo o significado social	19
Figura 3 – Diagrama de uma rede esquemática	24
Figura 4 – Elo simbólico da construção de estrutura argumental	26
Figura 5 – Hierarquia taxonômica simplificada	28
Figura 6 – Família e vizinhança construcionais	30
Figura 7 – Família de aspecto final do português	31
Figura 8 – Diagrama da situação causativa de força física	63
Figura 9 – Diagramas de situações manipulativas de ordem e permissão	64
Figura 10 – Exemplificação da atuação do construal.....	77
Figura 11 – Rede conceptual de manipulação interpessoal e suas conexões	84
Figura 12 – A periodização das gramáticas portuguesas	88
Figura 13 – Modo de disposição das ocorrências.....	94
Figura 14 – Distribuição proporcional dos gêneros textuais no <i>corpus</i>	95
Figura 15 – Distribuição geral dos dados a partir do predicado matriz.....	97
Figura 16 - Frequência <i>token</i> dos imperativos semântico-pragmáticos de MicroCx de manipulação interpessoal no português arcaico, médio e brasileiro moderno	113
Figura 17 - Pequena rede do subesquema manipulativo interpessoal finito.....	125
Figura 18 - Pequena rede do subesquema manipulativo interpessoal infinitivo	133
Figura 19 – Referência semântica do Manipulador no português.....	158
Figura 20 – Referência semântica do Manipulado no português	163
Figura 21 - Exemplo de rede social multidimensional.....	175
Figura 22 - Rede social multidimensional do <i>status</i> governamental no português arcaico	179
Figura 23 - Rede social multidimensional do <i>status</i> eclesial no português arcaico	180
Figura 24 - Rede social multidimensional do <i>status</i> judicial no português médio.....	183
Figura 25 - Rede social multidimensional do <i>status</i> familiar no português médio	184
Figura 26 - Rede social multidimensional do <i>status</i> profissional no PB moderno	187
Figura 27 - Rede social multidimensional do <i>status</i> de amizade no PB moderno	188
Figura 28 – Distribuição da configuração dos cenários em MicroCx manipulativas no português	190
Figura 29 - Diagrama do processamento cognitivo das MicroCx manipulativas do subesquema finito no cenário pretendido	197
Figura 30 - Representação completa do subesquema manipulativo finito	198
Figura 31 - Diagrama do processamento cognitivo das MicroCx com Manipulado expresso no cenário bem-sucedido	200
Figura 32 - Representação completa do subgrupo de MicroCx infinitivas com Manipulado expresso	200
Figura 33 - Diagrama do processamento cognitivo da MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado no cenário bem-sucedido.....	202
Figura 34 - Representação completa do subgrupo da MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado	203

QUADROS

Quadro 1 – Princípios teórico-metodológicos dos MBU	10
Quadro 2 – Processos cognitivos de domínio geral e específicos à língua	11
Quadro 3 – Resumo das características das GCBU	13
Quadro 4– As dimensões das construções	20
Quadro 5 – Trajetória de mudança da microconstrução aspectual final com <i>deixar</i>	34
Quadro 6 – Proposta de Dixon (2010) para a caracterização semântica das construções causativas....	55
Quadro 7 – Escala de complementação proposta por Givón (2001).....	58
Quadro 8 – Especificações da escala de complementação de Givón (2001).....	58
Quadro 9 – Dimensões semântico-cognitivas da manipulação	60
Quadro 10 – <i>Continuum</i> de construções causativas	66
Quadro 11 – Composição do <i>corpus</i> diacrônico	92
Quadro 12 – Escala de traços semântico-pragmáticos de verbos com adaptações	106
Quadro 13 – Principais resultados do mapeamento diacrônico das MicroCx manipulativas interpessoais	205

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição diacrônica das MicroCx finitas no português arcaico	126
Tabela 2 - Distribuição diacrônica das MicroCx finitas no português médio	127
Tabela 3 - Distribuição diacrônica das MicroCx finitas no PB moderno.....	130
Tabela 4 - Distribuição diacrônica das MicroCx infinitivas no português arcaico	134
Tabela 5 - Distribuição diacrônica das MicroCx infinitivas no português médio.....	136
Tabela 6 - Distribuição diacrônica das MicroCx infinitivas no PB moderno	138
Tabela 7 – Força colostrucional de predicados matrizes em construções manipulativas do português arcaico	143
Tabela 8 – Força colostrucional de predicados matrizes em construções manipulativas do português médio.....	145
Tabela 9 – Força colostrucional de predicados matrizes em construções manipulativas do PB moderno	146
Tabela 10 – Frequência <i>token</i> e proporção da expressão formal do Manipulador no português arcaico	151
Tabela 11 – Frequência <i>token</i> e proporção da expressão formal do Manipulador no português médio	153
Tabela 12 – Frequência <i>token</i> e proporção da expressão formal do Manipulador no PB moderno	155
Tabela 13 - Força colostrucional de MicroCx manipulativas e formas de expressão do Manipulado no português.....	160
Tabela 14 – <i>Types</i> de predicados encaixados das microconstruções manipulativas interpessoais no português.....	166
Tabela 15 – Força colostrucional de predicado manipulativo e predicado subordinado no português arcaico	170
Tabela 16 – Força colostrucional de predicado manipulativo e predicado subordinado no português médio.....	171
Tabela 17 – Força colostrucional de predicado manipulativo e predicado subordinado no PB moderno	172
Tabela 18 – Frequência <i>token</i> e proporção dos <i>status</i> sociais entre os participantes do ato manipulativo no português arcaico	177
Tabela 19 - Frequência <i>token</i> e proporção dos <i>status</i> sociais entre os participantes do ato manipulativo no português médio	181
Tabela 20 - Frequência <i>token</i> e proporção dos <i>status</i> sociais entre os participantes do ato manipulativo no PB moderno.....	185

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA LINGUAGEM.....	9
2.1	Princípios gerais dos Modelos Baseados no Uso	9
2.2	Gramática de Construções Baseada no Uso	11
2.3	O modelo de redes dinâmicas: construções, propriedades e elos	14
2.3.1	A natureza da construção	14
2.3.2	Redes multidimensionais e seus elos	23
2.4	Gramática de Construções Diacrônica e mudança linguística	31
3	A MANIPULAÇÃO INTERPESSOAL NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS	37
3.1	O tratamento das construções causativas sintáticas no português.....	37
3.1.1	Construções causativas sintáticas sob a perspectiva formal	38
3.1.2	Construções causativas sintáticas sob a perspectiva cognitivo-funcional.....	43
3.2	Por uma definição de manipulação interpessoal	53
3.2.1	Base gramatical	53
3.2.2	Base cognitiva	61
3.2.3	Base antropológica	69
3.2.4	Conceituando manipulação interpessoal	75
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	87
4.1	Periodização da língua portuguesa.....	87
4.2	Composição do <i>corpus</i> diacrônico	89
4.3	Processo de coleta e interpretação dos dados	95
4.4	Parâmetros de análise	101
4.4.1	Caracterização geral das MicroCx manipulativas interpessoais	102
4.4.2	Estrutura e referencialidade do Manipulador e do Manipulado.....	104
4.4.3	<i>Type</i> e <i>token</i> do predicado encaixado.....	105
4.4.4	Relações sociais entre Manipulador e Manipulado e cenário manipulativo	107
5	MAPEAMENTO DIACRÔNICO DAS MICROCONSTRUÇÕES DE MANIPULAÇÃO INTERPESSOAL	112
5.1	Caracterização geral das MicroCx manipulativas interpessoais.....	112
5.1.1	Os imperativos semântico-pragmáticos das MicroCx manipulativas	112
5.1.2	A configuração formal das MicroCx manipulativas	123

5.2	Estrutura e referencialidade do Manipulador e do Manipulado em MicroCx manipulativas	149
5.2.1	Estrutura e referencialidade do Manipulador	150
5.2.2	Estrutura e referencialidade do Manipulado	159
5.3	<i>Type e token</i> do predicado encaixado	165
5.4	Relações sociais entre Manipulador e Manipulado e cenário manipulativo	174
5.4.1	Relações sociais entre Manipulador e do Manipulado.....	174
5.4.2	Cenário manipulativo	189
5.5	Confrontando duas hipóteses	203
6	CONCLUSÃO	209
	REFERÊNCIAS	212

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na linha de estudos sobre mudança linguística em perspectiva diacrônica, filiando-se à abordagem construcional da linguagem, que entende língua como um sistema adaptativo complexo (Bybee, 2016), ou ainda, como uma rede de signos interconectados (Diessel, 2019), cuja unidade básica de análise é a construção, pareamento de forma e significado. Mais precisamente, adota-se o modelo da Gramática de Construções Diacrônica, que trata do estudo histórico de mudanças nas redes dinâmicas e multidimensionais, com investigações que se ocupam da emergência de novas construções, de alteração em propriedades ou apagamento de nós existentes em redes, além da caracterização das conexões entre elos e redes (Barðdal; Gildea, 2015; Sommerer; Smirnova, 2020; Traugott; Trousdale, 2021; Hilpert, 2021; Gildea; Barðdal; 2023; *inter alia*).

Sob esse modelo teórico-metodológico, o objetivo central desta pesquisa é mapear historicamente a família de construções manipulativas interpessoais com os predicados *mandar*, *fazer*, *querer*, *pedir*, *gostar*, *deixar*, *proibir* e *impedir*¹ nos períodos arcaico (séculos XIII-XV), médio (séculos XVI-XVII) e brasileiro moderno (séculos XVIII-XX) do português. As ocorrências de (1) a (7) exemplificam o objeto de análise nesta tese.

- (1) **El rey de Navarra** veeo pera cobrar a vila e, [...] **ma~dou e~trar suas ge~tes**, [...]. E ve~edo **Pedro Fernandez** que elle se receava, temendo de mays alongar esta cousa, tornousse aa villa e **fez roubar** a todolos del rey de Navarra que dentro eram. (14CGE_CIPM).

“O rei de Navarra veio para cobrar a vila e, [...] mandou sua gente entrar, [...]. E Pedro Fernandez, vendo que ele se receava e temendo alongar mais esta coisa, voltou à vila e fez [seus subordinados] roubar a todos que apoiavam o rei de Navarra e que estavam dentro da vila.”

- (2) pedio palavra o Socio Manoel Francisco e disse **quero Senr Prizidente q V Sa me dei**, esclarecimento a respeito do retrato q a Sociedade Co- nprou. (19AB_TYBR).

¹ A escolha desses predicados como objeto de investigação se baseou em Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016), que os classificam como predicados manipulativos no português falado culto no Brasil. Além dos predicados arrolados por esses autores, também considereei, durante a fase de coleta dos dados, o predicado *exigir*, que, no entanto, não foi encontrado em construções de manipulação interpessoal no *corpus* da pesquisa.

- (3) Sobresto correrom tantas pallavras antre ElRei Dom Pedro e os embaxadores, ataa que **pedirom** por merçee **ao Príncipe que fizesse** pergunta a elRei, [...] e o Príncipe lho perguntou estomçe [...]. (15DPI_CIPM).
“Sobre isso, tantas palavras foram ditas entre o rei Dom Pedro e os embaixadores, até que pediram, por favor, ao príncipe que fizesse uma pergunta ao rei [...] e, então, o príncipe lhe perguntou [...].”
- (4) Lucinha, não sei se você está gostando | de receber minhas cartas, se voce estiver | **gostaria** muito **que você** me **mostrasse** | de uma maneira mais importante pelo | modo de pensar acho que es- | tou sendo meio chato. (20CRN_PHPB).
- (5) acabados nove meses e meo que el rey cercara o logar, envyou el rey Abemafomad pedir a **el rey dom Afonso** por merceee que **leixasse sayr** a salvo **el e os que com el estavom** [...]. E el rey teveo por bem. E aquel mouro sayu a el rey don Afonso e entregoulhe a villa. (14CGE_CIPM).
“Passados nove meses e meio que o rei cercara o lugar, o rei Abemafomad mandou pedir ao rei Dom Afonso, por favor, que deixasse ele e os que com ele estavam sair a salvo. E o rei o teve por bem. E aquele mouro saiu e entregou a vila ao rei Dom Afonso.”
- (6) Eu quero que **tú não proibas a Hilda de brincar**, porque nos que somos marmanjos gostamos de brincadeiras. porque ela não é só tua, e nossa, pertence-me tambem, não amo só a mãe dela, mas ela também [...]. (20CRJ_PHPB).
- (7) Madame Vargas - Quero **impedir que** mais uma vez **estraguem** o meu futuro. Só! Quero ser feliz, compreendes? Quero mostrar publicamente que eu também amo, que posso ser uma esposa que se inveje [...]. (20BMV_BLPL).

Em (1), duas microconstruções (MicroCx, daqui em diante) manipulativas infinitivas são empregadas, envolvendo os predicados *mandar* e *fazer*, respectivamente. Na primeira, observa-se uma ordem emitida pelo Manipulador, o *Rei de Navarra*, à entidade Manipulada, *suas gentes*; na segunda, o Manipulador manifesta o comando a um Manipulado indeterminado na estrutura construcional, possivelmente, *seus subordinados*, para a realização do evento *roubar*. Em (2), com o predicado *querer* sancionando uma MicroCx finita, há uma solicitação por parte de um sócio ao *Presidente* da sociedade, demandando explicações acerca de um retrato. Ainda no âmbito da ordem, em (3), com o predicado *pedir* na oração matriz com completiva finita, o Manipulador, codificado na terceira pessoa do plural, solicita ao *Príncipe*, Manipulado, que faça uma pergunta ao rei, e tal pedido é executado. A ocorrência em (4) denota uma instrução por meio do predicado *gostar* complementado por oração finita e mostra a atenuação de face por parte do Manipulador, que solicita à Manipulada, *Lucinha*, que lhe dê indícios de seus sentimentos. As ocorrências de (5) a (7) são relacionadas aos imperativos de permissão e de proibição. Em (5), com o predicado *deixar* combinado com oração infinitiva, há um pedido direcionado ao *Rei* para que este permita que *todos os seus* saiam a salvo do contexto de guerra, e o resultado é a concessão por parte do monarca. Em (6), com o predicado *proibir*

complementado por oração infinitiva, surge um desejo do narrador para que a entidade Manipuladora não proíba a Manipulada, *Hilda*, de brincar. Finalmente, em (7), com o predicado *impedir* combinado com oração finita, a Manipuladora, *Madame Vargas*, exprime a vontade de impossibilitar que outros prejudiquem seu futuro.

Consoante as ocorrências exemplificativas do objeto de investigação, pode-se observar que, no geral, as construções de manipulação interpessoal são compostas por dois predicados em zona de complementação oracional: o predicado matriz, que ativa o domínio conceptual da manipulação, evocando os imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição; o predicado subordinado, finito ou infinitivo, que indica o ato manipulativo em direção a um evento. Acompanhando essas formas verbais, apresentam-se dois Agentes humanos, Manipulador e Manipulado, de diferentes *status* sociais, graus de agentividade e força interpsicológica, os quais constituem cenários que podem levar à concretização ou não do ato manipulativo.

A proposição deste estudo foi motivada pelo tratamento difuso conferido a certos predicados matrizes, conforme se lê em Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016), que, na descrição de construções subordinadas substantivas do português culto falado no Brasil, excluem de suas análises predicados modais que expressam capacidade ou habilidade (*saber* e *conseguir*), volição (*querer*) e obrigação (*precisar*), seguidos de verbos na forma infinitiva, sob a justificativa de assumirem configurações próximas às de construções auxiliares. Assim se expressam os autores a respeito desses predicados modais, o que, em alguma medida, poderia também ser aplicar a certos casos de predicados manipulativos:

[...] não serão contemplados os casos de construções envolvendo predicados cujos significados e configuração se aproximam dos de auxiliares, dado seu estágio de gramaticalização rumo à formação de perífrases modais que codificam um único estado de coisas (Gonçalves; Sousa; Casseb-Galvão, 2016, p. 74).

Tomo essa consideração dos autores apenas como *insight* para esta tese e, baseado na literatura sobre mudança linguística em perspectiva histórica, particularmente, no que concerne à gramaticalização de orações (Lehmann, 1988; Hopper; Traugott, 2003), busco elucidar de maneira mais precisa o funcionamento desses predicados manipulativos no português e lhes conferir um tratamento mais detalhado. Sob tal propósito, a hipótese inicial desta tese é a de que, no ambiente de subordinação, o predicado encaixado sofre dessentencialização, possibilitando a construcionalização gramatical da MicroCx manipulativa na rede dos auxiliares modais deônticos. Na implementação desse processo, ocorrem micropassos de união

sentencial, integrando o predicado manipulativo da oração principal ao predicado subordinado, formando uma MicroCx de auxiliaridade. Em outras palavras, o pressuposto subjacente é o de que construções auxiliares com predicados manipulativos se configuram sincronicamente no português brasileiro contemporâneo (PB, daqui em diante) a partir de extensões contextuais de construções de subordinação apreensíveis diacronicamente, como fazem supor Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016).

Motivado por essa hipótese, durante a revisão da literatura, ao consultar trabalhos de diversas filiações teórico-metodológicas relacionadas ao tema em questão, constatei que o conceito de manipulação interpessoal é tratado escassamente no domínio da causação, no qual se abrigam de maneira ampla construções de nuances semânticas de coerção direta (*física*) e indireta (*persuasão*), as quais apresentam forte dependência entre o evento-causa e o evento-efeito, promovidos por dois participantes, humanos e não humanos, que se colocam em relação de oposição ou adversidade (Comrie, 1976; 1989; Shibatani, 1976; Shibatani; Pardeshi, 2002; Kemmer; Verhagen, 1994; Dixon, 2010, *inter alia*). Particularmente, em trabalhos sobre o tema no português, essa categorização se mantém (Arrais, 1985; Soares da Silva, 1999; 2005; 2012; 2015; Cezário, 2001; Carvalho, 2004, *inter alia*).

Em vista desse reconhecimento e da interpretação dos dados diacrônicos coletados, concluí que inserir as construções manipulativas interpessoais na abrangente categoria de causação seria insuficiente e limitante para capturar todas as suas particularidades sociais, cognitivas e funcionais no português. Assim, por meio de três bases, *gramatical* (Comrie, 1989; Shibatani; Pardeshi, 2002; Dixon, 2010; Givón, 1975; 2001, *inter alia*), *cognitiva* (Lakoff; Johnson, 1999; 2003; Talmy, 2000; Pederson, 1991; *inter alia*) e *antropológica* (Enfield, 2008; 2013; Enfield; Sidnell, 2017; Tomasello, 2008; Givón; Young, 2002; *inter alia*), defendendo nesta tese que, na esfera biopsicossocial, a comunicação é constituída via cooperações interpsicológicas, que, em um jogo de interesses e convenções sociais (Givón; Young, 2002), são traduzidas na língua em construções manipulativas interpessoais finitas e infinitivas, as quais expressam, por meio do processo cognitivo de Dinâmica de Forças (Talmy, 2000), a colisão entre duas entidades: o Manipulador que, dotado de volição, age na promoção de mudança de comportamento ou no de estado de um Manipulado, que, por também ser Agente potencial, pode ser atingido pela força manipulativa completa ou parcialmente ou se esquivar e superar tal incisão.

Em virtude dessa noção de manipulação interpessoal, é assertivo afirmar que a hipótese formulada inicialmente teve de ser descartada, uma vez que a exigência de dois Agentes humanos (aquele que emite o imperativo e aquele que o executa ou não) na constituição do

frame manipulativo em foco invalida um dos critérios cruciais para a definição de construções de auxiliaridade: a correferencialidade entre Sujeitos, como restritor já anunciado por Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016), para o caso de predicados manipulativos. Adicionalmente, outro critério que perde validade é a impossibilidade de a construção auxiliar se desdobrar em duas orações (Heine, 1993)², condição não verificada já na apresentação do objeto de análise por meio das ocorrências de (1) a (7), que demonstram os predicados manipulativos integrados a orações encaixadas tanto finitas quanto infinitivas.

Em face dessa constatação, ainda no âmbito da gramaticalização de orações, fez-se pertinente reformular a hipótese inicial com o propósito de investigar as MicroCx manipulativas como formadas por meio de um processo diacrônico gradual de integração entre oração matriz e subordinada e de dessentencialização da oração encaixada. Para formular tal hipótese, recorro à proposta de Lehmann (1988), que estabelece parâmetros sintático-semânticos para investigar o estatuto e a tipologia da articulação de orações na língua. Resumidamente, esses parâmetros evidenciam os aspectos da autonomia *versus* integração da subordinada; da expansão *versus* redução da subordinada ou da principal; e do isolamento *versus* articulação das orações. Além disso, o autor propõe, para as subordinadas, o *continuum* de sentencialidade finita > não finita > nominalização, que prevê, no extremo desse *continuum*, a possibilidade de a subordinada chegar ao grau máximo de redução e de integração à principal, quando assume a forma de uma nominalização, transformando-se em constituinte oracional simples do predicado principal. Esse *continuum* de redução da oração subordinada reflete o aumento do grau de integração sintático-semântico entre principal e subordinada, inicialmente codificando dois eventos distintos, não simultâneos, e ao final, codificando-os como um único evento (como se exemplifica em: *Luiza viu que Jonas saiu* > *Luiza viu Jonas sair/saindo* > *Luiza viu a saída de Jonas*).

Dirigindo a atenção para os pontos finito e não finito do *continuum* sentencialidade e sob a hipótese revisada, o objetivo é verificar se comprova-se uma trajetória evolutiva de construções manipulativas de tipos finitos para infinitivos, analisando suas diferentes nuances nas propriedades gramaticais, cognitivas e funcionais.

² Para Heine (1993), que concebe a língua como entidade dinâmica constantemente moldada por forças cognitivas e pragmáticas, o termo *auxiliar* é usado para se referir a um verbo que possui o maior número de propriedades de auxiliaridade. Dentre as hipóteses formuladas pelo autor para sancionar o estatuto de verbos auxiliares, a mais relevante é a *hipótese da gradiência*, que prevê que auxiliares e verbos plenos devem ser considerados na disposição de um *continuum*. Em vista dessa hipótese, Heine (1993) arrola critérios para identificação de auxiliares, como: correferencialidade dos sujeitos de V₁ e V₂, impossibilidade de desdobramento de V₁ e V₂ em duas orações, entre outros.

Prosseguindo na definição de manipulação interpessoal, alicerçada nas três bases enunciadas (gramatical, cognitiva e antropológica), formulo uma segunda hipótese, enunciada a seguir, com base no entendimento de que a força manipulativa sobre objetos físicos, presente desde os primeiros anos de vida dos seres humanos, se abstratiza em termos de ordens e concessões envolvendo entidades, agora, animadas, como se lê na citação abaixo, extraída de Tomasello (2019).

Por volta dos nove meses de idade, os bebês humanos passam por uma espécie de revolução na cognição social. Antes dessa idade, eles podem interagir diretamente com objetos, agarrando-os e manipulando-os. Eles também conseguem interagir diretamente com outras pessoas, trocando, com elas, emoções em protoconversas. No entanto, bebês de nove meses de idade, pela primeira vez, começam a interagir com pessoas e objetos de forma triádica - eles começam a "triangular" com outros indivíduos em relação às entidades e situações ao seu redor. [...] o que temos aqui é a convergência de dois caminhos de desenvolvimento. O primeiro são as formas de compartilhamento de emoções exclusivas da espécie humana em protoconversas, que começam no início da infância. Em seguida, por volta dos nove meses de idade, os bebês começam a compreender os outros como agentes intencionais que têm objetivos e percepções em relação ao mundo [...] (Tomasello, 2019, p. 55-56).³

Essa citação evidencia uma trajetória de desenvolvimento do ser humano que vai da intencionalidade individual, ao manipular objetos, até ao compartilhamento de estados psicológicos com outros, ao entender o Outro como agente humano inserido no seu mundo, passível de compartilhar com ele estados interpsicológicos.

Além disso, envolvendo especificamente a linguagem, Tomasello (2003) argumenta que, já na infância, as dimensões simbólicas da linguagem derivam de adaptações biológicas exclusivamente humanas para elementos culturais experienciados. Portanto,

³ As citações traduzidas nesta tese são de minha autoria. *No original*: At around nine months of age, human infants undergo something of a revolution in social cognition. Before this age they can engage with objects directly, such as by grasping and manipulating them. They also can engage with other people directly, such as by exchanging emotions with them in protoconversations. But nine-month-old infants for the first time begin to engage with people and objects together triadically—they begin “triangulating” with others on the entities and situations around them. [...] what we have here is the coming together of two development pathways. First is infants’ species-unique forms of emotion sharing in protoconversations, which begin in early infancy. Then, second, at around nine months of age infants begin to understand others as intentional agents who have goals and perceptions toward the world [...].

Essa adaptação pode ser caracterizada como a capacidade de entender que outras pessoas têm estados mentais e intencionais semelhantes aos nossos - o que leva, naturalmente, ao desejo de manipular esses estados intencionais e mentais por meio de convenções sociais. Em segundo lugar, as dimensões gramaticais da linguagem derivam dos usos que as pessoas fazem dos símbolos linguísticos de forma padronizada para fins de comunicação interpessoal, uma vez que esses usos são realizados repetidamente ao longo do tempo histórico (Tomasello, 2003, p. 40).⁴

Os trechos citados acima ratificam que o domínio conceptual da manipulação é uma parte essencial da existência humana, na qual se evidencia que a constante busca cotidiana por influenciar o Outro em direção à concretização de eventos favoráveis, por meio de forças interpsicológicas, deriva das relações sociais compartilhadas entre Manipulador e Manipulado, relações que se transpõem linguisticamente para a codificação e o estabelecimento regular de construções ao longo de tempo.

Tais observações conduzem à formulação da segunda hipótese: a de que construções manipulativas apresentam estabilidade e regularidades formais e semântico-pragmáticas ao longo da história do português, pelo fato de a manipulação interpessoal constituir uma competência social humana (Tomasello, 2019) que opera naturalmente como primitivo nas interações da esfera biopsicossocial.

Em suma, sob uma perspectiva diacrônica, as duas hipóteses anunciadas são paradoxais: enquanto a primeira dá conta das dinâmicas de mudança, pela verificação dos possíveis micropassos em torno dos graus de sentencialidade e integração entre os tipos microconstrucionais finitos e infinitivos, a segunda explora a estabilidade das construções em foco, em razão da conceitualização de manipulação interpessoal.

Como proposta metodológica, visando alcançar o objetivo geral de descrever as MicroCx manipulativas e examinar as duas hipóteses delineadas, conduzo uma investigação em oito sincronias da língua portuguesa (do século XIII ao XX), a partir da elaboração de um *corpus* próprio, cujos textos selecionados provêm de diferentes gêneros textuais disponíveis em cinco banco de dados históricos: *Corpus Informatizado do Português Medieval* (Xavier, 2003); *Corpus Diacrônico do Português* (Longhin, 2007); *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (Galves; Andrade; Faria, 2017); *Corpus mínimo comum manuscrito do Projeto para a*

⁴ *No original*: This adaptation may be characterized as the ability to understand that other persons have intentional and mental states like one's own— which leads, quite naturally, to a desire to manipulate those intentional and mental states via social conventions. Second, the grammatical dimensions of language derive from people's uses of linguistic symbols in patterned ways for purposes of interpersonal communication, as these are played out repeatedly over historical time.

*História do Português Brasileiro e Corpus Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos.*⁵

A tese se organiza estruturalmente do seguinte modo: na seção 2, apresento as premissas teóricas dos Modelos Baseados no Uso e da Gramática de Construções Baseada no Uso, seguidas pela caracterização do modelo de Redes Dinâmicas e Multidimensionais, que permite distinguir as propriedades e os elos construcionais; ao término da seção, destaco o modelo da Gramática de Construções Diacrônica, bem como a conceituação de mudança linguística nesse modelo teórico.

Na seção 3, concentro-me no alcance de um conceito mais preciso de manipulação interpessoal; primeiramente, revisito trabalhos acerca do tema na gramática do português; após, especifico as três bases epistemológicas (antropológica, cognitiva e gramatical) que contribuem para o estabelecimento de uma definição de manipulação interpessoal, enquanto categoria de domínio semântico-pragmático.

Na seção 4, descrevo os procedimentos metodológicos, primeiramente, inicio pela periodização da língua portuguesa, para, depois, apresentar os passos para a composição do *corpus* diacrônico e para a interpretação dos dados; no encerramento da seção, delincho os parâmetros de análise que sustentam a descrição linguística proposta.

Na quinta seção, mapeio diacronicamente as MicroCx manipulativas. Parto de descrições e análises dos componentes de forma e significado das construções, dos Agentes da manipulação, dos tipos de predicados subordinados e das relações sociais e cenários que instauram a manipulação bem-sucedida e pretendida, encarecendo-se o componente social como parte intrínseca a essas construções. No encerramento da seção, confronto as duas hipóteses formuladas, examinando-se a possibilidade de confirmação dos micropassos de mudança ou da estabilidade construcional. Fecha o corpo da tese, a conclusão, seção 6, que sintetiza toda a discussão empreendida acerca dos resultados alcançados. Ao final, seguem as referências que embasam o trabalho defendido.

⁵ As referências para os dois últimos *corpora* não estão indicadas, pois compilam vários textos de diversas autorias. A especificação detalhada encontra-se na seção 4.2.

2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA LINGUAGEM

Esta seção sistematiza os fundamentos que sustentam teoricamente esta tese, partindo-se da caracterização geral dos Modelos Baseados no Uso (MBU), que investiga como as categorias da gramática se processam cognitivamente e funcionam linguisticamente; trata detalhadamente da abordagem construcional da linguagem, que conceitua a língua como um sistema adaptativo complexo (Bybee, 2016), ou ainda, como uma rede de signos interconectados (Diessel, 2019), cuja unidade básica de análise é a construção, um pareamento de forma e significado. A seção destaca ainda o modelo da Gramática de Construções Diacrônica (Barðdal; Gildea, 2015; Sommerer; Smirnova, 2020; Traugott; Trousdale, 2021; Hilpert, 2021; Gildea; Barðdal; 2023; *inter alia*), entendido como o estudo histórico de mudanças nas redes construcionais, que são dinâmicas e multidimensionais.

2.1 Princípios gerais dos Modelos Baseados no Uso

O termo *Modelos Baseados no Uso* (doravante MBU) foi primeiramente introduzido por Langacker (1987) em sua *Gramática Cognitiva*, e, posteriormente, estendido para abrigar um conjunto de abordagens que se interessam pela relação indissociável entre estrutura e uso da língua (Barlow; Kemmer, 2000), buscando-se estabelecer conexões entre estudos de cunho funcional e cognitivo acerca do processamento e do funcionamento das construções linguísticas a que os usuários são expostos.

A fim de esclarecer os fundamentos que envolvem as pesquisas desenvolvidas nos MBU, com base em Barlow e Kemmer (2000), mostro resumidamente no Quadro 1 nove princípios que devem guiar as pesquisas nesse quadro teórico-metodológico.

Quadro 1 – Princípios teórico-metodológicos dos MBU

	PRÍNCÍPIO	CONCEITO
1.	<i>Relação entre estruturas linguísticas e instâncias de uso</i>	As representações linguísticas são dinâmicas, sujeitas à extensão criativa e à remodelagem nos eventos de uso que (trans) formam o sistema linguístico.
2.	<i>Importância da frequência de uso</i>	A frequência de uma unidade linguística é tanto resultado quanto força que modela o sistema, amplamente dirigido pela experiência.
3.	<i>Compreensão e produção integradas ao sistema linguístico</i>	Os eventos de uso conduzem à formação e à operação do sistema linguístico, cujas estruturas não se separam dos atos de processamento mental ocorridos durante o uso.
4.	<i>Aprendizado e experiência na aquisição da linguagem</i>	As instâncias de produção e compreensão linguísticas são significativas na aquisição da linguagem, quando o sistema está tomando forma.
5.	<i>Representações linguísticas emergentes</i>	As unidades linguísticas, sempre emergentes e não estocadas em nenhum local neural específico, são vistas como rotinas cognitivas.
6.	<i>Importância de dados de uso</i>	A língua em uso é a melhor evidência para determinar e especificar a natureza e a organização do sistema linguístico.
7.	<i>Relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica</i>	O uso linguístico é o <i>locus</i> da mudança. O usuário é responsável por micromudanças diacrônicas em seu próprio sistema linguístico e de outros usuários. Em cada estágio de mudança, as motivações operantes são de ordem cognitiva, articulatória e social, e seus efeitos são cumulativos no tempo. Nessa dinâmica, há sempre uma relação entre diacronia e sincronia.
8.	<i>Interconexão do sistema linguístico com outros sistemas cognitivos</i>	Processos de abstração linguística não diferem de processos de outros domínios cognitivos. A estrutura linguística é parte de estruturas conceituais mais gerais.
9.	<i>Papel crucial do contexto</i>	O sentido é construído no contexto, havendo uma interação complexa entre representações cognitivas abstraídas da experiência e fatores contextuais.

Fonte: Elaboração própria, baseada em Barlow e Kemmer (2000).

Esses princípios dos MBU se alicerçam no conceito de língua como sistema adaptativo complexo, que emerge e se molda no uso, por meio da conceitualização das experiências humanas (Bybee, 2016). Embora seja concebida como sistema sempre em emergência, a língua exibe estabilidade relativa, regularidade estrutural aparente e, ao mesmo tempo, também gradiência e variação. Nas palavras de Bybee (2016):

a gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de um modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo. [...] A variação refere-se ao fato de que unidades estruturais da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência (Bybee, 2016, p. 18).

Nessa perspectiva, os processos que levam à formação da língua não operam de modo independente da cognição geral, que, envolvida no uso da língua, leva à criação da gramática, entendida como “um sistema dinâmico de categorias emergentes e de restrições flexíveis [...]”⁶ (Diessel, 2015, p. 295), e, conseqüentemente, à mudança linguística. Por essa razão, Bybee (2016) lança o mote *derivar a língua da não língua*, e reúne alguns desses processos com

⁶ No original: a dynamic system of emergent categories and flexible constraints [...].

especificações quanto a suas atuações na cognição e na língua, conforme sintetizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Processos cognitivos de domínio geral e específicos à língua

Processos	Na cognição	Na língua
<i>Categorização</i>	Diversas categorias perceptuais são criadas por meio da experiência e categorizadas em representações exemplares.	Unidades linguísticas são reconhecidas e associadas a representações já estocadas na mente do usuário.
<i>Chunking</i>	Tarefas cognitivas e neuromotoras repetidas se aprimoram e se tornam automatizadas com a prática.	Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são processadas juntas na cognição e acessadas como unidades simples.
<i>Memória enriquecida</i>	Estocagem na memória de detalhes da experiência.	Estocagem na mente de detalhes linguísticos (fonéticos, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos, contextuais) extraídos de padrões de uso da língua.
<i>Analogia</i>	Criações com base em experiências prévias.	Expressões linguísticas novas podem ser criadas com base em expressões usadas e categorizadas previamente.
<i>Associação transmodal</i>	Associação cognitiva entre experiências coocorrentes.	Elo entre significado e forma ativados no uso de expressões linguísticas.

Fonte: Elaboração própria, baseada em Bybee, 2016, p. 26-28.

2.2 Gramática de Construções Baseada no Uso

No interior dos MBU, se encontra um conjunto de abordagens dinâmicas e heterogêneas que assumem como unidade de análise a construção: uma combinação entre um padrão estrutural específico e uma função ou significado a ele associado. Esse conjunto de abordagens não chega a formar um paradigma uniforme, porque acaba constituindo diferentes modelos de *Gramáticas de Construções* (doravante GC): *GC de Berkeley*, *GC Baseada no Signo*, *GC Fluída*, *GC Corporificada*, *GC Radical*, *GC Cognitiva*, *GC Diacrônica*. Apesar dessa diversidade de modelos, segundo Hoffmann (2022), há quatro premissas de que todas as GC compartilham.

A primeira premissa é a de que o conhecimento gramatical dos usuários não inclui distinção estrita entre Léxico e Gramática, porque todos os níveis do conhecimento envolvem construções situadas em um *continuum* e que se distinguem gradualmente em tamanho, especificidade e conceito.

A segunda premissa estabelece que as todas as construções da língua não existem isoladamente ou constituem listas desestruturadas, mas formam um inventário estruturado (*Constructicon*),⁷ representado e organizado em redes taxonômicas e meronímicas.

⁷ O termo *Constructicon* vem sendo traduzido para o português como *construcionário*, para se referir ao inventário de construções como parte do conhecimento do usuário da língua. Preferi, no entanto, manter o termo do original em inglês.

A terceira premissa defende a orientação *bottom-up* da construção de redes, assumindo-se que as construções emergem historicamente e são aprendidas ontogeneticamente por meio de generalizações sobre instâncias concretas de uso às quais o usuário é exposto.

A quarta premissa prevê que a variabilidade construcional interlinguística pode ser explicada em termos de generalizações translinguísticas derivadas de processos cognitivos gerais e de funções assumidas na gramática de línguas particulares.

Diante de tais premissas, Ungerer e Hartmann (2023) afirmam que os modelos de GC podem ser separados em dois grupos, o primeiro de caráter formal⁸ e o segundo de caráter cognitivo, baseado no uso e tipologicamente orientado. Ambos podem ser distinguidos com base em três parâmetros: formalização, focos de pesquisa e métodos adotados. Por embasar as discussões propostas neste trabalho, apenas o segundo grupo é detalhado a seguir, sob a denominação genérica *GC Baseada no Uso* (GCBU, daqui em diante) que, proposta por Diessel (2015), inclui a *GC Cognitiva* (Goldberg, 1995; 2006; 2019; Hilpert, 2019, *inter alia*) e a *GC Radical* (Croft; 2001; 2013; 2020).

Seguindo os parâmetros dados por Ungerer e Hartmann (2023), no que tange à formalização, por se concentrar na representação mental das construções e no seu uso, a GCBU representa as construções sem formalismos precisos e extensos, possibilitando maior legibilidade em suas descrições, ao destacar apenas características de forma e sentido salientes. Pesquisadores filiados à GCBU utilizam representações abreviadas que permitem capturar generalizações, como é o caso, exemplificado em (8), do esquema partitivo estudado por Traugott e Trousdale (2021).

$$(8) \quad [[N_i \text{ [de } N_j]] \leftrightarrow [\text{parte}_i - \text{todo}_j]] \text{ (Traugott; Trousdale, 2021, p. 61).}$$

Sobre os focos de pesquisa, a GCBU atribui atenção a como a experiência com a língua cria e impacta a representação cognitiva das construções no sistema linguístico do usuário (Bybee, 2016). Em vista disso, suas investigações contemplam a descrição de fatores cognitivos, tipológicos e contextuais que modelam o conhecimento gramatical do usuário.

Apesar de próximas e inseridas sob o mesmo agrupamento, a *GC Cognitiva* e a *GC Radical* diferem entre si em termos de direcionamento de pesquisa. No quadro de pesquisa do

⁸ Apenas para título de conhecimento, os modelos construcionais situados no primeiro grupo indicado por Ungerer e Hartmann (2023) adotam alto grau de formalização para análise de construções denominadas regulares e idiomáticas e investigam a modelagem computacional da compreensão e/ou produção da linguagem. São eles: *GC de Berkeley* (Fillmore *et al.*, 1988); *GC Baseada no Signo* (Sag, 2012); *GC Fluída* (Steels, 2011); e *GC Corporificada* (Bergen; Chan, 2005).

primeiro modelo, torna-se essencial destacar o modo como as construções motivam umas às outras, em virtude de suas semelhanças de relações associativas e dos processos cognitivos gerais. Já no segundo modelo, o forte aparato tipológico é evidenciado, focalizando-se aspectos da gramática específicos às línguas e às construções, além de aspectos que podem ser entendidos como universais.

Em relação ao método, a GCBU associa a pesquisa baseada em *corpus* à introspecção e em dados experimentais, com o intuito de investigar a estrutura e o funcionamento de construções linguísticas, e de buscar sustentação para questões teórico-metodológicas.

Ungerer e Hartmann (2023, p. 23) afirmam que essas Gramáticas:

[...] são guiadas pela premissa baseada no uso de que o conhecimento linguístico é baseado na experiência: crianças aprendem a língua, detectando padrões do *input* que recebem, e, assim, constroem uma rede dinâmica de construções, sujeita à reorganização ao longo da vida [...]. Desse modo, as análises construcionais de *corpus* visam medir o conhecimento linguístico dos usuários da língua com base na frequência e na distribuição de dados de uso autêntico.⁹

Baseado em Ungerer e Hartmann (2023), o Quadro 3 resume as principais premissas das GCBU.

Quadro 3 – Resumo das características das GCBU¹⁰

	GC COGNITIVA	GC RADICAL
<i>Formalização</i>	Formalização limitada com notações variadas (caixas, colchetes).	
<i>Foco de pesquisa</i>	Dimensões cognitiva e tipológica do uso linguístico; foco no significado construcional, na mudança linguística e na aquisição de linguagem.	
<i>Métodos</i>	Análise introspectiva; trabalhos baseados em <i>corpora</i> e métodos experimentais.	Análise introspectiva (majoritariamente qualitativa) e comparações translinguísticas.
<i>Principais referências</i>	Goldberg (1995; 2006; 2019); Hilpert (2019).	Croft (2001; 2013; 2020).

Fonte: Adaptado de Ungerer e Hartmann (2023, p. 27, tradução própria).

Para encerrar esta seção, indico que esta tese adota os pressupostos gerais da GCBU, seguindo a formalização das construções proposta Traugott e Trousdale (2021), o método introspectivo associado a análises quantitativas e qualitativas de dados extraídos de *corpora*. Além disso, devido ao foco desta tese ser o desenvolvimento histórico de uma família construcional, tomo um ramo desse conjunto centrado no uso: a *GC Diacrônica* (Barðdal;

⁹ *No original*: are guided by the usage-based assumption that linguistic knowledge is experience based: Children learn language by detecting patterns in the input they receive, thus building up a dynamic network of constructions that is subject to lifelong reorganization [...] In line with this, constructionist corpus analyses aim at gauging language users' linguistic knowledge on the basis of frequency and distribution data from authentic usage.

¹⁰ Para comparação entre a GCBU e outras abordagens construcionais, vide Ungerer e Hartmann (2023, p. 15-27).

Gildea, 2015; Sommerer; Smirnova, 2020; Traugott; Trousdale, 2021; Hilpert, 2021; Gildea; Barðdal; 2023; *inter alia*), explicitada na seção 2.4, a seguir, que lida diretamente com a mudança linguística.

2.3 O modelo de redes dinâmicas: construções, propriedades e elos

2.3.1 A natureza da construção

As construções linguísticas podem ser caracterizadas como: i) *convencionais*, porque só se estabilizam na língua quando são compartilhadas por um determinado grupo de falantes; ii) *simbólicas*, porque são signos arbitrários (associações de forma-significado); e iii) *unidades*, porque em algum aspecto do signo elas são idiossincráticas ou tão frequentes, que o signo está enraizado na mente dos usuários da língua (Traugott; Trousdale, 2021). O reconhecimento da arbitrariedade e da idiossincrasia construcional retoma a definição primária e seminal de Goldberg (1995), que, ao evocar o conceito saussuriano de signo linguístico, evidencia que a forma carrega inerentemente o significado, ambos funcionando apenas associados de modo simbólico via convencionalização.

Outro fator definidor da unidade construcional é a frequência de uso, aludida na segunda definição de Goldberg (2006):

qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja, estritamente, previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Ademais, padrões são armazenados como construções, mesmo se são totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5).¹¹

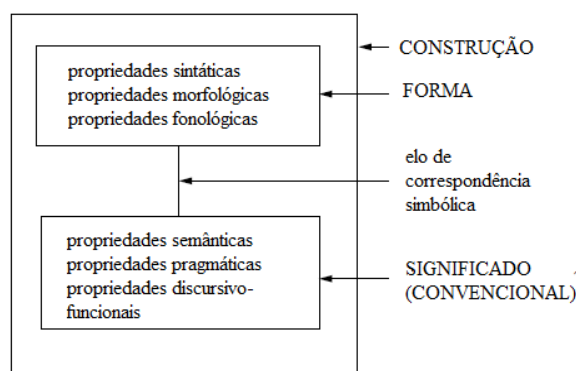
Em razão dessa concepção, Goldberg (2006, p. 18) lança o mote “tudo é construções”¹², esclarecendo que os usuários armazenam em seu *Constructicon*, ao longo da vida e nas experiências de uso, vários padrões construcionais, que podem ser de diferentes tamanhos, desde morfemas até estruturas textuais fixas.

¹¹ *No original*: Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

¹² *No original*: constructions all the way down.

Em diálogo com as propostas de Goldberg (1995; 2006)¹³, Croft (2001), em sua *GC Radical*, oferece outra definição profícua de construção para os estudos nos MBU, entendendo-a como entidade específica da língua, a partir da qual se estabelecem as categorias linguísticas; por exemplo, verbo auxiliar é uma categoria inserida na construção auxiliar de uma determinada língua. A Figura 1 ilustra o modelo de construção proposto pelo autor, demonstrando que a estrutura simbólica da construção se constitui no entrelaçamento entre forma e significado.

Figura 1 – Modelo da estrutura simbólica de uma construção na *GC Radical*



Fonte: Croft (2001, p. 18, tradução própria).

Consoante as definições apresentadas, Traugott e Trousdale (2021) resumizam a noção de construção, formalizada em (9), como um pareamento convencional de forma e significado, em que F [Forma] abarca os níveis fonológico, morfológico e sintático, enquanto S [Significado] compreende os níveis semântico, pragmático e discursivo. Este trabalho se filia a essa proposta dos autores.

$$(9) \quad [[F] \leftrightarrow [S]] \quad (\text{Traugott; Trousdale, 2021, p. 36}).$$

A representação simbólica das construções, exemplificada na Figura 1 e no esquema em (9), parece operacionalizar todos os aspectos dos componentes de forma e significado. No entanto, grande parte das pesquisas em GC, ao recorrer à premissa de que a construção tem significado convencionalizado, tende a descrever apenas o aparato semântico, deixando de lado

¹³ Recentemente, Goldberg (2019, p. 7) propôs uma terceira definição de construção: “Construções são agrupamentos emergentes de traços de memória não totalmente especificados que estão alinhados dentro de nosso grande-(hiper)! espaço conceptual dimensional, baseado na forma, na função e nas dimensões contextuais compartilhadas.” (*No original*: Constructions are emergent clusters of lossy memory traces that are aligned within our high-(hyper)! dimensional conceptual space on the basis of shared form, function and contextual dimensions.). Tal definição acentua uma compreensão mais psicológica e neurolinguística de construção, motivada pelos recentes desenvolvimentos da *GC Cognitiva*, que toma processos como o *priming* para trazer mais plausibilidade cognitiva aos pareamentos.

a natureza pragmática e social do pareamento (Leclercq, 2020; Hoffmann, 2022; Morin, 2023; Morin; Desagulier; Grieve, 2024). Assim, os pesquisadores:

[...] usam diferentes definições [de semântica e pragmática] em diferentes contextos, ofuscando, assim, as discussões e reduzindo o poder explicativo da teoria. [...] A GC deve adotar uma abordagem mais explícita (e sistemática) para a interface semântica-pragmática, tanto para aumentar sua coerência interna quanto para melhorar sua inteligibilidade geral para a comunidade linguística mais ampla (Leclercq, 2020, p. 226).¹⁴

Esse argumento de Leclercq (2020) traz à tona o questionamento sobre como representar o significado social e pragmático de um pareamento, uma vez que as construções são armazenadas na mente do usuário e compartilhadas pela comunidade nas diversas situações comunicativas. Para se chegar a uma resposta a essa questão, primeiramente, arrolo os princípios do componente de significado dados por Goldberg (2013). Para a autora, o significado possui as seguintes características: i) a semântica se baseia nos *construals*¹⁵ dos falantes, não nas condições objetivas de verdade; ii) a semântica, a estrutura de informações e a pragmática estão interrelacionadas; todas desempenham um papel na função linguística; iii) a principal função da língua é a transmissão de informações, sendo as distinções formais úteis na medida em que transmitem distinções semânticas ou pragmáticas.

Apesar da verificação de os três princípios do significado, mencionados por Goldberg (2013), já indicarem a inter-relação entre os domínios pragmático e social, segundo Leclercq (2020) e Morin (2023), tais domínios presentes e salientes nas construções são negligenciados, resultando em descrições que não vão além do que está convencionalizado em termos semânticos. Morin (2023) defende esse ponto de vista, ao mencionar que:

¹⁴ *No original*: [...] use different definitions [of semantics and pragmatics] in different contexts, thus obfuscating the discussions and reducing the explanatory power of the theory. [...] CxG should adopt a more explicit (and systematic) approach to the semantics-pragmatics interface, both to increase its internal coherence and to enhance its overall intelligibility for the wider linguistic community.

¹⁵ De acordo com Croft e Cruse (2003), *construals* são operações relacionadas à conceitualização humana da experiência, ou seja, se refere à maneira pela qual o falante conceitua uma experiência para ser codificada em construções linguísticas. Comumente, o termo vem sendo traduzido para o português como *perspectivização conceitual*, mas preferi manter o termo original na língua inglesa.

não há nenhuma razão inerente para que o significado social não possa ser integrado no modelo da CG; em vez disso, há uma razão inerente para que ele *precise* ser integrado; mas ele parece estar oculto no significado pragmático geral, que inclui efeitos contextuais muito mais restritos ao significado das construções, como contexto gramatical, estrutura de informação, implicatura e atos de fala básicos, ou seja, o que é prototipicamente transmitido pelo termo *pragmática* na linguística (Morin, 2023, p. 34; grifos originais).¹⁶

Morin (2023) não defende que o significado social seja separado do pragmático, mas que ambas as partes são fundamentais para tornar a abordagem construcional mais adequada. Portanto, propõe, para a representação simbólica do pareamento, integrar ao componente de significado um subcomponente social no domínio pragmático. Esse feito objetiva trazer uma visão ampliada e refinada do significado construcional, que inclui uma interface semântica, pragmática e social. Assim, além de propriedades do domínio semântico, devem estar integradas ao significado da construção propriedades do domínio da pragmática, entendida, em termos de significado circunstancial, como uma informação conceptual relacionada às circunstâncias em que as palavras são proferidas, ou ainda, os vários elementos contextuais dos eventos de uso que são relevantes para se entender uma sentença (Austin, 1975; Langacker, 2008 apud Morin, 2023).

Segundo a proposta de Morin (2023), a parte do significado circunstancial se divide em dois subníveis: *situacional* e *sociocultural*. O subnível *situacional* representa informações contextuais restritas e necessárias para a compreensão total da mensagem transmitida por um enunciado, incluindo objetivos básicos da comunicação, tipos de ato de fala, emoções, implicaturas e relações interpessoais convencionizados em toda estrutura semântica e pragmática. Já o subnível *sociocultural* inclui toda e qualquer característica convencionizada que advém do ambiente social e cultural evocado pela construção, incluindo as características contextuais das comunidades, de ordem social, de normas, de valores e de características sociais dos usuários. Para sumarizar sua proposta, Morin (2023) declara que:

¹⁶ *No original*: there is no inherent reason why social meaning couldn't be integrated in a CxG framework, rather there is an inherent reason why it *needs* to be integrated; but it appears to be buried under general pragmatic meaning, which includes much narrower contextual effects on the meaning of constructions, such as grammatical context, information structure, implicature, and basic speech acts, i.e. what is prototypically conveyed by the term *pragmatics* in linguistics.

Essa distinção cuidadosa destaca um fato crucial sobre a relação entre o conhecimento SITUACIONAL e SOCIOCULTURAL, inclusive quando definido como subníveis de significado construcional, que é o fato de eles estarem em um *continuum* e, em última análise, não poderem ser facilmente separados. Na verdade, ambos os tipos de conhecimento são, em sentido estrito, *pragmáticos* e, de fato, *sociais*: uma vez que o contexto linguístico é inerentemente semiótico, toda a pragmática é necessariamente um assunto social como consequência, e a principal linha de diferença que justifica uma distinção qualitativa entre os dois só pode ser explicitada em termos de um limiar arbitrário, embora útil, de especificidade cultural (Morin, 2023, p. 232, grifos originais).¹⁷

Assim, tomando essa proposta teórica para a representação mais completa do componente de significado, apresento, como exemplo, o caso dos modais duplos (*double modals*) do inglês, investigado por Morin (2023). O autor entende essas construções como variantes gramaticais raras, incomuns e socialmente salientes em dialetos do inglês americano e britânico. A ocorrência em (10) apresenta o modal duplo *will can* estudado pelo autor, com tradução aproximada de *vou poder*.

- (10) *i'll can come see ya tomorrow night for a bit if you're no away galavanting* (September 14, 2014, South Ayrshire, Scotland). (Morin, 2023, p. 1).

“vou poder ir te ver amanhã à noite um pouco, se você não estiver longe, tagarelando”.

De acordo com o autor, a construção modal dupla *will can* transmite um significado social saliente quando usada, pois, além de ser altamente marcada formalmente, transgredindo regularidades sedimentadas e convencionalizadas da gramática de construções auxiliares do inglês, ela apresenta características contextuais sociais específicas. A representação desse pareamento é ilustrada, pelo autor, na Figura 2.

¹⁷ *No original*: This careful distinction highlights a crucial fact about the relationship between SITUATIONAL and SOCIO-CULTURAL knowledge, including when defined as sub-levels of constructional meaning, which is that they are in a continuum, and ultimately cannot be easily separated. Indeed, both types of knowledge are in the strictest sense *pragmatic*, and in fact, *social*: linguistic context being inherently co-semiotic, all of pragmatics is necessarily a social affair as a consequence, and the main line of difference justifying a qualitative distinction between the two can only be spelled out in terms of an arbitrary, albeit useful, threshold of cultural specificity.

Figura 2 – A MicroCx *will can*, incluindo o significado social

FORMA	Morfossintaxe:	[will ₁ can ₂] ₃
SIGNIFICADO	Semântica:	‘necessidade ₁ possibilidade ₂ ’ ₃
	Pragmática:	
	Situacional:	MODAL (epistêmico ₁ > raiz ₂) ₃
	Sociocultural:	‘informal’ ₃ ‘não padrão’ ₃ ‘região norte’ ₃

Fonte: Morin (2023, p. 262, tradução própria).

Para a representação simbólica dessa construção, que considera o componente de significado estendido para questões pragmáticas e sociais, Morin (2023) indica primeiramente o componente forma, identificado pela morfossintaxe [will₁ can₂]₃, sendo os índices 1 e 2 subscritos referentes aos *slots* e o 3 à construção já definida. Abaixo, a linha com setas duplas entrelaça simbolicamente forma e significado, que é especificado na parte semântica pelos valores de necessidade, para *will*, e de possibilidade, para *can*. A parte pragmática relaciona essa sequência semântica com o *continuum* modal, de Epistêmico a Possibilidade de Raiz¹⁸, no subnível situacional, pois, para Morin (2023), tais categorias são implicaturas convencionalizadas. Finalmente, a parte inovadora inclui, na contraparte pragmática da construção, três características definidas no uso no subnível sociocultural: linguagem informal, pelo fato de a construção ser usada em contextos de redes sociais, não padrão, por ser uma alternativa para construção padrão *will be able to*, e regionalmente restrita, por ser típica das regiões do norte do Reino Unido, especialmente, da Escócia. Em suma, o autor argumenta que a investigação acerca de *will can* e de outros modais duplos, usados em geral no *Twitter* britânico, revela que a principal força de especificação dessas construções gramaticais pode ser seus significados sociais, tornando-as socialmente específicas, como construções dialetais.

A partir de uma pesquisa de natureza sociolinguística baseada em construção, Morin (2023) traz a força especificadora da pragmática e do social para uma descrição refinada de seu objeto, relacionando fatores como tipo de registro, região etc. Por ser teoricamente inovadora esta proposta do autor, nesta tese, sigo-a, mas, em vez de buscar definir fatores sociais clássicos de pesquisas sociolinguísticas (como *idade*, *escolaridade*, *região* etc.), busco apreender fatores sociais mais gerais (como *status* social), que regulam o uso de construções manipulativas

¹⁸ Segundo Sweetser (1990), as expressões de modalidade na língua podem ser caracterizadas como modais de raiz, cujos sentidos envolvem obrigações, permissões e habilidades, e modais epistêmicos, que denotam necessidade, probabilidade ou possibilidade.

interpessoais na história do português, objetivando especificar melhor a interação de parâmetros de natureza semântica, pragmática e social na caracterização da contraparte do significado dessas construções.

Após caracterizar os componentes construcionais, o Quadro 4, adaptado de Traugott e Trousdale (2021), explicita, com exemplos do português, as três dimensões gradientes de uma construção.

Quadro 4– As dimensões das construções

DIMENSÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Tamanho	<u>Atômica:</u> Construções monomorfêmicas.	<i>Amarelo;</i> [-s] (<i>pl.</i>), como em <i>cadernos</i> .
	<u>Intermediária:</u> Construções parcialmente analisáveis.	<i>Pós-graduação;</i> <i>Transsexual</i> .
	<u>Complexa:</u> Unidades formadas de <i>chunks</i> analisáveis.	<i>Dar uma olhada</i> .
Especificidade	<u>Substantiva:</u> Fonológica e completamente especificada.	<i>Cadeira</i> .
	<u>Intermediária:</u> Entre especificação e abstração.	[V-ção], como em <i>perseguição</i> .
	<u>Esquemática:</u> Completa abstração.	[SUJ+V+OBJ], como em <i>Teresa comeu o bolo</i> .
Conceito	<u>Conteudística:</u> Lexical.	<i>Flor;</i> <i>SN</i> , como em <i>o menino</i> .
	<u>Intermediária:</u> Entre Léxico e Gramática.	[V _{suporte} +SN], como em <i>deixar de lado</i> .
	<u>Procedural:</u> Gramatical.	[V ₁ +V _{2 inf.}], como em <i>vou viajar</i> .

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Traugott e Trousdale (2021, p. 44).

Além de portarem dimensões gradientes, as construções também dispõem inerentemente de cinco propriedades inter-relacionadas: *esquematicidade*, *produtividade*, *composicionalidade* (Traugott; Trousdale, 2021), *sedimentação* e *convencionalização* (Smirnova; Sommerer, 2020). A seguir, explicito cada propriedade, apresentando exemplos da diacronia de construções do português, a fim de demonstrar que, ao serem conjugadas, elas ajudam a mapear e a descrever as construções em relação a sua história na língua.

A *esquematicidade* é uma propriedade do processo cognitivo da categorização, envolvendo crucialmente abstração. Para organizar e representar as construções, Traugott e Trousdale (2021) propõem três níveis construcionais, medidos a partir de graus, distinguidos pela sua generalidade ou especificidade, de forma a espelhar o processo de abstração linguística experimentado pelos usuários nas diversas situações de uso. Seguindo a orientação *bottom-up* da construção de redes, no nível mais baixo, encontram-se as MicroCx, tipos específicos de esquemas abstratos, que são instanciados por constructos ou ocorrências empiricamente atestadas e que ajudam a modelar a representação mental da língua, uma vez que codificam o

que foi produzido pelos falantes/escritores e processado pelos ouvintes/leitores (Bybee, 2016).

O segundo nível, do subesquema, determina uma posição intermediária das construções, constituídas de *slots* abertos e fechados. O último nível, do esquema, se refere a uma generalização taxonômica de construções conteudísticas ou procedurais, ou ainda, de abstrações que perpassam conjuntos de construções estritamente relacionadas e percebidas de maneira inconsciente pelos usuários da língua (Traugott; Trousdale, 2021).

As implicações diacrônicas relativas à esquematicidade se voltam às possíveis alterações na relação entre os níveis esquemáticos. Em uma dada rede construcional, por exemplo, apesar de herdar atributos do esquema, uma MicroCx pode sofrer alterações, se expandindo e se reorganizando como um subesquema ou, pela mudança operada, pode se associar a outro esquema.

Com o propósito de exemplificar os níveis esquemáticos com dados do português, recorro ao estudo de Prezotto Jr. (2020) acerca das construções aspectuais finais. O autor argumenta que a MicroCx específica [deixar+de+V_{inf.}], codificada pelo construto *deixei de comer chocolate*, é instanciada pelo subesquema [V₁+de+V_{2inf.}], parcialmente aberto e ligado diretamente ao esquema geral e abstrato [V₁+Prep+V_{2inf.}].

Também de natureza gradiente, a *produtividade* combina os conceitos de frequência e de extensibilidade para a caracterização dos pareamentos. O primeiro mensura o uso repetido de uma construção, podendo ser medido de duas formas: frequência de tipo (*type*), número de diferentes expressões que um padrão particular tem, e frequência de ocorrência (*token*), número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto, independentemente do padrão particular que a instancia (Bybee, 2003). A extensibilidade apura a habilidade de uma construção ou de um esquema de atrair ou de restringir novos itens nos *slots* da construção (Barðdal, 2008). Extensibilidade e frequência se concatenam, pois, uma construção altamente frequente recruta para seus *slots* novos itens, estendendo suas possibilidades colocacionais. Também, há a possibilidade de uma construção frequente ser usada como gatilho para a formação de novas construções, via processos analógicos (Bybee, 2016).

Exemplo da atuação da produtividade se encontra na análise de Prezotto Jr. (2022) acerca da família de construções auxiliares de aspecto final. O autor mostra que o esquema auxiliar [V₁+Prep+V_{inf.}], devido a sua alta frequência de uso, recruta novas construções ao longo dos séculos, por meio da analogização. Assim, a MicroCx [deixar+de+V_{2inf.}], membro prototípico desse esquema desde o período arcaico do português, atrai outras construções com a semântica de afastamento e término, como [parar+de+V_{2inf.}] e [largar+de+V_{2inf.}]. Além disso,

o autor atesta a extensibilidade do *slot* V_{inf} dessas construções, que passa a sancionar, ao longo do tempo, verbos com sentido cada vez mais abstrato.

Diacronicamente, a produtividade pode trazer implicações para o modo como se mede, pela amostra de dados, o funcionamento da construção: se é mais ou menos produtiva, se ela aumenta ou diminui em frequência, se seus *slots* se estendem para ou se restringem a determinados tipos de itens. Tais questionamentos possibilitam ao pesquisador averiguar reconfigurações tanto na própria construção quanto na rede na qual ela se aloca.

A *composicionalidade* permite averiguar o grau de transparência do elo entre forma e significado. O pareamento pode ser considerado composicional ou transparente, quando o significado da construção resulta da soma do significado de suas partes, e não composicional ou opaco, quando há divergência entre o significado individual das partes e o significado do todo da construção (Traugott; Trousdale, 2021). Na diacronia, segundo Traugott e Trousdale (2021), durante a mudança linguística, a composicionalidade opera no nível microconstrucional, permitindo que uma construção totalmente transparente seja neoanalisada e sancionada como uma unidade de caráter não composicional.

A título de exemplo, a construção idiomática *deixar a poeira baixar* (*deixe a poeira baixar antes de falar com ele novamente*) é conceptualizada como não composicional, visto que a união de suas partes denota um único sentido: um conselho do falante ao ouvinte, para que este aguarde o fim das situações conflitantes (Prezotto Jr., 2021). Distintamente, a unidade construcional *deixar sequelas* (*o tratamento deixou sequelas no paciente*) tem maior grau de composicionalidade, por seu sentido decorrer de todos os seus elementos.

A propriedade construcional da *sedimentação* influencia a representação e o armazenamento de uma construção na memória. Sob perspectiva diacrônica, há três aspectos relevantes da sedimentação: i) *frequência de uso*, pois construções frequentemente utilizadas tornam-se progressivamente mais sedimentadas ao longo do tempo. A cada evento de uso, os usuários atualizam suas representações mentais, resultando em pareamentos mais ou menos sedimentados na língua e na mente (Barðdal; Gildea, 2015; Hilpert; Diesel, 2017; De Smet, 2017); ii) *relações sintagmáticas*, que, medidas via o processo de *chunking*, revelam que construções altamente sedimentadas representam *chunks* automatizados e rotinizados. Para De Smet (2017), essas relações desempenham um papel dual: funciona como força conservadora, preservando estruturas antigas em sequências consolidadas, ao mesmo tempo em que serve de base para inovações gramaticais propensas à extensão para novos contextos de uso; e iii) *associações pragmáticas*, que atestam o armazenamento de informações contextuais nas quais as construções são empregadas. Caso uma construção esteja repetidamente vinculada ao mesmo

significado inferido contextualmente, tal significado pode se sedimentar, simplificando o processo de inferência (De Smet, 2017). Ilustra essa propriedade construcional, a construção auxiliar modal volitiva com o verbo *querer* (*quero ir ao cinema hoje*), pertencente ao esquema auxiliar [V₁+V_{2inf.}], como altamente sedimentada, porque, além de ser frequentemente usada, suas unidades formam e se processam na cognição como um *chunk* procedural.

Ainda que inerente à definição de construção, a propriedade da *convencionalização* merece destaque, porque “se refere à propagação bem-sucedida de uma construção na população de falantes” (Smirnova; Sommerer, 2020, p. 8),¹⁹ ajudando na compreensão de como tal pareamento é acessado e aceito pela comunidade e possibilitando a identificação da emergência de construções. É sob esse aspecto da convencionalização que Traugott e Trousdale (2021) distinguem *inovação* e *mudança*, sendo a primeira percebida apenas como um potencial para a mudança, característica da mente individual, enquanto a segunda prevê a reprodução de uma construção, de maneira convencional, por uma população de usuários.

Nas pesquisas diacrônicas, a convencionalização é essencial para se avaliar, a partir do uso, a emergência e o estabelecimento de um pareamento na rede. Ademais, ao relacioná-la historicamente com a sedimentação, pode-se atestar que construções convencionais tendem a ser fortemente sedimentadas e vice-versa (Smirnova; Sommerer, 2020). No PB, um exemplo de convencionalização do significado de futuridade é a construção perifrástica [ir_{pres.ind.}+V_{2inf.}] (*vou comprar um carro amanhã*) como alternativa convencionalizada em relação à marcação flexional de futuro (*comprarei um carro amanhã*).

Em resumo, esta seção se ocupou da caracterização da unidade de análise da GCBU: a construção, que, concebida como um pareamento de forma e significado, comporta análises em diferentes dimensões (tamanho, especificidade e conceito) e com verificação de suas propriedades gradientes (esquematicidade, produtividade, composicionalidade, sedimentação e convencionalização). Tal caracterização também traz apontamentos importantes para observação da atuação dessas propriedades nas construções em perspectiva diacrônica.

2.3.2 Redes multidimensionais e seus elos

A GCBU também conceitua a língua como uma rede dinâmica de construções interconectadas (Goldberg; 1995; 2006; 2019; Bybee, 2016; Diessel, 2019; 2023; Sommerer; Smirnova, 2020, Traugott; Trousdale, 2021; *inter alia*). Essa concepção retoma a premissa

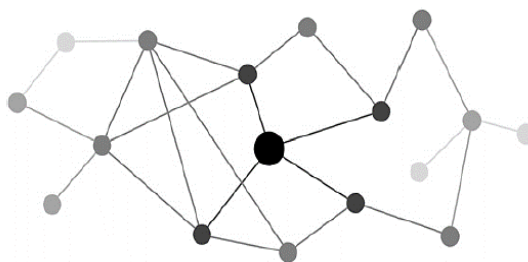
¹⁹ *No original*: refers to a construction’s successful spread in the speaker population.

difundida pela Linguística Cognitiva de que outros aspectos da cognição, como visão, habilidades musicais etc., formam redes estruturadas. Portanto, sendo a língua uma faceta da cognição, sua organização não poderia ser diferente (Langacker, 2008). Assim,

nós podemos descrever a língua como um inventário **estruturado** de unidades linguísticas convencionais. Essa estrutura — a organização de unidades em redes e conjuntos — está intimamente relacionada ao uso da língua, ambos [redes e conjuntos] moldam e são moldados pelo uso (Langacker, 2008, p. 222; grifo original).²⁰

O modelo de rede é muito válido à investigação de fenômenos linguísticos, seja em perspectiva sincrônica ou diacrônica, porque consegue averiguar como as construções integram e se organizam no *Constructicon* (Goldberg, 2019), formando complexas “redes taxonômicas e meronímicas de famílias construcionais” (Barðdal; Gildea, 2015, p. 23)²¹ que mudam constantemente. O diagrama ilustrado na Figura 3 representa genericamente a configuração de uma rede.

Figura 3 – Diagrama de uma rede esquemática



Fonte: Ungerer e Hartmann (2023, p. 29).

Composta por nós, indicados pelos círculos, que podem corresponder a diferentes construções linguísticas, de morfemas a orações complexas, e por elos, indicados pelas linhas, cujas conexões ligam os nós em diferentes direções, as redes, por estarem situadas na mente dos usuários, se envolvem no armazenamento e na organização das informações durante o processamento de construtos, como o representado pelo círculo em destaque no centro do diagrama, que, quando ativado, em determinado evento de uso, é o ponto de entrada para toda a rede e o gatilho para o acionamento de outros nós vizinhos (Ungerer; Hartmann, 2023).

²⁰ *No original:* We can describe a language as a **structured** inventory of conventional linguistic units. This structure—the organization of units into networks and assemblies—is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it.

²¹ *No original:* taxonomic and meronymic networks of constructional families.

No que concerne aos processos de mudança linguística, a representação em redes, além de descrever precisamente as relações entre construções, permite averiguar todos os tipos de mudança, seja a emergência ou apagamento de nós ou a reconfiguração de elos, como mudanças na rede (Smirnova; Sommerer, 2020). Consequentemente, o escopo dos trabalhos em GCBU se expande, considerando toda a arquitetura radial, tanto o nó, com suas dimensões e propriedades, quanto às conexões entre os nós, por meio de elos.

Essa recente visão, que contempla não somente a construção nas descrições, mas outros aspectos da configuração da rede, tem gerado debates entre os pesquisadores da área, a exemplo da crítica proposta por Hoffmann (2020) acerca do mote *tudo é construções*, de Goldberg (2006), cujo foco é o papel das construções na rede. O autor argumenta que nem todo conhecimento linguístico precisa ser capturado por uma construção em rede, mas pelas conexões na rede. Assim, o autor defende que “é a **rede de construções** que captura nosso conhecimento de língua *in toto* – em outras palavras, tudo é uma **rede de construções**” (Hoffmann, 2020, p. 151, grifos originais)²². Sob tal alegação, o autor explica que não necessariamente deve sempre existir um esquema superordenado, ligado a uma MicroCx, mas há possibilidades de conexões horizontais entre os nós, como efeito do processo cognitivo do *priming*,²³ concebido apenas por este tipo de relação, em que a ativação de um nó depende de sua conexão com outro em um mesmo nível de ordenação.

A atenção à disposição da rede e de suas conexões mostra que a teoria construcional, passando do modelo clássico de herança, com os elos verticais (Goldberg, 1995; 2006), se expande para a observação de elos horizontais (Cappelle, 2006; Van De Velde, 2014; Perek, 2015) e de outros tipos de elos internos ao paramento, como o de preenchimento de *slot* (Diessel, 2019; 2023).

Tal constatação viabiliza a proposta recente da GCBU de adotar um modelo de análise em redes multidimensionais, promovendo a ideia de que, ao se alocar em uma rede, a construção se conecta via diferentes elos a outros nós e a outras redes, constituindo relações de família e de vizinhança. Então, relacionados à perspectiva diacrônica, cinco são os tipos de conexões entre construções, os quais, moldados por processos cognitivos de domínio geral (Diessel, 2023), se distribuem em dois grupos, o primeiro destacando os elos internos à construção: i) o *simbólico*, que combina forma e significado; ii) o *sequencial*, que associa os elementos

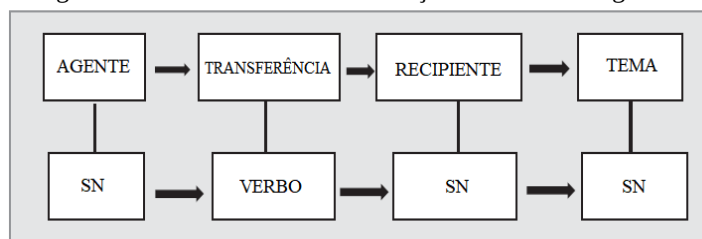
²² *No original*: the **network** of constructions that captures our knowledge of language in toto – in other words, it’s a **network of constructions** all the way down.

²³ Sucintamente, o processo cognitivo de *priming* é definido como a mudança na resposta dos usuários diante de um estímulo, após a exposição anterior à mesma ou a uma construção semelhante (Ungerer; Hartmann, 2023).

linguísticos linearmente; iii) o de *preenchimento de slot*, que relaciona os *slots* da construção com determinados tipos lexicais ou oracionais; e o segundo, destacando os elos externos à construção, comumente, caracterizados como iv) *vertical*, que combina construções com diferentes níveis de abstração e herança, e v) *horizontal*, que conecta construções do mesmo nível de abstração.

O elo *simbólico* se cria quando uma construção emerge e se integra ao *Constructicon*, amarrando os componentes de forma e significado. Assim, as relações simbólicas, além de evidenciarem a ligação construcional primária, se fortalecem pela propriedade da sedimentação e se estabilizam pela da convencionalização. Ao associar forma e significado, o elo simbólico prevê caminhos de interpretação e de processamento mental para o nó. Como exemplo, nas construções de estrutura argumental, há atribuição de papéis semânticos a expressões sintáticas, formando, juntos, uma cena coerente (Diessel, 2023): o Agente é simbolicamente ligado a um SN na posição de Sujeito, o verbo selecionado tem sentido de transferência, e o segundo e o terceiro participantes, Recipiente e Tema, se conectam a SNs cujas funções sintáticas são de Objeto Direto e Indireto, respectivamente. A Figura 4 demonstra, por meio das linhas retas ligando as caixas, a natureza simbólica do elo.

Figura 4 – Elo simbólico da construção de estrutura argumental



Fonte: Diessel (2023, p.27, tradução própria).

Ao ser investigado diacronicamente, esse tipo de ligação fornece pistas para a interpretação da mudança linguística. Em outras palavras, é possível verificar se mudanças entre os componentes construcionais de forma e significado ocorrerem, e, em caso afirmativo, as alterações podem ser descritas como micropassos que levam à neoanálise do nó, resultando em diferentes tipos de mudança (cf. seção a seguir).

O segundo tipo de conexão, a *sequential*, resulta do processo cognitivo de automatização, que, no domínio geral da cognição, afeta ações motoras (como *dançar*) e processamentos mentais (como *contar dinheiro*). No domínio linguístico, trata-se de um elo que lida com o processamento sequencial da construção: quando um primeiro elemento da construção é ativado, todos seus outros *slots* subsequentes automaticamente também o são. Esse

acionamento é impulsionado pela frequência, porque quanto mais frequente é a ordenação linear dos *slots*, mais forte é seu elo sequencial (Diessel, 2023). Exemplos da atuação desse elo é a ordem SVO da estrutura argumental prototípica das línguas românicas, de que serve de exemplo Figura 4 acima.

Em pesquisas diacrônicas, o interesse pela conexão sequencial reside na observação da disposição dos *slots* construcionais em cada período analisado da língua, buscando-se evidências de alteração ou de fixação no sequenciamento dos elementos, com o intuito de mostrar como o nó era/é conceptualizado.

Intimamente ligado à propriedade construcional de produtividade, o último elo interno ao pareamento, o de *preenchimento de slot*, capta a maneira pela qual itens lexicais específicos se combinam preferencialmente com certas construções (Diessel, 2019; 2023). As relações de preenchimento são determinadas por dois fatores gerais: a compatibilidade semântica de determinados itens e *slots* e a experiência dos usuários da língua com padrões específicos de coocorrência dos elementos nas construções. Segundo Diessel (2023), geralmente os usuários selecionam itens lexicais que se ajustam às especificações semânticas de determinado *slot*, mas há idiosincrasias que provêm da mudança linguística. Por se associar à produtividade, as frequências *type* e *token* podem ser examinadas na análise de tal elo. Para Diessel (2023, p. 33), “quanto mais preenchedores lexicais estiverem vinculados a um *slot* específico, e quanto mais forte forem as conexões associativas entre eles, maior será a produtividade desse *slot*”²⁴.

Em perspectiva diacrônica, o funcionamento do elo de preenchimento de *slot* é de importância central para o estudo da mudança, uma vez que possibilita a observação do comportamento de cada *slot* construcional, em direção à abstração ou à restrição de tipo de itens lexicais, favorecendo ou não a produtividade do nó. Um exemplo ilustrativo é evidenciado no caso mencionado brevemente na seção anterior sobre o aumento de produtividade do *slot* V_{2inf} nas construções auxiliares aspectuais finais. Segundo Prezotto Jr. (2022), apreende-se historicamente que esse *slot* se expande, passando do sancionamento de verbos mais concretos (*ir, trabalhar, comer*) ao de verbos mais abstratos (*pensar, dar, ser*).

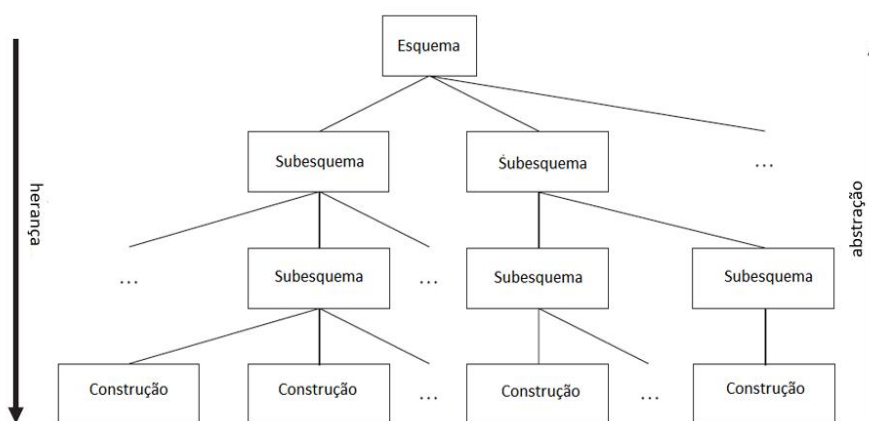
A respeito dos elos externos ao nó, que conectam os pareamentos na rede, em diferentes hierarquias e graus de abstração, distinguem-se os tipos *vertical* e *horizontal*, intrinsecamente associados à propriedade de esquematicidade das construções.

De acordo com Diessel (2019), constituídos nas relações de hierarquia e de herança, os elos verticais ou taxonômicos indicam que, do ponto de vista cognitivo, os usuários têm a

²⁴ *No original*: the more lexical fillers are linked to a particular slot, and the stronger the associative connections between them, the higher is the productivity of that slot.

capacidade de memorizar, sedimentar e abstrair as construções e, por fim, generalizá-las pela constante repetição, mostrando o papel dinâmico do uso na formação de estruturas linguísticas. Em vista dessa dinâmica, os elos verticais promovem a ideia de que construções mais específicas (MicroCx), de nível mais baixo na rede, herdam verticalmente características de construções mais abstratas (esquemas) localizadas nos níveis mais altos da rede. Essas relações verticais estão mostradas na Figura 5, de Smirnova e Sommerer (2020).

Figura 5 – Hierarquia taxonômica simplificada



Fonte: Smirnova e Sommerer (2020, p. 20, tradução própria).

Seguindo a direção *bottom-up* na elaboração de redes taxonômicas, se encontram, na base da hierarquia, construções específicas; em nível intermediário, se alocam os subesquemas; e, no topo da rede, se estabelecem os esquemas. Crucial verificar que Smirnova e Sommerer (2020) não representam na figura acima o nível dos construtos, exemplares de uso considerados o ponto de partida de todo processo de abstração e generalização que configura os padrões construcionais dos níveis mais altos da rede e que mostram a elos herança entre padrões do nível mais alto para os mais baixos.

A observação dos elos taxonômicos nas descrições linguísticas possibilita entender que a gramática inclui padrões construcionais de diferentes graus de especificidade e um vasto inventário de MicroCx que estão conectadas a esquemas construcionais via abstração e herança (Diessel, 2023). Especialmente, o exame dessas relações na diacronia propicia o entendimento de como uma construção emerge e passa a ser membro de uma rede ou sofre mudanças ao longo do tempo, afetando a configuração do esquema geral ou se distanciando desse esquema e estabelecendo relações com redes vizinhas.

Por fim, os elos horizontais, recentemente em foco nos trabalhos da GCBU²⁵ (Hilpert, 2018), conectam as construções em um mesmo nível de abstração. De acordo com Traugott (2018), a análise dessas associações complementa aquela dos elos verticais de herança, oferecendo uma perspectiva mais detalhada das relações entre as construções do que a dos modelos verticais sozinhos.

Consoante a compreensão de Diessel (2019; 2023), as relações horizontais são motivadas por dois conceitos de percepção gestáltica: *similaridade* e *contraste*, os quais, operantes em vários processos cognitivos de domínio geral, ajudam a moldar os elos horizontais, como categorização, esquematização, analogia e *priming*. As noções de semelhança e contraste estão imbricadas, sendo, portanto, concebidas em um *continuum*. Em vista dessas relações construcionais, o conhecimento gramatical do usuário (ou o *Constructicon*) envolve pares ou grupos de nós relacionados horizontalmente e divididos em dois tipos: *paradigmas gramaticais* e *famílias e vizinhos construcionais* (Diessel, 2023). Enquanto os paradigmas são baseados em relações de contraste, formando um sistema fechado de construções mutuamente exclusivas, como os paradigmas morfológicos flexionais, as famílias e os vizinhos se associam por relações de similaridade, como explicado a seguir.

Além da possibilidade de apreender a configuração de uma família construcional, averiguando-se similaridades no mesmo nível de abstração e graus de proximidade entre construções vizinhas, os elos horizontais também trazem importantes implicações diacrônicas, pois, segundo Zehentner e Traugott (2020):

[...] se a associação horizontal entre dois padrões se torna cada vez mais forte, isso pode desencadear o estabelecimento de uma abstração de ordem superior ao longo do tempo e pode, portanto, ser também responsável pela retenção de ambos os padrões em vez da perda de um ou de outro (Zehentner; Traugott, 2020, p. 174).²⁶

Portanto, ao se tornarem mais sedimentados na mente do usuário no decorrer da história, os pareamentos associados se fortalecem e, juntos, constituem famílias na rede linguística.

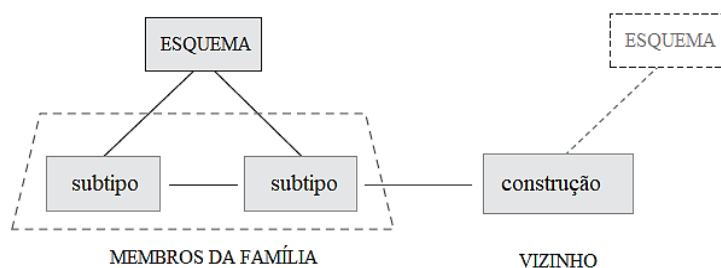
²⁵ Diferentes propostas acerca da natureza dos elos horizontais têm sido postuladas nos trabalhos da vertente construcional. A abordagem da aloconstrução (Cappelle, 2006; Perek, 2015) argumenta que duas construções formalmente diferentes são relacionadas horizontalmente, porque compartilham a mesma semântica, representando aloconstruções de um esquema. Já a abordagem paradigmática de Van de Velde (2014) assume que os elos horizontais são baseados na oposição semântica entre os nós, porque as construções compartilham algum significado geral, mas, ao mesmo tempo, se opõem em termos semânticos e funcionais, se constituindo por meio de diferentes escolhas em um paradigma. Então, para Van de Velde (2014), possíveis alternâncias sintáticas, conectadas via relações de contraste, são reconhecidas como variantes, e as diferentes formas vêm com diferentes nuances de significado.

²⁶ *No original*: [...] if the horizontal association between two patterns becomes increasingly strong, this can lead over time to the establishment of a higher order abstraction, and can thus also account for the retention of both patterns instead of the loss of one or the other.

Essas famílias construcionais são grupos abertos de construções, unidos por traços compartilhados de forma, de traço semântico, de função pragmática ou de características herdadas por esquemas. Sommerer (2020, p. 91) define esse agrupamento como “uma rede de nós ‘irmãos’ intimamente relacionados (conectados via elos horizontais) e seus nós ‘mãe’ (conectados via elos verticais), que são similares em forma e função”.²⁷

Mesmo que os conceitos de famílias e vizinhos descrevam grupos construcionais com propriedades comuns de forma e/ou de significado, eles se distinguem via relações taxonômicas. Conforme ilustrado na Figura 6, a seguir, enquanto a noção de família engloba um grupo de construções semelhantes, categorizadas como subtipos do mesmo esquema, a noção de vizinhança indica um grupo de construções semelhantes, licenciadas por diferentes esquemas (Diessel, 2023).

Figura 6 – Família e vizinhança construcionais

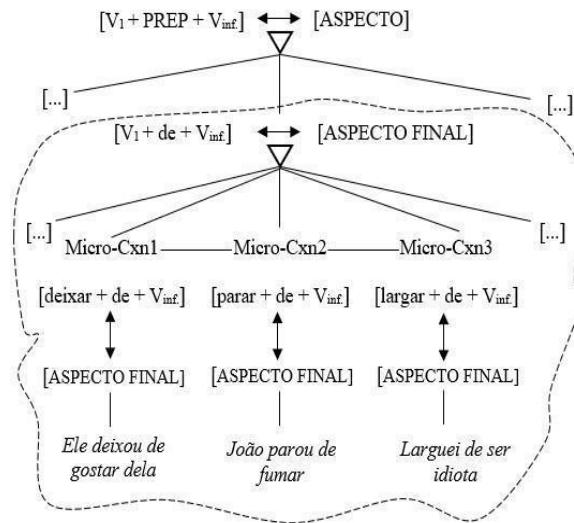


Fonte: Diessel (2023, p. 66, tradução própria).

Com o intuito de exemplificar concretamente as relações externas ao nó por meio dos elos verticais e horizontais, apresento a configuração da família de construções aspectuais finais na Figura 7.

²⁷ *No original*: a network of closely related ‘sister’ nodes (connected via horizontal links) and their ‘mother’ nodes (connected via vertical links) which are similar in form and function.

Figura 7 – Família de aspecto final do português



Fonte: Prezotto Jr. (2022, p. 1232).

Com base na figura acima, Prezotto Jr. (2022) argumenta que as MicroCx aspectuais herdam verticalmente do esquema auxiliar a forma $[V_1 + \text{prep} + V_{2\text{inf.}}]$ e o significado geral [ASPECTO]. No nível do subesquema, a categoria aspectual se especializa, denotando a fase final de um Estado-de-Coisas (daqui em diante EsCo). A esse nível, conectam-se horizontalmente as MicroCx com *deixar*, *parar* e *largar*. Mediante essa organização, representada pelo "círculo" pontilhado, constitui-se a família de aspecto final.

Esta seção esclareceu a noção de língua como rede organizada de construções, tomando-se como parâmetro os diferentes tipos de elos internos (simbólico, sequencial e de preenchimento de *slot*) e externos (vertical e horizontal) que formam as redes. Evidencia-se, assim, que o modelo de redes multidimensionais nas análises, especialmente, em perspectiva diacrônica, é essencial para o mapeamento construcional, pois permite investigar com precisão o que (não) muda internamente ou externamente aos nós das redes e como as redes de construções se configuram em estado sincrônico.

2.4 Gramática de Construções Diacrônica e mudança linguística

Ramo da GCBU, também com investigações baseadas em *corpora*, mas com foco de pesquisa no desenvolvimento histórico das construções em diferentes períodos das línguas, a *GC Diacrônica* (GCD, daqui em diante) tem a mudança linguística na rede construcional como objeto, incluindo emergência de novas construções, alteração de propriedades e/ou apagamento de construções existentes, além da reconfiguração das conexões nas redes (Barðdal; Gildea,

2015; Sommerer; Smirnova, 2020; Hilpert, 2021; Traugott; Trousdale, 2021; Gildea; Barðdal; 2023; *inter alia*).

Essa recente abordagem une duas tradições diferentes, porém, não contraditórias: a da GCBU, tratada na seção 2.2, que busca entender como a língua é representada na mente do usuário, em seu *Constructicon* individual, por meio de redes, investigando-se sincronicamente o processamento das construções nessas redes; e a da Linguística Histórica, que, ao interpretar as transformações de uma língua em determinado espaço geográfico e em determinado período temporal, vai além do conhecimento gramatical individual do usuário, propondo generalizações sobre o uso da língua por toda uma comunidade de usuários ao longo de décadas, séculos e milênios (Hilpert, 2021). Assim, funda-se o modelo da GCD, que associa as premissas basilares de língua como sistema adaptativo complexo, de gramática emergente e de mudança sempre decorrente do uso, com a mudança histórica das construções nas redes linguísticas, mostrando que o processamento diacrônico das construções também segue a perspectiva *bottom-up* e tem natureza gradual, sujeito à influência da frequência de uso e de processos cognitivos gerais.

Para além dessas influências, na instauração de uma análise construcional diacrônica, fatores de ordem social e textual, a meu ver, também devem ser considerados, uma vez que, para se obter um mapeamento completo de estágios de língua, o pesquisador deve se ater às condições de produção do exemplar de uso, averiguando quem foi o usuário, o autor do texto ou a personagem que o produziu e qual seu papel social naquele contexto e às condições de seleção de textos. Ainda que haja grande dificuldade no manuseio de documentação histórica da língua, torna-se crucial a utilização de edições com rigor filológico de diversos gêneros textuais, dado que possibilitam recuperar a constituição e observar possíveis alterações formais e funcionais do pareamento.

Difundido em todas as abordagens dos MBU, o pensamento de a mudança ser parte integral da linguagem e resultado inevitável do uso da língua (Bybee, 2020) gera debates no modelo da GCD sobre o modo de representar as mudanças na rede, considerando-se que MicroCx e esquemas podem emergir, se alterar e/ou desaparecer.

Coerente ao movimento atual dos modelos construcionais de se considerar a rede e suas conexões, e não apenas o nó, a GCD estabelece que a rede pode mudar:

- a. via criação e perda de nós (“construcionalização” e “apagamento construcional”),
- b. via mudanças internas ao nó (“mudança construcional”), e
- c. via mudanças externas ao nó, ou seja, reconfiguração da rede construcional (Smirnova; Sommerer, 2020, p. 3).²⁸

Os primeiros tipos de alterações na rede se relacionam à emergência e às mudanças internas das construções. Traugott e Trousdale (2021) argumentam que se um nó muda ou não em um dado contexto de uso na história da língua, isso se deve às constantes avaliações dos usuários acerca das funções construcionais durante as situações interativas. A mudança se inicia com uma nova representação na mente do usuário, mediante a atuação de processos que criam a língua, como os de neoanálise e da analogização²⁹.

Concebida como um micropasso de mudança, a neoanálise pode ocorrer na dimensão formal ou na do significado do nó, desencadeando ou não a criação de uma nova construção na rede; já a analogização é “um mecanismo ou processo de mudança que ocorre numa correspondência entre forma e significado que não existia antes” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 83).

Para classificar os tipos de modificações na rede, Traugott e Trousdale (2021) postulam uma distinção conceitual entre *construcionalização*, criação de um nó, e *mudança construcional*, alteração interna de um nó, as quais se tornaram essenciais para o tratamento da mudança linguística em abordagem construcional.

A construcionalização

é a criação de (combinações de) signos forma_{nova}– significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente, mas elas também podem ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo (Traugott; Trousdale, 2021, p. 58).

Em termos específicos, a construcionalização é resultado de mudanças, envolvendo neoanálise de propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Quando ocorre de forma

²⁸ *No original*: a. via node creation and node loss (“constructionalization” and “constructional death”), b. via node-internal changes (“constructional change”), and c. via node-external changes, i.e. constructional network reconfiguration.

²⁹ Traugott e Trousdale (2021), para o estudo da mudança, preferem adotar o termo analogização em vez de analogia, porque, a fim de evitar ambiguidades, entre pensamento analógico (motivação) e analogização como capacidade humana de pensar analogicamente na geração de novos enunciados (Bybee, 2016) e como mudança centrada na compatibilidade de um padrão (mecanismo).

gradual, pressupõe consequentemente uma sucessão de micropassos (mudanças construcionais) anteriores que culminam na emergência de um novo pareamento na rede linguística, podendo ser de natureza procedural (gramatical) ou conteudística (lexical).³⁰

Em razão do escopo deste trabalho, me restrinjo à exposição apenas da construcionalização gramatical, conceituada como “o desenvolvimento de uma forma_{nova} – significado_{novo} por meio de uma série de pequenos passos de mudança que têm (majoritariamente) função procedural” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 257-258). No decorrer dessa mudança, geralmente, há perda do significado lexical das fontes, porém, elas também podem já ser gramaticais, se tornando ainda mais procedurais.

Além da criação de novos nós, há a mudança construcional, pequenos passos que geralmente precedem, alimentam ou seguem a construcionalização. Nesse tipo de mudança, não há a adição de um novo nó à rede, mas o afetamento de uma ou mais partes internas ao nó (Traugott; Trousdale, 2021)³¹. Vale ressaltar que, depois da construcionalização, o nó resultante ainda pode continuar produzindo mais mudanças construcionais, das quais podem resultar casos de *pós-construcionalização* por expansão de colocações e por redução morfológica e fonética.

Com o intuito de exemplificar o modo pelo qual se desenvolve a mudança na língua sob a perspectiva da GCD, tomo a trajetória da MicroCx auxiliar de aspecto final [deixar+de+V_{inf.}], exemplificada no Quadro 5.

Quadro 5 – Trajetória de mudança da microconstrução aspectual final com *deixar*.

(A)	(B)	(C)
<i>Forma:</i> [SN _{suj} +deixar+SN _{obj}]	<i>Forma:</i> [SN _{suj} +deixar+ det.+V _{inf.}]	<i>Forma:</i> [deixar+de+V _{inf.}]
<i>Significado:</i> Afastamento de um indivíduo	<i>Significado:</i> Fim de um EsCo <i>Mudança construcional via neanálise</i>	<i>Significado:</i> Aspecto final <i>Construcionalização gramatical</i>
<i>a maa mulher que leixa seu esposo ou marido e se uay cõ outro he chamada adulterina.</i> (1489 TC). <i>A má mulher que deixa seu esposo ou marido e se vai com outro é chamada adúltera.</i> ” (Prezotto Jr., 2022, p. 1220).	Joam Vaásquez, moiro por saber de vós por que leixastes o trobar , ou se foi el vos primeiro leixar (12Cantigas2). “ <i>João Vasques, morro por saber de vós porque deixastes o trovar, ou terá sido o trovar que te deixou primeiro?</i> ” (Prezotto Jr., 2020, p. 82).	Fazer um piercing na língua tornou- se muito comum nos últimos anos, a prática começou em meados da década de 1990 e com o tempo realmente deixou de ser um tabu. (20a8se.com). (Prezotto Jr., 2022, p. 1208).

Fonte: Elaboração própria.

³⁰ Exemplos de construcionalização lexical podem ser obtidos em contextos de redes sociais, surgindo comumente de maneira instantânea, via empréstimos da língua inglesa, como *trolar* e *trolagem*, que, advindos do lexema *troll*, denotam uma ação cujo sentido expresso é *enganar*, *zoar*, *fazer uma pegadinha*.

³¹ Com o desenvolvimento do modelo da GCD, inúmeras críticas acerca da distinção entre construcionalização e mudança construcional têm sido feitas. Hilpert (2018), por exemplo, alega que o limiar entre uma construção existente que muda e uma nova que emerge é discreto, sendo, portanto, impossível de se traçar com segurança os limites que as separam. Outras críticas podem ser conferidas em Flach (2020), Sommerer (2020) e Hilpert (2021). Por abarcar os propósitos deste trabalho, sigo a nomenclatura seminal dada por Traugott e Trousdale (2021).

De acordo com Prezotto Jr. (2020; 2022), essa MicroCx, atestada desde o período arcaico do português, tem sua origem na MicroCx transitiva [SN_{subj}+deixar+SN_{obj}] cujo sentido é o de afastamento, conforme ilustrado em (A). Da relação descontínua entre Agente e Paciente, emerge o sentido abstrato de fim de um EsCo. O terceiro *slot* construcional admitia tipicamente apenas objeto representado por entidade semântica de primeira ordem, indivíduo, mas, pela atuação do mecanismo de neanálise, sucede uma mudança construcional que possibilita a atração de objetos nominalizados representativos de entidade de segunda ordem e de natureza mais abstrata como eventos (EsCo), como se vê em (B). Esse micropasso de abstração do *slot* é o gatilho para a construcionalização gramatical, que promove a emergência do novo pareamento procedural: a MicroCx [deixar+de+V_{inf.}], que denota aspecto final, conforme mostra (C).

Ainda sobre tipos de mudanças relacionadas ao nó na história de uma língua, um esquema existente e seus membros estão potencialmente sujeitos à *obsolescência* e ao apagamento na rede. De acordo com Traugott e Trousdale (2021), a mudança por apagamento se dá pela pouca frequência com que determinada construção é sancionada, enfraquecendo sua ativação na rede construcional; tal improdutividade resulta no desuso e na quebra de elo entre esse nó e seu subsequema ou esquema.

Outro tipo de mudança, denominada por Hilpert (2018; 2021) de *mudança de conectividade*, trata do modo pelo qual a rede construcional se (re)configura diacronicamente em relação às conexões estabelecidas entre os nós, por meio de diferentes tipos de elos. Segundo o autor, a conectividade em uma rede construcional muda quando há rearranjos de elos, evidenciando que as conexões entre as construções existentes emergem, se fortalecem, se enfraquecem ou desaparecem. Ao considerar essa perspectiva junto à perspectiva centrada no nó, o analista chega a uma visão mais completa do desenvolvimento das redes, na investigação de sua expansão ou de seu encolhimento e do comportamento dos elos no curso da história.

É exemplo de mudança de conectividade que investiga o fortalecimento ou o enfraquecimento das conexões entre construções o estudo da construção adjetival *gay* do inglês, examinada, com dados do *Corpus of Historical American English*, por Hilpert (2021). O autor, ao buscar palavras que coocorrem frequentemente com essa construção, atesta que, no século XIX, os padrões colocacionais altamente sedimentados eram *gay colors* (*cores gays*), *gay laugh* (*risada gay*), *gay party* (*festa gay*), porém, no século XX, as palavras do *slot* que acompanha o adjetivo se alteram, formando outros padrões como *gay men* (*homens gay*), *gay rights* (*direitos gays*) e *gay community* (*comunidade gay*). Por conseguinte, a transformação na força associativa da construção *gay* com outras reflete uma mudança semântica pela qual o nó passou

na história da língua inglesa. A conexão com palavras que representavam um estereótipo se enfraqueceu, fazendo com que outras, mais próximas ao momento social recente, se fortalecessem, passando a se conectar ao adjetivo.

Conduzida pelo postulado de que a rede linguística não muda apenas quando novos nós surgem, mas também quando os elos entre construções se reorganizam, esta seção apresentou a vertente das pesquisas construcionais, conhecida como GCD, cujo objeto é o estudo histórico de mudanças na rede, referidas como construcionalização (emergência de um novo nó), mudança construcional (alteração em alguma parte do pareamento), mudança de conectividade (rearranjo dos elos ligados aos nós) e apagamento de nó.

Esta seção cuidou de apresentar os fundamentos teóricos que subjazem às análises deste trabalho: iniciando pelos MBU, que objetivam examinar o funcionamento linguístico e o processamento cognitivo das construções, passando pelo modelo da GCBU, com destaque para a natureza da construção como um pareamento de forma e significado, caracterizado pelas propriedades de esquematicidade, produtividade, composicionalidade, sedimentação e convencionalização e ligado em redes dinâmicas e multidimensionais, e se encerrando com o modelo de GCD, que investiga o desenvolvimento histórico das construções, a fim de descrever a mudança linguística.

3 A MANIPULAÇÃO INTERPESSOAL NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

Esta seção inicia-se com uma revisão crítica de trabalhos voltados à análise das construções causativas/manipulativas na gramática do português, em especial, aqueles dedicados à integração oracional. Seguidamente, a fim de conceituar a manipulação interpessoal enquanto domínio semântico-pragmático, inter-relacionado ao domínio causativo, a seção recorre a três bases epistemológicas: i) *gramatical*, que identifica a codificação das construções manipulativas no sistema linguístico; ii) *cognitiva*, que se refere ao processamento cognitivo da prática manipulativa; e iii) *antropológica*, que lida com o comportamento humano nas ações sociais via linguagem. Por fim, o conceito de manipulação interpessoal e sua rede conceptual são apresentados.

3.1 O tratamento das construções causativas sintáticas³² no português

Com o intuito de auxiliar a descrição e análise das construções manipulativas interpessoais, esta seção revisita trabalhos dedicados ao estudo das construções causativas sintáticas na gramática do português sob as perspectivas gerativa e cognitivo-funcional, em particular, aqueles trabalhos que tratam de processos de integração oracional e seu desenvolvimento ao longo da história. Majoritariamente, esses estudos privilegiam a caracterização das construções causativas na variedade europeia, com foco no formato oracional infinitivo e com omissão, por vezes, de detalhamentos sobre a forma finita. Tal percepção viabiliza caminhos complementares a serem seguidos nesta tese, incitando a promoção de um mapeamento dessas construções, sob o rótulo *manipulativas* na variedade brasileira, que integre todos os tipos construcionais, finitos e infinitivos, ligados na mesma rede, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da GCD.

³² Ainda que o posicionamento desta tese seja categorizar essas construções no domínio da manipulação interpessoal, utilizo o rótulo causativas, para seguir a denominação dos trabalhos examinados nesta seção.

3.1.1 Construções causativas sintáticas sob a perspectiva formal

Desenvolvidos via as premissas teóricas da corrente gerativista, os trabalhos arrolados nesta seção examinam estruturas causativas em contexto de complementação infinitiva com três dos predicados investigados nesta tese: *deixar*, *fazer* e *mandar*.

Substancialmente, quatro tipos de causativas infinitivas são descritas, considerando-se aspectos formais, como ordem dos constituintes, marcação de caso do Causado relacionado ao verbo infinitivo, estratégias de cliticização e trajetórias de mudança dessas construções no curso temporal. O argumento pela preferência do formato infinitivo nas análises é o de que, segundo Vieira da Silva (2003) e Borges (2008), desde os períodos arcaicos de formação das línguas românicas, a estrutura causativa seguida de infinitivo é sempre superior, em termos de frequência, àquela seguida de subjuntivo.

Antes de apresentar os tipos causativos de infinitivo, convém caracterizar a construção finita, preterida nos trabalhos formais consultados. Bittencourt (1995) e Borges (2008) defendem que essa construção tem estrutura bi-oracional com o complementizador *que* obrigatório, seguido de verbo finito. Esse tipo apresenta duas variações: no primeiro caso, em (11), o Causado traz, do verbo no subjuntivo, o caso nominativo, situando-se antes desse verbo; no segundo, em (12), a presença da preposição *a* atribui ao Causado o estatuto de objeto indireto de caso dativo, que, ligado ao verbo da oração matriz, ocorre à direita desse verbo.³³

- (11) **Mando** q oz sacerdotes deste continente *handem* sempre em habito clerical. (DE-JFV2). (Borges, 2008, p. 72).
- (12) **Mandamos** aos reverendos vigarios, qe *façam* notificar a qualquer religiozo, para, que dentro entrinta dias despeje da comarca. (DE-GJSG). (Borges, 2008, p. 73).

Sobre a causativa finita, Bittencourt (1995) constata que há uma perda gradual desse tipo no PB a partir do século XIX, aumentando o uso da complementação infinitiva. Sua hipótese é a de que “a substituição da oração finita pela infinitiva, como decorrência da neutralização da oposição morfológica entre indicativo e subjuntivo, é crucial com predicados ditos indiferentes” (Bittencourt, 1995, p. 404). Esse argumento será retomado mais adiante, na verificação de se o mapeamento diacrônico de tais construções, a partir dos dados coletados para esta tese, corrobora essa constatação da autora.

³³ A denominação causativa finita é reinterpretada neste trabalho como manipulativa finita, distinguida em quatro tipos: morfológica, com SN, com SPrep e com clítico.

A primeira estrutura causativa de formato infinitivo é denominada *causativa românica* ou *fazer-infinitivo*³⁴. Presente desde os primeiros séculos do português e analisada como mono-oracional, esse tipo se constitui de uma estrutura complexa, unindo dois verbos sintática e semanticamente. Em (13), as orações do português europeu (doravante PE) exemplificam as propriedades dessa estrutura.

- (13) a. O professor deixou comer chocolate **aos miúdos**. (dativo).
 a'. Os donos deixaram cair **as laranjas** das árvores. (acusativo)
 b. A mãe deixou-**lh**es comer chocolate. (subida de clítico)
 a. O professor **não** deixou comer o chocolate aos miúdos. (negação)
 b. O professor **não** lh**e**s deixou comer o chocolate.
 d. *O professor deixou **não** comer o chocolate aos miúdos.
 e. *O professor **não** deixou lh**e**s comer/comer-lh**e**s o chocolate.
 (Gonçalves; Duarte, 2001, p. 657-659, grifos acrescidos).

Em (13), o Causado (*aos miúdos; as laranjas*) aparece na posição final, após o verbo encaixado, podendo ser precedido pela preposição *a*. A marcação casual dessa entidade depende da transitividade do verbo infinitivo: acusativo, se intransitivo (*cair*), e dativo, se transitivo (*comer*). Ademais, por ser codificado como uma única estrutura, o verbo encaixado não permite negação frásica, como em (13), e seus clíticos não são tratados como complementos; quando expressos, recorre-se obrigatoriamente à estratégia de subida de clíticos (*deixou-lh**e**s comer*) (Trannin, 2010).³⁵ Nessa estrutura de complementação infinitiva, há o fenômeno do sujeito nulo ou sujeito de referência indeterminada³⁶. A ocorrência em (14) aponta que o causado do verbo *enterrar* não é realizado foneticamente, tendo, então, referência arbitrária (Borges, 2008; Guasti, 2006).

- (14) Alguás pessoas **mandaô enterrar** oz seus escravoz no campo, e mato. (DE-AMV).
 (Borges, 2008, p. 77).

³⁴ O termo *causativa românica* indica que essa estrutura infinitiva é também atestada nas demais línguas derivadas do latim; já o termo *fazer-infinitivo* vem da tradução do termo francês *faire-infinitif*, proposto por Kayne (1975).

³⁵ Cabe observar que, na variedade brasileira moderna, segundo Borges (2008), a estrutura causativa com dativo ao fim do complexo oracional é incomum. Alguns de seus dados atestam essa possibilidade entre os séculos XVIII e XIX no PB, conforme mostra esta ocorrência: “Hum certo Professor de Grammatica que **faz** ler **aos seos Discipulos** a Matutina para lh**e**s ispirar o gosto da leitura” (MMP-31). (Borges, 2008, p. 76). A razão da suplantação dessa estrutura no PB pode ser explicada pela mudança da sintaxe do dativo (Berlinck, 1996; Pereira, 2013). Torres Morais e Berlinck (2007) e Torres Morais e Salles (2010) hipotetizam que, pela reanálise das propriedades do dativo, há a perda da marcação desse caso com a preposição *a* em favor da generalização da preposição *para*, distanciando o PB da variedade europeia. Além disso, essa mudança causa o desuso do paradigma de clíticos dativos *lh**e**/lh**e**s* e o uso frequente de *para* com pronomes tônicos (*para ele/elas*).

³⁶ Pelo reconhecimento desse fenômeno, denomino tal estrutura de MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado no mapeamento proposto neste trabalho.

Apesar do reconhecimento de que, para os objetivos da abordagem formal, o uso do termo genérico causativa românica, que contempla quatro estruturas construcionais (com Manipulado expresso por SN, SPrep, clítico ou indeterminado), seja viável, para um modelo de organização em redes, essa interpretação é de difícil operacionalização, pois tal expressão parece caracterizar apenas um pareamento, o que não é o caso, por se tratar de quatro construções que, relacionadas via elos horizontais no nível microconstrucional, necessitam de descrições exclusivas, tanto para fazer jus às análises construcionais quanto para verificar se a estrutura infinitiva com SPrep, marcado no caso dativo, é suplantada no PB, conforme alegam os autores acima mencionados.

Igualmente considerado mono-oracional, o segundo tipo causativo é intitulado *fazer-por*,³⁷ com estrutura relacionada diretamente à de voz passiva e de interpretação semântica semelhante. O Causado é codificado pelo caso oblíquo não dativo sob a forma de adjunto introduzido pela preposição *por* (Bittencourt, 1995; Borges, 2008; Trannin, 2010)³⁸. A ocorrência em (15) exemplifica esse tipo.

- (15) Sua mulher me **mandou chamar** hontem por Dom Alexandre, e a achei lastimosíssima: (A. Vieira, 1608a). (Trannin, 2010, p. 66).

Atestada, mas não frequente no período arcaico, e comumente encontrada nas variedades brasileira e europeia do português atual, a terceira estrutura infinitiva tem natureza bi-oracional e apresenta tratamento díspar na literatura consultada. O tipo identificado como *causativa ECM (Marcação Excepcional de Caso)*³⁹ é considerado inovador, uma vez que, entre as fases arcaica e clássica, a marcação do Causado no dativo perde em frequência especificamente com os verbos *fazer* e *mandar*, e a forma no acusativo ascende (Martins, 2006; 2018; Davies, 1996)⁴⁰. Para Gonçalves (1999) e Borges (2008), esse tipo possui grande funcionalidade sintática, porque, além de não ser transparente em processos como o de subida de clíticos e o de marcação de caso, não forma um único predicado complexo, como o de *fazer-*

³⁷ Mesmo descrito pelos trabalhos da abordagem formal como pertencente ao período clássico do português, uma ocorrência desse tipo é encontrada por Borges (2008, p. 77) no PB (século XIX): “Immediatamente **mandou** o Sr. Castro, *fazer* acto de corpo de delicto no dito tronco pelo seu Escrivão, e...” (MMP-154).

³⁸ Nesta tese, denomino esse tipo como MicroCx infinitiva com SPrep.

³⁹ Do inglês: *Exceptional Case Marking*. Mantenho a sigla do inglês para seguir a padronização dos trabalhos consultados.

⁴⁰ Esse argumento é contestado por Madeira e Fiéis (2013), conforme se vê adiante.

infinitivo.⁴¹ A nomenclatura desse tipo estrutural está intrinsecamente ligada à marcação de caso gramatical do Causado, que, mesmo se situando em posição intermediária na complementação, posto de sujeito do verbo infinitivo, não pode licenciar o caso nominativo devido a não flexão desse verbo. Então, ao acessar traços do verbo causativo da matriz, que se aloca em domínio estrutural superior, o Causado sanciona excepcionalmente o caso acusativo. Além disso, diferentemente da estrutura *fazer-infinitivo*, o domínio encaixado admite negação frásica e legitima clíticos como complementos oracionais (Gonçalves, 1999; Trannin, 2010; Pereira, 2013). Exemplos desse tipo estão dispostos nas ocorrências (16) e (17), com o verbo *mandar* na oração matriz, e apresentam respectivamente o Causado codificado lexicalmente por *seus criados* e pelo clítico acusativo *o*. Importante notar que, quando codificado na forma de clítico, o causado tem alçamento obrigatório.

- (16) A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam** seus criados **prevenir** o aposento. (A. das Chagas, 1631). (Trannin, 2010, p. 68).
- (17) [...] pelo que o **mandou** logo **visitar** ao mar, e a pedir-lhe que quizesse ser seu hóspede. (Diogo do Couto, 1542). (Trannin, 2010, p. 61).

A quarta e última estrutura causativa identificada é a de *infinitivo flexionado*, que, embora pouco recorrente em dados diacrônicos, apresenta certa regularidade no PB moderno, segundo Borges (2008). De antemão, convém apontar as características da forma infinitivo flexionado, que, segundo Raposo (1987): i) permite sujeito lexical; ii) ocorre apenas em orações encaixadas; iii) nunca é introduzido pelo complementizador *que*; e iv) possui relação de concordância com o sujeito da oração, envolvendo a realização de caso nominativo. Trannin (2010), transferindo essas propriedades para a estrutura causativa, argumenta que o Causado aparece na posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo encaixado, como em (18a-d), recebendo o caso nominativo do segundo verbo. No domínio encaixado, há negação frásica, como em (18c), e legitimação de clíticos, como em (18d), sem possibilidade de subida, como em (18e).

⁴¹ Neste trabalho, o tipo estrutural *ECM* é identificado como duas MicroCx: a primeira, infinitiva com Manipulado expresso por clítico, e a segunda, denominada infinitiva com SN, quando o Manipulado é expresso via SN, possuindo forma nominal, mas relacionada à marcação de Objeto direto. Essencial justificar, complementando o argumento dito anteriormente sobre o tipo causativa românica, que as divergências entre as especificações de tipos construcionais identificadas nesta tese e dos trabalhos consultados se estabelecem porque a preocupação analítica não reside na verificação de estratégias sintáticas para marcação de caso ou subida de clíticos, mas na compreensão de quais as consequências geradas pela expressão formal do Causado, aqui, tratado por Manipulado, no processamento cognitivo e na representação de *construals*.

- (18) a. A mãe deixou [**eles comerem** chocolate].
 b. Os donos deixaram [**elas caírem** da árvore].
 c. A mãe mandou [**eles não comerem** mais chocolate].
 d. A mãe não deixou [**eles fazerem-nos** um bolo].
 e. *A mãe não nos deixou [(eles) **fazerem** um bolo].
 (Gonçalves; Duarte, 2001, p. 657-658, grifos acrescidos).

Após o reconhecimento das estruturas causativas infinitivas, apresento suas trajetórias de mudança na história do PE, fundamentado em três propostas convergentes (Martins, 2006; 2018; Andrade, 2015; Trannin, 2010), que se mostram favoráveis ao reconhecimento do processo de desgramaticalização, como consequência do enriquecimento funcional das formas causativas infinitivas.

Desde o período arcaico, para a codificação de estruturas causativas, o português recorre basicamente aos tipos *fazer-infinitivo* e *ECM*, atestados desde o século XIII, e ao *infinitivo flexionado*, despontado a partir do século XV. Assim, essas três estruturas formam o *continuum* de mudança *fazer-infinitivo* > *ECM* > *infinitivo flexionado*. Esse *continuum* é interpretado na teoria gerativa como um processo de desgramaticalização, devido à aquisição de maior independência sintática dos complementos infinitivos, tornando, ao longo do tempo, formas mono-oracionais (*fazer-infinitivo*), mais defectivas, em bi-oracionais (*ECM* e *infinitivo flexionado*), sem defectividade. No último ponto da escala, a construção de *infinitivo flexionado*, diferente da *ECM*, na qual o Causado se liga ao verbo mais alto da hierarquia, forma uma estrutura subordinada livre de constituintes da matriz, possuindo, na relação Causado e verbo infinitivo, regra de concordância de número e atribuindo a esse causado o caso típico de sujeito gramatical nominativo.⁴²

Ainda na literatura gerativa, uma contraproposta a essa trajetória é defendida por Madeira e Fiéis (2013), que questionam se houve esse percurso de expansão funcional das estruturas infinitivas. As autoras argumentam que as justificativas de Martins (2006) e de Andrade (2015) não se sustentam, pois as diferenças observadas entre os períodos arcaico e clássico do português:

se devem, **não a um enriquecimento da estrutura funcional do domínio infinitivo, mas sim a efeitos de frequência da ocorrência dos dois tipos** de estruturas [*fazer-infinitivo* e *ECM*] selecionados pelos verbos causativos e perceptivos nestes períodos. [...] as construções *ECM* e *fazer-inf* já estavam atestadas no PA. (Madeira; Fiéis, 2013, p. 351-354, grifos acrescidos).

⁴² Essa trajetória de mudança é oposta às propostas de gramaticalização de orações de Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988).

Madeira e Fiéis (2013) sinalizam o papel da representatividade ou frequência das estruturas infinitivas ao longo dos séculos, mostrando que a baixa ocorrência de clíticos no tipo causativo *ECM* (Martins, 2006) não se relaciona à defectividade dos complementos, mas à maior ou menor frequência dos verbos que favorecem uma ou outra estrutura. Essa alegação é ratificada pelo trabalho de Vieira da Silva (2003), que identifica que os verbos *fazer* e *mandar*, sob o tipo *fazer-infinitivo*, superam em frequência a estrutura *ECM* com *deixar*.

Em vista disso, considerando-se a contraproposta de Madeira e Fiéis (2013), Martins (2018) alega que “o português antigo não diferia substancialmente do português contemporâneo quanto à relação entre estruturas causativas/perceptivas e subida de clíticos”, e que “as estruturas *ECM* apresentam características semelhantes no português antigo e contemporâneo e diferem das estruturas *fazer-infinitivo*” (Martins, 2018, p. 105-107).⁴³ Também, Trannin (2010, p. 122) defende que “não há evidências, entretanto, de que o complemento infinitivo destas construções tenha sofrido alguma mudança” e assume, “portanto, que a derivação das causativas nas gramáticas do PCI e do PE é a mesma”.

Os argumentos presentes nos excertos acima parecem apontar para uma regularidade, mas não para uma considerável mudança no quadro estrutural das causativas infinitivas. Portanto, questionamentos a serem debatidos surgem: i) há possibilidade de corroborar o *continuum* de mudança indicado pelas autoras? ii) As alterações descritas pelas autoras podem ser atestadas com a amostra de dados deste trabalho? iii) Qual o caminho percorrido por essas estruturas infinitivas quando se focaliza a variedade brasileira moderna (séculos XVIII-XX)? Elas seguem o fluxo do PE ou apresentam características próprias?

3.1.2 Construções causativas sintáticas sob a perspectiva cognitivo-funcional

Sob a abordagem cognitivo-funcional, os trabalhos reunidos nesta seção relacionam processamento cognitivo, semântica e sintaxe, a fim de identificar graus de integração oracional e caminhos de mudança entre os tipos causativos no português. Primeiramente, sumário resultados da tese de Cezário (2001) e de Carvalho (2004) e de um trabalho de Neves (2018), todo tratando da gramaticalização de orações; em seguida, trago as investigações de Soares da Silva (1999; 2005; 2012; 2015) e de Torrent (2009; 2015), que caracterizam o modo pelo qual

⁴³ *No original*: Old Portuguese did not substantially differ from contemporary Portuguese as for the relation between causative/perception structures and clitic climbing” e “ECM structures display similar features in Old and contemporary Portuguese and differ from faire-infinitive structures”.

as causativas são conceptualizadas do ponto de vista cognitivo e as diferentes tendências evolutivas dessas construções.

Sobre graus de integração oracional das causativas, Cezário (2001) e Carvalho (2004), em estudos sincrônicos do PB com breves incursões diacrônicas, buscam apreender a direcionalidade da mudança por gramaticalização a partir da investigação de verbos volitivos (*querer*, *deixar* e *mandar*), no caso da primeira autora, e de verbos causativos (*mandar*, *deixar* e *fazer*), no caso da segunda autora, seguidos de orações completivas desenvolvidas ou reduzidas de infinitivo na gramática do português.

Ao considerar os propósitos desta tese, passo às discussões referentes à categorização dos verbos que denotam a semântica de causação. Divergindo da literatura consultada, Cezário (2001) generaliza, sob o rótulo volitivo, os verbos *querer*, *deixar* e *mandar*, alegando que expressam modalidade deôntica ou a vontade do referente sujeito: uma ordem, um desejo, uma permissão ou um pedido. Já Carvalho (2004), na consideração dos verbos *mandar*, *deixar* e *fazer*, define causatividade da seguinte maneira:

Em frases complexas, os verbos causativos, como esse próprio rótulo já sugere, expressam uma relação de causatividade entre dois eventos, o causador e o causado, que são codificados, respectivamente, pelas sentenças matriz e completiva. Quando a construção causativa possui sujeitos animados, pode haver uma manipulação do referente-sujeito da matriz, que pode ser ou não bem sucedida, sobre o referente-sujeito da completiva. É nesse sentido que as cláusulas desses verbos podem exprimir, por exemplo, uma ordem ou uma permissão dada pelo referente-sujeito da matriz (o agente manipulador) ao referente-sujeito da encaixada (o ser manipulado) (Carvalho, 2004, p. 20).

A partir desse excerto, destaco que, sem distinguir tipos, Carvalho (2004), mesmo categorizando tais construções como causativas, oferece uma definição de causação mais próxima a do domínio manipulativo interpessoal, como a assumida nesta tese. Ao assumir que, nas construções, há presença de Agente Manipulador, ser Manipulado e imposição ou permissão de realização de um EsCo, Carvalho (2004) torna explícito que as relações interpessoais e os cenários de realização dos EsCo integram esses usos causativos. Portanto, esse entendimento motiva a necessidade de se diferenciar os domínios de causação e de manipulação, a fim de se evitar generalizações e de se possibilitar descrições mais acuradas.

Após a caracterização da classe de verbos causativos, Cezário (2001) e Carvalho (2004) concordam que os verbos estudados formam um *continuum* [+ *finito*] > [- *finito*] ou ainda [- *gramaticalizado*] > [+ *gramaticalizado*], conforme a proposta de gramaticalização de orações

de Hopper e Traugott (2003)⁴⁴. Baseando-se na noção de iconicidade (Givón, 2001), as autoras afirmam que há uma correlação entre tipo semântico de verbo da matriz e nível de integração sintática; ou ainda, que os verbos causativos se situam na gramática do português em diferentes pontos de uma escala de integração oracional, levando ao reconhecimento de diferentes estágios de gramaticalização.

Para Cezário (2001) e Carvalho (2004), a escala se inicia com o verbo *mandar*, menos integrado e com grau baixo de integração oracional em contexto de completiva desenvolvida (*mandou que os rapazes se levantassem...*), seguido, em zona intermediária, pelos verbos *fazer* (*Meu filho ainda fez eu fazer uma bandeira para ele...*) e *deixar* (*Não, não me deixo influenciar...*) e, termina com o verbo de maior integração, *querer*, que está intrinsecamente ligado ao fenômeno de correferencialidade de sujeitos, determinando seu alto grau de integração sentencial e de gramaticalização, particularmente na construção auxiliar [*querer* + infinitivo] (*Quero saber de tudo*), indicador de modalidade deôntica.⁴⁵

Mesmo focalizando a sincronia contemporânea do PB, as autoras fazem uma breve análise diacrônica sobre o comportamento dos verbos estudados no período arcaico. Cezário (2001) analisa as cem primeiras páginas do livro *O Orto do Esposo*, escrito entre os séculos XIV e XV, e Carvalho (2004) analisa as narrativas *A Crônica de D. Pedro* e *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, ambas do século XV. A fim de verificar a hipótese da unidirecionalidade, importante para os estudos em gramaticalização, as autoras comparam dados das sincronias pretérita e presente do português, chegando a resultados semelhantes. Nesse confronto, as autoras não confirmam a unidirecionalidade da mudança de finitas para infinitivas, nos modos de Hopper e Traugott (2003), visto que todos os usos contemporâneos do PB já se manifestam no século XV.⁴⁶ Em conclusão, Cezário (2001) afirma que “O estudo dos verbos realizado **não permite comprovar a hipótese da unidirecionalidade** de mudança sintática (menor integração > maior integração) porque cada item verbal tem uma história diferente [...]”

⁴⁴ A gramaticalização de orações, segundo Hopper e Traugott (2003), ocorre quando se considera, comparativamente, uma tripartição da combinação de orações em *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação*. Essa separação diz respeito aos diferentes graus de encaixamento e de dependência dessas orações. Os autores propõem um *continuum* que vai da independência e integração mínima entre orações, casos de *parataxe* entendidos como [- gramaticalizados], passando por um grau intermediário de integração, casos de *hipotaxe*, chegando, por fim, à total dependência e encaixamento oracional, casos estritos de *subordinação* [+ gramaticalizados].

⁴⁵ Independentemente de Cezário (2001) considerar o verbo *deixar* como mais integrado devido ao seu uso aspectual (*deixei de fumar*), não o considero no último ponto da escala, por não se relacionar, em meu ponto de vista, com os outros tipos causativos.

⁴⁶ Os dois estudos contrariam de certo modo a mudança por desgramaticalização defendido por Martins (2006; 2018) e Trannin (2010), apesar de essas autoras lidarem apenas com dados do PE, mas se aproximam das afirmações das mesmas autoras e de Madeira e Fiéis (2013), no que diz respeito à presença regular das causativas, que, no decorrer dos séculos, tiveram mudanças mínimas.

(Cezário, 2001, p. 204, grifos acrescidos). Também, Carvalho (2004) finda sua análise defendendo que

[...] pode-se considerar que, de um modo geral, **não houve tantas mudanças estruturais dessas sentenças na trajetória do período arcaico ao contemporâneo do português**. Nesse sentido, confirma-se a asserção de Votre (2001) de que “o português no Brasil se mostra estável, no período de cinco séculos, com pontos tênues de variação e com indicativos de mudança restritos a lugares específicos da estrutura e, sobretudo, do léxico (Carvalho, 2004, p. 237, grifos acrescidos).

Os estudos de Cezário (2001) e de Carvalho (2004) são pioneiros na análise das construções completivas com os verbos causativos no PB sob a perspectiva da gramaticalização, trazendo importantes considerações sobre o funcionamento dessas construções, seus diferentes aspectos estruturais e semânticos. Assim, cabe a esta tese contribuir com as explicações sobre os predicados causativos, aqui, tratados como manipulativos interpessoais, objetivando mostrar que a não corroboração da unidirecionalidade pode ser repensada quando se considera todo o quadro sistêmico do domínio em investigação, buscando por mudanças multidirecionais. Por isso, análises em um modelo de redes multidinâmicas conseguem mostrar como caminhos outros, que não apenas em direção única, podem ser atestados historicamente.

O terceiro trabalho consultado não realiza ampla investigação como os das autoras supracitadas, mas traz exemplificações da motivação icônica presente na relação entre empacotamento cognitivo e gramatical das construções em foco. Com base nas acepções de Givón (2001) acerca da iconicidade, especialmente focalizando a complementação oracional, Neves (2018) elenca dados do português com *mandar* e *deixar*, categorizados como manipulativos, para exemplificar essa relação. A autora compara diversos tipos verbais e relata que:

Verbos cognitivos, por exemplo, constroem conexões diferentes das de verbos manipulativos, uma vez que um manipulador, agindo, por exemplo, por motivação própria e com controle completo das ações, pode até agir em um tempo absolutamente seu. Também, diferentes verbos de uma mesma modalidade, instaurando diferentes graus de conexão sintática: por exemplo, observados os factivos *mandar* e *deixar*, vê-se que o primeiro é menos integrado a seu complemento, fato verificável, por exemplo, na relação de tempo verbal que se estabelece entre oração nuclear e a oração completiva, nos diferentes casos: “deixei a menina sair” pode configurar um mesmo tempo para os dois eventos (o tempo de “eu deixar” e o tempo de “ela sair”), o que não se aplica a “mandei a menina sair” [...] (Neves, 2018, p. 154).

Com esse trecho, Neves (2018) aborda a consequência da cotemporalidade entre os eventos para a integração oracional, ou ainda, como a sequência temporal dos eventos opera nos predicados matriz e encaixado. A autora ratifica a presença da iconicidade na complementação, evidenciando que, por ser cotemporal, a permissão emitida com *deixar* (*deixei a menina sair*) é mais icônica do que uma ordem transmitida por *mandar* (*mandei a menina sair*), que pode não ser executada no momento exato em que o evento principal ocorre. Essa observação gera pontos a serem discutidos nas análises empreendidas nesta tese, com o fim de verificar como a temporalidade contribui para a formação de diferentes *construals*, e, portanto, de diferentes processamentos cognitivos das MicroCx.

Agora, passo ao tratamento das causativas do PE dispensado por Soares da Silva (1999; 2005; 2012; 2015). De antemão, convém explicitar sua definição de verbo causativo: é aquele que “incorpora a noção de causa-causalidade na sua significação, sendo, pois, parafraseável por ‘causar uma ação’ ou ‘causar a aquisição de uma qualidade ou a entrada num estado’” (Soares da Silva, 1999, p. 550). Consequentemente, essa categoria distingue dois tipos: i) *causação direta/manipulação*, expressa pelos verbos *fazer*, *obrigar* e *forçar*; e ii) *causação indireta*, expressa pelos verbos *mandar*, *levar* e *deixar*.

No português, três padrões oracionais, em escala contínua [*finito* > *infinitivo* > *infinitivo flexionado*], variam na codificação da semântica da causação. Ressalta Soares da Silva (2015) que, antes mesmo de formal, a diferença entre esses tipos é de conceptualização, pelo motivo de depender do arranjo de visão emitido pelas posições de Sujeito e de Objeto⁴⁷ e do funcionamento da metáfora conceitual PROXIMIDADE É FORÇA DO EFEITO, sinalizando que quanto mais próxima a forma indicando causação está da forma indicando efeito, mais forte é a ligação causal (Lakoff; Johnson, 2003).

O tipo *finito* indica maior independência do evento encaixado, marcando iconicamente um distanciamento conceptual entre os dois eventos causativos e expressando uma visão mais mentalizada do evento subordinado, porque a flexão no modo subjuntivo assinala que “o evento complemento é considerado, não em relação à realidade, mas em relação a um espaço mental mais circunscrito, somente relevante ao sujeito principal” (Soares da Silva, 2005, p. 871). Dessa maneira, os verbos subordinados aos causativos expressam um resultado do *input* de energia do referente-Sujeito da oração principal. A ocorrência em (19) exemplifica esse tipo, que é conceptualmente mais complexo, por haver maior distância formal e conceptual entre o evento principal causativo, *fez com/mandou/deixou*, e o evento subordinado, *correr*, implicando o

⁴⁷ Neste trabalho, tal asserção se aplica às operações de *construals* para a configuração dos diferentes cenários do domínio manipulativo interpessoal.

menor controle por parte do referente-Sujeito da oração principal, *Maria*, em relação ao evento encaixado, e vice-versa (Soares da Silva, 2015).

- (19) A Maria fez com/mandou/deixou que os miúdos corressem.
(Soares da Silva, 2005, p. 870).

Soares da Silva (2005; 2012; 2015) propõe três estágios para os tipos *infinitivos* no PE, dispostos em uma escala crescente de integração construcional e gramaticalização: [VSV (*Verbo + Sujeito + Verbo*) > VOV (*Verbo + Objeto + Verbo*) > VV (*Verbo + Verbo*)]⁴⁸. As orações em (20) exemplificam respectivamente os tipos estruturais em variação.

- (20) a. A Maria fez/mandou/deixou/viu (V) os miúdos (S) correrem (V).
b. A Maria fez/mandou/deixou/viu (V) os miúdos (O) correr (V).
c. A Maria fez/mandou/deixou/viu (V) correr (V) os miúdos.
(Soares da Silva, 2005, p. 856; notação acrescida entre parênteses).

O primeiro tipo, VSV, em (20a), categorizado como *infinitivo flexionado*, possui marcas de verbo independente: *correrem* marca morfologicamente pessoa e número, relativos a seu Sujeito, *os miúdos*, marcado com caso nominativo, preservando-se, assim, sua estrutura argumental. Esse tipo, segundo Soares da Silva (2005; 2015), está conceptualmente menos vinculado ao evento principal, uma vez que não recupera nenhum de seus referentes, e o controle do referente-Sujeito da oração principal é menos forte, pois o evento subordinado e seu Sujeito são autônomos e detentores de proeminência focal.

No ponto intermediário, o tipo VOV, ilustrado em (20b) e interpretado nesta tese como construção infinitiva com SN, tem o evento complemento *correr* como independente, mas o Sujeito do infinitivo, *os miúdos*, é marcado no caso acusativo, como Objeto dos verbos causativos da oração principal, desempenhando duas funções nos dois eventos. Esse tipo perfila uma relação indireta entre os dois eventos, mas com interação direta entre seus participantes, posto que o Sujeito da oração principal interage diretamente com o Objeto alçado, o qual é tomado como ponto de referência (Soares da Silva, 2005).

No último tipo, VV, representado em (20c), o infinitivo *correr* não tem nenhuma marca de verbo independente, estando inteiramente integrado aos verbos causativos da matriz e da encaixada, formando um predicado complexo [V₁+V₂], no qual há compartilhamento de todos os argumentos. Soares da Silva (2005, p. 861) defende que “VV constrói, assim, o participante

⁴⁸ Tais formas remetem respectivamente aos tipos estruturais *infinitivo flexionado*, *ECM* e *causativa românica* da abordagem formal.

principal do evento complemento como argumento interno [...] de um único verbo complexo e perfila uma única atividade ou processo com um único trajetor [Sujeito da matriz] exercendo controle sobre todo o evento”.

Soares da Silva (2005) ainda argumenta que o infinitivo conceptualiza um evento, não sequencialmente como um verbo, mas, holisticamente, como um nome. Em termos específicos, o infinitivo implica um escaneamento mental sumário e concebe o processo em sua totalidade e sem focalizar a sua evolução no tempo.

Essa trajetória das infinitivas, de VSV a VV, pode ser descrita via o processo cognitivo de subjetificação⁴⁹, pois o que motiva um ou outro tipo estrutural é a capacidade de o Sujeito da infinitiva ser compreendido como fonte de energia do evento encaixado. Nesse processo:

O sujeito do infinitivo vai gradualmente perdendo controlo sobre a sua própria atividade ou estado e deixa de ser o foco específico do evento complemento. A atividade ou fonte de energia passa do domínio do sujeito do infinitivo para o domínio do sujeito principal. O sujeito principal torna-se assim o conceptualizador do evento complemento, exercendo maior controlo sobre o evento complemento. Consequentemente, a relação causal ou percetiva torna-se mais direta e imediata e mais dependente da atividade mental do conceptualizador e, portanto, mais *subjetiva*. Em termos da abordagem de Traugott (1989, 1995) ao fenómeno da subjetificação, a relação causal/percetiva torna-se cada vez mais situada no domínio do conceptualizador – o sujeito principal e/ou o locutor. Estruturalmente, surgem determinadas propriedades sintáticas que iconicamente codificam um maior grau de integração construcional e, consequentemente, de gramaticalização (Soares da Silva, 2015, p. 84).

A relação da conceptualização do evento da subordinada a partir do Sujeito do infinitivo, base para a operação do processo de subjetificação, provê mais uma razão para a conceptualização do domínio manipulativo interpessoal como diferente do causativo. Embora categorizando as construções como causativas, o autor coloca em evidência a interação entre entidades humanas, especialmente quando evoca o traço controle do referente-Sujeito sobre os eventos; a meu ver, esse fato já insere tais construções no domínio da interpessoalidade, que se abriga, como entendido neste trabalho, em domínios sociais mais amplos, ao se considerar o *status* social dos participantes.

Ao consultar evidências diacrônicas, Soares da Silva (2015) não confirma a trajetória gradual das construções causativas infinitivas no português, mas um movimento de

⁴⁹ Soares da Silva (2015) une as propostas de Traugott (1989, 1995) e de Langacker (1999) para explicar esse fenómeno. Resumidamente, para a primeira autora, trata-se do processo de mudança semântica pelo qual significados que descrevem uma situação externa passam a indicar perspectivas, atitudes e crenças do locutor em relação a essa situação. Para o segundo autor, é o processo pelo qual uma entidade passa de “Objeto” a “Sujeito” e, consequentemente, o locutor deixa de ser um observador externo e passa a fazer parte do conteúdo de conceptualização.

desgramaticalização⁵⁰, uma vez que a evolução dessas construções é, no português, inversa: [VV > VOV > VSV]. As estruturas VV, atestadas na fase arcaica, permitem a incrementação de estruturas bi-oracionais, desencadeando na emergência do infinitivo flexionado no século XVI, que é mais próximo à construção bi-oracional VOV que àquela mono-oracional VV. A forma de infinitivo flexionado representa o processo conceitual de objetificação de seu referente-Sujeito, que se torna mais independente e comprometido na realização do evento; ele, “entra ‘em palco’ como foco específico de atenção e, portanto, como objeto de conceptualização” (Soares da Silva, 2015, p. 84).⁵¹

Em suma, os trabalhos de Soares da Silva (1999; 2005; 2012; 2015) resenhados brevemente aqui mostram uma completa e notável descrição das causativas oracionais no português sob a perspectiva cognitiva. Com um olhar diacrônico e comparativo das trajetórias desse objeto, o autor faz com que se tenha um olhar acurado sobre o funcionamento dessas construções tanto na língua portuguesa quanto nas demais línguas neolatinas, trazendo argumentos importantes sobre mudança e processos cognitivos que subjazem às estruturas oracionais, pontos de discussão a serem considerados nesta tese.

Para encerrar esta seção, trago a descrição da construção sancionada por um dos predicados aqui estudados, *pedir*, e categorizada por Torrent (2009; 2015) como construção de complementação manipulativa *Para Infinitivo*, subdividida entre *não mezclada* e *mezclada*. Antes, porém, de iniciar a exposição dos trabalhos do autor, vale notar que diferentemente dos estudiosos anteriormente mencionados, Torrent (2009, 2015) emprega explicitamente o termo *manipulação*.

Fundamentado no modelo da GCD, Torrent (2009; 2015) investiga historicamente (do século XIII ao XXI), uma gama de construções que integram a família *Para Infinitivo*. Em termos gerais, o autor defende que essa família apresenta uma rede com diversas construções

⁵⁰ Com essas constatações, a investigação do autor se aproxima, em alguma medida, dos resultados gerativistas anteriormente expostos.

⁵¹ Além do processo de desgramaticalização, Soares da Silva (2015) atesta uma tendência geral de *gramaticalização construcional*, argumentando que a causativa VV no português, ao ter sua frequência aumentada, é propensa a seguir a mesma trajetória e se aproximar das causativas infinitivas do italiano e do francês. Nas palavras do autor, “Há, porém, uma divergência entre as línguas românicas na evolução das construções infinitivas com ‘fazer’: de um lado, o francês e o italiano *faire/fare* + Inf. perdem a construção bioracional VOV e a construção com verbo finito e conjuntivo; do outro lado, o português e o espanhol *hacer/hacer* + Inf mantêm a alternância entre a construção mono-oracional VV, a construção bioracional VOV e a construção com verbo finito. [...] o aumento da construção mono-oracional VV com verbos causativos e infinitivo intransitivo mostra que o português e o espanhol seguem, até certo ponto, a tendência gramaticalizante geral que se observa nas línguas românicas, em particular no italiano e no francês” (Soares da Silva, 2015, p. 79-83).

que se ampliam ao longo do tempo, por meio de uma série de processos de construcionalização conectados à construção *adjuntiva final*⁵², que motiva o desenvolvimento das demais.

A primeira construção manipulativa, *não mesclada*, tem a forma [SN V_{manip} SN para SN V_{inf}], cujos três últimos *slots* [para SN V_{inf}] englobam um espaço mental em que se configura a realização do EsCo desejado pelo Manipulador. Como exemplo, a ocorrência em (21) mostra a informante da entrevista como Manipuladora que solicita à amiga, Manipulada, que vá a uma reunião, ação que é toda unida na estrutura *pra ela ir*.

- (21) INQ.: - Senhora é vicentina?
 INF.: - Eu sô... e tem um mês que eu num vô... até **pedi uma colega minha lá pra ela í** me representano. (IBITI – AUR) (Torrent, 2009, p. 88).

A segunda construção, *mesclada*, indica que a correferencialidade entre o participante afetado pela manipulação e aquele que tem o papel de Agente do predicado encaixado. Nesse processo, “se comprime a Analogia entre o manipulado e o Agente em Identidade e, posteriormente, essa relação é comprimida em Unicidade, sendo que uma única contraparte formal é utilizada para fazer referência aos dois papéis” (Torrent, 2009, p. 90). Essa descrição é ilustrada pela ocorrência em (22), na qual *o senhor* pode ser mapeado tanto como afetado pelo pedido quanto como o Agente que vai realizar o EsCo *contar*.

- (22) Seu Apolônio, **eu vou pedir pro senhor contar** outro caso aqui, qualquer um que o senhor quiser contar [...] (IBITI – AMA) (Torrent, 2009, p. 90).

Diacronicamente, a construção manipulativa não mesclada, segundo Torrent (2015), emerge pela generalização de uma estrutura argumental com o verbo *induzir*, que, no século XV, apresentava um sentido e uma estrutura similar àquela manipulativa (*O profeta enduzia o povoo pera edificarem aquela casa* (Torrent, 2015, p. 199)). Mesmo ocorrendo nas estruturas já exemplificadas nas seções anteriores, tal estrutura com *induzir* confere uma possibilidade diferente de perfilamento dos *slots* construcionais, destacando o esquema [para V_{inf}] que codifica toda a ação na qual o Manipulado se envolve. Essa configuração, de acordo com Torrent (2015), prediz aquela que vai sancionar, apenas no século XVII, os primeiros exemplares da construção manipulativa com os verbos *pedir* e *ordenar*. Para o autor, esse passo

⁵² Denominada *Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo*, essa construção trata de uma relação de adjunção entre os argumentos, denotando finalidade. A título de exemplo: “Ele pagou uma parcela só recorrente ao mês de abril e utilizou o fundo de garantia por tempo de serviço **pra quitar** todo o saldo devedor. (PROCON – CEF)” (Torrent, 2009, p. 78).

ocorre via construcionalização com dois processos cognitivos envolvidos: *chunking* e analogia. Em suas palavras:

A frequência do esquema [*para* V_{INF}], combinado com estruturas argumentais manipulativas, aumenta, se tornando, então, uma parte inseparável da CONSTRUÇÃO MANIPULATIVA. No que diz respeito à analogia, uma vez que os falantes experienciam o uso de um verbo manipulativo na estrutura argumental [SN V SN *para* V_{INF}], eles generalizam esse uso para outros verbos da mesma classe [...]. Ao fazer isso, eles criam uma nova construção, licenciando construtos que não incluem necessariamente o verbo que, originalmente, deu origem ao significado da estrutura argumental (Torrent, 2015, p. 200-201).⁵³

Finalmente, no século XIX, emerge a construção manipulativa mesclada em que a segunda entidade da construção, o Manipulado, incorpora dois papéis: o de Afetado e o de Agente. Tal passo, para Torrent (2015), se refere a um avanço no processo de construcionalização da construção manipulativa.

Diferentemente do autor, considero a preposição *para* e o SN como um único SPrep, que marca o caso dativo, motivo pelo qual, quando o Manipulado vem expresso por esse sintagma, categorizo a MicroCx como infinitiva com SPrep. Já quando é apenas inferido contextualmente, a trato como infinitiva com indeterminado.

Ao tratar de uma família de construções e suas relações por meio de elos, o trabalho de Torrent (2009; 2015) motiva a pesquisa desenvolvida nesta tese, por se inserir no recente modelo da GCD e por considerar um amplo domínio construcional na indicação de mudanças multidirecionais.

Esta seção expõe trabalhos que fornecem grandes contribuições para o tratamento das construções causativas/manipulativas no português. O primeiro foco foram os estudos na abordagem formal, que consideram os processos sintáticos para a caracterização desse objeto e debatem a sua trajetória de desgramaticalização. Seguidamente, a abordagem cognitivo-funcional destacou a gramaticalização oracional e o processamento cognitivo dessas construções, além de apresentar tendências evolutivas e de esmiuçar o funcionamento da estrutura infinitiva *pedir para*.

⁵³ *No original*: The frequency of the [*para* V_{INF}] schema increases in combination with manipulative argument structures, thus becoming an inseparable part of the MANIPULATIVE CXN. Concerning analogy, once speakers have experienced the use of a manipulative verb in the [NP V NP *para* V_{INF}] argument structure, they generalize this use to other verbs in the same class [...] In so doing, they create a new construction licensing constructs that do not necessarily include the verb that originally gave rise to the argument structure meaning.

3.2 Por uma definição de manipulação interpessoal

Nesta seção, a fim de alcançar um conceito mais satisfatório de manipulação interpessoal como domínio semântico-pragmático inter-relacionado à causação, mas não sinônimo desta, recorro a trabalhos representativos de cunho teórico e descritivo que tratam do tema a partir de três bases: i) *gramatical*, que assinala a codificação de estruturas manipulativas na gramática das línguas (Shibatani, 1976; Comrie, 1989; Shibatani; Pardeshi, 2002; Dixon, 2010; Givón, 1975; 2001); ii) *cognitiva*, que identifica o processamento cognitivo da prática manipulativa por meio de processos como metáfora e Dinâmica de Forças (DF, daqui em diante) (Pederson, 1991; Kemmer; Verhagen, 1994; Lakoff; Johnson, 1999; 2003; Talmy, 2000; Croft, 2012); e iii) *antropológica*, que se refere ao gerenciamento do comportamento humano nas ações sociais manipulativas via linguagem (Enfield, 2008; 2013; Enfield; Sidnell, 2017; Rossi; Zinken, 2017; Rossi; Floyd; Enfield, 2020; Tomasello, 2008; Givón; Young, 2002). Por fim, conceituo manipulação interpessoal, tal como ela deve ser entendida na investigação empreendida nesta tese.⁵⁴

3.2.1 Base gramatical

A primeira base para a conceituação da manipulação se relaciona à codificação deste domínio em seus diferentes modos de expressão no sistema gramatical das línguas. Para se chegar a esta conceituação, esta seção se biparte, considerando-se a perspectiva tipológica, a partir da qual apresento trabalhos que, além de conceituar causação, descrevem tipos de estruturas causativas (Shibatani, 1976; Comrie, 1989; Shibatani; Pardeshi, 2002; Dixon, 2010); e a perspectiva cognitivo-funcional, que se refere às investigações de Givón (1975; 2001) acerca da complementação, especificamente, da caracterização dos verbos manipulativos nesse âmbito e sua relação com o Princípio de iconicidade (Haiman, 1985; Givón, 2001; Van Langendonck, 2007).

A maioria dos trabalhos consultados se situa no amplo campo da causação, definida de modo mais geral como qualquer situação composta de duas situações: a causa e seu efeito

⁵⁴ Os trabalhos abordados nas três bases, exceto o de Givón (2001), tratam, sob o rótulo genérico de causação, alguns casos analisados nesta tese como tipos manipulativos. Assim, a fim de evitar ambiguidade autoral entre os trabalhos resenhados e este trabalho, mantenho a nomenclatura original: *causação* e *tipos causativos*, mas assinalo que, em tipos cujos participantes humanos agem em contextos interpsicológicos, pode-se inferir que se trata do domínio manipulativo. As diferenças entre os domínios causação e manipulação se encontram ao fim da exposição das três bases.

(Comrie 1989). De modo mais desenvolvido, Shibatani (1976) advoga por uma noção causação concatenada em dois eventos, mediante a obediência das seguintes condições:

- a. A relação entre os dois eventos é tamanha que o falante acredita que a ocorrência de um evento (“evento causado”) foi realizada no t_2 , que é posterior ao t_1 , tempo do “evento causador”. b. A relação entre o evento causador e o evento causado é tamanha que o falante acredita que a ocorrência do evento causado é totalmente dependente da ocorrência do evento causador; a dependência dos dois eventos deve ser entendida aqui na medida em que permite ao falante considerar uma inferência contextual de que o evento causado não teria ocorrido naquele tempo específico se o evento causador não tivesse acontecido (Shibatani, 1976, p. 1-2).⁵⁵

Em relação à forma, Comrie (1989) e Dixon (2010) distinguem possibilidades na expressão da causação, organizadas em um *continuum* de dependência ou vinculação entre as partes da construção causativa. Os tipos de codificação de causação dados pelos autores e que se relacionam ao objeto desta tese são: i) *analítica/perifrástica*, que trata de predicados separados, em que um expressa a causa, o outro efeito; o verbo causativo se aloca na oração matriz, enquanto o verbo lexical está na oração complemento (*Eu fiz com que Ana saísse de casa* e *Eu fiz Ana sair de casa*); e ii) *intermediária/predicado complexo*, que se refere a dois verbos em uma única oração, formando um único predicado composto com considerável grau de fusão. Dificilmente, há possibilidade de inserir um SN entre os verbos ([*faire* + *V_{inf}*] do francês. “*J’ai fait courir Paul*”/*Eu fiz correr a Paulo*, ou, mais explicitamente, *Eu o fiz correr*).⁵⁶

Acerca da semântica das estruturas causativas, Dixon (2010) indica, via comprovação tipológica, especificidades, por recurso a nove parâmetros que contribuem para uma melhor e mais completa compreensão do domínio causativo.⁵⁷ O Quadro 6 resume essa proposta do autor, a qual é prenúncio da caracterização da manipulação, descrita mais adiante.

⁵⁵ *No original*: The relation between the two events is such that the speaker believes that the occurrence of one event, the “caused event,” has been realized at t_2 , which is after t_1 , the time of the “causing event.” b. The relation between the causing and the caused event is such that the speaker believes that the occurrence of the caused event is wholly dependent on the occurrence of the causing event; the dependency of the two events here must be to the extent that it allows the speaker to entertain a counterfactual inference that the caused event would not have taken place at that particular time if the causing event had not taken place.

⁵⁶ Dois outros tipos de causação identificados por Comrie (1989) e Dixon (2010) são causação *morfológica*, em que, via processos morfológicos, um morfema é adicionado a um predicado não causativo, a fim de gerar a semântica causativa (sufixo [-dir] do turco: öl (*morrer*) ol-diir (*matar*)); e *lexical*, em que um verbo intransitivo pode ser usado como transitivo, expressando sentido causativo (*A bomba explodiu* e *Eu explodi a bomba*).

⁵⁷ Uma visão genérica sobre a semântica causativa é dada por Shibatani e Pardeshi (2002), que bipartem esse domínio entre causação direta e indireta. A direta se refere à situação em que um Agente Causador desencadeia uma ação em um Paciente Causado, com dependência total de sua intervenção, podendo incluir manipulação física. Os dois eventos ocorrem no mesmo perfil espaço-temporal, unindo-se como um único evento. Já a indireta indica a causação como uma orientação oral dada pelo Agente Causador a outro Agente Causado, que pode ou não a executar. Os dois eventos instaurados apresentam dois perfis espaço-temporais separados. A visão dos autores evidencia forte dependência entre os eventos para a realização do todo causativo e entre participantes dicotômicos Causador e Causado, sejam humanos ou não, para a promoção de uma mudança do cenário.

Quadro 6 – Proposta de Dixon (2010) para a caracterização semântica das construções causativas

<i>Relacionada ao verbo</i>	1. ESTADO/AÇÃO: O mecanismo causativo se aplica apenas ao verbo que descreve um estado ou uma ação? 2. TRANSITIVIDADE: O mecanismo causativo se aplica apenas a verbos intransitivos, a verbos transitivos ou a todos tipos de verbos?
<i>Relacionada ao Causado</i>	3. CONTROLE: O Causado não tem controle da atividade (<i>ex.: se é inanimado ou uma criança</i>) ou, normalmente, tem controle? 4. VOLIÇÃO: O Causado faz o EsCo de boa vontade ou de má vontade? 5. AFETAMENTO: O Causado é parcial ou completamente afetado pela atividade?
<i>Relacionada ao Causador</i>	6. DIRETIVIDADE: O Causador age diretamente ou indiretamente? 7. INTENÇÃO: O Causador atinge o resultado acidentalmente ou intencionalmente? 8. NATURALIDADE: A atividade acontece de forma bastante natural (<i>o causador apenas inicia um processo natural</i>) ou o resultado é alcançado apenas com esforço (<i>talvez, com violência</i>)? 9. ENVOLVIMENTO: o Causador (<i>além do Causado</i>) também está envolvido ou não na atividade?

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Dixon (2010, p. 62).

Os parâmetros tipológicos propostos por Dixon (2010) englobam causação decorrente da ação de entidades tanto inanimadas quanto animadas. Como, em sua descrição, o autor tende a focar na atuação humana, sua tipologia aproxima-se das de outras duas bases, cognitiva e antropológica, a serem apresentadas posteriormente.

Com foco nos parâmetros de 3 a 9, cuja relação se firma nos participantes, reconheço que Dixon (2010) já atesta gradualidade entre os papéis das entidades. Sobre o controle da ação pelo Causado, o autor vai além da diferença entre ser inanimado e animado, pois coloca em evidência a figura de uma criança, que, ainda que pertença à espécie humana, ainda está sob tutela parental, tendo, portanto, menos controle em atividades não instintivas como *chorar* e *dormir*.

Sobre a figura do Causador, Dixon (2010) argumenta, com base nos parâmetros de diretividade e intenção, que a construção do cenário manipulativo não ocorre de forma direta, seguindo as proposições da díade em interação, mas pode ser estendida para casos acidentais, nos quais, muitas vezes, não está na intenção imediata do Causador agir de determinado modo, mas, ainda sim, a realização do ato causativo ocorre. O parâmetro da naturalidade se aproxima do processo cognitivo da DF, uma vez que objetiva salientar se esforços físicos ou psicológicos são empreendidos. Acerca do último parâmetro, o envolvimento do Causador se liga também à agentividade distribuída, pois Causador e Causado compartilham a responsabilidade sobre o ato causativo.

Incluem-se ainda nesta abordagem de base gramatical da manipulação dois estudos de Givón (1975; 2001), que, filiados à abordagem cognitivo-funcional, tratam dos correlatos

sintáticos e semânticos das construções causativas/manipulativas, alicerçados no domínio da complementação.

Givón (1975), em seu trabalho cujo título pode ser traduzido por “*Causa e controle: a semântica da manipulação interpessoal*”,⁵⁸ disserta sobre os aspectos semânticos da causação em estruturas perifrásticas, afirmando que, das formas causativas, apenas essas envolvem dois Agentes humanos. O autor investiga exclusivamente verbos causativos governados pela noção de controle, argumentando que não somente o Controlador, mas também o Controlado comporta traços de maior ou menor agentividade nas situações causativas.

Sobre causação não coercitiva, tema mais desenvolvido, Givón (1975) argumenta que:

a maneira mais eficiente de manipular os seres humanos é por métodos não coercitivos, ou seja, por meio de vários modos de persuasão. Nesse tipo de manipulação não coercitiva [...], é essencial manter a ilusão – na mente da pessoa que está sendo manipulada – de que ela está agindo POR ESCOLHA PRÓPRIA . Nossa gramática de verbos de manipulação não coercitivos parece facilitar isso, uma vez que o objeto presumivelmente permanece no controle. [...] O manipulador deve convencer o manipulado de que este está agindo POR INTERESSE PRÓPRIO. Isso, por sua vez, só é possível se manipulador e manipulado COMPARTILHAREM O MESMO SISTEMA DE VALORES (Givón, 1975, p. 87; ênfase no original).⁵⁹

Esse trabalho pioneiro de Givón (1975) na conceituação da esfera manipulativa expandiu-se posteriormente nos estudos linguísticos com o desenvolvimento do tema das relações humanas, linguagem e cognição, tornando possível reinterpretar a ilusão do Manipulado, passível a toda a oferta do Manipulador, como o reconhecimento do Manipulado sobre o cenário experienciado, instaurado pelo mesmo sistema social compartilhado entre ele e seu Manipulador, e sobre sua opção de realizar ou não a ação enunciada, por também ser portador do papel agentivo.

Em obra posterior dedicada ao tema da combinação oracional, Givón (2001) discute o isomorfismo entre as dimensões semânticas e sintáticas da complementação, com base na gramática das orações completivas, a qual fornece os melhores exemplos translinguísticos de iconicidade, que, contrária à arbitrariedade, explica que algo na forma de um signo linguístico reflete, pelo seu significado, algo de sua referência.

⁵⁸ *No original: Cause and Control: On the Semantics of Interpersonal Manipulation.*

⁵⁹ *No original: the most efficient way of manipulating humans is by noncoercive methods, i.e., through various modes of persuasion. In this type of noncoercive manipulation of others, it is essential to maintain the illusion-in the mind of the person being manipulated-that he is acting OF HIS OWN FREE CHOICE. Our grammar of noncoercive verbs of manipulation seems to facilitate this, since the object presumably remains in control. What is indispensable to noncoercive manipulation of others is REASONING. In other words, the manipulator must convince the manipulee that the latter is acting IN HIS OWN INTEREST. This, in turn, is possible only if both manipulator and manipulee SHARE THE SAME SYSTEM OF VALUES.*

De acordo com Haiman (1985), a iconicidade diagramática possui dois aspectos: isomorfismo e motivação. O primeiro é regido pelo princípio geral de um significado para uma forma⁶⁰; já o segundo dita que os “diagramas⁶¹ exibem a mesma relação entre suas partes do mesmo modo como seus referentes também exibem entre suas partes”⁶² (Haiman, 1985, p. 11; nota de rodapé acrescida). Assim entendida nos estudos cognitivos, a iconicidade é concebida como funcional, pragmática ou experiencial, pois se assume que estruturas linguísticas representam conceptualizações da estrutura do mundo, e, portanto, a interpretação semântica deve ser guiada por um ponto de vista experiencial (Van Langendonck, 2007).

Com base nessa compreensão, Givón (2001) recorre ao *slogan* de Haiman (1984, p. 782) de que “A distância entre expressões corresponde à distância conceitual entre as ideias que elas representam”⁶³, para alegar que a complexidade sintática é consequência natural da complexidade semântico-cognitiva. As orações complexas das línguas seguem esse mesmo princípio: “quanto mais forte é o *laço semântico* entre os dois eventos, maior será a *integração sintática* das duas orações em uma oração única, embora complexa” (Givón, 2001, p. 40, grifos originais).⁶⁴

Givón (2001) propõe uma escala de complementação que, firmada sobre a iconicidade, especialmente, sobre o isomorfismo, reflete diferentes graus de integração entre eventos nos níveis estrutural e cognitivo. Essa escala, disposta no Quadro 7, demonstra o paralelismo entre a integração de orações, por meio da indicação da propriedade sintática da oração complemento, à direita, e o domínio semântico-cognitivo, via exemplos das classes verbais manipulativa, modal e perceptiva, cognitiva e *dicendi*, à esquerda.

⁶⁰ A visão estrita desse conceito entra em conflito com os conceitos de polissemia e de protótipo. No entanto, Geeraerts (1997) defende que os estudos cognitivos devem assumir uma visão menos rígida desse princípio, indicando que, de acordo com a concepção prototípica de categorização, o isomorfismo entre forma e conteúdo se aplica a categorias conceituais como um todo (classes organizadas com nuances).

⁶¹ Diagramas ou ícones diagramáticos são, segundo Peirce (1974 apud Van Langendonck, 2007) arranjos sistemáticos de signos que representam as relações das partes de uma coisa por relações análogas de suas próprias partes, não se assemelhando necessariamente a seus referentes, mas possuindo relações mútuas.

⁶² *No original*: diagrams exhibit the same relationship among their parts as their referents do among their parts.

⁶³ *No original*: The distance between expressions corresponds to the conceptual distance between the ideas they represent.

⁶⁴ *No original*: The stronger is the *semantic bond* between the two events, the more extensive will be the *syntactic integration* of the two clauses into a single though complex clause.

Quadro 7 – Escala de complementação proposta por Givón (2001)

Escala de complementação

Escala semântica dos verbos	Sintaxe da oração complemento
a. Ela <i>mandou matar</i> ele	complemento colexicalizado
b. Ela <i>fez</i> ele <i>ir</i> embora	complemento infinitivo mais integrado
c. Ela <i>deixou</i> ele <i>ir</i> embora	
d. Ela <i>disse</i> para ele <i>ir</i> embora	complemento infinitivo
e. Ela <i>pediu</i> para ele <i>ir</i> embora	
f. Ela <i>quis</i> que ele <i>fosse</i> embora	complemento subjuntivo
g. Ela <i>sugeriu</i> que ele <i>fosse</i> embora	
h. Ela <i>disse</i> que ele <i>poderia ir</i> embora mais tarde	complemento discurso indireto
i. Ela <i>disse</i> : "Ele <i>pode ir</i> embora mais tarde"	complemento discurso direto

Fonte: Adaptada de Givón (2001, p. 43, tradução própria).

Com o intuito de aclarar o paralelismo semântico-sintático da escala, no Quadro 8 abaixo, apresento a associação hierárquica entre os mecanismos executados na integração sintática das orações e as relações semântico-cognitivas, além de expor exemplos prototípicos para cada associação.

Quadro 8 – Especificações da escala de complementação de Givón (2001)

Mecanismo sintático	Relação semântico-cognitiva e exemplo
Colexicalização <i>(alçamento de predicado)</i> Junção dos dois verbos, principal e complemento, na formação de uma única palavra fonológica.	<i>Predição:</i> Quanto mais alto um verbo principal estiver na escala semântico-cognitiva de integração de eventos, maior a probabilidade de ele se colexicalizar com o verbo da oração completiva. <i>Exemplo:</i> construção causativa românica mono-oracional [<i>fazer</i> + <i>V_{inf}</i>]: (Espanhol) José le <u>hizo-comer</u> a Juan (<i>José fez Juan comer</i>).
Marcação de caso e relações gramaticais Marcação de caso do objeto da oração principal e do sujeito da oração completiva.	<i>Predição:</i> Quanto mais integrados estiverem os dois eventos nas orações principal e completiva, menor a probabilidade de o Sujeito da completiva receber o papel de agente prototípico. <i>Exemplo:</i> clítico <i>o</i> como objeto direto no caso acusativo: Ela <u>o</u> mandou sair de casa.
Finitude da morfologia verbal <i>Status</i> de finitude da morfologia do verbo da oração completiva	<i>Predição:</i> Quanto mais alto um verbo principal estiver na escala de complementação, e quanto mais integrados estiverem os eventos da principal e da completiva, mais nominal e, portanto, menos finito, o verbo da completiva aparecerá morfologicamente. <i>Exemplo:</i> contraste entre formas subjuntiva e infinitiva: Eu queria que ele <u>saísse</u> daqui / Eu quero <u>sair</u> com os amigos.
Lacuna interoracional A separação das orações principal e completiva por um morfema subordinativo ou por uma pausa entoacional	<i>Predição:</i> Quanto mais baixo o verbo da oração principal estiver na escala de complementação e, portanto, quanto menos integrados cognitivamente e semanticamente estiverem os eventos das orações principal e completiva, maior a probabilidade de um morfema subordinativo ser usado para separar as duas orações. <i>Exemplo:</i> o uso do complementizador <i>que</i> em discurso indireto: Ele disse <u>que</u> você trabalhou muito hoje.

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Givón (2001, p. 59-72).

Em razão dos interesses desta tese, a descrição prototípica da classe verbal manipulativa, atuante na escala mostrada, deve considerar os protótipos semântico e sintático. No protótipo

semântico, o Agente, Manipulador, requerido pelo verbo da oração principal manipula o comportamento do Manipulado: um Agente potencial, o Manipulado requerido pelo verbo principal, é correferente ao Agente requerido pelo verbo da oração completiva, que codifica o evento alvo a ser realizado pelo Manipulado. No protótipo sintático, o Agente Manipulador requerido pelo verbo da oração principal é o Sujeito da oração principal; o Manipulado requerido pelo verbo da oração principal é ou Objeto Direto ou Objeto Indireto do verbo da oração matriz, mas pode também ser o Sujeito da oração completiva, codificado como zero sintático. O verbo da oração completiva comumente apresenta morfologia infinitiva ou nominalizada; ocupa a posição típica em relação ao Objeto na oração principal (OV ou VO) e se enquadra em um contorno entoacional unificado com a oração principal. Como exemplo dessa caracterização delineada por Givón (2001), apresento a situação manipulativa em (23), envolvendo o predicado *mandar*.

- (23) [...] De manhã, logo cedo, disseram ao Juiz de Paz que o carcereiro lhe queria fallar; **o Juiz de Paz mandou-o entrar**. O carcereiro pallido, tremulo, e desconcertado, apenas viu o Juiz de Paz, atirou-se- lhe aos pés, exclamando: - Meu senhor, me valha... estou perdido... (19MMR_TYBR).

Nessa ocorrência, o *Juiz de Paz*, atuando como Manipulador e expresso como Sujeito da oração principal, emite uma ordem para que o *carcereiro*, Manipulado codificado como Objeto Direto do verbo da oração principal, e Agente potencial do evento codificado na oração completiva, execute a ação de entrar. Esse evento, codificado na forma infinitiva, incorpora-se à oração principal, formando o complexo oracional manipulativo.

Dessa caracterização, que evidencia os papéis sintáticos e semânticos dos participantes da manipulação, bem como a integração entre os dois eventos do ato manipulativo, destaco a conceptualização do Manipulado como Agente potencial, retirando seu tradicional papel de Paciente e lhe atribuindo a capacidade de superar a força persuasiva imposta pelo Manipulador. Também, destaco o interessante fato, pouco reconhecido nos estudos consultados, da possibilidade de o Manipulado ser codificado como zero na oração completiva.⁶⁵

Givón (2001) defende que classe de verbos manipulativos deve ser investigada pela junção da integração do evento – subdividida entre temporal (*cotemporalidade*), espacial (*contato direto*) e referencial (*correferência*) – e da agentividade – com os traços *intencionalidade*, *controle* e *poder coercivo*. Como essas subdivisões não são totalmente

⁶⁵ Esta outra estrutura manipulativa, em que o Manipulado é codificado como zero sintático, será abordada detalhadamente na seção de análise desta tese.

independentes umas das outras, Givón (2001) oferece os princípios dados no Quadro 9, para esclarecer como ocorre essa integração.

Quadro 9 – Dimensões semântico-cognitivas da manipulação

<i>Cotemporalidade e evento unificado</i>	Quanto mais cotemporais são os dois eventos, maior é a probabilidade de que eles não sejam independentes um do outro, mas constituam um único evento complexo.
<i>Agentividade e sucesso manipulativo</i>	Quanto mais bem-sucedida for a manipulação, menos controle tem o Manipulado e menos Agentivo ele/a é.
<i>Controle agentivo e integração temporal</i>	Se o Manipulado estiver agindo por motivação própria, ele pode agir em <i>seu próprio tempo</i> .
<i>Contato direto e sucesso manipulativo</i>	Quanto mais direta for a manipulação, maior é a probabilidade de seu sucesso.
<i>Resistência, coerção e sucesso</i>	Se o Manipulado tem força e vontade para resistir, então: i) o Manipulador deve recorrer à força coercitiva; e ii) a probabilidade de manipulação bem-sucedida é menor.
<i>Coesão referencial e integração de evento</i>	Quanto mais dois eventos compartilham referentes, maior é a probabilidade de que esses eventos sejam interpretados como um evento único.
<i>Intencionalidade e sucesso</i>	Quanto mais forte é a intenção do Manipulador, maior é a probabilidade de seu sucesso.

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Givón (2001, p. 44-57).

Os princípios indicados no Quadro 9 englobam aspectos cruciais para a conceituação de Manipulação proposta nesta tese. O primeiro diz respeito à cotemporalidade e à união dos eventos nas duas orações, evidenciando que a contiguidade entre eventos se alimenta do compartilhamento de referentes na complementação e do contato direto entre eles.

O segundo aspecto enfatiza o papel do Manipulado, que, por vezes, preterido nas análises centradas no Manipulador, é descrito como portador dos traços de controle, resistência, superação, coerção e sucesso, evidenciando que os traços de agentividade podem se distribuir heterogeneamente entre os participantes da situação manipulativa.

A constituição do cenário manipulativo é o terceiro aspecto, que indica que o ato manipulativo não se restringe apenas ao entorno do complexo oracional, ou seja, à estrutura sintática e sua significação estrita, mas também considera as possibilidades de ação promovidas quando Manipulador e Manipulado interagem. Esse cenário, de caráter pragmático, qualifica o resultado da manipulação como bem-sucedido ou cogitado. Na pesquisa desenvolvida nesta tese, esses aspectos são considerados na formulação de critérios de análise, conforme descrito na seção 4, referente à metodologia adotada.

Resumidamente, esta seção mostrou que a abordagem tipológica (Shibatani, 1975; Comrie, 1989; Shibatani; Pardeshi, 2002; Dixon, 2010) favorece uma compreensão geral da causação e de suas estruturas. Particularmente, Dixon (2010) estende o entendimento da causação, em relação à semântica, subtraindo o caráter binário da atuação dos participantes e

da ocorrência do ato causativo. Posteriormente, a partir do isomorfismo entre estrutura sintática e semântica, Givón (2001) propõe uma escala de complementação, definindo os protótipos da classe de verbos manipulativos e apontando questões acerca da integração de eventos e do papel dos participantes em relação à agentividade na constituição da cena manipulativa.

3.2.2 Base cognitiva

A segunda base que fundamenta a proposta de manipulação defendida nesta tese se firma sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, principalmente, quando se acentua o importante papel dos processos cognitivos da *metáfora conceitual* (Lakoff; Johnson, 1999; 2003) e da *DF* (Talmy, 2000) na codificação das construções manipulativas nas línguas. Assim, nesta seção, exponho esses dois processos e, em seguida, apresento três propostas de descrição e análise a partir da DF (Pederson, 1991; Kemmer; Verhagen, 1994; Croft, 2012).

Cognitivamente, a causação pertence à vasta dimensão das experiências humanas básicas, nomeadas por Johnson (1987) como *Gestalt experiencial*. Nesse sentido, estruturada holisticamente, a causação representa organizações coerentes de experiências produzidas pelos corpos (aparatos perceptuais e motores, capacidades mentais, emocionais etc.) em interações com o ambiente físico (movimento, manipulação de objetos, alimentação etc.).

Essencial para o desenvolvimento das relações humanas, o domínio da causação pode ser conceitualizado, segundo Lakoff e Johnson (1999), via um protótipo metafórico complexo, organizado em torno de uma ampla variedade de metáforas conceituais.⁶⁶ Nas palavras dos autores, a causação é multivalente e “consiste em uma completa estrutura radial, com a ação humana no centro e muitas extensões. [...] A metáfora é central para o nosso conceito de causação [...]” (Lakoff; Johnson, 1999, p. 202).⁶⁷

Metaforicamente, a causação toma por base a performance volitiva e direta de um Agente humano que age sobre um Objeto (animado ou não animado), causando-lhe algum tipo de mudança. Esse movimento se traduz em duas metáforas primárias: CAUSAS SÃO FORÇAS e CAUSAÇÃO É MOVIMENTO FORÇADO. Tais metáforas formam o protótipo da causação, mapeando formas centrais de ação a partir da ação direta humana, com as seguintes propriedades: i) a aplicação da força precede a mudança; ii) a aplicação da força é contígua à

⁶⁶ A metáfora conceitual é um mecanismo cognitivo operante no eixo paradigmático da linguagem, caracterizada pela transferência unidirecional de um domínio concreto/simples (FONTE) para um domínio abstrato/complexo (ALVO). Esse processo é baseado na natureza biossocial, com inferências e motivações pragmáticas de domínios conceituais, que atendem à intenção e à expressão do falante (Lakoff; Johnson, 2003).

⁶⁷ *No original*: consists of the entire radial structure, with human agency at the center and many extensions. [...] Metaphor is central to our concept of causation [...].

mudança; e iii) a mudança não teria acontecido sem a aplicação da força (Lakoff; Johnson, 1999).⁶⁸

As propriedades indicadas acima são ilustradas pelos autores com os exemplos *Ele colocou a água para ferver* e *O discurso do diretor levou a plateia ao delírio*, que evidenciam que a força, seja física ou persuasiva, aplicada a uma entidade gera uma mudança de estado. No primeiro caso, de caráter concreto, *a água* atinge o estado de fervura, devido à força física promovida pelo Agente, *ele*; no segundo caso, de ordem abstrata, uma relação interpessoal se constrói via uma força persuasiva revelada pela forma como o Agente, *o diretor*, organizou suas ideias ao proferir seu discurso, resultando uma mudança de comportamento dos ouvintes naquela situação.

Com vistas aos interesses deste trabalho, destaco a relação causativa concebida por Lakoff e Johnson (2003) a partir da metáfora PROXIMIDADE É FORÇA DO EFEITO, que, inteiramente relacionada ao princípio de iconicidade de Haiman (1985) e Givón (2001), estabelece que, quanto maior proximidade entre as formas indicadoras de causa e de efeito, mais forte ou mais direta é a ligação causal entre elas. Diferentes construções gramaticais que ilustram essa relação são: *Maria matou Joaquim*, *Maria causou a morte de Joaquim* e *Maria fez com que Joaquim morresse*. Na primeira, há mais efetividade ou diretividade da ação, devido à proximidade das entidades envolvidas, enquanto a segunda e a terceira construções envolvem maior distanciamento formal e semântico, uma vez que é possível a interpretação de que a causa da morte pode ter sido articulada indiretamente pela Agente *Maria*.

Baseado nas premissas teóricas da Semântica Cognitiva, Talmy (2000) conceitua o processo cognitivo da DF como referente ao exercício de resistência, superação, bloqueio ou remoção de força entre as entidades em situações físicas, psicológicas, sociais, interacionais e discursivas. Genericamente, a DF descreve as tendências de ação entre participantes inanimados ou animados, que podem seguir sua tendência natural ou superá-la, por algum impacto inicial ou constante de outro participante mais forte. Para o autor, esse processo cognitivo generaliza a noção tradicional da causação.

⁶⁸ Além do protótipo, Lakoff e Johnson (1999) atestam uma variedade de extensões metafóricas do domínio causativo. A título de exemplo, algumas metáforas associadas são: i) CAUSAR É FAZER, na qual a força causal é diretamente aplicada a uma pessoa ou situação para transformá-la em algo de um tipo diferente (*Ele transformou chumbo em ouro*, *Eu fiz ele roubar todo dinheiro da mãe*); ii) PRECEDÊNCIA CAUSAL É PRECEDÊNCIA TEMPORAL, em que há relação contígua no movimento, mostrando que causas precedem seus efeitos (*A porta abriu depois que ele a puxou*); e, iii) CAUSAS SÃO CORRELAÇÕES, na qual as noções de acompanhamento e de probabilidade são realçadas; nesse caso, a ação está estritamente correlacionada a um efeito, de forma proporcional (*Com o porte de armas liberado, as mortes aumentam*). De acordo com Lakoff e Johnson (1999), há ainda a *causação emocional*, em que uma percepção ou pensamento é conceituado a partir de estímulo externo que produz uma emoção em nós (*A beleza do mar me fez chorar*), e a *causação habilitadora*, que envolve a ausência ou remoção forçada de um impedimento à ação (*Os policiais deixaram o assassinato acontecer*).

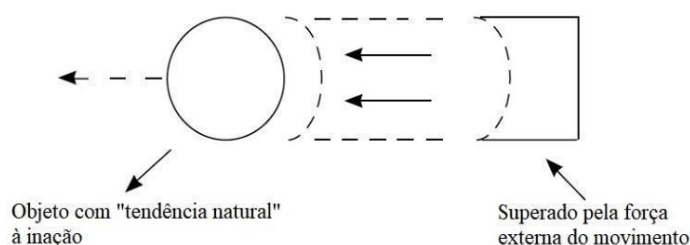
Talmy (2000) objetiva integrar a DF ao rol das categorias semânticas fundamentais, como Tempo, Modo, papéis temáticos, defendendo que a estruturação semântica das línguas se relaciona à organização conceitual de sistemas cognitivos. Assim, a DF seria tanto uma categoria semântica quanto um processo cognitivo importante para a estruturação de partes do sistema gramatical, mas baseado no processo mais amplo de metáfora/transferência conceitual.

A fórmula básica da realidade semântica da causação traduzida pela DF envolve duas entidades opostas: Antagonista, normalmente, o Causador do evento, e Agonista, geralmente, o Causado. Por meio de constantes interações opositivas, possibilidades de ação entre as entidades, uma mais fraca e outra mais forte, sempre em posições opostas, se constroem. Nesse embate, o evento resultante tem uma tendência natural de estar em um estado de movimento oposto ao outro evento; um participante exerce uma força que supera/vence a tendência natural de um segundo participante (Talmy, 2000).

Com o intuito de exemplificar o processo da DF, a oração em (24), seguida do diagrama da Figura 8, expressa uma situação causativa básica de ordem física.

(24) O movimento da bola fez o porta-retrato cair da mesa.

Figura 8 – Diagrama da situação causativa de força física



Fonte: Talmy, (2000, p. 489, tradução própria).

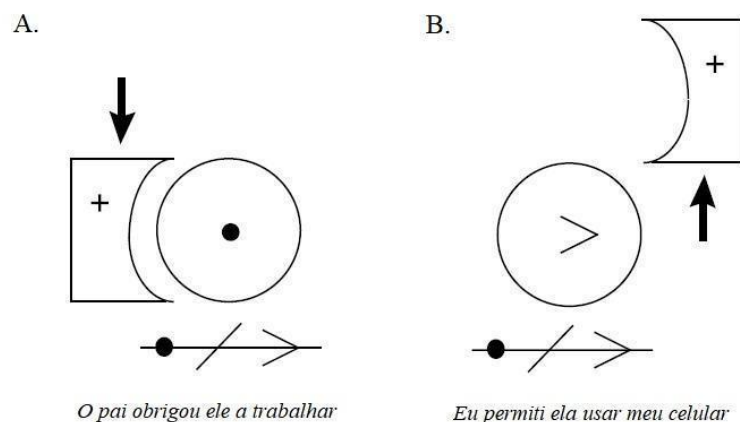
No caso ilustrado acima, o Agonista, *porta-retrato*, ilustrado pelo círculo, possui tendência natural à estaticidade; no entanto, essa inércia é superada pela força lançada pelo Antagonista, *a bola*, representado pelo retângulo cortado, colocando-o em movimento, indicado pelas flechas, e alterando seu estado inicial. Esse resultado apenas se dá pela interação entre os dois participantes e os dois eventos em ordenação temporal. Para além da força física, Talmy (2000, p. 459) argumenta que “a língua expande amplamente seus conceitos de interação de

força física ao comportamento dentro da psique e entre as psiques. Ou seja, ela concretiza amplamente o domínio psicossocial de referência.”⁶⁹

Dessa maneira, Talmy (2000) expande o conceito de DF para o desejo psicológico de agir sobre o outro, de psiques em oposição de forças e de pressões sociais. Para o autor, as manifestações de forças entre entidades humanas são tratadas como decorrentes da força psicológica subjacente, ou ainda, de um complexo psicológico de esforço. Portanto, quando os participantes Antagonista e Agonista são assim caracterizados, não há uma situação causativa básica, mas eventos causativos psicológicos que incluem faculdades mentais. O autor defende ainda que, nesse contexto, essas entidades são Agentes com diferentes graus de agentividade, pois são conscientes, com corpo, volição e intenção, e pretendem que determinado evento resulte de um evento anterior. Para exemplificar, o autor se vale da oração *O homem resistiu à pressão da multidão contra ele* (*The man resisted the pressure of the crowd against him*), para mostrar que, se o *homem* fosse considerado apenas como entidade física, sem componente psicológico, seu papel seria de Agonista, dinamicamente mais fraco, sendo arrastado pela *multidão*, Antagonista, mais forte. No entanto, a presença da parte psicológica na vida humana torna a entidade, *homem*, mais forte, capaz de resistir à *multidão*, mantendo o esforço continuamente renovado e possibilitando a superação da força exercida pelo Antagonista.

Em concordância com a caracterização de manipulação deste trabalho, trago, nos diagramas da Figura 9, exemplos do português para situações de ordem e de permissão, relacionadas a mecanismos de persuasão entre entidades com traço [+ humano], que estão em posições opostas de forças interpsicológicas.

Figura 9 – Diagramas de situações manipulativas de ordem e permissão



Fonte: Elaboração própria.

⁶⁹ No original: language largely extends its concepts of physical force interaction to behavior within the psyche and between psyches. That is, it largely physicalizes the psychosocial domain of reference.

Nos diagramas da Figura 9, as situações causativas complexas se desenvolvem pelo confronto de forças interpsicológicas. Em A, a situação de ordem, expressa pela construção com o predicado *obrigar*, envolve um Antagonista, *o pai*, mais forte, responsável e com autoridade, representado pelo retângulo cortado com o símbolo +, e o Agonista, *ele*, sem os traços de volição e controle, ilustrado pelo círculo junto a um ponto. A interação entre as entidades é representada pela linha, evidenciando que o Agonista, com tendência intrínseca à inércia, é conduzido à ação, resultando na performance do EsCo esperado *trabalhar*. Em B, o contexto de permissão, codificado pela construção com o predicado *permitir*, evidencia que o bloqueio do Antagonista *eu*, mais forte, é desfeito, liberando o Agonista *ela*, a manifestar sua tendência de realização do EsCo *usar o celular*. Esse movimento é retratado pela remoção de barreiras pelo Antagonista, indicado pelo retângulo cortado, e pela possibilidade de o Agonista, representado pelo círculo e pelo símbolo >, de efetivar o EsCo.

A extensão da DF para forças interpessoais, conferidas nos exemplos da Figura 9, é tema, por excelência, desenvolvido na proposta de Talmy (2000), que, sem se limitar às forças físicas, traz todo aporte social e interativo das experiências humanas para explicar a codificação desse tipo de construções no sistema linguístico. Nas palavras do autor:

Uma analogia metafórica básica está em ação aqui, aparentemente incorporada à organização semântica. A base da metáfora é a imposição direta de força física de um objeto sobre outro objeto para que este último manifeste uma ação particular. Conceptualizado como análogo a isso é a produção de estímulos por uma entidade autoconsciente, incluindo a comunicação, que é percebida por outra entidade autoconsciente e interpretada como razão para realizar de modo volitivo uma determinada ação (Talmy, 2000, p. 438).⁷⁰

Como exemplo de forças sociais opostas operantes na comunicação cotidiana entre os participantes, exponho a ocorrência em (25).

- (25) Ele perdeu o controle da direção e bateu nas ferragens. **Eu disse para ele descer**, mas ele preferiu ficar no carro. (20assiscity.com).⁷¹

⁷⁰ *No original*: A basic metaphoric analogy is at work here that is seemingly built into semantic organization. The base of the metaphor is one object's direct imposition of physical force on another object toward the latter's manifesting a particular action. Conceptualized as analogous to this is one sentient entity's production of stimuli, including communication, that is perceived by another sentient entity and interpreted as reason for volitionally performing a particular action.

⁷¹ Algumas ocorrências apresentadas nesta seção são oriundas do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006; 2016). Tal *corpus* se subdivide-se em grandes *subcorpora*, como gênero/histórico, composto por mais de 45 milhões de palavras (mais de 57 mil textos escritos em português do século XIII ao século XX), e o *web/dialetos*, composto por 1 bilhão de palavras, reunindo dados de páginas eletrônicas de quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), privilegiando ocorrências do português contemporâneo do século XXI.

Mesmo composta por um verbo prototipicamente *dicendi*, a ocorrência denota função manipulativa, em que o Antagonista *eu*, por meio da comunicação direta, visou afetar o Agonista *ele*, quanto à realização da ação *descer do carro*. Em outras palavras, o efeito semântico de *eu disse* advém dessa interação social como forma de dinamismo de forças, com o Antagonista exercendo pressão persuasiva sobre o Agonista, que, nesse caso, não é bem-sucedida, porque o Agonista resiste à manipulação do Antagonista. Esse caráter persuasivo, envolvendo a semântica *dicendi*, pode se manifestar em situações não prototípicas da categoria manipulativa, devido à neutralidade da semântica verbal, assemelhando-se a um relato, ao contrário de predicados inteiramente manipulativos, como *mandar*.

Depois de apresentar como os processos cognitivos de metáfora conceitual e de DF são pensados no âmbito da causação, passo à exposição de três trabalhos que conceituam e descrevem tipos causativos a partir da DF (Pederson, 1991; Kemmer; Verhagen, 1994; Croft, 2012).

A investigação de Pederson (1991) visa identificar os tipos semânticos causativos, sob a alegação de que, se se considera as formas causativas na expressão de algum tipo de força do Causador ao Causado, a tarefa de determinar sua semântica não se torna difícil, uma vez que o uso da força, especialmente, ligado à causação social, é consequência das conceptualizações da sociedade, que, em um movimento de estímulo e experiência, transfere forças da percepção física para domínios psicológicos e motivacionais. Nessa base, o autor determina que, em ordem de diminuição de forças, verbos causativos podem implicar força direta sobre um Agonista em direção ao evento resultante e dispõe essa gama de funções centrais, que varia de uma construção a outra, em um *continuum* que representa um grupo de protótipos causativos, como ilustrado no Quadro 10.

Quadro 10 – *Continuum* de construções causativas

<i>Antagonista muito responsável</i>	Força > Coerção > Diretiva/Ordem > Instrutiva > Permissiva > Habilitativa	<i>Antagonista menos responsável</i>
--	---	--

Fonte: Adaptado de Pederson (1991, p. 338, tradução própria).

No quadro acima, participa do extremo à esquerda um Antagonista com ação física direta sobre um Agonista, enquanto no extremo à direita, há uma força habilitativa do Antagonista comunicada ao Agonista. De acordo com o autor, as construções causativas não se restringem a um tipo específico e podem se estender para outras funções, a depender da responsabilidade significativa do Antagonista/Sujeito e da ligação direta ou indireta entre os dois eventos causativos. Ainda no extremo à esquerda da escala, os tipos *força* e *coerção*

denotam um Antagonista que, totalmente responsável e controlador da situação, *força* e *obriga* fisicamente a realização de um determinado EsCo pelo Agonista. Seguindo para o âmbito psicossocial, no tipo *diretivo/ordem*, o Antagonista, com autoridade, *ordena* e *exige* a realização do EsCo. No tipo *instrutivo*, o Antagonista, não exercendo total força ou autoridade, *diz*, *avisa* e *recomenda* a realização de um EsCo. No extremo à direita, o tipo *permissivo* trata de um Antagonista com controle sobre o todo causativo, pois ele mesmo pode (não) ser a barreira para a realização do evento pelo Agonista, ou seja, ele pode (não) *permitir* ou *deixar* o Agonista realizar uma ação. Finalmente, no tipo *habilitativo*, o Antagonista exerce força de forma a *habilitar* a realização do EsCo pelo Agonista, que, por si, é incapaz de performar a ação, caso em que as entidades trabalham juntas na remoção de barreiras.

O segundo trabalho é o de Kemmer e Verhagen (1994), que se aproxima da proposta de Pederson (1991), por explorar, com mais afinco, as possibilidades semânticas da causação, indo além do caráter imediatista, direto, desse domínio. Kemmer e Verhagen (1994) propõem quatro tipos de causação: i) *física direta* (*Ela fez o vaso cair*); ii) *física indireta* (*Ela fez o vaso cair, jogando a bola nele*); iii) *indutiva*; e iv) *habilitação/permissão*. Aqui, restrinjo-me à explicação dos dois últimos tipos.

De acordo com Kemmer e Verhagen (1994), a causação indutiva tem o Causado como uma entidade agentiva, que é levada a agir por algum meio não físico, geralmente por algum estímulo verbal produzido pelo Causador (*Ela pediu para ele escrever a carta*). Já o tipo habilitação/permissão não envolve o exercício de força sobre uma entidade para provocar um evento que, de outra forma, não teria acontecido. Trata-se, pois, da remoção, pelo Causador, de uma barreira que estava impedindo o Causado de realizar ou sofrer o evento efetuado. Habilitação se refere à barreira física (*Sônia deixou a água escorrer da banheira*), enquanto permissão, à barreira social ou físico-social (*A mãe deixou o filho comer chocolate*).

Os tipos causativos arrolados por Pederson (1991) e Kemmer e Verhagen (1994) têm definições semelhantes: os tipos *força* e *coerção* do primeiro autor se aproximam dos tipos *causação física direta* e *indireta* dos outros dois autores, além do fato de, nos dois trabalhos, *diretivo/ordem* e *instrutivo* se ligarem ao tipo *indutivo* e de *permissivo/habilitativo* aparecer sob o mesmo rótulo. A única divergência é a de que, para Pederson (1991), esses tipos podem ser sociais, não restritos a ações físicas, enquanto para Kemmer e Verhagen (1994), há restrição do tipo *habilitativo* ao domínio físico e do de *permissão*, ao domínio interpessoal.

O terceiro trabalho é o de Croft (2012), que, na adoção do modelo da *GC Radical* (Croft, 2001), objetiva evidenciar as relações entre a estrutura argumental e o processo cognitivo da DF. Em sua proposta, o autor argumenta que as dimensões gramaticalmente relevantes na

realização da estrutura argumental são aspecto e causação (ou DF).⁷² A primeira se refere ao desenvolvimento do evento no tempo, e a segunda se constrói via interações entre os participantes e seus respectivos papéis semânticos nos eventos; resumidamente, “estrutura causal é, de fato, o determinante semântico primário para a realização argumental” (Croft, 2012, p. 4).⁷³

Ao estabelecer críticas aos trabalhos seminais de Talmy (1988; 2000), Croft (2012) revisita e oferece uma análise aprofundada acerca dos tipos causativos. Assim, define quatro tipos causativos: i) *físico* (*A pedra quebrou o vaso*); ii) *volitivo* (*João quebrou o vaso*); iii) *afetação* (*O cachorro me assustou*); e iv) *indutivo* (*Maria me convenceu a ir à festa*), com base no tipo de entidade (física ou mental) que, envolvida na ação, se estabelece na estrutura argumental como Iniciador ou Ponto final (renomeação dos termos Antagonista e Agonista, respectivamente).

Devido aos propósitos desta tese, restrinjo-me à explicitação do tipo indutivo, que, segundo o autor, é o mais complexo, pois há dois participantes com capacidades mentais. O primeiro, o Iniciador, é sempre codificado como Sujeito da construção, mas o segundo, o Ponto final, nem sempre apresenta clara classificação sintática, uma vez que pode ser afetado pela ação do Iniciador, mas também pode ter controle sobre o resultado em maior ou menor grau. Em outras palavras, a transmissão da relação de força entre o Iniciador mental e o Ponto final mental não é fortemente assimétrica quanto o é com um Ponto final físico, pois os participantes podem estar em papéis causais quase simétricos em transmissão de força ambivalente.

De acordo com o autor, o tipo indutivo atesta que o verbo, cujo significado é causativo, não descreve realmente a ação realizada pelo Ponto final, pois tal ação advém de outra forma verbal, como um infinitivo, oração subordinada finita ou construções de verbos seriais. Dentre tantos exemplos translinguísticos dados por Croft (2012), reproduzo em (26) o caso de uma construção da língua espanhola.

- (26) Había ordenado retirarse a todas sus sirvientas.
 tinha.3PS ordenado retirar.REFL a todas suas criadas.
 “Ela ordenou que todas as suas criadas se retirassem.”
 (Croft, 2012, p. 266, tradução própria).

Em (26), o Iniciador é instanciado, morfologicamente, pelo pronome nominativo de terceira pessoa do singular, e o Ponto final, pelo sintagma *a todas sus sirvientas*, marcado pelo

⁷² O autor considera os termos causação e DF como sinônimos.

⁷³ *No original*: causal structure is the primary semantic determinant for argument realization.

caso dativo. Nessa construção perifrástica, *había ordenado* introduz o verbo reflexivo *retirarse*, que perfila o segmento do Iniciador na cadeia causal.

Dois pontos da proposta de Croft (2012) merecem atenção. O primeiro diz respeito à concepção de causação como sinônimo de DF; embora esse processo cognitivo seja inerente à expressão causal, entendo que a separação entre os dois termos deva ser considerada, porque, nessa associação de conceitos, a DF parece se restringir à causação, o que não é uma decorrência necessária. O segundo ponto é a ausência de uma classificação expandida de tipos causativos interpessoais. Apesar de o autor mostrar a relevância dos diferentes modos de transmissão de forças entre os participantes humanos da cadeia causal, ele se restringe ao tipo indutivo, não estendendo sua classificação a tipos como permissivo, como fazem Pederson (1991) e Kemmer e Verhagen (1994).

Em suma, esta seção expôs, por meio da metáfora conceitual e da DF, propostas para a descrição de diversos tipos de construções causativas. Na perspectiva de Lakoff e Johnson (1999; 2003), a semântica causativa mostra ampla variação a partir de um protótipo, advindo de metáforas conceituais. Depois, tratando do exercício de forças físicas e psicológicas entre entidades, a DF (Talmy, 2000) foi conceituada e explicada com base em três trabalhos (Pederson, 1991; Kemmer; Verhagen, 1994; Croft, 2012) que, semelhantemente, categorizam os tipos causativos em um *continuum* que parte da força física, passando por ordens e instruções, até permissões e possibilidades de realização do evento causativo.

3.2.3 Base antropológica

O terceiro fundamento para a proposta de conceituação do domínio manipulativo interpessoal se encontra nos estudos da Linguística Antropológica, cujo objetivo é o de explicar como as relações sociais se formam, se mantêm e se transformam pelo uso da linguagem.

Os participantes de um evento comunicativo adotam maneiras de gerir suas formas de ação pelo modo de se comunicar nos tipos de relações estabelecidas, entendidas como *locus* central da causa, condição e consequência do comportamento comunicativo. A manutenção dessas relações se desenrola pelo gerenciamento diádico (Falante e Ouvinte, e com outros: uma terceira pessoa), que se constitui essencialmente por diferentes tipos de vínculos, como de parentesco (*mãe/filho*), de profissão (*chefe/empregado*), de instituição (*professor/aluno*) etc., formando-se diferentes sistemas sociais (Enfield, 2013).

O ponto central para a análise das situações manipulativas está nas relações diádicas, porque “manipular os outros no mundo social requer o uso de signos como meios para fazer

com que as mentes e os corpos dos outros sejam afetados de maneiras relativamente previsíveis, para fins relativamente previsíveis” (Enfield, 2013, p. 12).⁷⁴ Então, nas interações, os membros da diáde arrolam um conjunto de direitos e deveres, além de aplicarem habilidades cognitivas, como antecipação de interpretações e promoção de avaliações sobre o engajamento entre eles. Esse envolvimento entre pessoas apenas acontece quando se implementa o conhecimento compartilhado ou lugar comum,⁷⁵ armazenado como representações cognitivas de signos e estruturas convencionais da língua. Portanto, a aplicação efetiva da sociabilidade decorre do uso da linguagem e de outros comportamentos corporais na exploração do ambiente, sempre na busca de formas de administrar socialmente os outros para atingir o resultado ou benefício desejado, desde uma ajuda em mover um objeto para outro espaço até a prática persuasiva (Enfield, 2013).

O *modus operandi* das práticas sociais se assenta no conceito de *status*, pois inclui:

um conjunto de direitos, deveres e disposições em um dado momento, em relação aos demais membros do grupo social. Uma pessoa tem inúmeros *status* ao mesmo tempo, e qualquer um deles pode ser invocado por um ou outro motivo [...] O *status* de uma pessoa deve corresponder ao comportamento da pessoa. O *status* tanto prevê quanto explica o comportamento, assim como o comportamento prevê e explica o *status* (Enfield, 2013, p. 57).⁷⁶

Na interação social, as pessoas exercem diferentes *status* de natureza diádica, estabelecidos em um lugar comum, os quais definem a responsabilidade normativa nas relações sociais institucionalizadas, como as decorrentes de um *status* permanente (de *pai/filho*, por exemplo) ou de longo prazo (como o de *sogra/genro*) e de *status* obrigatórios imediatos, decorrentes do ato comunicativo (*a pessoa que fez uma pergunta/a pessoa que deve rapidamente respondê-la*).

Nesta tese, o conceito de *status* é aplicado à análise dos dados e se implementa a partir da identificação das relações e hierarquias sociais entre os participantes das situações

⁷⁴ *No original*: Manipulating others in the social world requires the use of signs as means for causing others’ minds and bodies to be affected in relatively predictable ways, toward relatively predictable ends.

⁷⁵ O conceito de lugar comum se refere ao “estoque aberto de presunção compartilhada que alimenta a inferência amplificativa na comunicação (Grice 1989), impulsionada pela atribuição de intenção e outros componentes definidores do mecanismo de interação (Levinson 1995, 2000, 2006)” (Enfield, 2008, p. 223). *No original*: constitutes the open stockpile of shared presumption that fuels amplificative inference in communication (Grice 1989), driven by intention attribution and other defining components of the interaction engine (Levinson 1995, 2000, 2006).

⁷⁶ *No original*: a collection of her rights, duties, and dispositions at a given moment, relative to other members of the social group. A person has innumerable statuses at any one time, and any of them may be invoked for one or another reason. [...] A person’s status should fit with the person’s behavior. Status both predicts and explains behavior, just as behavior both predicts and explains status.

codificadas nas construções manipulativas interpessoais, possíveis de serem apreendidas no contexto mais amplo das ocorrências.

Ação social é outra noção de que trato porque ela é essencial para a compreensão do comportamento humano nas situações diversas, inclusive nas manipulativas. Para que uma ação social seja consumada, a exemplo de um diálogo envolvendo duas pessoas, três requisitos são essenciais:

- (1) a pessoa A deve ter possibilitado à pessoa B atribuir uma ação ao comportamento de A,
- (2) a pessoa B deve ter respondido de uma forma que mostrasse evidências de uma atribuição em algum nível, e (3) o movimento responsivo de B deve ter sido posteriormente 'permitido' (ou seja, não contestado) e, portanto, implicitamente ratificado (Enfield; Sidnell, 2017, p. x).⁷⁷

Sobre a natureza da agentividade na ação social, Enfield (2013) e Enfield e Sidnell (2017) defendem a agentividade nos atos comunicativos como não binária, argumentando que não existe uma gradiência simples de maior ou menor agentividade, pois há sempre uma assimetria entre as pessoas em interação. Os autores preferem fazer uso do termo *agentividade distribuída*, que retrata as pessoas agindo como uma unidade social, compartilhando a relação agentiva, que “não é totalmente localizada nos indivíduos, mas é socialmente distribuída” (Enfield, Sidnell, 2017, p. 67).⁷⁸

Rossi e Zinken (2017) exemplificam a agentividade distribuída citando a situação manipulativa mais comum de nosso cotidiano: *pedido de ajuda*, que abrange as instâncias de conduta de uma pessoa e a assistência de outra e que, geralmente, são codificadas pelos predicados manipulativos estudados em contexto de complementação. Por exemplo, quando *Teresa manda que Daniel jogue o lixo no cesto*, é *Teresa* quem planeja o comportamento, mas *Daniel* quem o executa; e quando *um amigo de Carlos lhe pede que explique o conteúdo passado pelo professor* durante a aula, é *Carlos* quem relata os ensinamentos, mas o *professor* é o responsável pelo que foi dito.⁷⁹

O caráter distributivo da agentividade e o posicionamento dos indivíduos frente à ação social, visando ao alcance de objetivos, depende do reconhecimento de dois componentes da agentividade: *flexibilidade e responsabilidade*.

⁷⁷ *No original*: (1) Person A must have made it possible for Person B to ascribe an action to A's behaviour, (2) Person B must have responded in a way that showed evidence of an ascription at some level, and (3) B's responsive move must have been subsequently 'allowed through' (i.e., not contested) and thus implicitly ratified.

⁷⁸ *No original*: not to be wholly located in individuals but, rather, is socially distributed.

⁷⁹ Os parâmetros semânticos de Dixon (2010), que tratam de volição e afetamento se relacionam diretamente à noção de agentividade distribuída, porque, mesmo que a cooperação seja traço da natureza humana (Tomasello, 2008), há possibilidade de não ação, ratificando a opção de escolhas por parte do Causado, que, caso assuma o papel de Paciente no sentido estrito, estaria inteiramente desprovido de tais alternativas.

De acordo com Enfield (2013) e Enfield e Sidnell (2017), a flexibilidade engloba três aspectos essenciais: i) o *controle*, que implica em direcionar um comportamento para ocorrer em um local e tempo específicos; ii) a *composição*, que projeta um comportamento para atingir um objetivo específico, definindo o que deve ser feito e como; e, por fim, iii) a *compreensão*, que consiste em compreender e antecipar efetivamente como os outros podem perceber e reagir ao comportamento. Já a responsabilidade compreende três pilares essenciais: i) o *ser avaliado*, que envolve a avaliação pública do comportamento por meio de elogios ou críticas; ii) o *ter direitos*, que implica no reconhecimento de algum direito para realizar o comportamento, acompanhado da apresentação de razões para isso; enfim, iii) o *ser obrigado*, que consiste no reconhecimento por outros como portador do dever de executar um comportamento, acompanhado de razões para esse fim. Tais noções, segundo Enfield e Sidnell (2017), não são totalmente independentes, podendo estar correlacionadas, pois, o comportamento “[...] É um lócus para a instanciação, manutenção e transformação das relações sociais, [...] os participantes envolvidos nunca são totalmente equivalentes em *status* com relação à agentividade que compartilham (Enfield, 2013, p. 117).⁸⁰

Dado o cotejo de conceitos fundamentais para a compreensão da prática de modelar as ações sociais, Enfield e Sidnell (2017, p. 76-77) apresentam a caracterização geral da manipulação interpessoal:

1. Mesmo que B esteja sendo manipulado, B quer ajudar.
2. Enquanto A está manipulando B agora, A pode ser manipulado por B posteriormente.
3. O objetivo do comportamento pode ser compartilhado entre A e B.
4. B pode não cumprir [o objetivo] ou cumprir de forma diferente da que lhe foi solicitada, por conta de contingências reais ou potenciais.
5. A e B são responsáveis um pelo outro; razões podem ser solicitadas e/ou dadas.⁸¹

Os cinco movimentos dispostos acima indicam casos de *recrutamento* ou *pedido*, implicando sempre a partilha da ação e pressupondo motivações cooperativas mútuas. Em outras palavras, eventos cooperativos incluem um participante recrutado tanto para auxiliar outro na realização de um objetivo individual quanto para colaborar na realização de um objetivo que pode beneficiar ambos; esse fato comprova o caráter distribuído da agentividade (Rossi; Floyd; Enfield, 2020).

⁸⁰ *No original*: [...] It is a locus for the instantiation, maintenance, and transformation of social relationships, [...] the participants involved are never quite equivalent in status with respect to the agency that they share.

⁸¹ *No original*: 1. Even though B is being manipulated, B wants to help. 2. While A is manipulating B now, A may be manipulated in return later. 3. The goal of the behaviour may be shared between A and B. 4. B may not comply or may comply otherwise than as requested because of actual or potential contingencies. 5. A and B are accountable to one another; reasons may be asked for and/or given.

Essa descrição de cunho antropológico de como se desenrola as ações sociais, que incluem a ação manipulativa, na qual pessoas de *status* assimétricos agem a fim de realizar seus objetivos por meio da linguagem, tem grande contribuição para a conceituação de manipulação proposta na subseção seguinte, porque, sem se restringir a apenas sua estruturação sintática e semântica, também explora as dinâmicas sociais decorrentes da interação entre os participantes.

Ainda sobre as maneiras de cooperação e de manipulação interpessoal em sociedade, o trabalho de Givón e Young (2002) relaciona a noção de manipulação interpessoal apenas aos atos de falas, ou ainda, às situações contextuais nas quais sucedem essa prática; já, para as estruturas gramaticais expressas nesses atos, os autores seguem a tradição dos estudos linguísticos, utilizando o rótulo construções causativas, dadas as similaridades sintático-semânticas entre as categorias observadas interlinguisticamente.

Givón e Young (2002) argumentam que os contextos comunicativos nos quais ocorrem a ação manipulativa interpessoal são indiretos, não coercitivos, uma vez que a maioria dos atos de fala manipulativos se molda na cooperação interpessoal entre os membros de uma dada comunidade, regulada por convenções culturais. Tal fato mostra que a autoridade de um membro sobre outro é contingente e não coercitiva.

Próxima ao entendimento de Enfield (2013) e Enfield e Sidnell (2017), que indicam a importância do *status* social e das forças interpessoais atuantes no evento manipulativo, a concepção de manipulação de Givón e Young (2002) é exposta abaixo:

- i. Os atos de fala manipulativos reais usados entre adultos coespecíficos de uma mesma comunidade dificilmente apresentarão muitas características da estrutura gramatical causativa coercitiva direta. ii. A força ou a objetividade da construção causativa usada na expressão de atos manipulativos variará de acordo com a relação social ou status social do locutor e de seu interlocutor. iii. A força ou a diretividade da construção causativa usada na expressão de atos manipulativos também varia de acordo com o envolvimento do locutor - se ele próprio for o Manipulador, o Manipulado ou uma testemunha da cena. iv. A força ou a objetividade da construção causativa usada na expressão de atos manipulativos também variará de acordo com o *status* evidenciado pelo locutor, ou seja, se a informação foi testemunhada diretamente, inferida ou obtida por meio de boatos (Givón; Young, 2002, p. 50-51).⁸²

⁸² *No original*: i. Actual manipulative speech-acts used between adult conspecifics are unlikely to display many features of direct coercive causative grammatical structure. ii. The strength or directness of the causative construction used in reporting manipulative acts will vary according to the social relation or social status of the reporter and his/her interlocutor. iii. The strength or directness of the causative construction used in reporting manipulative acts will also vary according to the reporter's involvement – whether s/he was himself/herself the manipulator, the manipulee, a close relation to either, or a witness on the scene. iv. The strength or directness of the causative construction used in reporting manipulative acts will also vary according to the report's evidentiary status: Whether the information was directly witnessed, inferred or obtained via hearsay.

Toda argumentação sobre as relações humanas e as ações manipulativas pode ser transportada para o âmbito da linguagem, uma vez que empregamos ferramentas comunicativas para persuadir outros a agirem em nosso nome; nesse sentido, “nossos atos de fala têm poderes deônticos:⁸³ com atos de fala, atribuímos nossas razões para ação a outras pessoas” (Enfield; Sidnell, 2017, p. 69).⁸⁴

Soma-se à caracterização antropológica da manipulação, a proposta de Tomasello (2008), que, em seu modelo de cooperação comunicativa, prevê ações ou motivações sociais básicas comuns a toda espécie humana.

Pelo reconhecimento da *intencionalidade compartilhada*, conceito próximo à noção vista de agentividade distribuída, Tomasello (2008) identifica três tipos gerais de ações ou motivações sociais, que são determinados pelo tipo de resultado que o participante deseja ter ao se relacionar com seu destinatário.

O primeiro tipo, *pedido*, refere-se à solicitação de uma ajuda ou de uma informação, traduzida no imperativo: *quero que você faça algo para me ajudar*. Esse tipo varia de ordens a pedidos educados, de sugestões a insinuações, dependendo do grau com que uma atitude cooperativa pode ser assumida por parte do destinatário (Tomasello, 2008). A comparação entre os imperativos *você poderia buscar meu filho na escola?* e *busque agora meu filho, ande!*, serve de exemplo para contrastar dois graus desse primeiro tipo de ação: pedido gentil, de caráter mais polido, e ordem, de natureza impositiva.

O segundo tipo, *informação*, é um tipo de oferta de ajuda, que pode ser traduzido no imperativo: *quero que você saiba algo porque acredito que isso lhe será útil e te ajudará*, que expressa o desejo de oferta de ajuda, mesmo quando não solicitada. Nesse sentido, “informar é de fato oferecer ajuda, já que normalmente lhe informo sobre coisas que acho que você (não eu) achará útil ou interessante, dado o meu conhecimento de seus objetivos e interesses”⁸⁵ (Tomasello, 2008, p. 85). A iniciativa de notificar um amigo desempregado acerca de uma vaga de trabalho exemplifica esse tipo de ação.

Por fim, o terceiro tipo, *compartilhamento*, se refere à prática de dividir sentimentos e atitudes sobre as coisas com os outros, e o imperativo se traduz como: *quero que você sinta algo para que possamos compartilhar atitudes e sentimentos juntos*. Esse tipo não deriva de

⁸³ O conceito de poderes deônticos é cunhado por Searle (2010), que os caracterizam como direitos, deveres, obrigações, requisitos, permissões, autorizações, titularidades, e o que sustenta esses poderes é que, uma vez reconhecidos, eles nos fornecem razões para agir que são independentes de nossas inclinações e desejos.

⁸⁴ *No original*: our speech acts have deontic powers: with speech acts we bestow our reasons for action onto other people.

⁸⁵ *No original*: informing is indeed offering help, since typically I inform you of things that I think you (not I) will find helpful or interesting, given my knowledge of your goals and interests.

pedido ou informação envolvendo ajuda; apenas é um motivo social para expandir o lugar comum entre pessoas, introduzir um tópico para preparar o terreno e estabelecer maior intimidade. Exemplos para esse tipo são facilmente reconhecidos nas conversas cotidianas, como nas fofocas, na expressão de opiniões sobre os outros.

Nesta seção, evoquei conceitos centrais da antropologia linguística, focalizando as relações interpessoais. Sumariamente, na interação, o estabelecimento e o gerenciamento das relações humanas se constroem em um lugar comum, compartilhado por uma díade que possui forças para a realização de cooperações, a depender de seu *status*. As ações sociais podem ser classificadas em três tipos gerais: pedido, informação e compartilhamento.

3.2.4 Conceituando manipulação interpessoal

A fim de alcançar um refinamento entre os conceitos de causação e manipulação discutidos, adiciono, ao fundamento dessa proposta, os estudos em Semântica Cognitiva de Croft e Cruse (2004) e de Langacker (1987; 2013; 2017) e os pressupostos do modelo dinâmico de redes de Diessel (2019; 2023). Para tanto, revisito argumentos acerca da natureza do significado linguístico de manipulação e do processo cognitivo da conceptualização que o rege; na sequência, conceituo manipulação interpessoal, tal como ela deve ser entendida na investigação empreendida nesta tese; por fim, proponho a rede conceptual manipulativa, com suas propriedades e relações com outros domínios.

Ao rejeitar a ideia de que as palavras se dispõem isoladamente do mundo biossocial, a Semântica Cognitiva argumenta que os significados linguísticos “se fundamentam na interação social, sendo negociados pelos interlocutores com base na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções”⁸⁶ (Langacker, 2013, p. 4) e são vistos como conceptualizações aplicadas para propósitos comunicativos (Langacker, 2017).

Como outros processos cognitivos de domínio geral (cf. seção 2.1), a conceptualização não é exclusiva à linguagem, podendo abranger, segundo Langacker (2013), qualquer faceta da experiência mental. Assim, é compreendida como incluindo:

⁸⁶ *No original*: Linguistic meanings are also grounded in social interaction, being negotiated by interlocutors based on mutual assessment of their knowledge, thoughts, and intentions.

(1) concepções novas e estabelecidas; (2) não apenas noções “intelectuais”, mas também experiências sensoriais, motoras e emotivas; (3) apreensão do contexto físico, linguístico, social e cultural; e (4) concepções que se desenvolvem e se desdobram ao longo do tempo de processamento (em vez de serem manifestadas simultaneamente) (Langacker, 2013, p. 30).⁸⁷

A experiência do usuário com estruturas semânticas conceptualizadas em diferentes contextos gera a rede conceptual. Quando uma construção lexical ou gramatical é evocada, ela pode “ser pensada como um ponto de acesso a uma rede. O valor semântico de uma unidade simbólica é dado pelo conjunto aberto de relações... de que este nó de acesso participa” (Langacker, 1987, p. 163).⁸⁸

A constituição dessa rede prevê domínios e *frames*⁸⁹. O primeiro termo se refere ao amplo conhecimento de estruturas associadas ao nó evocado. Por exemplo, a expressão lexical *carro*, quando evocada, associa domínios múltiplos, como espaço, objeto, transporte, força, acidente, entre outros, subordinados a variações, a depender do contexto ativado (Diessel, 2019). O termo *frame* é definido por Fillmore (1982, p. 373) como:

qualquer sistema de conceitos relacionados, de modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma das coisas dessa estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras estão automaticamente disponibilizadas.⁹⁰

Como exemplo, tem-se o *frame* de evento, cujos papéis semânticos dos participantes e seus graus de proeminência em construções de estrutura argumental são evidenciados (Diessel, 2023). Especificamente, o *frame transferência*, base conceptual para todos os verbos com tal semântica, apresenta a cena em diferentes perspectivas; na estrutura de *enviar* (*Eu enviei três livros ao Sebastião*), o remetente, como Agente, é mais proeminente, mas, na de *receber* (*Sebastião recebeu três livros*), o participante principal da cena é o destinatário, podendo o remetente estar apenas implícito no evento. Em vista disso, a rede conceptual consiste em um conteúdo base, proveniente do *frame*, e em alternativas para a representação desse conteúdo. Essas possibilidades decorrem de operações de *construal*, evidenciando o importante papel do

⁸⁷ *No original*: (1) both novel and established conceptions; (2) not just “intellectual” notions, but sensory, motor, and emotive experience as well; (3) apprehension of the physical, linguistic, social, and cultural context; and (4) conceptions that develop and unfold through processing time (rather than being simultaneously manifested).

⁸⁸ *No original*: be thought of as a point of access to a network. The semantic value of a symbolic unit is given by the open-ended set of relations... in which this access node participates.

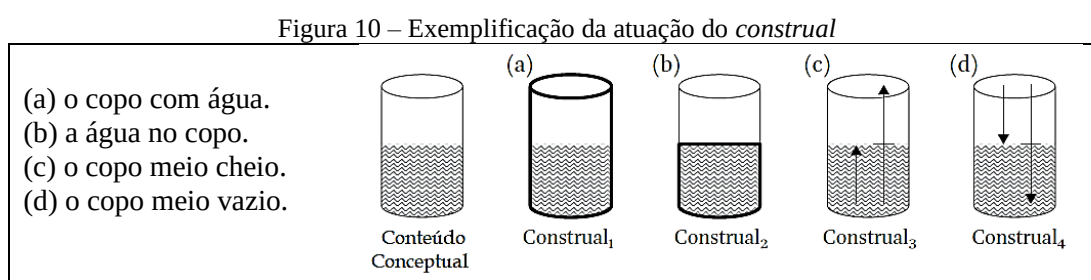
⁸⁹ Croft e Cruse (2004) usam os termos domínio e *frame* de modo intercambiável.

⁹⁰ *No original*: any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available.

usuário da língua como aquele que negocia a percepção e a descrição da experiência na produção do significado. Portanto, o *construal*:

(re)distribui a atenção de uma maneira específica ou (re)direciona a atenção para certos aspectos da situação e reflete a capacidade do usuário de ajustar o foco de atenção, alterando o que tende a ser chamado de imagem mental associada a uma situação (Croft; Cruse, 2004, p. 19).⁹¹

Na Figura 10, a relação entre os elementos *copo* e *água* serve para ilustrar de forma simples a atuação do *construal*.



Fonte: Adaptado de Langacker (2017, p. 33, tradução própria).

Na exemplificação acima, com os elementos *água* e *copo*, possibilidades podem ser construídas, a depender da perspectiva do falante. Na figura 10, quatro frases e suas respectivas ilustrações indicam que o conteúdo conceitual é o mesmo, a união dos dois elementos, mas, ora em (a) ora em (b), um dos elementos é tratado como foco de atenção, diferentemente das alternativas (c) e (d), cuja focalização é a disposição da quantidade do elemento *água*.

A partir dos trabalhos de Croft e Cruse (2004) e de Langacker (2017), algumas operações de *construal*, não excludentes, mas complementares, são importantes para o entendimento das possibilidades de construção do *frame* de manipulativo interpessoal.

As primeiras operações de *construal* se fundamentam na dimensão *atenção/saliência* (Croft; Cruse, 2004) ou *proeminência* (Langacker, 2017), indicando que certos elementos em uma situação são destacados em graus e maneiras diferentes; em outras palavras, apesar de o *frame*, de modo lógico, ser exatamente o mesmo, a proeminência faz com que o significado linguístico apresente nuances diversas. Nessa dimensão, encontra-se a operação chamada por Croft e Cruse (2004) de *seleção* e por Langacker (2017) de *perfilamento*, que ocorre quando

⁹¹ *No original*: (re)distributes attention in a specific way, or (re)directs attention towards certain aspects of the situation and reflects the user's ability to adjust the focus of attention by altering what tends to be called the mental imagery associated with a situation.

um elemento do *frame* é tomado como foco de atenção em dado contexto e concebido como referência para a construção do todo.

A segunda operação, a de *organização dos elementos da cena*, promove o ajuste dos participantes caracterizados pelos termos Figura-Fundo ou Trajetor-Marco. Comumente, o participante proeminente é o Figura/Trajetor, foco primário de uma relação perfilada, e o outro participante, Fundo/Marco, é foco secundário. No entanto, essas relações podem ser manipuladas, possibilitando contextos em que o mesmo participante pode ser mais ou menos foco de atenção. A ilustração dessa organização pode ser vista na complementação oracional, em que o evento da oração subordinada é conceitualizado como Fundo/Marco, sendo a causa ou pré-condição para ocorrência do evento da oração matriz, tratada como Figura/Trajetor (Croft; Cruse, 2004).

Outra dimensão do *construal* é a *perspectiva*, que abarca, além da localização espaço-temporal do usuário, seu ponto de vista, considerando seus conhecimentos, crenças e atitudes. Uma operação de perspectiva é a de ponto de vantagem, que indica que “não é simplesmente o cenário descrito que determina as escolhas linguísticas, mas também o ponto de vantagem adotado pelo falante, ou, ainda, o *ponto de vantagem* para o qual o falante se projeta mentalmente” (Ferrari, 2014, p. 68). Muitas vezes, essa operação se confunde com a de perfilamento, pois a relação perfilada ocorre na distribuição dos participantes, já o ponto de vista está em como se avalia essa relação, sendo então outra característica adicionada ao significado.

Outra operação de *construal* da dimensão *perspectiva*, ligada à comunicação, é a de *dêixis*, que se refere aos elementos de situabilidade do usuário, enquanto falante ou ouvinte. Essa localização dos papéis dos participantes no evento de fala afeta a estrutura dos enunciados, que, ao serem formulados, são dependentes do conhecimento compartilhado e das atitudes promovidas entre os interlocutores (Croft; Cruse, 2004). Exemplo a ser explorado nesta tese é a perspectiva em que se encontram os membros da díade na situação comunicativa, de que perspectiva se dá a manipulação entre o Manipulador, o mandante, e o Manipulado, alvo da manipulação, e como isso afeta as estruturas construcionais.

O terceiro *construal* de perspectiva é a operação de *subjetificação*, que evidencia como o usuário da língua conceptualiza uma cena, ou seja, quando ele deixa de ser apenas um observador externo ou indicado implicitamente no *frame*, se tornando parte fundamental do conteúdo conceptualizado; trata-se do processo pelo qual uma entidade passa de Objeto a

Sujeito, ou vice-versa, gerando sua contraparte: a *objetificação* (Langacker, 1987; Soares da Silva, 2015).⁹²

Outra dimensão do *construal* mencionada por Croft e Cruse (2004) é a da *constituição*, cujas operações fornecem estruturas para a experiência comunicada. Uma operação descrita pelos autores para a conceptualização de eventos é a da DF, sob a qual as estruturas são conceptualizadas como envolvendo diferentes tipos de forças que agem de diferentes maneiras nos participantes do evento e que levam a diferentes escolhas de verbo, de voz e de argumentos.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, ao consultar trabalhos de várias filiações teórico-metodológicas, constatei que o tratamento do domínio manipulativo se limitava a um dos tipos da ampla categoria da causação. Essa constatação pode ser confirmada mediante as classificações de tipos causativos de caráter interpessoal, como os tipos indutivo e permissivo, reconhecidos por Croft (2012) e Kemmer e Verhagen (1994), como os tipos escalares de Pederson (1991), como as descrições das construções linguísticas do português (cf. 3.1), ou ainda, pode ser atestada no entendimento da causação de forma mais abstrata, considerando contextos interpsicológicos e discursivos (Lakoff; Johnson, 1999; Talmy, 2000). No entanto, ao lidar com dados efetivos de uso da língua, primeiramente, em estudos sincrônicos pilotos, a fim de conhecer o objeto de análise, e, posteriormente, na observação de dados históricos, envolvendo construções completivas evocadas em contextos de interpelação entre dois agentes humanos, concluí que tratar a complexidade manipulativa e os *frames* por ela evocados como uma relação sinonímica de causação, seria insuficiente para proporcionar a compreensão de todas as suas particularidades tanto em seu funcionamento cognitivo-funcional no sistema linguístico quanto em sua realização no âmbito social.

Apreensível na adoção de um modelo de análise em redes dinâmicas (Diessel, 2019; 2023), causação e manipulação não se constituem por meio da relação entre causação, como categoria de nível abrangente (ou um hiperônimo), e manipulação, como categoria de nível abrangido (ou um hipônimo), como comumente se apreende dos trabalhos dos autores consultados, mas da inter-relação conceptual entre elas, ou seja, a manipulação compartilha traços de causatividade, como a noção de causa-efeito, porém, se firma como uma categoria semântico-pragmática diferente, merecedora de análises com detalhamentos que lhe são próprios.

Uma evidência em favor dessa caracterização específica da manipulação pode ser apreendida no tratamento do tema dispensado por Givón (1975; 2001), que, oscilante entre

⁹² Essa operação cognitiva é mais bem exemplificada na seção 3.1.2 com o caso das construções causativas com infinitivo flexionado no português (Soares da Silva, 2015).

causação e manipulação (Givón, 1975), termina por tratar, na complementação oracional, exclusivamente da classe verbal dos manipulativos, identificando protótipos formais e semânticos (Givón, 1975; 2001).

Assim, embasado nas definições de causação apresentadas nesta seção, generalizo esse vasto domínio como a ligação entre duas situações/eventos relacionados na esteira temporal, identificados como causa e efeito/resultado. Tal categoria contempla, em um *continuum* de abstratização, os tipos exemplificados nas ocorrências de (27) a (30).

- (27) Acelerou, botou um braço para fora e tive tempo apenas de pular para trás enquanto tentava sacar a arma. Disparou uma vez. A pontaria não podia ser boa porque estava atirando com a mão esquerda, o carro estava em movimento e a rua estava escura. Quando passou por nós, eu já tinha sacado a pistola; disparei três vezes, **um dos tiros quebrou o vidro traseiro do carro**. (19Fic:Br:Garcia:Silencio).
- (28) Eu estava nas três provas, jogando bem, tinha chance em todas. **E a chuva fez com que os jogos se acumulassem**. Um dia, tive de fazer quartas-de-final e semifinais de todas as provas. (19Or:Br:Intrv:ISP).
- (29) Desconheço **a razão que me leva a pensar** neste instante **no meu amigo Vigo**. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra).
- (30) Enquanto prestava minuciosa atenção ao movimento dos guindastes no porto, **deixou o pensamento emaranhar-se** livremente **em sua própria trama**. Formara, havia tempos, a idéia de que momentos de solidão eram propícios à reflexão. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio).

As ocorrências acima demonstram que a causação não se limita a contextos concretos, mas pode manifestar-se em contextos mais abstratos, seguindo características prototípicas da definição causativa: em (27), há uma causa concreta e um efeito concreto, enquanto, em (28), a causa é uma condição meteorológica, e o resultado é a não realização de um EsCo. Em (29), tanto a causa, *a razão*, conceituada como uma proposição, quanto o efeito, EsCo cognitivo *pensar*, são abstratos. Por fim, em (30), a partir da influência da cena experienciada no campo visual, considerada uma causa concreta, se gera um efeito abstrato.

A conceptualização desses dados detalha as interfaces que os distinguem do domínio Manipulativo, especialmente, o interpessoal, como o embate de forças entre dois Agentes humanos nas interações, motivado por conflitos interpsicológicos e pelas relações assimétricas entre eles relativamente aos papéis sociais desempenhados. Portanto, argumento que a causação e manipulação são domínios diferentes, mas interconectados radialmente.

Enquanto domínio conceptual complexo, a manipulação é prevista desde a ancestralidade humana, tratando-se da relação estabelecida no ambiente biopsicossocial, em

que desde a infância, os seres humanos manipulam objetos, incitam a uma ação com consequência física, e depois, abstratizam essa atividade, passando a persuadir/manipular pessoas ao seu redor por meio da linguagem, gerando consequências psicológicas no mundo. Genericamente, a manipulação envolve uma relação entre uma entidade humana que (tenta) influenciar ou provocar alterações físicas ou psicológicas em outra entidade animada ou inanimada.

O domínio manipulativo tem diferentes níveis de organização conceitual, abarcando dois *frames* centrais e um periférico. O primeiro *frame*, alicerce desse domínio, se refere à manipulação física, decorrente da capacidade humana de manipular objetos físicos. Argumento que tal *frame* é representado linguisticamente por uma predicação com diversos verbos de atividades cotidianas, como *segurar, juntar, bater, quebrar, pegar*, entre outros; e por uma entidade agentiva humana, Manipulador, e uma entidade inanimada, Manipulado, com papel de Paciente.

Conforme demonstra a ocorrência em (31), neste *frame*, devido à conexão com o domínio da causação, encontram-se traços que evidenciam a relação causal entre a Manipulação de eventos (*pegar/quebrar o copo de uísque*), manifestada por meio de ações simples. Nesse tipo concreto de manipulação, a movimentação física de partes do corpo de um Manipulador humano exerce influência direta sobre o Manipulado inanimado, gerando um efeito/consequência perceptível.

- (31) Nessa hora, **o homem pegou o copo de uísque e o quebrou** na mesa. Os garçons correram para lá. (19Or:Br:Intrv:ISP).

Dentro do *frame* de manipulação física, o dado em (32) mostra que há ações simples que tendem a diminuir gradativamente os traços causativos identificados na ocorrência anterior, visto que, agora, há interação entre dois Agentes humanos, porém, trata-se apenas de um movimento corporal, carente de um caráter interpessoal e persuasivo.

- (32) já cheguei a sair escondido, segui minha mãe, achando que eu estava protegendo ela, de tanto eu persegui- la na rua, um dia **ela me bateu** no meio da rua. (20dicadodia.com).

Do *frame* de manipulação física, por um elo de extensão metafórica, emerge o *frame* de manipulação interpessoal⁹³, foco deste trabalho, composto por dois EsCo em contexto de

⁹³ É importante pontuar que os *frames* de manipulação física e interpessoal não têm relação de precedência entre si.

complementação: o primeiro, que rege e gera todo o *frame*, é codificado em um predicado matriz cuja semântica é manipulativa, apresentada pelos tipos de imperativos de ordem, instrução, permissão e proibição, seguido de outro predicado, que indica a direção da manipulação, ou seja, através de uma dimensão espaço-temporal, há indicação do tipo de EsCo a acontecer. Ademais, duas entidades humanas em relação assimétrica, Manipulador e Manipulado, operam nesse *frame*, com diferentes graus de agentividade de caráter distributivo ou cooperativo, partilhando todo o ato, medido por meio de diferentes forças como flexibilidade, responsabilidade, *status* social e controle persuasivo, compartilhados e estabelecidos em um lugar comum. A partir dessa composição, chega-se a uma definição de manipulação interpessoal que se forma a partir das bases antropológica, cognitiva e gramatical. Então, o conceito de manipulação interpessoal que defendo nesta tese estabelece-se nos seguintes termos:

Ação social, regida pelo processo cognitivo da DF, na qual duas entidades, Manipulador e Manipulado, socialmente responsáveis, de diferentes status e força interpsicológica, agem, de modo flexível, no planejamento, no estabelecimento, na promoção ou no indeferimento do ato manipulativo, distribuído, semanticamente, entre os imperativos humanos de ordem, instrução, permissão e proibição, codificados, sintaticamente, em construções completivas finitas e infinitas, entre outras.

Nesse *frame*, quando a rede conceptual manipulativa interpessoal é evocada, sua codificação na língua pode ser exemplificada pela construção com sentido de ordem, como em *mandei ele envernizar*, em (33).

- (33) Chamei um camarada - **mandei ele envernizar** - passou um bombril e tal e coisa envernizou (19Or:Br:LF:Recf).

No *construal* evocado pela ocorrência acima, o Manipulador, codificado morfológicamente pela 1ª pessoa do singular, promove um exercício de força interpsicológica, emitindo uma ordem codificada pelo predicado *mandar* direcionada ao Manipulado, *ele*, que, partilhando esse lugar comum, é impelido a realizar o EsCo *envernizar*, subsequentemente a essa ordem. O Manipulado, ao se reconhecer como portador dessa responsabilidade, em razão do *status* social assimétrico assentado, possivelmente, em alguma relação hierárquica (de superioridade/inferioridade), coopera, efetivando o ato manipulativo, cujo cenário resultante é de uma ordem bem-sucedida.

Quando ocorre a evocação e codificação do *frame* interpessoal por um tipo de MicroCx, outros *construals* com diferentes formas tipos construcionais, a depender de fatores sociais e linguísticos, podem emergir, formando cenários favoráveis à manipulação bem-sucedida, como em (33), em que há cooperação do Manipulado para a efetivação de todo o ato, e cenários pretendidos, em que a ordem ou a permissão emitida pelo Manipulador não é sancionada pelo Manipulado, resultando na não consumação de todo ato manipulativo. Visto que o *frame* interpessoal e suas características são pontos centrais para esta tese, não trago aqui maiores explicações, pois elas estão reservadas à seção 5.

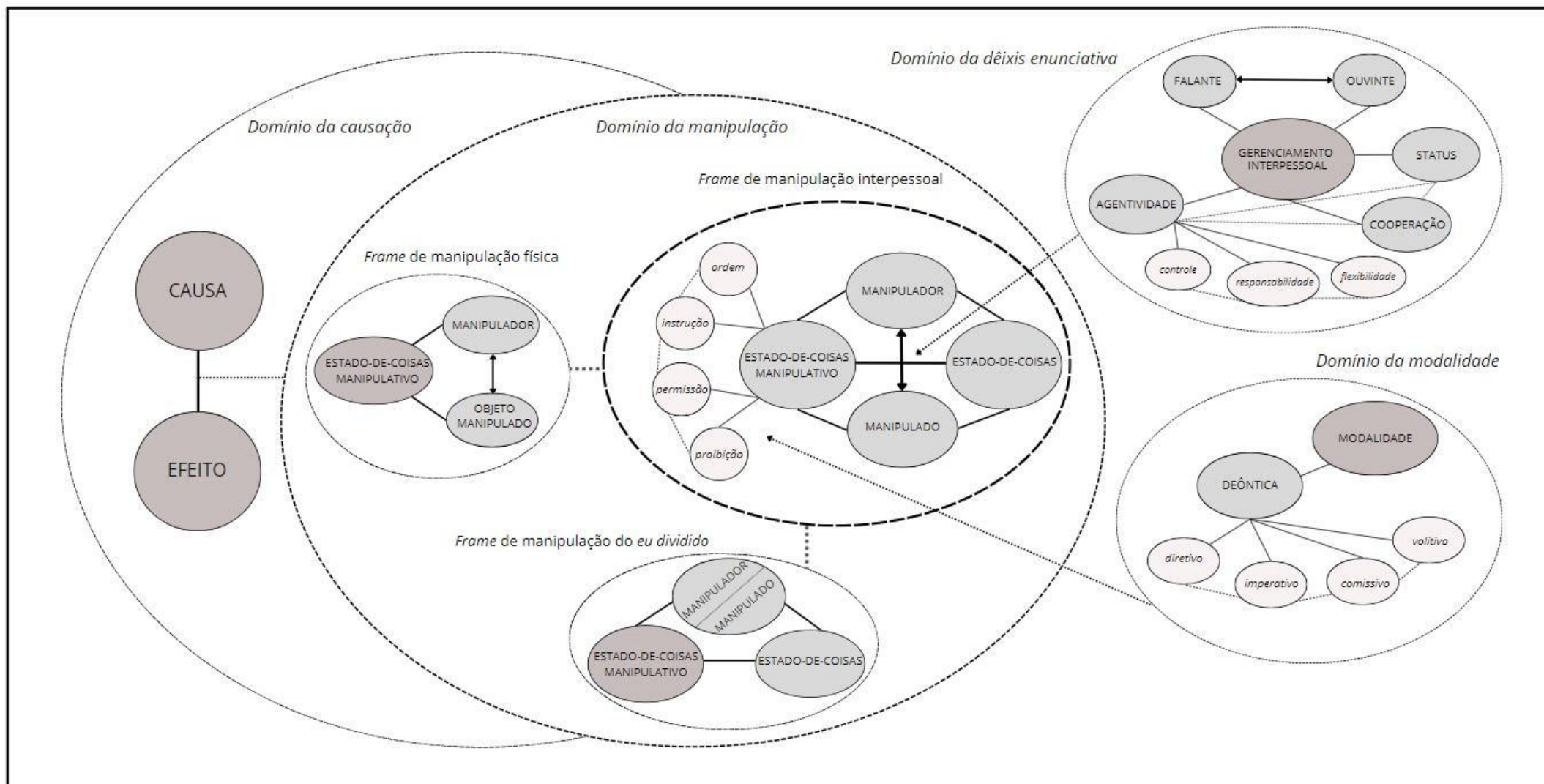
Embora não analisado neste trabalho, por não envolver os traços característicos da manipulação interpessoal, o terceiro *frame* manipulativo, também regido pela DF, chamado de *manipulação do eu dividido*, se constrói por meio de uma extensão metafórica do *frame* manipulativo interpessoal, indicando que não se trata de uma interação entre dois participantes diferentes, mas de uma única psique, ou ainda, de um único participante dividido (*self-divided*) (Talmy, 2000). Nesse tipo de manipulação, uma parte do *eu* almeja realizar um EsCo e a outra parte é contra tal realização. A figura do Manipulado é representada pelos desejos do *eu* que rejeita o estado psicológico interior, que é superado pelo Manipulador que bloqueia psicologicamente esse *outro eu*. Nas palavras de Talmy (2000, p. 432): “Este Antagonista [Manipulador] representa um senso de responsabilidade ou propriedade e aparece como uma internalização de valores sociais externos”⁹⁴. Exemplifica esse *frame* manipulativo a ocorrência em (34), em que o Manipulador, *eu*, como responsável, rende-se à força de suas vontades para possibilitar a realização do EsCo *se passar por outra pessoa*.

- (34) **me fiz passar por outra pessoa** na internet, e ele caiu varias vezes, com varias nik. era eu me passando por outra pessoa, pois eu queria ter certeza do carater dele. (20amelhordasintencoes.wordpress.com).

Fundamentado no modelo de organização em redes dinâmicas (Diessel, 2019; 2023), exibido na Figura 11, a configuração da rede conceptual do domínio manipulativo, focalizando o *frame* de Manipulação interpessoal. Essa rede conceptual e suas extensões, ao serem codificadas na língua, são representadas por outras redes, as de construções linguísticas e as de *status* sociais, apresentadas na seção 5.

⁹⁴ *No original*: This Antagonist represents a sense of responsibility or propriety and appears as an internalization of external social values.

Figura 11 – Rede conceitual de manipulação interpessoal e suas conexões



Fonte: Elaboração própria.

Em seus entornos, a rede conceptual manipulativa⁹⁵ compartilha radialmente propriedades com três domínios, representados pelas linhas pontilhadas com setas. Fundamentalmente, conecta-se com o domínio da causação, devido ao compartilhamento dos traços semânticos de causa e efeito na manipulação de eventos. Especificamente, o *frame* interpessoal também partilha propriedades com a *Dêixis enunciativa*, de base pragmática, que envolve o gerenciamento interpessoal entre a díade falante-ouvinte (aqui, Manipulador-Manipulado), seus graus de agentividade, seus *status* sociais, seus conhecimentos compartilhados, para que haja cooperação.

Outro domínio evocado, especialmente aos tipos de manipulação, é o da *Modalidade*, em particular, a deôntica, definida por Palmer (2001), como modalidade de evento, recobrindo os tipos *diretivo* (ordem e permissão), *imperativo*, *comissivo* e *volitivo*. Tal tipo de modalidade serve “de um lado para expressar ou designar vontades e desejos e, de outro, para conseguir que algo seja feito, com a imposição da própria vontade a outros agentes” (Lyons, 1977, p. 826).⁹⁶

Resumidamente, os tipos deônticos mais fortes são os diretivos, de ordem (*Você deve ir embora agora*) e permissão (*Você pode ir embora agora*), e os imperativos (*Venha aqui!*), que indicam um comando a ser realizado, proferido no ato de fala. O tipo comissivo (*Você deve fazer como eu disse*) é entendido como promessas ou ameaças proferidas pelo falante, que fica comprometido com a ocorrência do evento. Por fim, o volitivo (*Quero que você venha me ver*), que, além de conter o elemento de desejo, pode expressar uma ordem (Palmer, 2001), conforme apontado por Casimiro (2007, p. 103), que defende a sobreposição modal entre os valores volitivo e deôntico, por reconhecer que, com “a presença de uma fonte, origem da volição, e de um alvo, os verbos volitivos que expressam pedido aproximam-se dos modais deônticos, que também apresentam uma fonte e um alvo sobre quem incide a qualificação modal”.

A manipulação e a modalidade deôntica não são domínios equiparáveis, uma vez que a semântica modal não pode ser integralmente validada dentro do escopo manipulativo. Certos tipos de modalidade deôntica, como ordem e permissão, estão diretamente associados aos imperativos interpessoais investigados, enquanto o *frame* do tipo físico não manifesta relações imediatas. Portanto, concebo a manipulação não como um domínio isolado, mas como aquele

⁹⁵ Na rede conceitual, não apresento os *construals* decorrentes dos *frames* descritos, pois constituem distintas alternativas na maneira de se processar cognitivamente esses *frames*, sendo discerníveis somente quando o usuário os codifica em construções específicas. Os *construals* referentes à manipulação interpessoal serão detalhadamente abordados na seção 5.

⁹⁶ *No original*: on the one hand, to express or indicate wants and desires and, on the other, to get things done by imposing ones will on the other agents.

que compartilha radialmente traços de outros domínios, que contribuem para o desenvolvimento do conceito de manipulação interpessoal explicitado anteriormente.

Vale mencionar que os diversos componentes dos três domínios estão indicados nos círculos preenchidos em tons de cinza com conexões via linhas contínuas (relações fundamentais) e descontínuas (relações semânticas).

Na parte central da figura, se encontra a rede conceptual de manipulação, que tem uma estrutura dinâmica, representando, por meio de círculos pontilhados, diferentes domínios e *frames*. O *frame* de manipulação física, na parte esquerda, é representado com seus elementos essenciais em círculos preenchidos de cinza, *Manipulador*, *EsCo*⁹⁷, e *Objeto Manipulado*, ligados por linhas contíguas. Conectado a ele, via um elo metafórico, representado pela linha pontilhada, está, em destaque, o *frame* de manipulação interpessoal, formado por seus componentes indicados pelos círculos preenchidos: *Manipulador*, *Manipulado*, *EsCo manipulativo* e *EsCo*. As linhas contínuas e as linhas com seta entre os elementos indicam a necessidade de conexão e a íntima relação entre eles para a constituição do *frame*; também, à esquerda, são representados nos círculos em cinza os tipos de manipulação: *ordem*, *instrução*, *permissão* e *proibição*, ligados via linhas não contínuas, representando relações semânticas entre eles. Esses tipos se formam a partir do *EsCo manipulativo*, relação representada pelas linhas contínuas que os ligam.

Mais abaixo, ainda nesse domínio, é ilustrado o *frame* de manipulação do *eu dividido*. Ligado por um elo metafórico, indicado pela linha pontilhada, ao *frame* interpessoal, esse *frame* apresenta três componentes: entidade humana de *única psique*, bipartida entre *Manipulador/Manipulado* e dois *predicados*.

Em suma, esta seção, primeiramente, revisitou trabalhos dedicados ao tratamento das construções causativas/manipulativas na gramática do português em diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Depois, apresentou três bases (gramatical, cognitiva e antropológica) para se chegar à conceituação da manipulação interpessoal, como ação social, em que duas entidades humanas de diferentes status e graus de agentividade agem na constituição do ato manipulativo. Com o intuito de se alcançar um conceito de manipulação, o processo cognitivo da conceptualização foi colocado em evidência, para dele, apreender-se os vários contextos que fundamentam a manipulação, como o físico, o linguístico e o social, e suas propriedades distribuídas em domínios, *frames* e *construals*.

⁹⁷ Por se tratar de uma rede conceptual, atribuo o rótulo EsCo aos predicados matriz e encaixado.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, a fim de cumprir o principal objetivo deste trabalho, apresento os procedimentos metodológicos adotados, que consistem na constituição de um *corpus* próprio, nos parâmetros que nortearam a seleção e interpretação dos dados, de modo a ser possível testar as duas já hipóteses anunciadas: a primeira, que investiga diacronicamente a os micropassos de mudanças que promovem a integração e a dessentencialização das orações que formam o complexo manipulativo interpessoal; e a segunda, que busca comprovar estabilidades e regularidades formais e semântico-pragmáticas nas MicroCx de manipulação interpessoal, motivadas pelo entendimento de manipulação interpessoal como ação social fundamental à natureza humana e empregada em várias situações do cotidiano.

4.1 Periodização da língua portuguesa

Para a recuperação, no tempo, de fatos linguísticos e extralinguísticos que permitem investigar de modo aprofundado as construções manipulativas interpessoais, torna-se essencial situar primeiramente os períodos históricos do português. Para tanto, recorro à proposta de Galves, Paixão de Souza e Namiuti (2006) e Galves (2007), as quais, revisitando as classificações tradicionais, traçam uma periodização com base no fenômeno da colocação de pronomes clíticos, descrito a partir de estudos sistemáticos de grande quantidade de dados e fundamentados nas noções gerativistas de Competição de Gramática e de Língua-Interna e Língua-Externa. As autoras, servindo-se da proposição de Mattos e Silva (2006), defendem que a primeira fase do português, intitulada *português arcaico*, se situa entre os séculos XIII e XV. Esse período inicial remonta ao aparecimento da língua em documentação escrita, tendo como seus primeiros textos o *Testamento de Afonso II*, de 1214, e a *Notícia do Torto*, escrita entre 1214-1216 (Mattos e Silva, 2006).

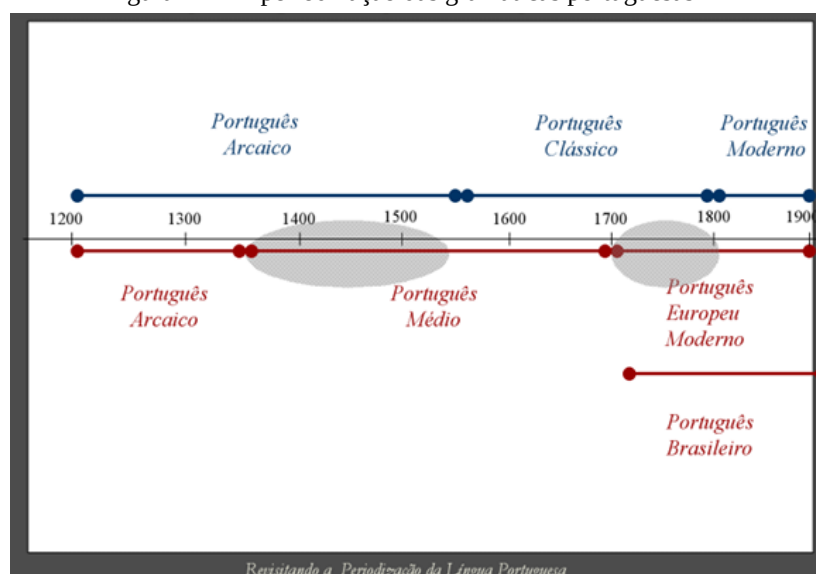
Entre meados do século XVI até o século XVII, localiza-se a segunda fase do português, rotulada *português médio*, ancestral comum às duas variedades modernas: a europeia e a brasileira. Especificamente, o século XVI é tradicionalmente considerado um divisor de águas na evolução da língua, uma vez que, da história externa, tem-se a expansão da tipografia, surgindo, com ela, a normatização da língua via as primeiras gramáticas; e, do ponto de vista interno, tem-se o marco final da presença de traços arcaicos (Galves, 2007). Ademais, esse

período é retratado por Galves (2007) como *língua das caravelas*, em razão de ser a língua levada para diversos territórios pelos movimentos de colonização portuguesa.

A terceira fase, a do *português moderno*, é marcada pelo surgimento de variedades do português, a do PE e a do PB, e se estende do século XVIII até a atualidade, século XXI. O surgimento da fase moderna e o fim da média se dá, segundo Galves (2007), por volta de 1700, quando, pela forma com que os clíticos e os Sujeitos são posicionados nas sentenças, consegue-se assegurar a emergência e a consolidação de uma gramática brasileira, que se distancia da europeia. Outrossim, sobre essa separação, Teyssier (1999, p. 95) afirma que “é também no decorrer do século 18 que se documentam as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizam o português falado no Brasil”.

A Figura 12 exhibe as diferentes fases históricas da língua portuguesa, com a linha em azul representando a periodização mais tradicional, e, a em vermelho, a proposta de Galves, Paixão de Souza e Namiuti (2006) e Galves (2007), adotada neste trabalho.⁹⁸

Figura 12 – A periodização das gramáticas portuguesas



Fonte: Galves (2007, p. 521).

A periodização seguida e todas as menções feitas ao longo destas páginas sobre os três períodos não aludem a rupturas ou a apagamentos abruptos na passagem dos séculos, pois uma periodização é apenas uma categorização histórica que permite organizar e situar os dados sob análise, indicando generalizações e especificidades. A representação mostrada na Figura 12 pelos círculos em cinza traduz-se na fala de Vasconcelos (1956, p. 19): “uma língua não nasce

⁹⁸ Há periodizações que dividem fases específicas do PB, como a de Lucchesi (2017), mas opto por generalizar todo o período como PB.

em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se devagar, outras muito depressa”.

Antes do encerramento desta seção, estabeleço duas opções metodológicas relacionadas à perspectiva diacrônica. A primeira se refere à delimitação da pesquisa até o século XX, mesmo que, no século XXI, já existam grandes e representativos *corpora*. Essa escolha torna o conjunto de dados mais equilibrado, considerando-se séculos conclusos; ademais, a meu ver, até a publicação desta tese, o século atual ainda está em seu início, não possibilitando uma caracterização mais sistemática e representativa, como se alcança nos séculos anteriores.

A segunda opção se refere à restrição, na fase moderna, à variedade brasileira do português. Pela revisão da literatura (cf. seção 3.1), é possível constatar que a maioria dos trabalhos consultados descreve a manifestação do objeto aqui investigado para a variedade europeia, logo, para contribuir com a descrição da gramática brasileira, torna-se necessário voltar aos ancestrais comuns, para, depois, focalizar o PB moderno nos três séculos de sua consolidação.

4.2 Composição do *corpus* diacrônico

Devido à carência de *corpora* completos, que abranjam todos os períodos e respectivos séculos da história do português e que disponham de dados variados advindos de diferentes gêneros textuais, principalmente na fase arcaica da língua, decidi compor um *corpus* próprio para a análise das construções manipulativas interpessoais, por meio da seleção de textos disponíveis em diferentes bancos de dados diacrônicos.

Reconhecendo as diferentes extensões dos *corpora* históricos disponíveis e, com o intuito de conseguir executar análises quantitativas, determinei, para cada sincronia, uma distribuição balanceada de textos de diferentes autorias⁹⁹ e gêneros (*cantiga*, *documento notarial*, *narrativa*, *carta*, *notícia*, *teatro*), com cada século representado por textos que juntos somam de 200 a 230 mil palavras.

Durante a seleção e a organização dos textos, prezei por aqueles *corpora* que continham textos transcritos com rigor filológico, de cunho diplomático e que preservam traços da edição

⁹⁹ A partir do século XVIII, selecionei somente textos de autores que nasceram no Brasil ou que viveram em contexto brasileiro desde a infância.

fac-símile, como abreviaturas, diacríticos, pontuação, precisão gráfica, para que, desse modo, pudesse chegar mais próximo aos estados de língua dos períodos analisados.¹⁰⁰

A amostra se constituiu a partir de textos extraídos de cinco bases de textos históricos, a saber:

- i) *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), (Xavier, 2003)¹⁰¹

Sob a direção de M. Francisca Xavier, a equipe desenvolvedora do CIPM é composta por linguistas e estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Nova). Essa base inclui textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI; sua extensão é de 2.053.582 de palavras. Para esta tese, o *corpus* permitiu a recolha de textos para a caracterização do português arcaico (do século XIII ao XV).

- ii) *Corpus Diacrônico do Português* (CDP), (Longhin, 2007)¹⁰²

Organizado por Sanderleia R. Longhin, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto, o CDP abrange os séculos XIII ao XX, contando com 43 textos distribuídos em diferentes gêneros textuais, como narrativas, documentos notariais e cartas, organizados com eficiente tratamento filológico. Para este trabalho, tal banco permitiu a recolha de textos para a caracterização do português médio (séculos XVI e XVII) e do início do PB moderno (século XVIII).

- iii) *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (TYBR), (Galves; Andrade; Faria, 2017)¹⁰³

Desenvolvido por Charlotte Galves, Aroldo L. Andrade e Pablo Faria, da Universidade de Campinas (Unicamp), o TYBR é um *corpus* eletrônico anotado, com etiquetagem morfológica e sintática, e composto de 3.544.628 palavras, totalizadas de 88 textos escritos em português por autores nascidos entre 1380 e 1978. Nesta tese, o TYBR forneceu textos para a caracterização do português médio e do PB moderno (entre os séculos XVI ao XX).

¹⁰⁰ Apenas no século XVIII, duas obras possuem ortografia editada; são edições semidiplomáticas, em que há apenas ajustes gráficos para facilitar a leitura, sem tirar as singularidades do original. São elas: *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, de Matias Aires, e *Cartas*, de Alexandre de Gusmão.

¹⁰¹ Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em dez. 2022.

¹⁰² O *corpus*, antes disponível em <http://www.cdp.ibilce.unesp.br>, não se encontra mais disponível *on-line*.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>. Acesso em jan. 2023.

- iv) *Corpus mínimo comum manuscrito do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)*^{104, 105}

Sob a coordenação geral de Afrânio Barbosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o *corpus* mínimo do PHPB é desenvolvido por treze equipes regionais de todo o Brasil e é composto de diversos gêneros textuais, como cartas (de leitores, de redatores, particulares e oficiais), notícias, anúncios e textos literários. Especificamente, para este trabalho, do banco foram recolhidos textos do gênero carta (dos tipos particular e oficial), para a caracterização do PB moderno (século XX).

- v) *Corpus Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos (BLPL)*^{106, 107}

Maior biblioteca digital de literatura brasileira e portuguesa existente, a BLPL possui um acervo gratuito com mais de 88 mil textos literários em versão integral, com obras do Brasil e de Portugal. O banco de dados é organizado pelo NUPILL – Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística e pelo LAPESD – Laboratório de Pesquisa em Sistemas Distribuídos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para esta tese, os textos do BLPL serviram para a caracterização do PB moderno (século XX).

Com os textos selecionados dos referidos bancos de dados, o *corpus* próprio para análise das construções manipulativas interpessoais totaliza 1.762.507 palavras. As informações específicas de tais textos estão dispostas no Quadro 11, que indica o título e, quando expresso, o autor do texto, seguidos do tipo textual, do ano de publicação, do número de palavras e da abreviação empregada para identificação da fonte das ocorrências exemplificativas de análises feitas ao longo desta tese (cf. Figura 13, a seguir).

¹⁰⁴ Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em fev. 2023.

¹⁰⁵ As referências dos textos extraídos do corpus mínimo do PHPB são: i) para Cartas pessoais de Minas Gerais (Século XX): Chaves, E. *A Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: UFMG/ FALÉ/ PosLin, 2006; ii) para Cartas pessoais do Rio Grande do Norte (Século XX): Martins, M. A.; Moura, K. K.; Ferreira, R. K. *Corpus Mínimo Comum – Manuscrito Cartas Particulares XX 2 RN*, 2013; iii) para Cartas pessoais do Rio de Janeiro (Século XX): Silva, E. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2012; iv) para Cartas oficiais do Rio Grande do Norte (Século XX): Martins, M. A.; Lima, M. H. A.; Melo, F. M. *Corpus Mínimo Comum – Manuscrito Cartas Oficiais XX 1 RN*, 2013.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>. Acesso em fev. 2023.

¹⁰⁷ As referências dos textos extraídos do corpus da BLPL são: i) Laus, H. *Caixa d'ação*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina — EDUFSC, 1989; ii) Machado, A. *Novelas paulistanas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961; iii) Rio, J. *A bela Madame Vargas: Peça em 3 atos*. Rio de Janeiro: Livraria Brigueiet-Garnier, 1912.

Quadro 11 – Composição do *corpus* diacrônico

Século	Texto-fonte	Gênero textual	Ano de publicação	Nº de palavras	Identificação da fonte
XIII	<i>Notícia de Torto</i>	Notícia	1214? ¹⁰⁸	775	13NT_CIPM
	<i>Testamento de D. Afonso II: Ms L</i>	Documento notarial	1214	1.412	13TAF_CIPM
	<i>Tempos dos Preitos</i>	Documento notarial	1280?	1.588	13TPR(N)_CIPM
	<i>Foros de Garvão</i>	Documento notarial	1267-1280?	6.536	13FGR(N)_CIPM
	<i>Chancelaria D. Afonso III</i>	Documento notarial	1255	17.629	13CAF(N)_CIPM
	<i>Textos Notariais in Clíticos na História do Português</i>	Documento notarial	1260-1300	26.049	13CHP(N)_CIPM
	<i>Documentos Notariais</i>	Documento notarial	1212-1300	27.129	13DN(N)_CIPM
	<i>Textos Notariais in História do Galego-Português</i>	Documento notarial	1255-1300	29.093	13HGP(N)_CIPM
	<i>Cantigas de Escárnio e Maldizer</i>	Cantiga	1211-1300	51.081	13CEMD(N)_CIPM
	<i>Cantigas de Amigo- Parte I e Parte II</i>	Cantiga	1220-1300	57.873	13CA(N)_CIPM
TOTAL DE PALAVRAS: 219.165					
XIV	<i>Crónica de Afonso X (Ms P) in Crónica Geral de Espanha</i>	Narrativa	1344	13.881	14CGE_CIPM
	<i>Narrativa de livros de linhagens</i>	Narrativa	1344	33.194	14NLL_CIPM
	<i>Documentos Notariais</i>	Documento notarial	1304-1397	44.799	14DN(N)_CIPM
	<i>Livro de Montaria</i>	Narrativa	? ¹⁰⁹	129.399	14LMT_CIPM
TOTAL DE PALAVRAS: 221.273					
XV	<i>Carta de Pêro Vaz de Caminha</i>	Carta	1500	8.276	15PVC_CIPM
	<i>Vida de S. Teotónio</i>	Narrativa	?	14.608	15VST_CIPM
	<i>Textos Notariais in História do Galego-Português</i>	Documento notarial	1401-1500	29.873	15HGP(N)_CIPM
	<i>Crónica de Dom Pedro I</i>	Narrativa	1435	35.189	15DPI_CIPM
	<i>Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela</i>	Narrativa	1438	38.784	15LEC_CIPM
	<i>Textos notariais in Clíticos da História do Português</i>	Documento notarial	1402-1494	39.351	15CHP_CIPM
	<i>Livro das Tres Vertudes</i>	Narrativa	1402?	56.792	15LTV_CIPM
TOTAL DE PALAVRAS: 222.873					
XVI	<i>Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil</i>	Carta	1538-1553	13.006	16CPJ_CDP
	<i>Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel</i>	Narrativa	1566	18.019	16CDM_CDP
	<i>Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado</i>	Narrativa	?	18.857	16MN_CDP
	<i>História da prouincia de Sãcta Cruz a que vulgarme[n]te chamamos Brasil</i>	Narrativa	1576	9.314	16HSC_CDP
	<i>Teatro, Francisco Sá de Miranda</i>	Teatro	1561	37.578	16TFM_TYBR
	<i>Teatro, António Ribeiro Chiado</i>	Teatro	1536	22.814	16TAC_TYBR
	<i>Cartas, D. João III</i>	Carta	1524-1533	57.738	16CDJ_TYBR
	<i>Perigração- Fernão Mendes Pinto</i>	Narrativa	1569 - 1578	47.580	16PFP_TYBR
TOTAL DE PALAVRAS: 224.906					

Continua.

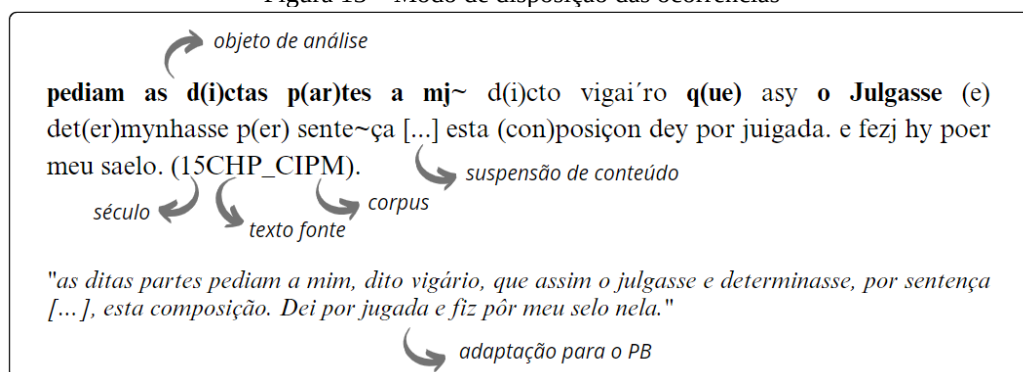
¹⁰⁸ Catalogado no *corpus* de origem com data de publicação aproximada.¹⁰⁹ Catalogado no *corpus* de origem como integrante do século referido, mas sem data de publicação exata.

Século	Texto-fonte	Gênero textual	Ano de publicação	Nº de palavras	Identificação da fonte
XVII	<i>Corte na Aldeia, e Noites de Inverno</i>	Narrativa	1619	10.885	17CA_CDP
	<i>Historiografia de Alcobaça (Frey Bernardo de Brito e Frei Antonio Brandão).</i>	Narrativa	?	10.610	17HA_CDP
	<i>Manuscritos das Mãos Inábeis</i>	Carta	1600-1649; 1650-1699	18.014	17MMI_TYBR
	<i>Livro Primeiro do Governo do Brasil (1607-1633)</i>	Documento notarial	1607-1633	14.634	17PGB_CDP
	<i>Serman da Sexagésima. P. Antonio Vieira</i>	Narrativa	1679	11.407	17SS_CDP
	<i>A Arte de Furtar, Manuel da Costa</i>	Narrativa	1652	52.867	17ARF_TYBR
	<i>Cartas Familiares, Francisco Manuel de Melo</i>	Carta	1664	58.070	17CF_TYBR
	<i>Gazeta, Manuel Galhegos</i>	Notícia	1641	25.519	17GZ_TYBR
	<i>Teatro, Musa Entretenida de Vários Entremezes, Manoel Coelho Rebelo</i>	Teatro	1658	13.340	17ME_TYBR
TOTAL DE PALAVRAS: 215.346					
XVIII	<i>Teatro cômico português, António José da Silva, o Judeu</i>	Teatro	1759	42.177	18TAJ_TYBR
	<i>Aventuras de Diófanos, Teresa Margarida da Silva e Orta</i>	Narrativa	1752	68.985	18AVD_TYBR
	<i>Directório, que se deve observar nas Povoações dos índios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario</i>	Documento notarial	1758	13.265	18DMA_CDP
	<i>Reflexões sobre a Vaidade dos Homens, Matias Aires</i>	Narrativa	1752	56.479	18VAH_TYBR
	<i>Cartas, Alexandre de Gusmão</i>	Carta	1722-1753	32.353	18CAX_TYBR
	<i>Theorica verdadeira das Mares</i>	Narrativa	1737	4.673	18TVM_CDP
TOTAL DE PALAVRAS: 217.932					
XIX	<i>Jornais da Bahia (DIARIO DA BAHIA JORNAL MERCANTIL, POLITICO, E LITERARIO)</i>	Notícia	1833-1850	69.220	19JB_TYBR
	<i>O demonio familiar: comedia em quatro actos, José de Alencar</i>	Teatro	1858	22.610	19DFC_TYBR
	<i>Maria ou a menina roubada, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza</i>	Narrativa	1852	50.281	19MMR_TYBR
	<i>O juiz de paz na roça, Luís Carlos Martins Penna</i>	Teatro	1838	6.445	19JPR_TYBR
	<i>Cahio o ministerio! Comedia original de costumes em tres actos, França Junior</i>	Teatro	1883	14.275	19CMC_TYBR
	<i>Atas dos Brasileiros</i>	Documento notarial	1860-1869	53.003	19AB_TYBR
	<i>Cartas para vários destinatários</i>	Carta	1844-1880	4.035	19CVD_TYBR
TOTAL DE PALAVRAS: 219.869					
XX	<i>Jornais da Bahia</i>	Notícia	1945-1948	79.900	20JB_TYBR
	<i>Eles não usam black-tie, Gianfrancisco Guarnieri</i>	Teatro	1957	22.571	20ENBT_TYBR
	<i>A partilha, Miguel Falabella</i>	Teatro	1956	15.352	20PAR_TYBR
	<i>Cartas Particulares - MG</i>	Carta	1904-1954	17.445	20CMG_PHPB
	<i>Cartas Particulares - RN</i>	Carta	1951-1993	18.743	20CRN_PHPB
	<i>Cartas Particulares - RJ</i>	Carta	1936-1937	8.091	20CRJ_PHPB
	<i>Caixa d'Aço, Harry Laus</i>	Narrativa	1989	18.656	20DAH_BLPL
	<i>Novelas Paulistanas, Alcântara Machado</i>	Narrativa	1961	12.529	20NAM_BLPL
	<i>Cartas Oficiais (ofícios) - RN</i>	Documento notarial	1915-1931	6.772	20CORN_PHPB
	<i>A bela Madame Vargas, João do Rio</i>	Teatro	1912	21.084	20BMV_BLPL
TOTAL DE PALAVRAS: 221.143					
TOTAL GERAL DE PALAVRAS: 1.762.507					

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à abreviação do texto fonte, convém apresentar, na Figura 13, o modelo dessa referência e o modo pelo qual as ocorrências das construções manipulativas estão identificadas nesta tese.

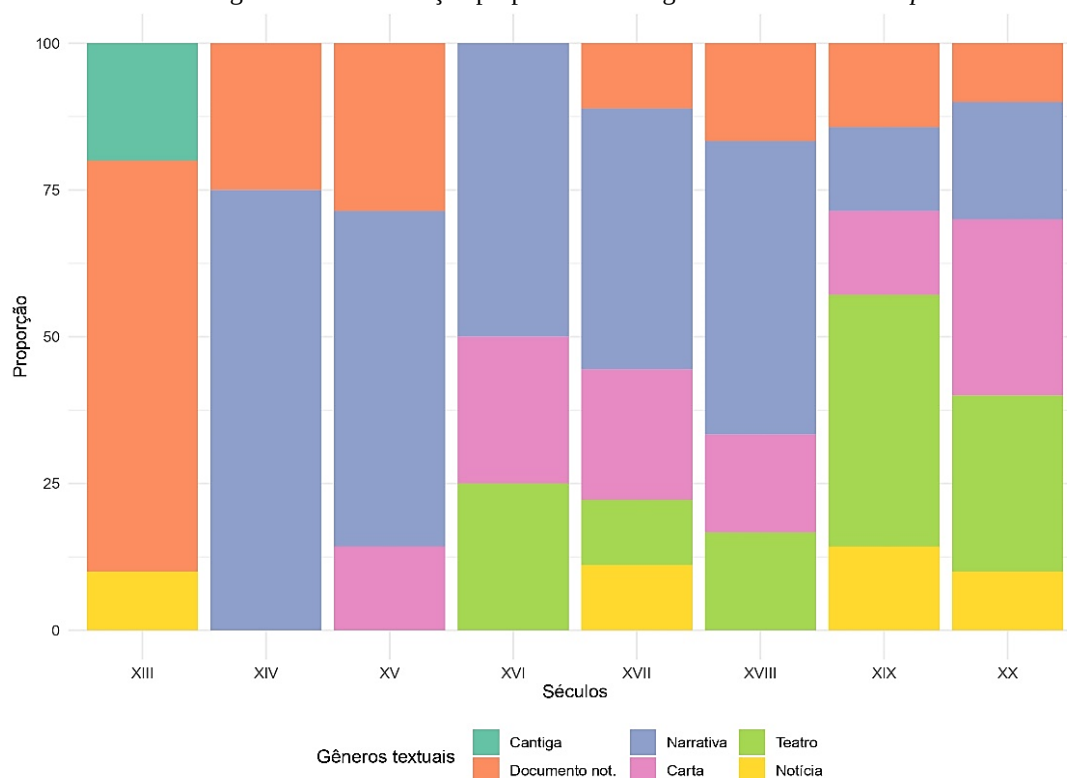
Figura 13 – Modo de disposição das ocorrências



Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente, na ocorrência, o objeto de investigação está destacado em negrito; dada a extensão do texto, reticências entre colchetes indicam que algum conteúdo, entendido como não relevante para interpretação do dado, foi suprimido. Depois da ocorrência, segue entre parênteses a referência ao texto fonte, indicando-se, na ordem: o século, a abreviação do título do texto, seguido do *corpus* de origem (cf. Quadro 11); quando se trata de cantiga ou de documento, o número da obra é especificado após o título. Finalmente, para ocorrências de períodos antigos ou de difícil leitura, ofereço uma adaptação para o PB moderno, com o propósito de tornar mais clara a compreensão do dado pelo leitor.

Com o propósito de ilustrar a distribuição dos textos-fonte no *corpus* construído, disponho, na Figura 14, um gráfico que atesta as proporções dos gêneros textuais identificados em cada século.

Figura 14 – Distribuição proporcional dos gêneros textuais no *corpus*

Fonte: Elaboração própria.

Sumariamente, com 61 textos, o *corpus* possui 2 textos do gênero cantiga (3,3%), 14 de documentos notariais (23%), 21 de narrativas (34,4%), 10 de cartas (16,4%), 10 de drama (16,4%) e 4 de notícias (6,5%). Essa variabilidade de gêneros possibilita que se depreenda padrões mais gerais de uso do objeto investigado, ainda que se reconheça as especificidades que cada gênero possui e as limitações quanto à natureza das fontes disponíveis em cada período, especialmente, na fase arcaica da língua.

4.3 Processo de coleta e interpretação dos dados

A etapa de coleta e interpretação dos dados se instaurou pela leitura integral de todos os textos selecionados, visando coletar as ocorrências disponíveis de construções completivas, cujos predicados matrizes são instanciados por *mandar*, *fazer*, *querer*, *pedir*, *gostar*, *deixar*, *proibir* e *impedir* e denotam manipulação interpessoal, entendida como ação social, na qual Manipulador e Manipulado de diferentes *status* social e força interpsicológica agem a fim de promover o ato manipulativo, distribuído entre os tipos de ordem, instrução, permissão e proibição.

Nessa etapa, utilizei os seguintes dicionários e glossários para interpretar os dados do português arcaico e médio, e, principalmente, para a elaboração das adaptações para o PB moderno: i) *Dicionário de Verbos Portugueses do século 12 e 13/14* (Xavier et al., 2003);¹¹⁰ ii) *Vocabulário histórico-cronológico do Português medieval* (Cunha, 2020);¹¹¹ iii) *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa* (Ferreiro, 2014);¹¹² iv) *Glossário das Cantigas de Santa Maria* (Mettmann, 1972); v) *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* (Lopes et. al., 2011);¹¹³ vi) *Dicionario de dicionarios do galego medieval* (Seoane; La Granja; Agrelo, 2022);¹¹⁴ e vii) *Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII* (Biderman; Murakawa, 2021).¹¹⁵

Após a compilação, as ocorrências foram catalogadas mediante os parâmetros de análise listados na próxima seção e quantificadas em termos de frequência *token* (Bybee, 2003) e de proporção no programa estatístico *R: A language and environment for statistical computing* (2021), que garante análises quantitativas equânimes, a partir da observação da distribuição dos dados em tabelas e gráficos, além de testes estatísticos inferenciais, como o teste de Qui-Quadrado, e de diferentes tipos de análise colostrucional (Gries; Stefanowitsch, 2005; Stefanowitsch; Flach, 2020; Flach, 2021).

A fim de mostrar a disposição geral dos dados coletados, apresento, na Figura 15, um gráfico que mostra o número de ocorrências para cada predicado nos períodos arcaico, médio e moderno da língua portuguesa e o número total de dados: 1.378 ocorrências.

¹¹⁰ Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em dez. 2022.

¹¹¹ Disponível em: <http://www.medieval.rb.gov.br/>. Acesso em dez. 2022.

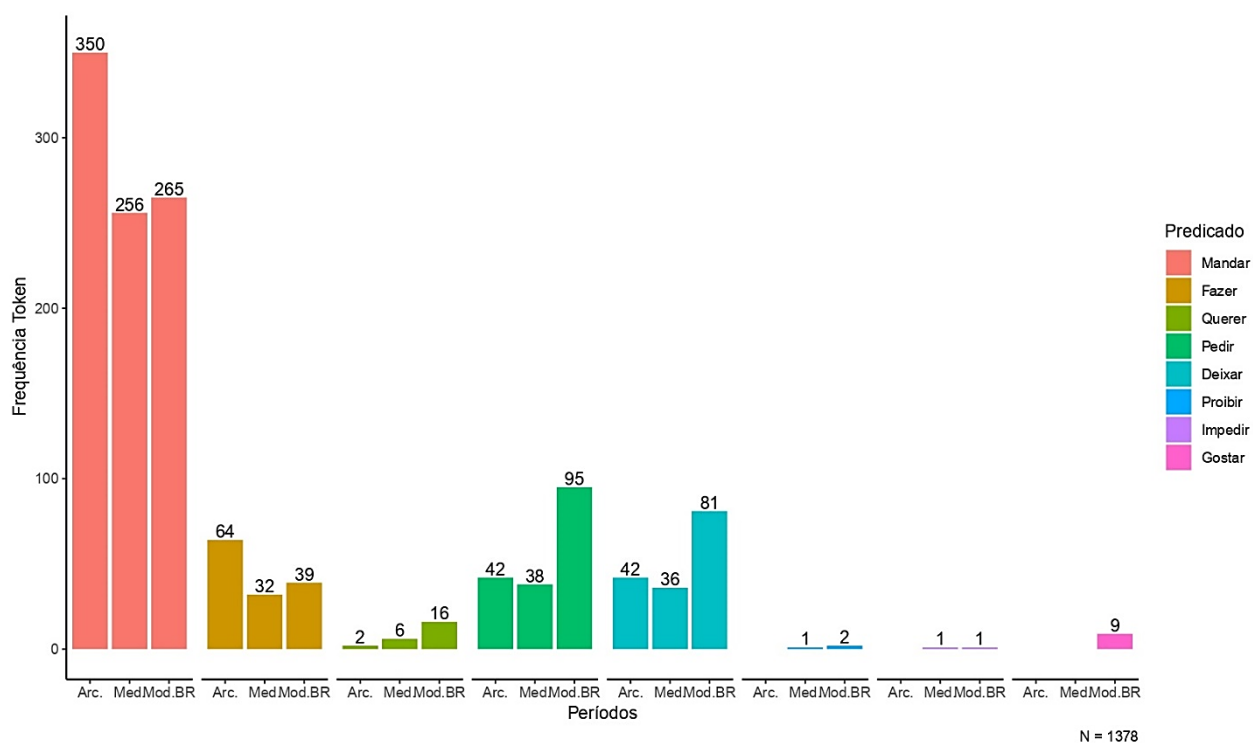
¹¹² Disponível em: <https://universocantigas.gal/glosario/r>. Acesso em dez. 2022.

¹¹³ Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/>. Acesso em dez. 2022.

¹¹⁴ Disponível em: <https://ilg.usc.gal/ddgm/index.php>. Acesso em dez. 2022.

¹¹⁵ Disponível em: <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb/>. Acesso em jan. 2023.

Figura 15 – Distribuição geral dos dados a partir do predicado matriz



Fonte: Elaboração própria.

Como se observa no gráfico acima, em ordem decrescente, as construções com o predicado *mandar* somam 871 (63,2%) ocorrências, as com *pedir*, 175 (12,7%), as com *deixar*, 159 (11,5%), as com *fazer*, 135 (9,8%), as com *querer*, 24 (1,7%), as com *gostar*, 9 (0,6%), as com *proibir*, 3 (0,3%) e as com *impedir*, 2 (0,2%).

Antes de apresentar os parâmetros de análise, convém indicar outra medida metodológica tomada durante a extração e a interpretação de dados, no que diz respeito a quais dados foram considerados e quais foram descartados. Considerei apenas construções manipulativas interpessoais inseridas no domínio da complementação sob os formatos oracionais finito e infinitivo com os predicados matrizes já mencionados acima; por exemplo, a ocorrência em (35) retrata duas construções subordinadas finitas com *pedir*, denotando manipulação interpessoal do tipo instrução; por sua vez, o dado em (36) apresenta uma construção subordinada infinitiva instanciada por *deixar*, expressando permissão.

- (35) [...] torno a **pedir a V. M. me conceda** o que há tanto lhe peço e **pedirei** sempre: **que V. M. me conserve** em sua lembrança [...]. (17CF_TYBR).

“[...] volto a *pedir a Vossa Mercê que me conceda o que há tanto lhe peço e pedirei sempre: que Vossa Mercê me conserve em sua lembrança [...].*”

- (36) [...] Arlindo quanto o que voce me es_creveu eu não me adimiro, por esta eu já esperava, mas **voce** não se emprecionem, quando elle quizer vir embora **deixe vir** antes sosinho do que mal acompanhado não é? (20CMG_PHPB).

Também, considero construções completivas cujo Manipulador se refere a entidades religiosas, que, metonimizadas em uma pessoa, podem alterar comportamentos e ações do Manipulado, quando este a elas se fia. É o caso em (37), em que *Deus*, Manipulador, permite que *os homens*, Manipulados, sofram por amor.

- (37) **Deus** nom é tal, ca **os leixa** com grand'amor **morrer**. (13CEMD363_CIPM).

“Deus não é o maioral, porque os deixa morrer com grande amor.”

Embora instanciados pelos predicados investigados, geralmente, em contextos próximos ao qual se investiga, sete grupos de dados foram excluídos da coleta, por não estarem no escopo deste trabalho.

O primeiro grupo trata de ocorrências de manipulação interpessoal apenas dos tipos de ordem e instrução em contexto de complementação com polaridade negativa, marcada por operadores como *não*, *nunca*, *nem*, *sem* etc., pois denotam a *isenção* (Lyons, 1977) da manipulação, ou seja, o cancelamento de uma obrigação. Então, relacionando essa noção com a DF, entendo que, nesses casos, não há embate direto de forças entre Manipulador e Manipulado, porque não há forças opostas em interação. É exemplo, a ocorrência em (38), em que o operador negativo *nunca* escopa o predicado matriz *mandar*, anulando o ato manipulativo.

- (38) E o d(i)to **va'a'sco rrebolo** di'sse. q(ue) **nu~ca** aq(ue)la carta **ma~dara faz(er)**. (13DN044).

“E o dito Vasco Rebolo disse que nunca mandara fazer aquela carta.”

O entendimento de manipulação interpessoal decorrente de contextos interpsicológicos faz com que se instaure o segundo grupo de dados descartados, cuja manipulação ocorre com participantes animados, porém, não humanos. Independentemente de o predicado *deixar*, em (39), instanciar uma construção completiva infinitiva, o Manipulado é um animal.

- (39) Quando assi forem, por nenhU~a guisa do mundo **non leixem ir** **os caães** soltos porque muytas vezes, [...] se acontesce muytos erros aver na montaria. (14LMT_CIPM).

“Assim, quando forem, de maneira nenhuma, não deixem os cães irem soltos, porque, muitas vezes, [...] acontecem muitos erros na montaria.”

O terceiro grupo, ainda que esteja no domínio da complementação e envolva um participante humano, geralmente no papel de Manipulado, apresenta contextos com participantes inanimados, ligados diretamente ao domínio da causação. Nesses casos, há uma causa produzida por uma entidade não humana, como em (40), *o cheiro de queimado* produz um efeito: *a correria à cozinha*.

- (40) Um cheiro de queimado **fez Laura correr** à cozinha. Os ovos estavam rachados, casca e clara começando a torrar na panelinha seca [...]. (20DAH_BLPL).

O quarto grupo se refere a dados provenientes do *frame* manipulativo do *eu dividido* (cf. seção 3.2.4), que, construído via extensão metafórica do *frame* interpessoal, atesta a não interação de dois participantes humanos, mas de uma única psique. Esse caso ocorre especialmente com os predicados manipulativos investigados em contextos reflexivos, apresentando Sujeitos correferenciais entre a oração matriz e a subordinada. Assim, a ocorrência em (41) com *deixar* assinala que o único participante da construção completiva, *nós*, expresso morfologicamente, decidiu permanecer naquele lugar.

- (41) E vendo que a terra aly era alagadiça, & cheya de muytos lagartos & cobras, ouuemos que o melhor conselho era **deixarmonos** aly **ficar** tambien aquella noite [...]. (16PFP_TYBR).

“E vendo que a terra ali era alagadiça e cheia de muitos lagartos e cobras, consideramos que o melhor conselho era deixarmo-nos ficar ali também naquela noite [...].”

O quinto grupo se ocupa dos contextos de oração simples e de outros valores semânticos, que não manipulativo, denotados pelos predicados sob análise, estando, portanto, fora do escopo deste trabalho. Em (42), *deixar* tem o significado de *abandonar*, e *fazer*, de *realizar*; já *mandar*, apesar de significar ordem, está em oração simples. Em (43), *pedir* não se encontra em construção complexa, e *querer*, inserido no domínio da modalidade volitiva, é concebido como (semi-)auxiliar. Também, inserido no domínio da modalidade, em (44), *gostar* instancia uma construção auxiliar de volição. Finalmente, as ocorrências em (45) e (46), com *impedir* e *proibir*, respectivamente, não estão incorporadas no domínio da subordinação.

- (42) E este Martim Vaasques de Cuinha **leixou** o castelo de Celorico pela maneira que lhe **mandarom** os reis e outros altos home~es, e **fez** dos boos feitos que nunca foram feitos em Espanha. (14NLL_CIPM).
“E este Martim Vasques de Cuinha deixou o castelo de Celorico da maneira que os reis e os homens nobres lhe mandaram, e fez duas boas ações que nunca foram feitas na Espanha.”
- (43) E disse-lhes: “Senhores, **peço**-vos u~u dom, que me outorguedes o que vos **quero pedir** [...]”. (14NLL_CIPM).
“E disse-lhes: “Senhores, peço-vos um dom, que me concedais o que vos quero pedir [...].”
- (44) [...] Aí, seu Antônio disse que quem não consegue dinheiro é porque não **gosta de trabalhar**. (20ENBT_TYBR).
- (45) porque com o poder se eximem da obediência das leys, e com a ociosidade estão prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: **impedem** a reformação dos costumes, relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluos no comer, e vestir [...]. (17ARF_TYBR).
“porque, com o poder, se eximem da obediência das leis, e, com ociosidade, estão prontos para motins, e, com riquezas, aptos para os sustentar: impedem a reforma dos costumes, negligenciam a modéstia do povo com gastos supérfluos no comer e no vestir [...].”
- (46) Bem vontade teria Augusto de estar todo o tempo na prisão ao lado de sua filha; mas a sua posição de juiz lh’ o **prohibia**; além do juramento que havia dado a Maria de jámais revelar seu sexo. (19MMR_TYBR).

O sexto grupo compõe-se de construções de verbo-suporte e construções idiomáticas com os predicados investigados. O primeiro tipo é da categoria de verbos-suporte, entendidos, segundo Neves (2011, p. 53), como “verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. Portanto, durante a coleta, deparei-me com construções desse tipo, geralmente, com *fazer*, conforme o dado disposto em (46), com a construção *fazer conta*, cujo correspondente pleno é *importar-se*.

- (47) Eu sou ~ua ordinária [...] ninguém me escreve, ninguém me responde, ninguém **faz conta** de mi [...]. (17CF_TYBR).
“Eu sou uma ordinária [...] ninguém me escreve, ninguém me responde, ninguém se importa comigo [...].”

O segundo tipo é categorizado por idiomatismos encontrados durante a coleta, especificamente, com os predicados *fazer* e *deixar*. O primeiro, *fazer saber*, encontrado frequentemente no português arcaico e médio, particularmente em documentos notariais, denota a emissão de uma informação pelo referente do Sujeito, como explicito em (48). O

segundo, *deixar estar*, em (49), ocorre em todos os períodos do português, com sentido de o usuário não se preocupar com algo, aguardando determinado momento para agir.

- (48) EU, elRey, **faço saber** a vos, ffeitor e ofiçiaes da Imdia e Mina, e ao proveedor e ofiçiaes dos meus almaze~s, e a quaesquer outros meus ofiçiaes e pesoas a que o conhecimento d'este pertemçer, que o comde da Castanheira, veedor de minha fazenda, vay ora a a cidade de Lixboa. (16CDJ_TYBR).

“Eu, o rei, informo a vós, feitor e oficiais da Índia e de Mina, e ao provedor e aos oficiais dos meus armazéns, [...] que o conde da Castanheira, fiscal de meus negócios, vai agora à cidade de Lisboa.”

- (49) CARLOTINHA . E nunca me disseste nada! HENRIQUETA . Tinha vergonha. Hoje mesmo se tu não advinhasses [...] CARLOTINHA . **Deixa estar** que heide perguntar-lhe a razão disto. HENRIQUETA . Eu te supplico! Não lhe digas nada [...]. (19DFC_TYBR).

O sétimo grupo reúne ocorrências em que o predicado *pedir*, seguido da preposição *para* e do verbo subordinado no infinitivo, apresenta o fenômeno de correferencialidade de Sujeitos. Apesar de a estrutura sugerir a categorização de uma MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado, o executor do EsCo subordinado é o mesmo que iniciou o ato manipulativo, codificado na oração matriz. Portanto, esses dados não se alinham com os tipos identificados e analisados, devido à definição de manipulação interpessoal que requerer dois Agentes distintos em posições opostas. A título de exemplo, a ocorrência em (50) apresenta *Maria*, Manipuladora, solicitando à oficina a antecipação de sua saída do trabalho. Ainda que, contextualmente, reconhece-se que é outro Sujeito quem autoriza o pedido, é *Maria* a Agente responsável pelos dois EsCo associados: *pedir* e *sair*.

- (50) MARIA (Entrando). Boa-noite, meus sogros! OTÁVIO. Pensei que não vinha! MARIA. **Pedi pra saí** mais cedo da oficina mas não houve jeito! [...]. (20ENBT_TYBR).

4.4 Parâmetros de análise

As 1.378 ocorrências oriundas dos três períodos do português (arcaico, médio e brasileiro moderno) são analisadas mediante os quatro parâmetros descritos a seguir. Para efeitos de comprovação da pertinência dos parâmetros e da confiabilidade de suas análises, apresento pelo menos uma ocorrência significativa de cada tipo.

4.4.1 Caracterização geral das MicroCx manipulativas interpessoais

A fim de categorizar os diferentes tipos construcionais encontrados, o primeiro parâmetro investiga a composição geral dos componentes forma e significado dos pareamentos manipulativos interpessoais, instanciados pelos predicados matrizes (*mandar, fazer, querer, gostar, pedir, deixar, proibir e impedir*) na história do português. Inicialmente, averiguo o componente de significado, identificando os tipos semântico-pragmáticos advindos do *frame* da manipulação interpessoal e as funções desempenhadas por eles. Seguidamente, identifico a natureza sintática das construções a partir de seu formato oracional (*finito* ou *infinitivo*) e da estrutura morfológica ou sintagmática com que a entidade Manipulado é codificada.

Ao analisar a configuração geral das MicroCx manipulativas, esse parâmetro, sob o ponto de vista diacrônico, permite a observação do comportamento formal e funcional de cada tipo microconstrucional na extensa rede de manipulação interpessoal e o exame de possíveis alterações em suas propriedades de esquematicidade, no que se refere: i) às abstratizações, via elos verticais, em esquemas e subesquemas; ii) às relações de família, via elos horizontais; iii) à produtividade, pela observação de qual tipo microconstrucional se estabelece como mais frequente ou como mais obsoleta ao longo dos séculos; iv) às possíveis mudanças de sentido apreendidas historicamente, pela investigação de se o sentido da construção é composicional, e se sua convencionalidade é estável ou passível de expansão.

Essas implicações serão respondidas via análises qualitativas e quantitativas, por meio de frequência *token* e de proporção, seguida da análise colostrucional distintiva¹¹⁶ (Gries; Stefanowitsch, 2004; Stefanowitsch; Gries, 2005; Flach, 2021). O objetivo central é mostrar a produtividade dos tipos microconstrucionais ao longo de diferentes períodos históricos, entender a associação entre predicados manipulativos e construções específicas, verificando se há favorecimento por um tipo particular, pelo exame de forças atratoras e repulsoras, e identificar passos que podem fornecer pistas para a interpretação de mudanças internas ou externas ao pareamento.

¹¹⁶ Desenvolvida por Gries e Stefanowitsch (2004), a análise colostrucional é uma família de métodos quantitativos da Linguística de *Corpus*, voltada para o estudo das relações entre palavras e as estruturas gramaticais em que estão inseridas. Especificamente, a *análise de colexemas distintivos* busca avaliar a força de associação (em termos de atração ou repulsão colostrucional) entre uma palavra e um par de construções em alternância, em que essa palavra ocorre. Em outras palavras, o teste compara as palavras que ocorrem em um determinado *slot* de duas construções semântica ou funcionalmente similares. No presente parâmetro, essa análise se aplica com o intuito de verificar a associação entre o *slot* de predicado manipulativo e os tipos microconstrucionais finito ou infinitivo.

Para a identificação da composição das MicroCx manipulativas, primeiramente, verifico a parte semântica-pragmática, advinda do significado lexical do predicado matriz, depois, o formato oracional e a estrutura do Manipulado, e categorizo o tipo formal do pareamento. Como exemplo da categorização empregada neste critério, apresento as ocorrências em (51) e (52).

- (51) **Peço** por mercê **a V. A. que mande** ver estes autos todos com esta carta omde acharão as certidões e carta d'escomunhão e todos os mais papés de que ffaço menção e por elles verá toda a verdade do que passa. [...] Desta Cydade do Salvador [...] Dom Duarte da Costa. A el Rey. (16CPJ_CDP).

“Peço, por favor, a Vossa Alteza que mande examinar todos estes autos inclusos nesta carta, onde se encontram as certidões, carta de excomunhão e todos os demais papéis de que faço menção, e, por eles, verá toda a verdade do que se passa [...] Da cidade de Salvador [...] Dom Duarte da Costa. Ao Rei.”

- (52) [...] **deixa-me** agora **descançar**, [...] e se | queres fazer-me a mercê, [...] não | tornes a este pequeno aposento, onde não | cabes. (18AVD_TYBR).

“[...] Me deixa agora descansar, [...] e, se queres me fazer o favor, não voltes a este pequeno aposento, onde não cabes.”

Em (51), a construção com *pedir* denota a função imperativa de instrução, evidenciada pela polidez da solicitação emitida pelo Manipulador (expresso na 1ª pessoa do singular) ao Manipulado, codificado por um SPrep, *a Vossa Alteza*. Ademais, observa-se que a oração subordinada adjacente apresenta o predicado *mandar*, conjugado no modo subjuntivo, após o complementizador *que*. Essas informações possibilitam classificar, portanto, a MicroCx manipulativa em foco como *finita com SPrep*. Por sua vez, em (52), a construção com *deixar* manifesta a função imperativa de permissão, denotada pela semântica do predicado matriz. Nesse contexto, o Manipulado, codificado pelo clítico *me*, solicita a autorização do Manipulador, expresso pela flexão de 2ª pessoa do singular, para realizar o EsCo encaixado *descansar*, estruturado sob a forma oracional infinitiva. Assim, a MicroCx manipulativa é categorizada como *infinitiva com clítico*.¹¹⁷

¹¹⁷ Além dessa opção de categorização, há a possibilidade de classificar as construções manipulativas interpessoais a partir do caso gramatical (nominativo, dativo, acusativo e agentivo) em que o Manipulado é codificado, como geralmente se faz em estudos acerca do tema (cf. seção 3.1). Entretanto, opto por analisar o objeto desta tese com base no tipo sintático codificado no *slot* de Manipulado via sintaxe ou na expressão morfológica dessa entidade, uma vez que, para o modelo da GCD, tal descrição se torna mais adequada para o mapeamento histórico de padrões construcionais.

4.4.2 Estrutura e referencialidade do Manipulador e do Manipulado

Esse parâmetro investiga a expressão formal e semântica do Manipulador e do Manipulado nas MicroCx manipulativas. Primeiramente, examino o tipo de constituinte que codificar esses participantes do ato manipulativo (SN, SPrep, clítico ou desinência de número e pessoa) e qual a posição de constituintes sintagmáticos e clíticos (anteposta, intermediária ou posposta) no complexo oracional, tomando como referência os predicados matriz e subordinado. Depois, controlo o tipo de referência que Manipulador e Manipulado assumem na MicroCx manipulativa. Em acordo com a definição de manipulação interpessoal estabelecida na seção 3.2.4, esses participantes são necessariamente entidades de primeira ordem, *indivíduo* (Lyons, 1977), mas podem variar no tipo de referência, de [*específica*] ou [*genérica*], [*+/-definida*] a *indeterminada*.

Sob a estruturação dos participantes, a verificação da distribuição linear dos *slots* das MicroCx manipulativas permite analisar a produtividade dos *slots* de Manipulador e Manipulado, evidenciando quais estruturas são frequentemente evocadas e associadas aos tipos microconstrucionais, e se são atestadas, nos períodos históricos, extensões ou restrições no preenchimento dos *slots*. Essa comprovação se dá pela observação da frequência *token* e de proporção e pelo teste colostrucional distintivo.

Sob a referencialidade das entidades, há averiguação de mudanças nos traços referenciais dos participantes ao longo dos séculos, sob a expectativa de que, se a referência se abstratiza ao longo das sincronias, de definida a genérica ou indeterminada, essa abstratização atesta o aumento da produtividade dos *slots* da construção.

Nas MicroCx, o Manipulador, Sujeito do predicado matriz, tem sua expressão formal marcada por SN ou por flexões morfológicas. Em contrapartida, o Manipulado apresenta maior variabilidade estrutural (SN, SPrep, clítico, desinência morfológica), podendo, inclusive, ser indeterminado contextualmente. As ocorrências em (53) e (54) exemplificam os fatores analisados sob esse critério.

- (53) Sanch. [...] quando eu namorava a minha Teresa [...] huma vez **pedilhe**, que **me deixasse beijar**lhe a mão [...]. (18TAJ_TYBR).

“Sancho: [...] quando eu namorava a minha Teresa, [...] uma vez lhe pedi que me deixasse beijar-lhe a mão. [...]”

- (54) Este arçebispo avya nome do~ Vaasquo. Depoys que o arçebispo foy lançado fora de Toledo, **ma~dou el rey prender** a do~ Samuel Levy, seu thesoureyro moor. (14CGE_CIPM).

“Este arcebispo se chamava Dom Vasco. Depois que o arcebispo foi expulso de Toledo, o rei mandou prender Dom Samuel Levy, seu tesoureiro moor.”

O dado em (53) apresenta duas MicroCx manipulativas concatenadas: a primeira, com o predicado *pedir*, tem o Manipulador expresso por desinência de 1ª pessoa do singular e o Manipulado, pelo clítico *lhe*, em posição intermediária; a segunda, com *deixar*, apresenta o Manipulador marcado desinencialmente pela 3ª pessoa do singular, e o Manipulado, pelo clítico *me* anteposto à oração matriz. Nessas MicroCx, a referencialidade de ambos os participantes é específica e definida. Já em (54), o Manipulador, expresso pelo SN *o rei*, com os traços semânticos específico e definido, se encontra em posição intermediária, entre a oração matriz e a encaixada, e o Manipulado está apenas pressuposto pragmaticamente na MicroCx, tendo referência indeterminada.

4.4.3 *Type* e *token* do predicado encaixado

Com o intuito de ajudar a aferir, juntamente com outros critérios, os graus de produtividade das MicroCx manipulativas, este parâmetro examina a extensibilidade do predicado subordinado, buscando-se caracterizar os diferentes tipos semânticos e seus exemplares selecionados para acompanhar as orações matrizes. Para tanto, utilizo a escala de traços semântico-pragmáticos de verbos de Tavares e Freitag (2010), organizada hierarquicamente em tipos dos mais concretos aos mais abstratos. Essa classificação está ilustrada no Quadro 12, que parte do tipo concreto, *momentâneo*, e se finda no abstrato, *estado*.

Quadro 12 – Escala de traços semântico-pragmáticos de verbos com adaptações¹¹⁸

	TIPO	CONCEITO	EXEMPLOS
1.	<i>Momentâneo</i>	Atividade repentina de curta duração.	<i>saltar, chutar, bater, derrubar.</i>
2.	<i>Atividade específica</i>	Evocação de uma imagem específica.	<i>escrever, beber, desenhar, nadar, andar.</i>
3.	<i>Dicendi</i>	Registro de fala reportada.	<i>dizer, falar, responder, perguntar.</i>
4.	<i>Atividade difusa</i>	Não evocação de uma imagem específica.	<i>trabalhar, aprender, estudar, julgar.</i>
5.	<i>Instância</i>	Posição corporal estática.	<i>deitar(-se), sentar(-se), reclinar(-se).</i>
6.	<i>Sensação corporal</i>	Sensação física.	<i>machucar-se, doer, ferir, sentir.</i>
7.	<i>Estímulo mental</i>	Sujeito com papel de estímulo da experiência mental de outrem.	<i>impressionar, agradar, surpreender, assustar.</i>
8.	<i>Evento transitório intencional</i>	Permanência do sujeito em certo lugar.	<i>permanecer, residir, estar (em um lugar).</i>
9.	<i>Evento transitório não intencional</i>	Ações não intencionais.	<i>cair, desmaiar, adormecer, acordar.</i>
10.	<i>Processo</i>	Mudança não intencional sofrida por um corpo [+ ou – animado].	<i>crescer, amadurecer, transformar, ferver, congelar.</i>
11.	<i>Experimentação mental</i>	Sujeito com papel de Experienciador.	<i>amar, odiar, desejar, pensar, entender.</i>
12.	<i>Atenuação</i>	Distanciamento ou suavização da opinião.	<i>achar, pensar.</i>
13.	<i>Relacional</i>	Processo de percepção da realidade: identidade, analogia, comparação, posse, causa, finalidade, consequência etc.	<i>depende de, merecer, precisar, causar, ter (posse), determinar, relacionar-se com.</i>
14.	<i>Existência</i>	Existência de algo.	<i>ter, haver, existir.</i>
15.	<i>Estado</i>	Estado de alguém ou de algo.	<i>ser, estar, parecer.</i>

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Tavares e Freitag (2010, p. 108).

Tomando como exemplo a ocorrência em (55), o predicado *falar*, detentor do traço [+concreto], denota o tipo *dicendi*, reportando um ato de fala a ser proferido pelo Manipulado.

- (55) como elle [o bispo] diz na dita carta de escomunhão, amtes se prova por os ditos autos que **elle** [Gomez Ribeiro] **mandou falar** ao dito Sylvestre Rodriguez, que elle tinha preso por yrege [...]. (16CPJ_CDP).

“Como ele [o bispo] diz na dita carta de excomunhão, antes, se prova pelos ditos autos que ele [Gomez Ribeiro] mandou falar ao dito Silvestre Rodrigues que ele tinha sido preso como herege [...].”

Historicamente, esse parâmetro, relacionado ao elo de preenchimento de *slot*, pode atestar o modo pelo qual ocorre a associação entre um *slot* específico, aqui, o de predicado subordinado, com o resto da construção, e procura responder a questionamentos como: i) há

¹¹⁸ A adaptação feita na escala das autoras refere-se à localização do tipo *sensação corporal*, que, para elas, se alocaria entre os tipos abstratos *relacional* e *existência*. No entanto, considerando a gradiência [+concreto > +abstrato] das classes verbais arroladas, realoquei tal tipo entre *instância* e *estímulo mental*.

micropassos de mudança nos tipos de predicados no decorrer dos séculos? ii) Como um movimento de abstratização do *slot* se expande de tipos mais concretos a tipos mais abstratos?; iii) O *slot* apresenta variabilidade ou restrição de tipos e de exemplares?; e iv) Quais tipos e *tokens* se convencionalizam como representantes de determinada MicroCx? Essas implicações serão respondidas via análise colostrucional de colexemas covariantes,¹¹⁹ verificando-se a dinâmica de atração ou de repulsão entre os predicados manipulativos investigados e os *tokens* de predicados que ocorrem na oração subordinada.

4.4.4 Relações sociais entre Manipulador e Manipulado e cenário manipulativo

Givón (2001, p. 313) considera que a expressão da manipulação “é determinada pela gradiência de *status*, poder e obrigação entre o Manipulador e o Manipulado. Questões de polidez, decoro, medo ou respeito, [...] são todas pertinentes à escolha da construção manipulativa apropriada.”¹²⁰ Fundamentado nessa consideração do autor, esse parâmetro controla o *status* social¹²¹ do Manipulador e do Manipulado nas MicroCx investigadas, com vistas aos cenários construídos pelo *frame* da manipulação interpessoal.

A importância desse critério reside na compreensão de que, para além de análises referentes aos componentes formais e de semântico-pragmáticos dos pareamentos, situar socialmente os participantes pode contribuir para um mapeamento completo das MicroCx, às quais subjaz a definição de manipulação interpessoal como ação social. Desse modo, o reconhecimento dos atributos sociais das MicroCx manipulativas decorre da noção de *status* (cf. seção 3.2.3) como a responsabilidade normativa nas relações institucionalizadas, mediante às quais que pessoas, compartilhando conhecimento e lugar comum, exercem diferentes papéis que afetam a formação do cenário manipulativo.

¹¹⁹ Resumidamente, a análise de colexemas covariantes desenvolvida por Gries e Stefanowitsch (2004) tem o propósito de identificar interações potenciais entre dois *slots* de uma construção. Neste parâmetro, investigo a associação entre os predicados manipulativos e os *tokens* de predicados encaixados.

¹²⁰ *No original*: [...]is determined by the status, power, and obligation gradients between the manipulator and the manipulee. Questions of politeness, propriety, fearer respect, [...] are all germane to the choice of appropriate manipulative construction.

¹²¹ A identificação social dos participantes da interação como critério de análise tem sido feita pela Sociolinguística Histórica, que, além da seleção de diferentes gêneros textuais e contextos de uso, também analisa diacronicamente as condições sociais motivadoras da mudança linguística. Nessa direção, cito o trabalho de Brandão (2022), que utiliza, em perspectiva histórica, variáveis sociais, como perfis, sexo/gênero, classe social, instrução e fase da vida dos usuários, em sua análise. Ainda sobre esse tema, destaco o trabalho do grupo SoLAR - Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara, sediado na Unesp, câmpus de Araraquara, e liderado pela pesquisadora Rosane de Andrade Berlinck, na organização de um *corpus* diacrônico com peças teatrais, que identifica os papéis sociais das personagens das obras.

Nesta pesquisa, com base na interpretação dos dados, defino seis *status* atestados nos contextos mais amplos das ocorrências e advindos da relação diádica entre Manipulador e Manipulado; são eles: *governamental*, *jurídico*, *eclesial*, *profissional*, *familiar* e *de amizade*.

O primeiro *status*, *governamental*, determina o grau máximo de força exercido pelos agentes políticos, representados, nas sociedades antigas, pela realeza, na qual o monarca (rei ou rainha) era a figura central e estabelecia relações de lealdade e obediência com seus súditos (nobres, cavaleiros, camponeses e outros estratos sociais). Também nesse *status*, inclui-se a nobreza (condes, barões, fidalgos), que, detentora de posições de poder e privilégio, desempenhava funções administrativas e militares sempre em nome do monarca.

Na modernidade, esse *status* é desempenhado por presidentes e governadores, responsáveis por executar leis e garantir seu funcionamento. Esse poder se estende a ministros e a secretários, responsáveis por diferentes áreas, como finanças, educação, saúde e defesa. Nesse *status*, os vínculos sociais de manipulação podem se dar entre rei, conde, duque e seus subordinados (secretários, ajudantes, súditos etc.) ou presidente, governador e seus ministros ou toda a população subordinada às leis de governo.

O segundo *status*, *judicial*, determina as relações judiciais e advocatícias em contexto de fóruns e cartórios, particularmente, na relação entre juízes, que têm o poder de tomar decisões legais, garantindo que os processos sejam conduzidos de acordo com a lei e com os princípios de justiça daquele governo, e tabeliões e demais pessoas envolvidas em transações de contratos comerciais, de doações, entre outros tipos de negócios. Nesse *status*, os Manipuladores e Manipulados podem ser, respectivamente, juízes, ouvidores, meirinhos e tabeliões, secretários e outros subordinados.

Em terceiro lugar na hierarquia, o *status eclesial* trata das relações de poder religioso, desempenhado pela igreja na disseminação de normas religiosas, morais e éticas, influenciando comportamentos e valores sociais da população, especialmente, nas sociedades antigas. Assim, os Manipuladores são os líderes da igreja, como papa, arcebispo, bispo, e os manipulados, seus dependentes, como padres e pessoas comuns, que recorriam à instituição religiosa para a obtenção de algum ato sacramental ou de conagração.

O quarto *status*, *profissional*, evidencia as relações de trabalho, acordadas entre empregadores, com autoridade no estabelecimento de responsabilidades, tarefas e metas, e empregados, com a função de cumprir o que lhe foi determinado. Nesse *status*, além das relações empregatícias, se incluem relações entre o profissional capacitado para a atividade solicitada e o cliente, como um vendedor de uma loja e a pessoa que deseja comprar um produto.

As associações manipulativas desse *status* se dão entre médico e paciente, capitão e soldado, chefe e empregado, dentre outras.

Na quinta posição da hierarquia, o *status familiar* indica as relações familiares no modelo de família ocidental, na qual os pais são reconhecidos como as principais autoridades que tomam decisões importantes relacionadas a finanças, educação, saúde e outros aspectos da vida familiar. A interação manipulativa desse *status* se forma entre pais e filhos, irmãos e outros membros.

Finalmente, o sexto *status*, *de amizade*, identifica as relações íntimas de afeição, companheirismo e amor entre pessoas, que, apesar de apresentarem assimetria no embate de forças persuasivas, são caracterizadas dentro de um mesmo grau de colaboração, e por isso alcançam maior flexibilidade de ação na esfera da manipulação. Diferentemente dos *status* anteriores, nesse da amizade há mais equilíbrio no comportamento dos participantes, possibilitando maior compartilhamento de responsabilidades, de negociação de decisões, de não submissão à manipulação. Os Manipuladores e Manipulados podem ser amigos, casais de namorados, entre outros tipos de relações íntimas.

A título de exemplificação, as ocorrências em (56) e (57) demonstram os extremos da hierarquia social.

- (56) A **elRei Dom Pedro** pesou desto muito, e seus inmiigos cobrarom grande esforço: e **mandou** neste anno **matar** em Carmona, omde estavam presos, Dom Joham e Dom Pedro seus irmaãos, filhos delRei Dom Affonso [...]. (15DPI_CIPM).

“Isto custou muito ao rei Dom Pedro, e seus inimigos lhe cobraram grande força. Neste ano, mandou matar em Carmona, onde estavam presos Dom João e Dom Pedro, seus irmãos, filhos do Rei Dom Afonso [...]”

- (57) **Lucinha**, estou mor- | rendo de saudade de você mas | em breve estarei ai pra nós | poder conversar sobre os vel- | hos tempos e como tambem | sobre os bons. **Gostaria que | voce me respondesse** o mais | rapido possível. (20CRN_PHPB).

Em (56), tem-se o *status governamental*, evidenciando que o monarca, *rei Dom Pedro*, ordena que um Manipulado, indeterminado na estrutura, mas inferido como um *súdito*, mate as pessoas por ele mencionadas. Já em (57), do *status de amizade*, o *amigo* Manipulador pede à Manipulada, *Lucinha*, que envie notícias por meio de cartas.

A partir da definição do *status* social dos participantes, o cenário, ou ainda, a visão global do resultado do ato manipulativo se firma. A busca pela identificação do cenário para complementar a caracterização da família de construções manipulativas no português é motivada pelo fato de que, do ponto de vista da pressuposição, os predicados matrizes

investigados comportam semântica de não implicativo, porque não permite pressupor a realização ou não do evento codificado no complemento oracional. Portanto, devido à ausência de informações das construções em si que possam atestar a realização ou a não realização do ato manipulativo, proponho a inclusão do cenário, concebido como uma propriedade discursiva e recuperado exclusivamente no contexto, como critério de análise.

O cenário conceptualiza as consequências da manipulação, derivadas do embate de forças entre Manipulador e Manipulado, evidenciando se a ordem, a instrução, a permissão ou a proibição reportada pela primeira entidade se concretiza por ação da segunda ou se é apenas pretendida. As possibilidades do cenário, juntamente com a identificação dos componentes sintáticos e semânticos, mostram o importante papel social dos usuários da língua, como negociadores da interação, e como a determinação da perspectiva sob a qual o ato ocorre perfila tanto as entidades quanto os eventos envolvidos no ato manipulativo. Assim, são previsíveis dois resultados com base na distância social entre as entidades diádicas envolvidas no ato manipulativo: se o grau de controle e de poder do Manipulador é maior, estando, portanto, mais alto na hierarquia social, o Manipulado se submete ao ato manipulativo, resultando uma *manipulação bem-sucedida*; inversamente, se o Manipulado, também responsável por seus atos é detentor de maior controle e autoridade, optar por não se submeter ao ato manipulativo, resultando dessa sua decisão uma *manipulação pretendida*.¹²² Vale ressaltar que, quando o texto fonte não permite recuperar, para a ocorrência analisada, o resultado da manipulação, classifico o cenário da manipulação como tendo resultado como *não recuperável* no contexto.

Nos exemplos abaixo, os elementos contextuais estão indicados em cinza, mostrando que, em (58), o cenário é bem-sucedido, uma vez que o *Rei* atende ao pedido do *conde*, e, em (59), é apenas pretendido, pois, mesmo com a intimação, o Manipulado se esquia da força manipulativa.

- (58) O Conde da Castanheira, que estava preso numa tor-re de Setuval **pedio a elRey** nosso Senhor **que lhe mu-dasse** a prizão por quãto estava indisposto: e elRey nosso Senhor usando de sua natural benignidade o mādou trazer para o Castello de Lisboa. (17GZ_TYBR).

“O Conde da Castanheira, que estava preso numa torre de Setuval, pediu ao Rei, nosso Senhor, que o mudasse de prisão, porque estava indisposto; e o Rei, nosso Senhor, usando de sua natural benignidade, o mandou trazer para o Castelo de Lisboa.”

¹²² O rótulo *pretendida* é entendido como sinônimo de manipulação malsucedida, ou seja, o ato manipulativo foi emitido pelo Manipulador, porém, não houve cooperação do Manipulado.

(59) Er **mandou-o emprazar** outra vez e **nom veio** [...]. (14NLL_CIPM).

“Além disso, mandou intimá-lo outra vez e ele não veio[...].”

Esse critério introduz considerações a serem examinadas diacronicamente, como: i) as relações sociais alteram ou influenciam a semântica e a forma manipulativa? ii) Determinada MicroCx se especializa em determinado *status* ao longo dos séculos? iii) De que maneira os cenários engendrados a partir dos *status* sociais refletem o processamento cognitivo das MicroCx? Essas indagações se destacam porque o objetivo deste critério, além de descrever o aparato social da família manipulativa, é trazer informações que possam ser correlacionadas a outros parâmetros, visando determinar, pela condução do teste estatístico de *Qui-Quadrado de Pearson*,¹²³ se as diferentes cenas motivam tipos microconstrucionais específicos e se os *status* sociais influenciam significativamente a composição do cenário.

Esta seção apresentou os procedimentos metodológicos aplicados à análise e à descrição das MicroCx de manipulação interpessoal, demonstrando como se procedeu à constituição de um *corpus* diacrônico, a partir da periodização do português (arcaico, médio, brasileiro moderno), à coleta e à interpretação dos dados, à luz de seis parâmetros de análise, que descrevem a forma, o significado e as propriedades construcionais, além dos papéis sociais compartilhados entre os participantes e a construção do cenário, de forma a tornar possível mapear a trajetória histórica das MicroCx manipulativas interpessoais.

¹²³ Resumidamente, o teste de Qui-Quadrado é uma ferramenta estatística inferencial usada para avaliar a associação entre duas variáveis categóricas. Ele é útil quando se deseja analisar a existência de uma correlação significativa entre duas variáveis categóricas, ao comparar, a partir da hipótese nula, se a distribuição de dados observada é diferente o bastante da distribuição esperada para concluir se há ou não uma correlação estatisticamente relevante entre as variáveis em estudo.

5 MAPEAMENTO DIACRÔNICO DAS MICROCONSTRUÇÕES DE MANIPULAÇÃO INTERPESSOAL

Esta seção ocupa posição central nesta tese, pois se dedica à investigação do funcionamento histórico das MicroCx manipulativas interpessoais nos períodos arcaico, médio e brasileiro moderno da língua portuguesa, empregando-se análises qualitativas e quantitativas, que, ao cotejar cada período da língua, identificam particularidades e formulam generalizações relativas aos usos dessas construções. Primeiramente, descrevo a constituição geral dos componentes de forma e significado dos pareamentos manipulativos (1.); em seguida, passo à identificação das características formais e semânticas dos participantes (Manipulador e Manipulado) envolvidos na manipulação interpessoal (2.). Depois, verifico a natureza dos predicados sancionados na oração subordinada, pela apuração da frequência de *types* e *tokens* nesse *slot* (3.). Com o objetivo de completar a análise proposta, exploro a dimensão social inerente a essas construções, por meio da descrição das relações sociais entre os participantes, e a dinâmica na composição dos cenários bem-sucedido e pretendido resultantes do ato manipulativo (4.). Encerro a discussão mediante o confronto das duas hipóteses que perpassam todo o trabalho: a de micropassos de mudanças no domínio da subordinação e a de tendência à estabilidade construcional (5.).

5.1 Caracterização geral das MicroCx manipulativas interpessoais

Na caracterização geral dos componentes de forma e significado dos pareamentos manipulativos, primeiramente, averiguo o componente de significado, indicando os tipos semântico-pragmáticos advindos dos predicados matrizes (*mandar, fazer, querer, gostar, pedir, deixar, proibir e impedir*) (1.1.). Em seguida, identifico a natureza sintática das construções, a partir de seu formato oracional (finito ou infinitivo), e da estrutura que codifica o participante Manipulado (via marcação morfológica ou sintagmática ou via indeterminação) (1.2.).

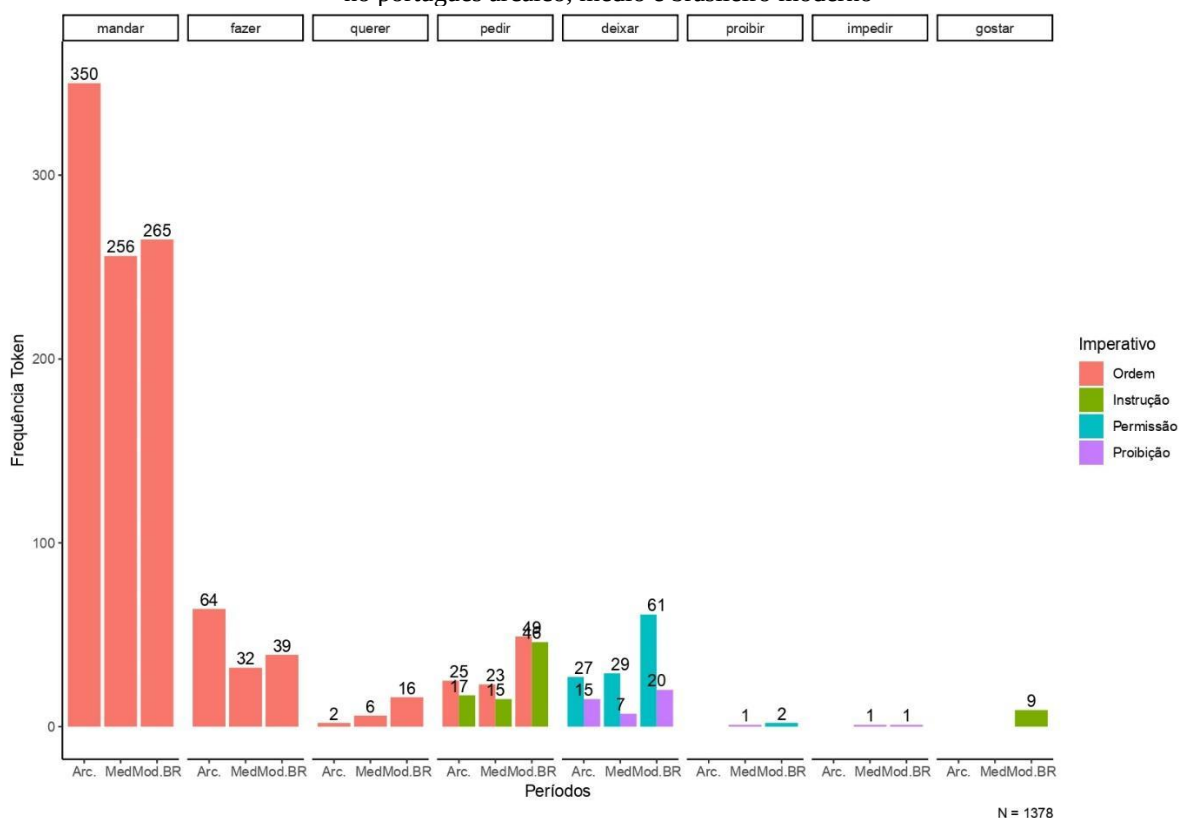
5.1.1 Os imperativos semântico-pragmáticos das MicroCx manipulativas

Para a descrição do componente de significado, tento responder ao desafio de Traugott (2022) sobre a necessidade de infundir mais pragmática na abordagem construcional, e o de

Croft e Cruse (2004, p. 292), ao afirmarem que “as propriedades do uso de enunciados na comunicação também determinam a representação de unidades gramaticais na mente de um falante”.¹²⁴

O gráfico da Figura 16 mostra quantitativamente a distribuição dos imperativos semântico-pragmáticos das construções de manipulação nos três períodos históricos do português.

Figura 16 - Frequência *token* dos imperativos semântico-pragmáticos de MicroCx de manipulação interpessoal no português arcaico, médio e brasileiro moderno



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico acima indica que os imperativos semântico-pragmáticos de *ordem*, *instrução*, *permissão* e *proibição* nos pareamentos de manipulação interpessoal se mantêm estáveis ao longo das três sincronias, embora com frequências diferentes entre os predicados manipulativos que os instanciam. Nos três períodos da língua, o imperativo mais frequente é o de ordem (barras em vermelho), comumente expresso pelos predicados *mandar* (*tokens* = arcaico: 350, médio: 256, moderno: 265); *fazer* (*tokens* = arcaico: 64, médio: 32, moderno: 39); *querer*

¹²⁴ *No original*: properties of the use of utterances in communication also determine the representation of grammatical units in a speaker's mind.

(*tokens* = arcaico: 2, médio: 6, moderno: 16) e *pedir* (*tokens* = arcaico: 25, médio: 25, moderno: 23). Já o imperativo de instrução (barras em verde) é evocado quando o *slot* de predicado matriz é preenchido por *pedir* (*tokens* = arcaico: 17, médio: 15, moderno: 46) e *gostar* (*tokens* = moderno: 9). O tipo permissão (barras em azul) manifesta-se com os predicados *deixar* (*tokens* = arcaico: 27, médio: 29, moderno: 61) e *proibir* (*tokens* = moderno: 2). Por sua vez, proibição (barras em lilás) expressa-se nos predicados *deixar* (*tokens* = arcaico: 15, médio: 7, moderno: 20); *proibir* (*tokens* = médio: 1) e *impedir* (*tokens* = médio: 1, moderno: 1). A manifestação dos dois últimos imperativos (permissão e proibição) é condicionada pela aplicação de operador de negação aos predicados *deixar* e *proibir*, invertendo o tipo de imperativo inerente ao seu significado (*deixar* = *permitir*; *não deixar* = *proibir*; *não proibir* = *permitir*).

Após a verificação quantitativa, a descrição da relação semântico-pragmática das MicroCx se completa pela busca do significado de origem das formas latinas e seus usos no português, como descrevo na sequência.

O predicado *mandar* advém do verbo latino *mandō, āvī, ātum, āre*, cujo sentido de recomendação ou de instrução a alguém se verifica na oração completiva com subjuntivo : i) *huic mandat Belgas adeat* (CÆS.G. 3, 11), “*ele o instruiu que fosse encontrar os Belgas*”; e com infinitivo: ii) *mandavitque Tigranen Armenia exturbare* (TAC. Ann. 15, 3), “*e mandou Tigranes devastar a Armênia*” (Gaffiot, 2016, p. 944). Tal conteúdo semântico se preserva e se mantém na língua portuguesa, como atestado pelo *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (Xavier; Vicente; Crispim, 2003), que traz *mandar* com o sentido de instauração de uma ordem entre duas pessoas (aquele que manda e aquele que faz acontecer). Ao ser empregado em um enunciado reportado, esse predicado transpõe de um evento de fala original o imperativo de ordem, explicitando a relação de forças interpessoais geridas pelos participantes da cena enunciada, sendo ainda possível recuperar, pelo valor informacional da construção, a cooperação dos participantes no ato manipulativo. Portanto, *mandar* se convencionaliza em construções completivas manipulativas interpessoais como representante do imperativo semântico-pragmático de ordenação, conforme ilustram as ocorrências de (60) a (62).

- (60) E desto houve el rei de dom Vaasco gram sanha, e **mandou-o prender** e teer em u~a torre em Santarem, e ao depois, a dous anos, **mandou-o soltar** [...]. (14NLL_CIPM).
 “Sobre isso, o rei Dom Vasco teve muita raiva, e mandou prendê-lo e mantê-lo em uma torre em Santarém, e, depois de dois anos, mandou soltá-lo.”

- (61) Passados cinco dias depois de eu ser aly chegado, me **mandou el Rey chamar**, & me perguntou quando me queria yr, & eu lhe respondi, que quando sua alteza me mandasse [...]. (16PFP_TYBR).

“Passados cinco dias desde que eu tinha chegado ali, o rei mandou me chamar e me perguntou quando eu queria ir, eu lhe respondi que quando sua alteza me mandasse [...].”

- (62) Juiz. (Levantando-se) Então o que é isto? Pensava que já estava longe d'aqui? MANOEL JOÃO .Não, senhor, ainda não fui. Juiz .Isso vejo eu. MANOEL JOÃO .Este rapaz póde ser sol- dado. Juiz .Oh!... uma rebelião?... **Sr. Escrivão mande convocar** a guarda nacional, e officie ao governo. MANOEL JOÃO .V . S . se afflija; este homem está casado! Juiz .Casado! (19JPR_TYBR).

Em (60), do português arcaico, o *rei Dom Vasco* decreta que algum de seus empregados prenda uma pessoa na torre, depois, faz outro decreto, ordenando sua soltura. Semelhantemente, em (61), do português médio, o *Rei* ordena que um Manipulado, não especificado na estrutura, chame o narrador da história. As mesmas propriedades de significado continuam operantes e convencionais em (62), do PB moderno: o *Juiz* determina ao *Sr. escrivão*, Manipulador, que um Manipulado (indeterminado) convoque convocação da *guarda nacional*.

O predicado *fazer*, do latim *fāciō, fēcī, factum, ěre*, tem como sentido a realização de algo do ponto de vista físico, intelectual e moral, apresentando nuances difusas. Dentre essa amplitude de significado, o verbo também denotava sentidos próximos ao de manipulação, como cumprir ordens e manter uma ordem prometida, por exemplo, com o conectivo oracional *ut: i) ut faciam ei (...) invenire mercedem* (Vitae Patrum 5, 10, 28), “*que eu faça ele ganhar um prêmio*” (Gaffiot, 2016, p. 648). Outra forma verbal próxima ao domínio manipulativo é o verbo *fācessō, ī, ītum, ěre*, usado como forma de discurso indireto de *fāciō*, com sentido de executar algo com entusiasmo, ou ainda, causar algo: (ii) *matris praecepta facessit*, “*ele realizou as ordens da mãe*” (Verg. A. 4, 295) (Gaffiot, 2016, p. 646).

No português, apesar de ser um predicado com significados genéricos, um de seus usos denota o imperativo semântico-pragmático de ordem, identificado quando há a imposição para que alguém faça algo acontecer (Xavier; Vicente; Crispim, 2003). Como *mandar*, do período arcaico ao moderno, a força manipulativa de *fazer*, operante no ambiente biopsicossocial e rotinizada pela função imperativa de ordenação, mantém-se convencional, como mostram as ocorrências de (63) a (65), das fases arcaica, média e moderna.

- (63) E seemdo **elRei** doemte em Lixboa [...] **fez chamar** Diego Lopez Pacheco, e outros, e disselhe que el sabia bem que o Iffamte Dom Pedro seu filho lhe tiinha maa voomtade. (15DPI_CIPM).
“Estando o rei doente em Lisboa, [...] fez chamar Diego Lopez Pacheco e outras pessoas, e lhe disse que sabia bem que o Infante Dom Pedro, seu filho, tinha más intenções para com ele.”
- (64) o **Ca-pitão Ingrez João de Laton** com h~ua granada na mão amedrentou, e **fez retirar** grande parte dos castelhanos [...]. (17GZ_TYBR).
“O capitão inglês João de Laton, com uma granada na mão, amedrontou e fez retirar grande parte dos castelhanos [...].”
- (65) Perguntava V. M. naquela carta se fui entregue das duas em que me enviou as Sonatas. Fui entregue; e a de Jorge, que era a mesma que se buscava, dei logo a **seu filho** para a **fazer copiar**, a fim de (a) restituir a V. M. , e até agora ma não entregou. (18CAX_TYBR).

Interpretadas como imperativo de ordem de um Manipulador sobre um Manipulado, em (63), o *Rei* faz (= ordena) algum súdito (indeterminado) chamar *Diego Lopez Pacheco*; em (64), o *capitão* faz (= ordena) sua *tropa* (recuperada inferencialmente) retirar os *castelhanos* daquele lugar; em (65), o missivista entrega uma carta ao *filho* de seu interlocutor, para *ele* fazer (= ordenar) alguém copiá-la.

O predicado *querer* deriva do verbo latino *quaerō, quæsivī* ou *sīi, sītum, ěre*, cuja semântica é a de procurar obter algo ou de procurar saber de algo (*perguntar*). Com o conectivo oracional *ut* em oração subordinada no subjuntivo, tal verbo tinha o sentido de pedir/solicitar, geralmente, empregado com o sujeito na 1ª pessoa do singular, como em *quaeso ut me, iudices, sicut facere instituistis, benigne attenteque audiat* (Cic. Clu. 3), “*Peço-vos, juízes, que me ouçam com bondade e atenção, como pretendiam fazer*” (Gaffiot, 2016, p. 1288). Desde o período arcaico, embora não indicado pelo dicionário de Xavier, Vicente e Crispim (2003), que focalizam apenas o uso volitivo do predicado, no qual alguém quer (*deseja*) realizar algo, *querer* denota uma obrigação imposta da parte Manipuladora para que seja realizado o EsCo codificado na oração subsequente. Pode-se dizer que é uma extensão do sentido de desejo, uma vez que, por questões lógicas, quando um Manipulador profere uma ordem, ele o faz de acordo com sua vontade, almejando que o ato manipulativo aconteça.

Esse predicado somente se insere no domínio manipulativo interpessoal quando se flexiona na 1ª pessoa do singular com subordinada finita. Tal uso, firmado desde o período medieval e conservado até os dias atuais, diferentemente dos demais verbos, tem uma especificidade pragmática, pois exalta intrinsecamente a função subjetiva do Manipulador, ou seja, ainda que a conceptualização da manipulação envolva dois agentes potenciais, aqui, o *eu*

se coloca em proeminência, ao desejar ser individualizado no cenário manipulativo, almejando que seus anseios e imposições sejam realizados.¹²⁵ Tal uso semântico-pragmático de *querer* é explanado pelas ocorrências abaixo.

- (66) digades depouys mjña morte en cada hu~ an(n)o h[u~]a missa cantada depouys dia de San Juan & façades vniu(er)sario p(ar)a todo senp(r)e por la alma de D(omin)go Eanes, meu p(r)im(eyr)o marido q(ue) foy, & por la mjña [...], a q(u)al doaçon **q(ue)ro** & outorgo **q(ue)** a **entredes** logo co~ justiça ou sen justiça com(m)o q(u)iserdes [...]. (15HGP017_CIPM).

“Digais, depois de minha morte a cada um ano, uma missa cantada depois do dia de São João, e façais aniversário, para todo sempre, pela alma de Domingo Eanes, meu primeiro marido, e pela minha [...], a esta doação, quero e outorgo que a tomeis logo com justiça ou sem justiça, como quiseres [...]”

- (67) Direis de minha parte a dõ Francisco que vaa naa [nau] que lhe nomeardes; porque elle nõ Recebe niso agravo, e deve de ser cõtente de ir na naoo que lhe for nomeada por vos, [...] e **quero que se cumpra** como estaa. (16CDJ_TYBR).

“De minha parte, direis a Dom Francisco que vá à nau que lhe designares; porque ele não recebe essa ordem como uma ofensa, devendo estar contente de ir à nau que lhe foi designada por vós, [...] quero que isso se cumpra dessa forma.”

- (68) pedio palavra o Socio Manoel Francisco e disse **quero** Senr Prizidente **q V S** me **diga** honde foi Criada esta Sociedade O Senr Prizidente disse [...]. (19AB_TYBR).

*“O Sócio Manoel Francisco pediu a palavra e disse: ‘Senhor Presidente, **quero que Vossa Senhoria me diga** onde esta sociedade foi criada’, o Senhor Presidente disse [...].”*

O dado em (66), do período arcaico, mostra o *escritor* do testamento aplicando a função de ordem, a fim de que todo conteúdo descrito seja cumprido e outorgado; em (67), do período médio, é imposto a *Dom Francisco* viajar em uma nau específica por uma ordem emitida pelo Manipulador; em (68), do período moderno, em uma reunião de sócios, o Manipulador interpela o *presidente*, determinando que este revele a origem da sociedade.

O predicado *pedir* surge do verbo latino *pētō*, *īvī* ou *īl*, *ītum*, *ēre*, com os sentidos de: i) dirigir-se a alguém a fim de obter algo, como em *ut te supplex peterem* (Virg. En. 6,115), “[*ele me recomendou*] para me aproximar de você implorando”; ii) pedido de assistência a alguém, usado em construção completiva com subjuntivo, próximo ao domínio manipulativo, como em *abs te peto cures ut...* (Cic. Fam. 13, 34), “[*peço que você cuide disso*]” (Gaffiot, 2016, p. 1168).

¹²⁵ Raramente encontrado no *corpus* analisado, com apenas cinco ocorrências, o predicado *querer*, flexionado na 3ª pessoa do singular em oração completiva finita (*quer que*), pode denotar manipulação interpessoal. Porém, diferentemente do uso prototípico (*quero*) analisado nesta tese, trata-se de uma expressão com notável ambiguidade, em vista de sua intrínseca conexão com o uso do predicado enquanto modal. A ocorrência a seguir exemplifica essa construção, que não foi considerada na fase de coleta: “**Afonso Sabio, quer Diogo de Colmenares que introduzisse** seu pay el Rey Dom Fernando este costume. (17HA_CDP). *Afonso Sábio quer que Diogo de Colmenares apresente este costume a seu pai, o Rei Dom Fernando.*”

Desde a fase antiga, o uso de *pedir* se traduziu no português nos imperativos humanos de ordem e de instrução. O significado semântico-pragmático de ordem desse predicado acompanha conceptualmente os outros três predicados já descritos, apontando que há a instauração de um pedido provindo de um Manipulador, que exige seu cumprimento pelo seu Agonista, o Manipulado. As ocorrências de (69) a (71) mostram essa função imperativa do predicado nos três períodos históricos do português.

- (69) E **pedia** Ao d(i)cto Juí'z q(ue) p(or) sente~ça **cost(re)ngesse** o dicto L(ourenço) st(eve)z. q(ue) lhj desse a meyadade da Renda. (13CHP022_CIPM).
"E pedia ao dito juiz que, por sentença, obrigasse o dito Lourenço Esteves a lhe dar a metade da renda."
- (70) E vemdo-se asi avexado o dito Gomez Ribeiro (capelão), me ffez huma petição de como o Bispo lhe ffazia as ditas avexações sem causa, **pedimdo-me que o mamdase embarquar** [...]. (16CPJ_CDP).
"E vendo-se assim avexado, o dito Gomez Ribeiro (capelão) me fez uma petição de como o Bispo lhe fazia as ditas avexações sem causa, pedindo-me que o mandasse embarcar."
- (71) TIÃO. Papai OTÁVIO . Me desculpe, mas seu pai ainda não chegou. Ele deixou um | recado comigo, mandou dizê pra você que ficou muito admirado, | que se enganou. E **pediu pra você tomá** outro rumo, porque essa | não é casa de fura-greve! [...]. (20ENBT_TYBR).

Em (69), o Manipulador requer que o *dito juiz* obrigue que *Lourenço Esteves* lhe dê a renda; em **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, o *capelão Gomez Ribeiro* ordena ao Manipulado que lhe faça uma petição; já em (71), o *pai* pede ao filho, Manipulado, que vá embora de casa.

Outra relação semântico-pragmática do significado de *pedir* é a de instrução. Diferentemente da de ordem, essa função imperativa foi identificada durante a coleta e análise de dados, mostrando-se importante a sua distinção, uma vez que se processa como uma estratégia de atenuação para o convencimento do Manipulado. Diferentemente de ordenar de forma direta, a instrução confere a ilusão de simetria entre as entidades envolvidas e funciona pragmaticamente como estratégia de preservação de face na interação, com efeito de sentido de polidez. Esse imperativo se torna evidente quando outras construções se juntam às MicroCx com *pedir*, como *por mercê*, *por favor*, *se possível*, indicando que há condições pressupostas e possibilitando que o Manipulador tenha maior sucesso no ato manipulativo.

Desde o período arcaico, *pedir* é acompanhado por essas construções que contribuem com a atenuação do valor impositivo. Por exemplo, segundo o dicionário de Xavier, Vicente e

Crispim (2003), quando alguém *pede por mercê* a outrem, é um pedido de compadecimento, de indulgência, ou ainda, um rogo para que lhe seja concedido um favor. Por compor estratégias semântico-pragmáticas diferentes, esses casos são tratados nesta tese distintamente dos de ordem, pois o Manipulador não ordena ostensivamente, mas instrui o Manipulado a como executar seu pedido, de acordo com suas intenções. Para a identificação exata do valor semântico-pragmático de *pedir*, se de ordem ou de instrução, o *status* social dos actantes do ato manipulativo é determinante.

Os dados de (72) a (74) ilustram o imperativo de instrução com *pedir*, evidenciado pelo uso de fórmulas de cortesia, como *por mercê*, nos períodos arcaico e médio, e como *se possível*, no período moderno, respectivamente.

- (72) E **pidi' mos** p(or) m(er)çé e' **a noso senhor** Don J(o)h(a)n B(is)po de lixbo~a; **q(ue)** nos **de** ssa outoridade p(er) q(ue) este escanbho sei'a co~firmado, (e) p(er) el out(or)gado [...]. (14DN125_CIPM).

“E pedimos, por favor, ao nosso senhor Dom João, bispo de Lisboa, que nos dê sua autoridade para que este escambo seja conformado e outorgado por ele [...].”

- (73) **Peço por mercê a V. A. que mande** ver estes autos todos com esta carta omde acharão as certidões e carta d'escomunhão e todos os mais papés de que ffaço menção e por elles verá toda a verdade do que passa. [...] Desta Cydade do Salvador a biii.º dias d'Abril de 1555. Dom Duarte da Costa. A el Rey. (16CPJ_CDP).

“Peço, por favor, a Vossa Alteza que mande ver todos estes autos anexos a esta carta, onde estão as certidões, a carta de excomunhão e todos os demais papéis de que faço menção.”

- (74) Lucinha, **peço que se possível** | mim **ligue** domingo dia 29 de no | vembro as 6:30hs, vou ficar aguardando | a sua ligação acho melhor você ligar | junto com mamãe, pois eu quero | falar com ela também neste dia. [...]. (20CRN_PHPB).

Também com valor semântico-pragmático de instrução, o predicado *gostar* expressa esse imperativo apenas quando flexionado no tempo de futuro do pretérito, mas não denota, em sua gênese latina, manipulação interpessoal. Proveniente do verbo latino *gustō, āvī, ātum, āre*, ele evoca a experiência de sentir o sabor, de provar algo, como na frase latina *paululum istarum artium gustavi* (CIC. de Or. 3, 75), “Já provei/experimentei um pouco desses estudos teóricos” (Gaffiot, 2016, p. 728). No português, esse sentido é transportado, surgindo a produtiva construção *gostar de algo/evento* (*gosto de chocolate/gosto de dançar*), já atestada no período antigo (Xavier; Vicente e Crispim, 2003). Enquanto expressão de manipulação interpessoal,

segundo a amostra analisada, o predicado *gostar* emerge¹²⁶ no PB moderno com baixa frequência (9 *tokens*), conforme visto no gráfico da Figura 16.

Com efeito de polidez mais claro do que *pedir*, construções manipulativas com *gostar*, que se combinam somente com o formato oracional finito, têm contribuição da flexão modo-temporal e do predicado. Para Travaglia (1999, p. 683), o futuro do pretérito tem diferentes valores: “condição, possibilidade, polidez, cortesia, todos com as nuances de incerteza, dúvida, probabilidade, hipótese”. Desses valores, na manipulação interpessoal, estão os de polidez e cortesia, somados ao de desejo expresso em construções perifrásticas modais (*gostaria de ir à festa*).

O dado em (75), do PB, exemplifica essa interpretação, pois mostra a tentativa do Manipulador em persuadir o Manipulado a escrever a ele.

- (75) [...] **gostaria** mui- | to **que você** me **escreveves-** | **se** para falar um pouco de | você, como você está. Sabe | eu penso muito nos momen- | tos felizes que passamos | juntos, e nunca iria esque | celos. (20CRN_PHPB).

Os imperativos de permissão e proibição são acionados quando as construções manipulativas interpessoais sancionam os predicados *deixar*, *proibir* e *impedir*, que podem manifestar ambas as funções imperativas a depender da presença de um marcador negativo.

O predicado *deixar* provém do verbo latino *laxō, āvī, ātum, āre*, com sentidos concretos de afrouxar, relaxar, largar, soltar. Em sua evolução semântica, passa a ser formado com infinitivo (*laxare* + Inf.) com sentido de permitir, consentir, autorizar, não se opor, como, por exemplo, em *Lassate eundem abbatem ordinare eundem locum* (10 Dipl. Otton. I, 344), “*Deixai o mesmo abade dirigir a mesma região*” (Soares da Silva, 1999, p. 388). Esse significado surge “porque o acto (consciente) de largar, soltar ou libertar é permissivo, na medida em que aquele que larga, solta ou liberta permite que o objecto saia de seu controlo” (Soares da Silva, 1999, p. 389).

Nas MicroCx manipulativas, o imperativo de permissão tem sua relação semântico-pragmática inscrita no sentido expresso por *deixar*, indicando que, na constituição do cenário manipulativo, por meio da DF, o Manipulador desfaz as barreiras interpsicológicas, conferindo ao Manipulado a autorização para realizar o ato. Esse fato se vê nas ocorrências de (76) a (78)

¹²⁶ Ao longo desta seção de análise, o emprego de expressões relativas à mudança linguística (emergência, surgimento, obsolescência etc.) contempla o universo da amostra coletada. Isso se deve ao fato de a amostra ser uma representação da língua usada no período e estar sujeita às limitações inerentes à constituição do *corpus*, não abrangendo necessariamente a totalidade da língua nesse período.

das três fases do português, nas quais o Manipulador, agindo de modo persuasivo, remove todas as barreiras de força entre ele e o Manipulado, com o intuito de conseguir a concessão de ir ao encontro do *amado*, de ir servir o *pai* e de escrever algo, respectivamente.

- (76) Mha madre, venho vos rogar como roga filh' a senhor: o que morre por mi d' amor, **leixade m' ir** co[n] el falar; quanta coita el sigo [...]. (13CA106_CIPM).

“Minha mãe, venho vos rogar, como uma filha ao senhor: àquele que morre de amor por mim, deixai-me ir falar com ele; quanto sofrimento ele tem consigo [...]”

- (77) Calidio (empregado). Mas sabes quem desatou todos aquelles empeços [...]. Amente (mancebo). Quem Callidio? Calidio Lucrecia. Amente. Como? Cal. Disse que não queria que toda sua vida fora orfaã, & estrangeira, agora que **lhe deixassem ir** a servir aquelle pay a q̃ tanto deuia. [...]. (16TFM_TYBR).

“Calidio (empregado): Mas sabes quem desatou todos aqueles empecilhos [...]. Amente (mancebo): Quem Calídio? Calídio: Lucrécia. Amente: Como? Calídio: Disse que não queria, pois em toda sua vida fora órfã e estrangeira, agora, que a deixassem ir servir aquele pai a quem tanto devia [...]”

- (78) MARIA LÚCIA . Ah... Então **deixa ela anotar**. Anota, Selma. Escreve o que quiser. (Para Regina) Ela tá atrás de um motivo pra se sentir mal...(Selma a olha e continua a anotar furiosamente) SELMA. Excluída é com X? REGINA. Além de neurótica é ignorante. (20PAR_TYBR).

O imperativo de proibição emerge quando *deixar*, por já ter o sentido permissivo inerente, é usado com alguma construção negativa, como *não*, *nunca*, *jamais*. O resultado é a negação da permissão, que promove a imposição de barreiras interpsicológicas através da DF, para que o Manipulado seja impedido de realizar o evento expresso na oração subordinada. Os dados de (79) a (81) exemplificam essa função.

- (79) guardan me del, que o non veja, e **non me leixan**, per ren que seja, a Santa Maria **ir**. (13CA238_CIPM).

“Me afastam dele, para que não o veja, e não me deixam, por nada que seja, ir à Santa Maria.”

- (80) [...] Seguiase logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhou-a do direito com violencia notoria, e **naõ a deixou tomar** posse **ElRey D. Philippe** [...]. (17ARF_TYBR).

“[...] Segue a linha de sucessão a Senhora Dona Catarina, que era viva e filha de varão, mas foi privada do direito com notória violência, e o Rei Dom Felipe não a deixou tomar posse.”

- (81) Minha filha, | são 2 horas da tarde, desde ontem a| tarde estamos na Granja de Oliveirinha,| estou hospedado em sua residência o| **mesmo não deixou que eu fosse** para| outro canto [...]. (20CRN_PHPB).

O imperativo de proibição com *deixar* se revela em (79), do português arcaico, quando o Manipulado é proibido de ir à Santa Maria ver o *amado*; em (80), do português médio, quando o rei Dom Felipe impede Dona Catarina de tomar posse do reino; e, em (81), do PB, quando o dono da Granja impossibilita a saída do Manipulado

Esses mesmos imperativos de permissão e proibição também ocorrem com os predicados *proibir* e *impedir*. O predicado *proibir* é originário do verbo latino *prōhibēō, būi, bītum, ēre*, cujo sentido geral é o de se manter afastado de alguém ou de algo, como em *tempestates hostem a pugna prohibebant* (CÆS. G. 4, 34, 4), “As tempestades proibiram o inimigo de lutar”. Esse verbo, em contextos de subordinação, pode ser usado com completiva no subjuntivo ou no infinitivo, como exemplificado, respectivamente, em i) *dii prohibeant ut* (CIC.Amer. 151), “os deuses proibam que...”, e ii) *scribere fletu prohibeor* (CIC. Att. 11, 9, 3), “as lágrimas me proibiam de escrever, eu estou proibido de escrever chorando” (Gaffiot, 2016, p. 1250).

O predicado *impedir* deriva do verbo latino *impēdiō, īvī ou īi, ītum, īre*, cujo sentido básico é o de envolver ou amarrar os pés; mas, também exhibe significado relacionado ao domínio da manipulação interpessoal, como o de impedir alguém de fazer algo, sempre acompanhado com a preposição *ab*, como em i) *ab aliquo in suo jure impedi* (CÆS. G. 1, 36,2), “ser impedido por alguém no exercício de seu direito”; e ii) *ab delectatione omni negotiis impedi* (CIC. Mur. 39), “ser mantido afastado de todo prazer pelos negócios” (Gaffiot, 2016, p. 779).

Os usos latinos arrolados acima com *proibir* e *impedir* já mostram sinais da manipulação interpessoal, que são transportados para o português, elucidando a separação interpsicológica do desejo do Manipulador de proibir o evento, e do Manipulado, de realizar o evento, o que culmina no imperativo semântico-pragmático de proibição, que pode ocorrer ou não. Essa interpretação é exemplificada na ocorrência em (82), com *proibir*, na qual *Madame Vargas* assume o papel de Manipulada e questiona seu interlocutor, Manipulador, sobre um possível impedimento de seu casamento; e na ocorrência reexibida em (83), com *impedir*, quando *Madame Vargas*, Manipulada, expressa veementemente seu desejo de proibir as pessoas de arruinarem seu futuro.¹²⁷

¹²⁷ No conjunto dos dados extraídos do *corpus*, os predicados *proibir* e *impedir* aparecem no período médio da língua com raras ocorrências, portanto, não as reexibo aqui. Para a verificação de um exemplo de *proibir* com função imperativa de permissão, vide o dado em (6) na Introdução desta tese.

- (82) Carlos - Se se casares? Madame Vargas - Se eu casar? Carlos - Sim. Madame Vargas - Creio que não vais **proibir que eu** me **case**? Carlos (num ímpeto quase alto) - Mas então é verdade tudo quanto desconfio! É verdade que queres o outro, é verdade que me afastas, que me aborreces? [...]. (20BMV_BLPL).
- (83) Madame Vargas - Quero **impedir que** mais uma vez **estraguem** o meu futuro. Só! Quero ser feliz, compreendes? Quero mostrar publicamente que eu também amo, que posso ser uma esposa que se inveje [...] (20BMV_BLPL).

Em relação à propriedade da composicionalidade, o mapeamento diacrônico até aqui realizado atesta que os imperativos identificados em diferentes formas sintáticas de construções manipulativas formam-se via contribuição dos *slots*, ou seja, o componente de significado é transparente ou composicional, porque o gatilho para a ordem, a instrução, a permissão ou a proibição deriva do predicado manipulativo na oração matriz, que, quando sancionado, rege a estruturação dos outros *slots*, identificando os participantes e o evento da oração encaixada, cada qual contribuindo significativamente para a conceptualização de uma construção manipulativa interpessoal.

Excluindo a origem do predicado *gostar*, todos os outros predicados sob análise já se apresentam, desde o latim, como manipulativos interpessoais, mantendo essa relação semântico-pragmática ativa e convencional no português. Concluo, portanto, que o componente de significado dos pareamentos manipulativos, identificado historicamente por meio dos imperativos de ordem, instrução, permissão e proibição, permanece convencionalizado de modo estável e consistente na história do português, pois não incorpora extensões de sentido nem apaga funções pragmáticas já reconhecidas desde os primeiros séculos da língua.

5.1.2 A configuração formal das MicroCx manipulativas

Visto que o componente de significado das MicroCx manipulativas é oriundo da contribuição dos predicados manipulativos (*mandar, fazer, querer, gostar, pedir, deixar, proibir e impedir*) na oração matriz, tomo-os para a identificação da configuração formal, com a pretensão de responder quais subesquemas e MicroCx estão presentes desde os primeiros séculos do português, quais emergem ao longo dos séculos, quais se associam fortemente a quais predicados dependentes e quais se estabelecem como mais sedimentados, produtivos ou obsoletos diacronicamente. Para tanto, exploro a formação de MicroCx manipulativas a partir do formato oracional da oração completiva (finito ou infinitivo) e da expressão formal atribuída à entidade Manipulada, seja pela flexão morfológica de número e pessoa, seja pelos sintagmas e clíticos ou pela indeterminação. Embora essa maneira de categorização evidencie a figura do

Manipulado, o rótulo pressupõe todos os *slots* envolvidos nas construções, sendo apenas usado por ser uma parte formal saliente e que possibilita a distinção entre os tipos microconstrucionais encontrados.

Antes desse percurso analítico, destaco a relação formal primária das construções manipulativas interpessoais, as quais se encontram na ampla rede de subordinação do português. Essa relação é de complementação, ou ainda, nas palavras de Noonan (2007):

[...] de combinação de um tipo particular de complemento a um predicado particular. A base para essa combinação é a relação semântica entre o predicado e o complemento [...], definindo a relação do predicado com a ação ou com o estado descrito na predicação encaixada, e na função discursiva do complemento em si (Noonan, 2007, p. 101).¹²⁸

Na complementação, inserem-se construções argumentais complexas, que, segundo a proposta de Gonçalves e Oliveira (2020), partem do esquema $[[ARG\ Suj] [PRED]]_{Oração}$.¹²⁹ Para os propósitos desta tese, recorto, desse nível abstrato, apenas o tipo de oração completiva objetiva, representado pelos autores como $[[Arg\ Suj] [Pred\ Trans]_{Mat} [Arg\ Obj]_{Oração}]$, por se referir ao objeto de estudo desta tese. Assim, baseado na organização taxonômica em rede sugerida pelos autores, argumento que, de modo geral, as construções manipulativas interpessoais sancionam dois subesquemas diferentes, partindo do tipo oracional subordinado elencado acima. A representação formal desses níveis esquemáticos é dada em (84), para o subesquema composto por construções completivas finitas, e, em (85), para o subesquema composto por construções completivas infinitivas. Parênteses circunscrevendo um *slot* da construção ($[[...]]$) indicam que ele pode ou não ser preenchido, e barra separando constituintes dentro de um *slot* ($.../...$) indica que eles são mutuamente exclusivos.

(84) $[[([SN])_i [PRED_{Man}]_{(flex)_i} ([SPrep/Cl])_j]_{Matriz} [[(com)que] ([SN])_j [PRED]_{(flex)_j}]_{Sub.Fin}]_{MANIPULAÇÃO}$

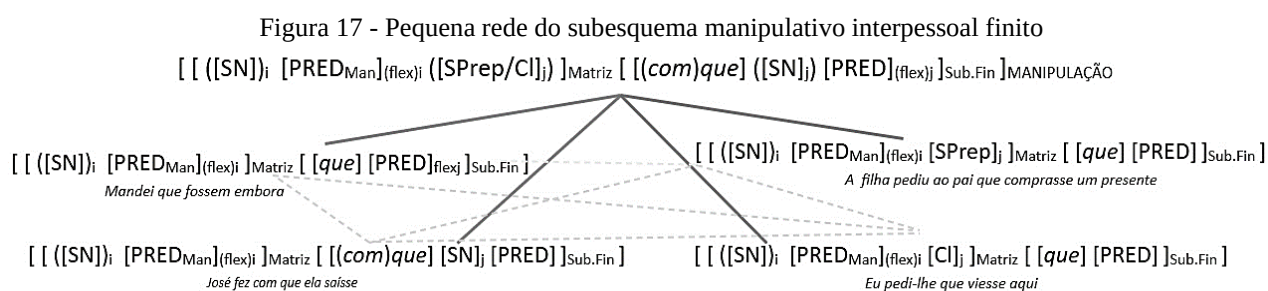
(85) $[[([SN])_i [PRED_{Man}]_{(flex)_i} ([SPrep/Cl])_j]_{Matriz} [([SN/Ø])_j ([para]) [PRED]_{(flex)_j}]_{Sub.Inf}]_{MANIPULAÇÃO}$

¹²⁸ *No original*: [...] is basically a matter of matching a particular complement type to a particular complement-taking predicate. The basis for this matching is the semantic relation between predicate and complement [...], defining the relation of the predicate to the action or state described in the embedded predication, and the discourse function of the complement itself.

¹²⁹ A fim de explicar resumidamente a proposta de representação taxonômica das orações complexas, trago o exemplo: $[[[ele]_{Suj} [ficô(u)\ sabendo\ [que[[eu]_{Suj} [tinha\ me\ separado]_{Pred}]]]_{ORAÇÃO}]_{Pred}]$. Gonçalves e Oliveira (2020) argumentam que essa construção subordinada se organiza em torno do predicado verbal *saber*, sendo a natureza semântica desse predicado que determina o número de constituintes. Ademais, os autores defendem que tal dado é instanciado pelo esquema de subordinação $[[ARG\ Suj][PRED]]$, que, neste caso, a parte $[ARG\ Suj]$ é expressa morfossintaticamente como constituinte simples, enquanto a parte $[PRED]$ mais ampla manifesta-se como constituinte complexo (Gonçalves; Oliveira, 2020, p. 118-119).

5.1.2.1 As MicroCx manipulativas finitas

O primeiro subesquema representativo da construção de manipulação ([...]MANIPULAÇÃO) apresenta-se formalmente pela união de duas orações, a matriz ([...]Matriz) com o predicado manipulativo ([PRED_{Man}]) e a subordinada ([...]Sub.Fin) com seu predicado finito flexionado no presente do subjuntivo ([PRED]), ligadas pelo conectivo [(com) que]. Além dessas propriedades, o subesquema se divide em quatro MicroCx, distinguidas por propriedades que representam a codificação do participante (j) com o papel de Manipulado: pela desinência de número/pessoa [(flex)_j], pelo sintagma nominal ([SN]_j) e sintagma preposicional ou clítico ([SPrep/Cl]_j). A Figura 17 ilustra a configuração formal desse subesquema e suas respectivas MicroCx. As linhas contínuas representam os elos verticais, de herança, e as linhas tracejadas se referem aos elos horizontais, de relação.



Fonte: Elaboração própria.

A descrição diacrônica desse subesquema se inicia com a Tabela 1, referente ao período arcaico da língua, que exhibe os resultados quantitativos relacionados à frequência *token* e proporção, mostrando, à direita, os predicados que se manifestam e, no nível superior, as quatro MicroCx.

Tabela 1- Distribuição diacrônica das MicroCx finitas no português arcaico

Período	Português arcaico				
MicroCx					
Predicado	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com clítico	Σ
<i>Mandar</i>	36 81,8%	21 95,4%	28 66,6%	23 51,1%	108 70,5%
<i>Fazer</i>	-	-	-	1 2,2%	1 0,8%
<i>Querer</i>	1 2,3%	1 4,6%	-	-	2 1,3%
<i>Pedir</i>	7 15,9%	-	14 33,4%	21 46,7%	42 27,4%
Σ	44 28,8%	22 14,4%	42 27,4%	45 29,4%	153 100%

Fonte: Elaboração própria.

No português arcaico, conforme mostra a Tabela 1, se destacam, com frequências próximas, MicroCx com subordinada finita e Manipulado expresso morfologicamente (28,8% = 44/153), por SPrep (27,4% = 42/153) e por clítico (29,4% = 45/153), enquanto as que codificam o Manipulado por SN representam metade dos demais tipos (14,4% = 22/153). Para todos os tipos, o predicado matriz *mandar* é acentuadamente o mais recorrente (70,5% = 108/153), com frequência mais bem distribuída para as finitas com clítico, que ocorrem 51,1% (23/45) das vezes com *mandar* e 46,7% (21/45), com *pedir*. Pela baixa frequência com que se manifestam, matrizes com *querer* e *fazer* restringem a variedade de tipos de expressão do Manipulado nas subordinadas finitas: dois tipos com *querer* (com manifestação morfológica e SN) e apenas um, com *fazer* (com clítico).

De (86) a (89), seguem ocorrências exemplificativas de cada um dos tipos expostos na Tabela 1.

(86) Subordinada finita com Manipulado expresso morfologicamente

- **Quero que julguedes**, Pero Garcia, d'antre mim e tôdolos trobadores que de meu trobar som desdizidores [...] julgade-o sem tod'a banderia. (13CEMD_197_CIPM).

“Pedro Garcia, quero que julgueis [alguém], diante de mim e de todos os trovadores que difamam meu trovar [...] julgai-o, sem parcialidade.”

(87) Subordinada finita com Manipulado expresso por SN

P(ri)meiram(en)te **ma~do q(ue) meu filio** infante don Sancho q(ue) ei da rainha dona Orraca **agia** meu reino integ(ra)m(en)te e en paz. (13TAF_CIPM).

“Primeiramente, mando que meu filho, infante Dom Sancho, que tive com a rainha Dona Orraca, governe meu reino integralmente e em paz.”

(88) Subordinada finita com Manipulado expresso por SPrep

[...] **os d(i)tos Jui~zes ma~darom Aos sobr(e)d(i)tos testame~teiros q(ue) mostrassem** o d(i)to testame~to. E os d(i)tos testame~teiros mostraro~. (14DN086_CIPM).

“[...] os ditos juizes mandaram que os sobreditos testamenteiros mostrassem o dito testamento. E os ditos testamenteiros o mostraram.”

(89) Subordinada finita com Manipulado expresso por clítico

ella quando os vio matar [...] caio em terra come morta; e levantaromna braadando e maldizendo seu filho; e a poucos dias **lhe pediu que a mandasse** a Portugal pera elRei seu padre, e assi o fez. (15DPI_CIPM).

“Ela, quando viu matá-los [...], caiu por terra como morta, e levantaram-na, brandando e maldizendo seu filho; e há poucos dias, lhe pediu que a mandasse a Portugal, para o Rei, seu pai, e assim o fez.”

Avançando a descrição para português médio, os resultados quantitativos de frequência *token* e proporção para as MicroCx finitas nesse período encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição diacrônica das MicroCx finitas no português médio

Período MicroCx	Português médio				Σ
	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com clítico	
Predicado					
<i>Mandar</i>	15 53,6%	4 80%	9 40,9%	21 50%	49 50,5%
<i>Fazer</i>	1 3,6%	1 20%	-	-	2 2,1%
<i>Querer</i>	6 21,4%	-	-	-	6 6,1%
<i>Pedir</i>	6 21,4%	-	13 59,1%	19 45,2%	38 39,2%
<i>Deixar</i>	-	-	-	2 4,8%	2 2,1%
Σ	28 28,8%	5 5,2%	22 22,7%	42 43,3%	97 100%

Fonte: Elaboração própria.

No período médio, continuam presentes os quatros tipos de construções manipulativas, definidos pelo modo de expressão do Manipulado na oração subordinada finita. Dentre esses tipos, finitas com Manipulado codificado por clítico destacam-se, em termos de frequência (43,3% = 42/97) dos demais tipos, como se observa também na fase arcaica. Subordinadas com Manipulado expresso morfologicamente (28,8% = 28/97) e por SPrep (22,7% = 22/97) apresentam frequências próximas, e subordinada com SN é opção menos usual (5,2% = 5/97).

Quanto aos predicados matrizes, *mandar* (50,5% = 49/97) responde pela metade das ocorrências apuradas nesse período e pela manifestação mais frequente de três dos quatro tipos de expressão do Manipulado: via morfologia (53,6% = 15/28), por SN (80% = 5/4) e por clítico (50% = 21/42). Com *pedir*, segundo tipo de predicado matriz mais frequente (39,2% = 38/97), apenas Manipulado expresso por SN não se manifesta, e, da expressão de Manipulado expresso por SPrep (22 casos), esse predicado (59,1% = 13/22) assume preferência sobre *mandar* (40,9% = 9/22) na ativação desse tipo construcional. Compondo matrizes de subordinadas, *deixar* surge nessa sincronia, mas com baixa frequência de uso (2,1% = 2/97), evidência que se apura também para *querer* e *fazer* (respectivamente, 6,1% = 6/97 e 2,1/97 = 2%) e que restringe a variedade de expressão do Manipulado quando a subordinada se combina com esses predicados: *fazer* com Manipulado expresso igualmente via morfologia e por SN (50% = 1/2 cada), *querer*, restrito a Manipulado expresso apenas morfologicamente, e *deixar* restrito apenas a Manipulado expresso como clítico.

Na sequência, as ocorrências de (90) a (92) exemplificam padrões de completivas que surgem na sincronia do português médio.

(90) Predicado matriz *fazer* com Manipulado expresso morfologicamente

[...] Os papeis vi logo. Direi por eles o que disse diante de mi D. João de Garay (que cortesão para alegar!), mandando-se-lhe um cesto de ruim fruta em ~ua famosa azêmola: **fez que a recolhessem** e respondeu que "la mula era el presente". (17CF_TYBR).

“Os papéis vi logo. Direi por eles o que disse diante de mim D. João de Garay (que cortesão para alegrar!), mandando-se lhe um cesto de fruta ruim em uma famosa mula: fez que a recolhessem e respondeu que “la mula era el presente”.

(91) Predicado matriz *fazer* com Manipulado expresso por SN (pronominal)

[...] erão de pazes & se dauam por nossos amigos, todauia trabalharaõ quanto foy possiuel, com peitas que deraõ aos regedores, & aos priuados de el Rey, para que **fizessem com elle que nos acoimasse** o feito e nos lançasse fora da terra, o que el Rey não quiz fazer, dizendo, que por nenhum caso auia de quebrar as pazes que seus antepassados tinham feitas com Malaca. (16PFP_TYBR).

“Eram de paz e se consideravam nossos amigos, sempre trabalharam o quanto foi possível, dando tributos aos regedores e aos favoritos do rei, para que fizessem com que ele nos multasse e nos lançasse fora da terra, o que o rei não quis fazer, dizendo que, por nada, quebraria as pazes que seus antepassados tinham feito com Malaca.”

(92) Predicado matriz *deixar* com Manipulado expresso por clítico

Se, pella ventura, vyrdes pela corte da ~eperatriz, e vos parecer beem fazerdello [...] **vos leixo que façaes** [...]. (16CDJ_TYBR).

“Se, porventura, virdes pela corte da imperatriz, e vos parecer bem fazê-lo [...] vos deixo que façais [...].”

Das três ocorrências acima, destaca-se, de (91), o primeiro indício da usual construção do PB moderno *fazer com que*. A preposição *com*, sem ter seu sentido comitativo totalmente esvaziado, une-se ao pronome pessoal, indicando uma relação direta entre as entidades Manipulador e Manipulado: as pessoas que desejam a punição e quem, realmente, é o responsável pela sua realização. Essa compreensão evoca a noção de iconicidade, evidenciando que, pela maior proximidade entre os participantes do ato manipulativo, sinalizada por *fizessem com ele*, a ordem de execução da multa ocorreria conjuntamente, ou seja, geraria uma responsabilidade coletiva sobre o resultado, o que não acontece, pois, o *rei*, Manipulado, se exime da persuasão do *grupo* Manipulador. Ainda, outro fato que comprova essa proximidade é a disposição prototípica dos constituintes na estrutura oracional finita: depois de *com ele*, segue com o conectivo *que*, o predicado no subjuntivo e seu clítico argumento.

Baseado nesse dado do português médio, defendo que há uma mudança construcional na estrutura do predicado *fazer*, quando evoca o tipo microconstrucional finita com SN. Hipotetizo um possível caminho para desenvolvimento da construção manipulativa com *fazer com que*: a preposição *com* se neoanalisa, esvaziando-se semanticamente, e, ao reduzir a motivação icônica prevista na fase inicial de seu desenvolvimento e, ao não desempenhar mais função preposicional, integra-se totalmente ao conectivo *que*, formando o *chunk com que*, cuja função é a de conectar orações completivas especificamente com *fazer*. Com esse micropasso, essa união se torna sedimentada na fase moderna, fixando-se na estrutura de completiva finita, depois do predicado manipulativo e antes do Manipulado e do predicado subordinado.

Para a descrição do funcionamento do subesquema manipulativo finito no PB moderno, apresento a Tabela 3, que sumariza os dados quantitativos referentes à frequência *token* e proporção das quatro MicroCx.

Tabela 3 - Distribuição diacrônica das MicroCx finitas no PB moderno

Período	Português brasileiro moderno				
MicroCx	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com clítico	Σ
Predicado					
<i>Mandar</i>	9 34,6%	14 29,8%	3 8,1%	-	26 18,4%
<i>Fazer</i>	-	2 4,3%	-	1 3,3%	3 2,1%
<i>Querer</i>	6 23,1%	10 21,3%	-	-	16 11,4%
<i>Pedir</i>	8 30,8%	6 12,8%	34 91,9%	30 96,7%	78 55,3%
<i>Deixar</i>	2 7,7%	5 10,6%	-	-	7 5%
<i>Proibir</i>	-	1 2,1%	-	-	1 0,7%
<i>Impedir</i>	1 3,8%	-	-	-	1 0,7%
<i>Gostar</i>	-	9 19,1%	-	-	9 6,4%
Σ	26 18,5%	47 33,3%	37 26,2%	31 22%	141 100%

Fonte: Elaboração própria.

Na fase brasileira moderna, mediante os resultados expostos na Tabela 3, observa-se que, na codificação do Manipulado em construções finitas, expande-se o emprego de finitas com Manipulado na forma de SN (33,3% = 47/141), tipo que se combina com uma maior variedade de tipos de predicados matrizes, destacando-se sua combinação com *mandar* (29,8% = 14/47) e *querer* (21,3% = 10/47). Finitas com Manipulado na forma de SPrep é o segundo tipo mais frequente (26% = 37/141), mas restrito, na combinação, a dois predicados matrizes, prevalecendo, de modo quase categórico a combinação com *pedir* (91,9% = 34/37), que, pela sua natureza argumental, exige SPrep de caso dativo e, que, por consequência, leva ao fortalecimento do elo entre esse predicado e o tipo construcional em que ele ocorre. Comportamento semelhante a desse tipo é o de finitas com Manipulado expresso por clítico (22% = 31/141), que também se combina quase exclusivamente com o mesmo predicado *pedir* (96,7% = 30/31), que, também pela natureza argumental, pode licenciar clítico dativo como argumento. Por outro lado, confirma-se a tendência de queda, vinda das sincronias anteriores, de finita com Manipulado marcado morfologicamente, tipo menos frequente (18,5% = 26/141) no PB moderno, mas que, diferentemente de finitas com Manipulado SPrep ou clítico, apresenta variedade de matrizes maior (5 tipos de predicados), com frequência balanceada entre as combinações com *mandar* (34,6% = 9/26), *pedir* (30,8% = 8/26) e *querer* (23,1% = 6/26) e mais escassa com *deixar* (7,7% = 2/26) e *impedir* (3,8% = 1/26).

No que se refere aos predicados matrizes, a primeira observação a ser feita para o PB moderno é o surgimento, com baixa frequência, dos predicados matrizes manipulativos *proibir* (0,7% = 1/141), *impedir* (0,7% = 1/141) e *gostar* (6,4% = 9/141), com conservação dos demais das fases anterior. Dos tipos mais usuais, a frequência de *pedir* cresce consideravelmente nessa sincronia (55,3% = 78/141), superando a de *mandar* em três vezes (18,6% = 26/141), fato que aponta sua especialização para esse tipo de MicroCx manipulativa. Também aumenta, de modo pouco sutil, os usos de *querer* (11,4% = 16/141) e de *deixar* (5% = 7/141).

Abaixo segue uma ocorrência ilustrativa da MicroCx com o predicado matriz *gostar* emergente¹³⁰ no período moderno do PB.

(93) Predicado matriz *gostar* com Manipulado expresso por SN (pronominal)

Lucinha, **gostaria que vo- | cê pensasse** melhor em nossa | situação, pois ela e muito delicada. [...]. (20CRN_PHPB).

Como balanço final acerca da descrição das MicroCx manipulativas interpessoais do subesquema finito, estabeleço as seguintes considerações gerais sobre seu funcionamento na história do português:

- i) MicroCx com Manipulado marcado via morfologia apresenta movimento de queda em produtividade na combinação com o predicado *mandar*. Se, no português arcaico, esse tipo era o mais produtivo, a partir do período médio, sua frequência começa a diminuir significativamente, em favor do aumento da marcação do Manipulado por SN.
- ii) A extensibilidade da MicroCx finita com SN ocorre gradativamente, via sua combinação com diferentes predicados matrizes, estendendo seu uso na fase moderna a quase todos os tipos de predicados investigados, exceto a *impedir*. É sob essa MicroCx que a estrutura *fazer com que* emerge na fase média do português, via mudança construcional, com alteração da estrutura canônica de complementizador de orações finitas. Emerge também o uso do predicado *gostar* na era moderna, apenas sob a forma *gostaria que SN*, com valor de polidez.
- iii) Para MicroCx finita com SPrep, em comparação diacrônica, observa-se que, no português arcaico, o predicado *mandar* era frequentemente ativado nesse tipo construcional, seguido de *pedir*. No entanto, dois movimentos diacrônicos distintos

¹³⁰ O dado com o predicado matriz *impedir* com Manipulado expresso morfologicamente, emergente no PB moderno, pode ser conferido na ocorrência em (7), na Introdução do trabalho, ou em sua reexibição em (83), na seção 5.1.1.

alteram essa condição: o primeiro, o do enfraquecimento de *mandar* nesse pareamento, em vista de sua considerável queda em frequência a partir da fase média; o segundo, o de ascendência com *pedir*, que aumenta em frequência no português médio, sendo altamente produtivo e se revelando representante desse tipo construcional no PB moderno.

- iv) A MicroCx finta com clítico diminui em produtividade, ao longo das sincronias: nos períodos arcaico e médio, é altamente produtiva, com frequência *token* balanceada entre combinações com os predicados *mandar* e *pedir*, já na fase brasileira moderna, fica restrita à combinação apenas com *pedir*, em vista da natureza argumental desse predicado.

Diante dos apontamentos sobre os quatro tipos de MicroCx manipulativas de formato oracional finito, estabeleço as seguintes generalizações sobre o subesquema que as sanciona:

- i) O subesquema finito é menos produtivo que o infinitivo, descrito adiante, mas, mantém-se estável em frequência *token* e proporção: no período arcaico têm 153 *tokens* (30,6% = 153/500 dos dados totais no período), no médio 97 (26,2% = 97/370 dos dados totais no período), e no brasileiro moderno 141 (27,7% = 141/508 dos dados totais no período). A diminuição em frequência geral do subesquema na fase média decorre do fato de esse momento histórico agregar apenas 2 séculos (XVI e XVII), não 3 como nas outras duas fases, contudo, é possível diacronicamente conferir proporcionalidade semelhante.
- ii) A MicroCx finita com SN se destaca, a julgar por sua expansão ao longo dos séculos, começando por se combinar apenas com os predicados *mandar*, *querer* e *pedir*,¹³¹ e terminando, no século XX, por expandir sua combinação com a maioria dos predicados estudados. Em perspectiva longitudinal, capta-se um movimento de especialização dessa MicroCx, que, devido a sua expansão histórica, a fortalece enquanto nó central, e a torna como a primeira do formato oracional finito ativada cognitivamente na rede manipulativa. Ajuda a ratificar esse fato a observação histórica da queda em frequência do finitas com Manipulado expresso

¹³¹ Embora a amostra de dados desta tese não ateste, no PB, há a possibilidade de o predicado *pedir*, na MicroCx finita com SN, associar-se ao conectivo oracional *para que*. O *Corpus do Português – Gênero/Histórico* (Davies; Ferreira, 2006) confirma essa possibilidade de estrutura construcional, conforme mostra a seguinte ocorrência: “Depois de tomar ali mesmo o café de a manhã trazido por uma empregada uma xícara pequena de café e um pedaço de queijo branco, **pediu para que eu sentasse** a o seu lado ele tem o costume de colocar a mão em o seu ombro enquanto fala. Cruzou as pernas sobre o sofá, sorriu (19N:Br:Folha).”

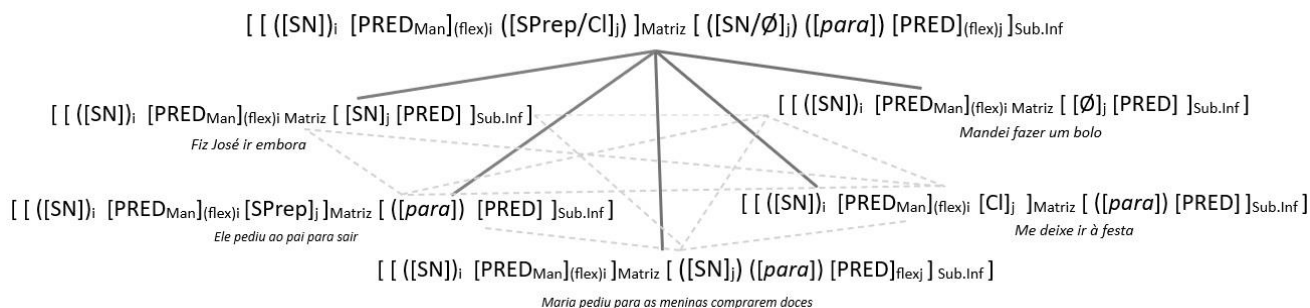
morfologicamente e de usos restritos de finitas com SPrep e com clítico, que se combinam predominantemente com o predicado *pedir*.

Antes de concluir a análise das MicroCx finitas, retomo a constatação de Bittencourt (1995) de que o tipo finito vai se perdendo a partir do século XIX, aumentando o uso do tipo no formato infinitivo. De acordo com a amostra coletada, tal afirmação não se sustenta, porque, pela análise quantitativa, verifiquei que as construções finitas se conservam nas três sincronias, e não há historicamente a substituição entre formatos, mas, a percepção de alterações em frequência e preferência na ativação de determinados predicados manipulativos.

5.1.2.2 As MicroCx manipulativas infinitivas

Descrito formalmente o subesquema finito, passo a examinar os tipos construcionais no formato infinitivo recrutados pelo subesquema infinitivo, que, desde os primeiros séculos do português, apresenta maior produtividade em frequência *token* e proporção. O subesquema das MicroCx infinitivas apresenta-se formalmente pela junção de duas orações a matriz ([...]Matriz) com o predicado manipulativo ([PRED_{Man}]) e a subordinada ([...]Sub.Inf) com seu predicado sob a forma infinitiva ([PRED]). O Subesquema se divide em cinco MicroCx, distinguidas pelo modo de codificação do participante (j) Manipulado: pela desinência de número/pessoa [(flex)_j], pelo sintagma nominal ([SN]_j), sintagma preposicional ou clítico ([SPrep/Cl]_j) ou pela indeterminação ([Ø]_j). A Figura 18 mostra a configuração formal desse subesquema, no qual se alocam as MicroCx identificadas e os elos verticais (linhas contínuas) e horizontais (linhas tracejadas) que as conectam.

Figura 18 - Pequena rede do subesquema manipulativo interpessoal infinitivo



Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 4 mostra os resultados quantitativos apurados para o português arcaico relacionados à frequência *token* e proporção das MicroCx instanciadas pelo subesquema infinitivo.

Tabela 4 - Distribuição diacrônica das MicroCx infinitivas no português arcaico

Período	Português arcaico				
MicroCx	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ
Predicado					
<i>Mandar</i>	4 23,5%	10 90,1%	39 36,1%	189 89,6%	242 69,7%
<i>Fazer</i>	9 53%	1 9,9%	33 30,5%	20 9,5%	63 18,1%
<i>Deixar</i>	4 23,5%	-	36 33,4%	2 0,9%	42 12,2%
Σ	17 4,9%	11 3,1%	108 31,2%	211 60,8%	347 100%

Fonte: Elaboração própria.

No português arcaico, conforme mostra a Tabela 4, se destacam, com maior frequência, as MicroCx com subordinada infinitiva e Manipulado expresso via indeterminação (60,8% = 211/347) e por clítico (31,2% = 108/347), enquanto as que codificam o Manipulado por SN (4,9% = 17/347) e por SPrep (3,1% = 11/347) são opções menos usuais. O predicado matriz *mandar* é acentuadamente o mais recorrente (69,7% = 242/347), com alta produtividade para a infinitiva com indeterminado, que ocorre 89,6% (189/211) das vezes com *mandar* e, com baixa frequência, com *fazer* (9,5% = 20/211) e *deixar* (0,9% = 2/211). Os predicados matrizes *mandar* (36,1% = 39/108), *fazer* (30,5% = 33/108) e *deixar* (33,4% = 36/108) exibem frequência balanceada quando se combinam com a MicroCx infinitiva com clítico. Dentre os predicados matrizes que combinam com a MicroCx com SN, *fazer* mostra maior frequência (53% = 9/17), enquanto *deixar* (23,5% = 4/17), raramente, se combina com esse tipo construcional.

Abaixo seguem ocorrências exemplificativas de cada um dos tipos expostos na Tabela 4.

(94) Subordinada infinitiva com Manipulado expresso por SN

E alli trautarom pollos ditos Reis que fossem fiees amigos huum do outro, e ouvessem paz e concordia, e que elRei de Castella trabalhasse a todo seu poder, que elRei Daragom fosse amigo delRei de Purtugal pela guisa que o elle era, e que **elRei Daragom leixasse viir** pera Purtugal **a Iffante Dona Maria**, filha do dito Rei Dom Pedro. (15DPI_CIPM).

“E os ditos reis combinaram de ser amigos fiéis uns dos outros, e que tivessem paz e harmonia, que o rei de Castela trabalhasse com todo seu poder, que o rei de Aragão fosse amigo do rei de Portugal [...], e que o rei de Aragão deixasse vir para Portugal a infante Dona Maria, filha do dito rei Dom Pedro.”

(95) Subordinada infinitiva com Manipulado expresso por SPrep

[...] **os di(c)tos uedores ma~darom A my~ tabaljom** Asy todo **esc(re)uer** [...]. (15CHP_CIPM).

“Os ditos fiscais mandaram a mim, tabelião, escrever tudo dessa maneira.”

(96) Subordinada infinitiva com Manipulado expresso por clítico

Madr’ e senhor, leixade m’ ir veer aquel que eu por meu mal dia vi, [...] e eu quero morrer, se o non vir, mais, se o vir, guarrei, [...]. (13CA306_CIPM).

“Mãe e senhora, me deixe ir ver aquele que eu, por azar, um dia vi, [...] e eu quero morrer se não o vir, mas, se o vir, me curarei [...].”

(97) Subordinada infinitiva com Manipulado expresso por indeterminação

E **el rey do~ Pedro** tornousse pera seu reyno e **fez Ø matar** a rainha dona Bra~ca, sua mulher, no castello de Medina Cidonya. (14CGE_CIPM).

“E o rei Dom Pedro voltou para seu reino e mandou matar a rainha Dona Branca, sua mulher, no castelo de Medina-Cidonia.”

O funcionamento do subesquema manipulativo infinitivo no português médio está apresentado na Tabela 5, que sumariza os dados quantitativos de frequência *token* e proporção das MicroCx.

Tabela 5 - Distribuição diacrônica das MicroCx infinitivas no português médio

Período	Português médio					
MicroCx	Infinitiva com marcação morfo.	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ
Predicado						
<i>Mandar</i>	-	4 57,1%	13 68,4%	40 46%	150 94,4%	207 75,8%
<i>Fazer</i>	-	1 14,3%	3 15,8%	17 19,5%	9 5,6%	30 11%
<i>Deixar</i>	-	-	2 10,5%	30 34,5%	-	34 12,4%
<i>Proibir</i>	1 100%	-	-	-	-	1 0,4%
<i>Impedir</i>	-	-	1 5,2%	-	-	1 0,4%
Σ	1 0,4%	7 2,5%	19 7%	87 31,9%	159 58,2%	273 100%

Fonte: Elaboração própria.

No português médio, permanecem ativos os quatro tipos de construções manipulativas, com inclusão de um novo nó: a MicroCx com Manipulado codificado morfologicamente, que apresenta apenas 1 *token* (0,4% = 1/273) com o predicado matriz *proibir*. Dentre esses tipos, infinitivas com Manipulado expresso via indeterminação (58,2% = 159/273) e com clítico (31,9% = 87/273) se destacam em termos de maior frequência, como se observa também na fase arcaica. Subordinadas infinitivas com Manipulado marcado por SPrep (7% = 19/273) e SN (2,5% = 7/273) continuam como opção menos usual, com ênfase para um sutil aumento de frequência do primeiro tipo e para a queda do segundo.

Em respeito aos predicados matrizes, *mandar*, assim como na fase arcaica, responde pela metade das ocorrências neste período (75,8% = 207/273) e pela ativação mais frequente de três dos cinco tipos microconstrucionais: via indeterminação (94,4% = 150/159), via clítico (46% = 40/87) e via SPrep (68,4% = 13/19). O segundo predicado matriz mais recorrente, *deixar*, ocorre quase exclusivamente com a subordinada infinitiva com clítico (34,5% = 30/87), que não exhibe, como anteriormente, uma frequência balanceada entre os predicados *mandar* (46% = 40/87) e *fazer* (19,5% = 17/87). Além disso, *deixar* não se associa à MicroCx com SN, mas emerge nessa sincronia com a MicroCx com SPrep (10,5% = 2/19). *Fazer*, por sua vez, preserva sua frequência para a infinitiva com clítico, mas cai consideravelmente em frequência de uso para a infinitiva com indeterminado (5,6% = 9/159). Compondo matriz de subordinada, o predicado *impedir* se manifesta no subesquema infinitivo, combinando-se ao tipo infinitivo com SPrep com somente 1 *token* (5,2% = 1/19).

Na sequência, as ocorrências de (98) a (100) exemplificam padrões de completivas que surgem na sincronia do português médio. Dentre eles, destaco, em (98), a MicroCx emergente com o predicado matriz *proibir*, no qual o Manipulado é codificado pela desinência morfológica (*virem*). Esse surgimento responde ao desenvolvimento do tipo estrutural conhecido na literatura como *infinitivo flexionado* a partir do século XV (Martins, 2006; 2018), alcançando, portanto, a rede manipulativa interpessoal no século XVII.

(98) Predicado matriz *proibir* com Manipulado expresso morfologicamente

Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por eles [...]: **prohibiaõ ás partes virem** com embargos a tais provimentos [...]. (17ARF_TYBR).

“Faziam aqueles que compravam os officios jurar na chancelaria que não tinham comprado [...]: proibiam as partes de virem com embargos a tais provimentos [...].”

(99) Predicado matriz *deixar* com Manipulado expresso por SPrep

[...] Ah que queremos forçar tudo, & a natureza tambem. Velho namorado cõ moça formosa, é empolada [...] Mas **deixemos a cada hum fazer** suas cõtas [...]. (16TFM_TYBR).

“[...] Ah, como queremos forçar tudo, e a natureza também. Um velho namorado com uma moça formosa é uma situação complicada [...]. Mas deixemos cada um fazer suas suposições [...].”

(100) Predicado matriz *impedir* com Manipulado expresso por SPrep

Os Principes Christãos pódem fazer guerra aos **Principes infieis**, que **impedem ás suas Republicas receber** a Ley de Christo [...]. (17ARF_TYBR).

“Os Príncipes Cristãos podem guerrear com os Príncipes infieis, que impedem as suas Repúblicas de receber a Lei de Cristo [...].”

Avançando a descrição para o PB, os resultados quantitativos de frequência *token* e proporção para as MicroCx infinitivas nesse período encontram-se na Tabela 6.

Tabela 6 - Distribuição diacrônica das MicroCx infinitivas no PB moderno

Período	Português brasileiro moderno					
MicroCx	Infinitiva com marcação morfo.	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ
Predicado						
<i>Mandar</i>	-	20 43,5%	10 52,6%	25 25,5%	184 90,8%	239 65,1%
<i>Fazer</i>	-	6 13,1%	1 5,3%	20 20,4%	9 4,3%	36 9,8%
<i>Pedir</i>	1 100%	-	5 26,3%	11 11,2%	-	17 4,6%
<i>Deixar</i>	-	19 41,3%	3 15,8%	42 42,9%	10 4,9%	74 20,2%
<i>Proibir</i>	-	1 2,1%	-	-	-	1 0,3
Σ	1 0,3%	46 12,5%	19 5,2%	98 26,7%	203 55,3%	367 100%

Fonte: Elaboração própria.

No período brasileiro moderno, baseado nos resultados expostos na Tabela 6, destaca-se que, de comportamento semelhante desde a fase arcaica, as MicroCx infinitivas com indeterminado ($55,3\% = 203/367$), exponencialmente associada ao predicado matriz *mandar* ($90,8\% = 184/203$), e com clítico ($26,7\% = 98/367$) se conservam como mais frequentes. Nesta MicroCx, *deixar* apresenta maior frequência ($42,9\% = 42/98$) que os predicados matrizes *mandar* ($25/98 = 25,5\%$) e *fazer* ($20/98 = 20,4\%$), que se aproximam em frequência, haja vista o número de *tokens*. Diferentemente das sincronias anteriores, a MicroCx infinitiva com Manipulado expresso por SN cresce acentuadamente em frequência, quando passa do total de 24 ocorrências no português arcaico e médio, para 46 *tokens* ($12,5\% = 46/367$) na fase moderna, combinando-se frequentemente com os predicados *mandar* ($43,5\% = 20/46$) e *deixar* ($41,3\% = 19/46$). Também, o predicado *proibir* ($2,1\% = 1/46$) também passa a ser associar a esse tipo. A infinita com Manipulado codificado via SPrep mantém seu funcionamento idêntico, em termos de frequência *token*, ao da fase média ($5,2\% = 19/367$), com *mandar* ($52,6\% = 10/19$) como predicado matriz mais recorrente. Finalmente, destaca-se o predicado matriz *pedir*, que outrora restrito ao subsequema de MicroCx subordinadas finitas, emerge no subsequema infinitivo, codificando o Manipulado em MicroCx infinitivas: por desinência morfológica ($100\% = 1/1$), por SPrep ($26,3\% = 5/19$) e por clítico ($11,2\% = 11/98$). O predicado *impedir* não é ativado no subesquema infinitivo na fase moderna.

Abaixo reexibo a ocorrência, renumerada em (101), da MicroCx emergente com o predicado matriz *proibir* no tipo infinitiva com Manipulado expresso por SN.

(101) Predicado matriz *proibir* com Manipulado expresso por SN

Eu quero que **tú não proibas a Hilda de brincar**, porque nos que somos marmanjos gostamos de brincadeiras. porque ela não é só tua, e nossa, pertence-me também, não amo só a mãe dela, mas ela também [...]. (20CRJ_PHPB).

Encerro a descrição das estruturas construcionais inseridas no subesquema infinitivo com a discussão sobre a emergência do predicado matriz *pedir* nessa rede. Resumidamente, conforme mostrei, nas fases arcaica e média, *pedir* é apenas ativado no *slot* de predicado manipulativo da oração matriz nas quatro MicroCx finitas (com marcação morfológica, SN, SPrep e clítico), apresentando-se historicamente um movimento claro de favorecimento, em termos de frequência *token*, na sanção dos tipos com SPrep e clítico. A justificativa para este fato está na força lexical expressa por esse predicado, que exige um argumento obrigatório codificado em um desses tipos estruturais, categorizados como pertencentes ao caso dativo. Porém, no PB, *pedir* passa a ser ativado como predicado matriz em MicroCx do subesquema infinitivo, estendendo-se para três MicroCx infinitivas de modo semelhante às aquelas finitas com Manipulado expresso por desinência morfológica, por SPrep e por clítico.

O uso de *pedir* em infinitivas com Manipulado codificado morfolologicamente se justifica devido à emergência da estrutura de infinitivo flexionado na gramática do português, que, por ser uma estrutura ainda incipiente na rede de manipulação interpessoal, carece de maiores evidências para uma explanação acurada. Dessa maneira, não categorizo a única ocorrência da amostra, disposta em (102), como proveniente de algum tipo de mudança exclusivamente derivada do predicado *pedir*.

(102) Predicado matriz *pedir* com Manipulado expresso morfolologicamente

O tio Caetano pede para rezarmos muito para [corroído] [corroído] [corroído] viesse ia para Barra mansa que escrevia-nos Donde ele esta não tem tempo. (20CMG_PHPB).

A mudança diacrônica verificada com o predicado *pedir* decorre de seu uso com SPrep e clítico em orações subordinadas infinitivas. Inicialmente, apresento as ocorrências em (103) e (104) que exemplificam esses dois usos.

(103) Predicado matriz *pedir* com Manipulado expresso por SPrep

Se ela me encarar e me perguntar por que não ofereço meu lugar à velha – que direi? Ficarei sem resposta e sentirei o sangue esquentar-me as faces. É melhor eu evitar isso, oferecendo meu lugar. **Ela** sorrirá, vira sentar-se onde estou e **pedirá para eu levar** seu cachorro no colo [...]. (20DAH_BLPL).

(104) Predicado matriz *pedir* com Manipulado expresso por clítico

Era já a manhã seguinte, e querendo o moço pôr em pratica o seo extravagante desejo, chamou pela mulher, disendo-lhe ter uma grande sêde, e **lhe pedindo para trazer** um coco d'agua, que estava da parte de fóra na varanda, refrescando. (19JB_TYBR).

O primeiro fato que se observa com os exemplos acima é a fixação sequencial de *pedir* com a preposição *para*, gerando uma relação de dependência, por esses elementos se tornarem altamente sedimentados e convencionalizados. Tal funcionamento destoa dos demais predicados investigados, sendo, portanto, considerado um caso exclusivo do predicado *pedir*, pois, além de ser recrutado para a codificação da manipulação interpessoal, compartilha propriedades e participa de outras redes, fazendo com que seu acionamento na rede manipulativa traga características elementares de sua estrutura argumental inerente, interligando-o nas redes de preposições, de marcação pronominal etc.

A forte dependência entre *pedir* com a preposição *para* se justifica no PB moderno pelos argumentos de Torres Morais e Berlinck (2007) e Torres Morais e Salles (2010), que afirmam que ainda há um processo de neoanálise do *slot* de argumento, que caminha para a obsolescência da forma *a pronome* em favor de *para pronome*. Portanto, esse movimento de neoanálise, que opera em toda gramática do português, afeta a rede manipulativa, como exemplificado pela ocorrência em (105), que revela essa variação na mesma estrutura construcional.

(105) e outras cousas mais; e, vae senão quando, um | meu visinho, homem da raça de Judas, diz que | metade do sitio é d'elle. E então que lhe pa- | rece, Sr. juiz, não é desaforo! mas, como ia | dizendo, **peço a V S . para vir** assistir á mar- | cação do sitio. Manoel André. (19CVD_TYBR).

Pelo exemplo em (105), hipotetizo que a presença das duas preposições se dá porque a neoanálise identificada pelas autoras ainda está em curso, ou seja, a preposição *a* marcadora do caso dativo ainda não foi totalmente suplantada na gramática da língua. Então, esse contexto de variação ainda permanece ativo, com vistas ao favorecimento de *para* em detrimento de *a*.

Portanto, defendo que a presença de *pedir* nas MicroCx infinitivas com Manipulado codificado por SPrep e clítico se processa como uma mudança construcional, uma vez que

diferentemente dos outros predicados com estruturas regulares na sanção de outras MicroCx na história do português, *pedir* entra no subesquema infinitivo no PB moderno via analogização sucedida por influência da trajetória percorrida, desde o português arcaico, pelas MicroCx finitas com SPrep e clítico, que são preferidas por esse predicado na expressão do domínio manipulativo interpessoal.

Assim, esse micropasso de mudança via analogização se justifica i) pela estrutura lexical de *pedir* exigir um argumento no caso dativo, independentemente se a construção completiva estiver na forma finita ou infinitiva. Assim, o usuário, ao ativar esse predicado na codificação de um constructo manipulativo, recorre a sua memória enriquecida, que armazena esse conhecimento sobre *pedir* e o replica via analogização, à estrutura, agora, de infinitivo; ii) pela ligação entre as MicroCx via elo horizontal. Com essa conexão horizontal, as MicroCx finitas e infinitivas com SPrep e clítico servem como alternativas disponíveis na rede, e, por isso, seguem o percurso de restrição histórica para essas duas formas de expressão da figura Manipulada com *pedir*.

Saliento que não se trata de um caso de construcionalização gramatical, uma vez que, apesar de ser uma nova microconstrução em um subesquema, há alteração apenas do componente forma, não do componente de significado, que permanece denotando os imperativos semântico-pragmáticos de ordem e instrução, quando o *pedir* é evocado.¹³²

Em face dos apontamentos concernentes às cinco MicroCx manipulativas com formato oracional infinitivo, formulo generalizações sobre o subesquema que as legitima:

- i) O subesquema infinitivo é altamente produtivo: no período arcaico, apresenta 347 *tokens* (69,4% = 347/500 dos dados totais no período), no médio, 273 (73,7% = 273/370 dos dados totais no período), e, no moderno, 367 (72,2% = 367/508 dos dados totais no período). A pequena queda em frequência geral do subesquema no português médio decorre do fato de esse período agregar apenas 2 séculos.
- ii) A MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado, embora não seja extensível a todos os oito predicados estudados, é a mais frequente com 573 *tokens* (41,5% = 573/1378 dos dados totais), sendo 527 delas (91,9% = 527/573) associadas ao predicado matriz *mandar*. Outras MicroCx subordinadas mais frequentes são:

¹³² Diferentemente deste entendimento, Torrent (2009; 2015), investigando a família *Para Infinitivo*, composta por diversas construções, atesta que o padrão [para SN V_{inf}] engloba um espaço mental em que se configura a realização do EsCo desejado pelo Manipulador, estrutura que é nomeada de *construção manipulativa mesclada*, pois, a segunda entidade da construção codificada pelo SN, o Manipulado, incorpora os papéis de afetado e agente. Ainda, para Torrent (2015), essa construção advém de um processo de construcionalização, quando comparada com as construções originárias dentro da família investigada (cf. seção 3.1.2). Na análise defendida nesta tese, não é possível argumentar, como o autor, a favor da construcionalização.

infinitiva com clítico (21,3% = 293/1378 dos dados totais) e infinitiva com SN (5,1% = 70/1378 dos dados totais), em ambos os tipos construcionais os predicados matrizes *mandar*, *fazer* e *deixar* são produtivamente ativados.

- iii) Casos excepcionais são referentes aos predicados *proibir* e *impedir*, que emergem apenas a partir do português médio. Pela escassez de dados no *corpus* coletado, não disponho de evidências claras para afirmar algum tipo de mudança.
- iv) O predicado matriz *pedir*, até o PB moderno, não é ativado em nenhuma MicroCx subordinada infinitiva, mas, se estende para os tipos cujo Manipulado é expresso morfologicamente, por SPrep e por clítico. Esse movimento é explicado como um caso de uma mudança construcional via analogização.
- v) O subsequema infinitivo, diferentemente do finito, mostra diacronicamente a tendência de forte integração oracional com diferentes graus de iconicidade e sedimentação, dada a união dos predicados manipulativos da oração matriz com os predicados da subordinada e as relações estabelecidas na codificação das entidades participantes do ato manipulativo. Esse argumento será abordado posteriormente, no parâmetro acerca do cenário manipulado, por meio das operações de *construal*.

5.1.2.3 Análise múltipla de colexemas distintivos das microconstruções manipulativas

Esta seção traz uma análise múltipla de colexemas distintivos, porque, como verificado nas duas seções precedentes, mesmo que a associação de predicados como *mandar* e *pedir* a certas MicroCx indique resultados importantes de frequência e produtividade, somente uma análise colexêmica pode ratificar tais observações.

A necessidade de se recorrer à análise de frequência e à análise colexêmica se justifica no confronto de duas posições: a primeira, de Bybee (2003), estabelece que o verbo que aparece mais frequentemente em uma construção deve ser considerado o melhor exemplar para o uso dessa construção; a segunda, de Stefanowitsch e Gries (2003), defende que o melhor exemplar de uma construção pode se dever não ao tipo de verbo mais frequente, mas ao verbo mais fortemente atraído pela construção. Mediante essas duas posições, Hilpert (2006; 2021) argumenta que tanto a força da associação entre uma construção e um item lexical quanto a frequência bruta são essenciais para a investigação histórica, em razão de que as frequências absolutas revelam algumas tendências, mas não desenvolvimentos tangíveis, possíveis de serem recuperados apenas em análises colostrucionais.

Assumindo a proposta de Hilpert (2006; 2021) e, para finalizar esta primeira seção de análise, investigo a força de atração e repulsão entre cada predicado manipulativo e cada MicroCx por ele sancionada, a fim de explorar quais tipos de predicados coocorrem com as construções, quais são preferidos em determinada construção em diferentes estágios e como eles se desenvolveram historicamente.

Começo a análise múltipla de colexemas distintivos com os dados do português arcaico expostos na Tabela 7.¹³³

Tabela 7 – Força colostrucional de predicados matrizes em MicroCx manipulativas do português arcaico

Período	Português arcaico			
Predicado manipulativo	MicroCx	Freq. observada	Freq. esperada	Força colostrucional (<i>log likelihood</i>)
Mandar	Infinitiva com indeterminado	189	147,7	3,004
	Finita com SN	21	15,4	1,222
	Finita com morfologia	36	30,8	0,866
	Infinitiva com SPrep	10	7,7	0,727
	Finita com SPrep	28	29,4	-0,264
	Finita com clítico	23	31,5	-1,772
	Infinitiva com SN	4	11,9	-3,95
	Infinitiva com clítico	39	75,6	-5,860
Fazer	Infinitiva com clítico	33	13,824	3,338
	Infinitiva com SN	9	2,176	2,274
	Infinitiva com SPrep	1	1,408	-0,408
	Infinitiva com indeterminado	20	27,008	-1,567
	Finita com clítico	1	5,76	-4,76
Querer	Finita com morfologia	1	0,088	0,912
	Finita com SN	1	0,176	0,824
Pedir	Finita com clítico	21	3,78	3,757
	Finita com SPrep	14	3,528	2,798
	Finita com morfologia	7	3,696	1,248
Deixar	Infinitiva com clítico	36	9,072	4,488
	Infinitiva com SN	4	1,428	1,286
	Infinitiva com indeterminado	2	17,724	-11,118

Fonte: Elaboração própria.

Fundamentado pela Tabela 7, é possível observar, para os predicados matrizes das MicroCx do período arcaico, que:

¹³³ Acerca das tabelas para a análise múltipla distintiva, cabem as seguintes orientações de leitura dos dados das três últimas colunas: i) *frequência observada* expressa o número absoluto de *tokens* de uma dada MicroCx; ii) *frequência esperada* refere-se ao número de *tokens* esperados para a associação entre um dado predicado e um tipo construcional; iii) *força colostrucional*, por cálculo estatístico de verossimilhança (*log likelihood*), expressa a força de associação entre um predicado e uma MicroCx; quanto maior (e positivo) é o índice, maior é a força de atração, porque a frequência observada é sempre maior que a esperada, e quanto menor (e negativo), maior é a força de repulsão, porque a frequência observada é menor que a esperada. Nas tabelas, as linhas em cor verde destacam a tendência à atração, as em vermelho, à repulsão, e as em branco, à neutralidade. Considerei, para os valores de frequência esperada e de força colostrucional, apenas os três primeiros números após a vírgula, com o intuito de se obter melhor compreensão analítica.

- i) *Mandar* atrai fortemente infinitiva com Manipulado indeterminado (3,004 de força colostrucional)¹³⁴, e, com menor força, finita com SN (1,222); por outro lado, repele mais fortemente combinações com infinitivas com clíticos (-5,860) e com SN (-3,95) e finitas com clítico (-1,772);
- ii) *Fazer* atrai MicroCx infinitiva com Manipulado na forma de clítico (3,338) e com de SN (2,274) e repele as finitas com clítico (-4,76);
- iii) *Querer*, por ocorrer apenas 2 vezes e com dois tipos distintos de finitas, mantém-se neutro quanto à atração ou repulsão de finitas com Manipulado codificado morfológicamente (0,912) e por SN (0,24), entendidas como opções alternativas para a indicação de manipulação interpessoal;
- iv) *Pedir* atrai as MicroCx finitas com clítico (3,757) e com SPrep (2,798) e não apresenta repulsão, mas baixa associação com finitas com Manipulado expresso via morfologia verbal apenas (1,248);
- v) *Deixar* atrai fortemente o tipo infinitiva com clítico (4,488) enquanto repele fortemente a MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado (-11,118).

Referente aos dados do período médio do português, apresento a Tabela 8 abaixo.

¹³⁴ Doravante neste tipo de análise, para evitar a repetição do termo *força colostrucional*, os números que aparecem entre parênteses, referem-se a essa medida.

Tabela 8 – Força colostrucional de predicados matrizes em MicroCx manipulativas do português médio

Período	Português médio			
Predicado manipulativo	MicroCx	Freq. observada	Freq. esperada	Força colostrucional (<i>log likelihood</i>)
<i>Mandar</i>	Infinitiva com indeterminado	150	110,010	3,265
	Finita com SN	4	3,459	0,270
	Infinitiva com SPrep	13	13,145	-0,040
	Infinitiva com SN	4	4,843	-0,421
	Finita com morfologia	15	19,372	-1,129
	Finita com clítico	21	29,059	-1,758
	Finita com SPrep	9	15,221	-2,073
<i>Fazer</i>	Infinitiva com clítico	40	60,194	-3,193
	Infinitiva com clítico	17	7,524	2,298
	Infinitiva com SPrep	3	1,643	0,783
	Finita com SN	1	0,432	0,567
	Infinitiva com SN	1	0,605	0,394
	Finita com morfologia	1	2,421	-1,421
<i>Querer</i>	Infinitiva com indeterminado	9	13,751	-1,583
	Finita com morfologia	6	0,454	2,264
<i>Pedir</i>	Finita com clítico	19	4,313	3,369
	Finita com SPrep	13	2,259	2,978
	Finita com morfologia	6	2,875	1,275
<i>Deixar</i>	Infinitiva com clítico	30	8,464	3,931
	Infinitiva com SN	2	0,681	0,932
	Infinitiva com SPrep	2	1,848	0,107
	Finita com clítico	2	4,086	-1,475
<i>Proibir</i>	Infinitiva com morfologia	1	0,002	0,997
<i>Impedir</i>	Infinitiva com SPrep	1	0,051	0,948

Fonte: Elaboração própria.

No português médio, o comportamento de atração ou repulsão dos predicados matrizes em relação às orações subordinadas é o que destaco abaixo:

- i) *Mandar* continua a atrair infinitiva com Manipulado indeterminado (3,265), com força colostrucional semelhante a do período anterior. No entanto, diminui sua força de atração de finita com SN (0,270), com tendência a repelir todos os outros tipos de subordinadas, em favor da infinitiva com indeterminado, visto que as forças colostrucionais de repulsão começam a aumentar, sendo a infinitiva com clítico a mais repelida (-3,193);
- ii) *Fazer* continua com sua força colostrucional estável na atração de infinitiva com clítico (2,298), porém, a segunda construção mais atraída nesse período passa a ser a infinitiva com SPrep (0,783) em lugar da infinitiva com SN da fase arcaica, que vai para zona de neutralidade (0,394). Infinitiva com Manipulado indeterminado continua a ser o tipo mais repelido (-1,583), ao lado, agora, de finita com Manipulado expresso via morfologia;
- iii) *Querer*, por ocorrer, nesse período, apenas com a finita com Manipulado expresso morfologicamente, restringe a verificação de força colostrucional de atração (2,264);

- iv) *Pedir* conserva-se estável, apresentando valores semelhantes aos do período arcaico. Mantém fortemente associado às duas alternativas finitas, a com Manipulado clítico (3,369) e SPrep (2,978), confirmando a tendência à restrição de combinação com tipos construcionais específicos;
- v) *Deixar* preserva sua força atrativa por MicroCx infinitivas com Manipulado clítico (3,931) e perde sutilmente força na atração de infinitiva com SN (0,932); por não ocorrer, nesse período, com a infinitiva com Manipulado indeterminado, a emergência de finitas com Manipulado clítico, as torna tipo mais repellido (-1,475);
- vi) *Proibir* e *impedir* emergem nesse período, com apenas 1 *token* cada e com baixa força associativa (0,997 e 0,948 respectivamente), impossibilitando o estabelecimento de generalizações e comparações.

A última sincronia, o PB moderno, tem sua análise colostrucional apresentadas na Tabela 9.

Tabela 9 – Força colostrucional de predicados matrizes em MicroCx manipulativas do PB moderno

Período	Português brasileiro moderno			
Predicado manipulativo	MicroCx	Freq. observada	Freq. esperada	Força colostrucional (<i>log likelihood</i>)
<i>Mandar</i>	Infinitiva com indeterminado	184	105,895	5,757
	Infinitiva com SPrep	10	9,911	0,028
	Infinitiva com SN	20	23,474	-0,776
	Finita com morfologia	9	13,562	-1,521
	Finita com SN	14	25,039	-2,950
	Infinitiva com clítico	25	51,122	-5,224
	Finita com SPrep	3	19,301	-9,411
<i>Fazer</i>	Infinitiva com clítico	20	7,523	2,789
	Infinitiva com SN	6	3,454	1,039
	Infinitiva com SPrep	1	1,458	-0,458
	Finita com SN	2	3,685	-1,191
	Finita com clítico	1	2,379	-1,379
	Infinitiva com indeterminado	9	15,584	-2,194
<i>Querer</i>	Finita com SN	10	1,511	2,684
	Finita com morfologia	6	0,818	2,115
<i>Pedir</i>	Finita com SPrep	34	6,919	4,644
	Finita com clítico	30	5,797	4,418
	Finita com morfologia	8	4,862	1,109
	Infinitiva com morfologia	1	0,187	0,812
	Infinitiva com SPrep	5	3,553	0,647
	Finita com SN	6	8,976	-1,215
	Infinitiva com clítico	11	18,326	-2,209
<i>Deixar</i>	Infinitiva com clítico	42	15,625	4,069
	Infinitiva com SN	19	7,175	2,712
	Infinitiva com SPrep	3	3,029	-0,017
	Finita com SN	5	7,653	-1,186
	Finita com morfologia	2	4,145	-1,517
	Infinitiva com indeterminado	10	32,368	-7,073
<i>Proibir</i>	Infinitiva com SN	1	0,181	0,818
	Finita com SN	1	0,185	0,812
<i>Impedir</i>	Finita com morfologia	1	0,051	0,948
<i>Gostar</i>	Finita com SN	9	0,850	2,716

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos resultados acima, no PB moderno, os predicados matrizes assim se comportam:

- i) *Mandar* fortalece ainda mais sua força de atração de infinitivas com Manipulado indeterminado, (5,757), confirmando a evidência baseada apenas em frequência *token* de que se trata de MicroCx prototípica do esquema genérico de manipulação. É confirmada a tendência, iniciada na fase anterior, de *mandar* repelir os demais tipos de subordinada, destacando-se do grupo repelido finitas com Manipulado SPrep (-9,411) e infinitivas com Manipulado clítico (-5,224), que já eram na fase média tipos menos associados a esse predicado. Aponto que, ainda que haja a forte atração do tipo infinitivo com Manipulado indeterminado, não é possível atestar algum tipo de mudança, porque *mandar* permanece estável na combinação com os mesmos tipos de subordinadas, desde a fase arcaica. O teste colostrucional indica, no entanto, a possibilidade de esse predicado vir a se especializar na rede manipulativa e ativar a combinação com infinitivas com Manipulado indeterminado;
- ii) *Fazer* continua atraindo com maior força infinitivas com Manipulado clítico (2,789), voltando a atrair, como na fase arcaica, infinitiva com Manipulado SN (1,039). Além disso, assim como verificado com *mandar*, passa a repelir os demais tipos microconstrucionais, com a forte repulsão de infinitiva com Manipulado indeterminado (-2,194);
- iii) *Querer*, como nas fases anteriores, por se combinar apenas com finitas com Manipulado expresso por SN (2,684) e morfologicamente (2,115), tem força colostrucional equilibrada entre esses dois tipos.
- iv) *Pedir* confirma sua tendência, já indicada na análise de frequência *token*, de forte atração de finitas com Manipulado SPrep (4,644) e clítico (4,418), evidenciando, pela força colostrucional semelhante, que essas duas estruturas alternativas se devem ao próprio significado do predicado, cuja estrutura argumental prevê a necessidade de argumento expresso via SPrep ou clítico. Com esse predicado, conforme defendido anteriormente, ocorre uma mudança construcional, em que ele deixar de ser exclusivo do subesquema de finitas, e passa a se combinar também, no subesquema infinitivo, mas com força de atração moderada, com subordinadas finitas com Manipulado expresso morfologicamente (0,812) e por SPrep (0,647), e com força de repulsão Manipulado expresso por clítico (-2,209). Em razão desse fato, a análise colostrucional mostra que, embora essa mudança seja atestada, a

associação do predicado aos tipos infinitivos é ainda fraca. A hipótese que se aventa é de que a repulsão das infinitivas se deva ao efeito da conservação de todos os tipos de finitas, reconhecidos desde a fase arcaica, e à inovação recente no esquema, reconhecida apenas na fase moderna, mostrando que a associação entre *pedir* com os tipos infinitivos ainda pode estar em vias de implementação. Essa constatação sugere que um trabalho com dados do PB do século XXI deva ser feito, a fim de se ratificar essa hipótese;

- v) *Deixar* continua estável e tem comportamento semelhante ao de *fazer*, em relação ao alto grau de atração de infinitivas com Manipulado clítico, que aumentam em força colostrucional (4,069), e de infinitivas com Manipulado SN (2,712). Ademais, tende a repelir os outros tipos microconstrucionais, com grande repulsa às MicroCx infinitivas com Manipulado indeterminado (-7,073);
- vi) *Proibir*, que neste período, ocorre apenas 2 vezes com manipulado expresso por SN, com um *token* associado à subordinada finita (0,812) e outro, à infinitiva (0,818), nada podendo ser afirmado sobre a associação do predicado a esses dois tipos de subordinada. O que parece passível de generalização é a que a expressão manipulativa interpessoal com *proibir* exige um SN na expressão do Sujeito Manipulado;
- vii) *Impedir*, como na fase média, por ocorrer apenas 1 vez combinado com finita com Manipulado expresso via morfologia, tem força associativa neutra;
- viii) *Gostar*, embora só apareça na fase moderna, ocorre categoricamente combinado com finita com Manipulado SN, e sua força colostrucional (2,716) é maior do que a predicados de baixa frequência *token*, o que mostra a convencionalização do padrão *gostaria que SN*.

Feita a análise colostrucional das três sincronias do português, estabeleço algumas observações gerais:

- i) A rede de construções manipulativas, quando se considera a configuração de seus pareamentos na associação dos predicados e das construções, possui estabilidade e coerência, uma vez que os mesmos tipos de subordinadas fortemente atraídos por cada predicado permanecem estáveis ao longo dos séculos: *mandar* associado à infinitiva com Manipulado indeterminado; *fazer*, à infinitiva com Manipulado clítico; *querer*, às finitas com Manipulado SN ou expresso via morfologia; *pedir*, às finitas com Manipulado clítico e ou SPrep; *deixar*, à infinitiva com Manipulado

clítico; *gostar*, à finta com Manipulado SN; *proibir* e *impedir*, sem associação a tipos específicos de subordinada;

- ii) Se o fato de mudança de preferência colostrucional se traduz em mudança na rede, não confirmo mudança na configuração radial das MicroCx, mas alego, pela análise múltipla de colexemas distintivos, estabilidade, ainda que, na análise de frequência *token* e proporção, haja variação no aumento e diminuição de frequência entre predicados e tipos construcionais.¹³⁵
- iii) Há claramente uma tendência diacrônica de restrição, ou ainda, de especialização na associação entre os predicados *mandar*, *fazer*, *deixar* e *pedir* e tipos microconstrucionais. Para a confirmação de consolidação desse movimento, se faz necessário continuar a investigação com dados do século XXI do PB.

Nesta primeira seção de análise, investiguei a configuração geral das MicroCx manipulativas interpessoais na história do português. Primeiramente, na descrição do componente de significado, mostrei que imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição mantêm uma relação semântico-pragmática ativa, convencional e estável. Sobre o componente de forma, reconheci dois subesquemas de subordinação no domínio da manipulação interpessoal. O primeiro, finito, se subdivide entre os tipos microconstrucionais distinguidos entre marcação morfológica e sintagmática da figura do Manipulado. O segundo, infinitivo, é distinguido entre os tipos com marcação morfológica, sintagmática e indeterminação do Manipulado.

Por meio de análises descritivas de frequência *token* e proporção e pela análise colostrucional múltipla de colexemas distintivos, defendi que há uma tendência de preferência na associação dos tipos microconstrucionais com os predicados manipulativos. Tal associação se mantém estável na história do português, o que revela que a rede de construções manipulativas interpessoais apresenta estabilidade construcional, mesmo que existam pequenas variações e mudanças construcionais, com os predicados *fazer* e *pedir*.

5.2 Estrutura e referencialidade do Manipulador e do Manipulado em MicroCx manipulativas

Investigo, nesta seção, o comportamento tanto formal quanto semântico dos constituintes da construção manipulativa interpessoal que preenchem os *slots* reservados aos

¹³⁵ Mesmo que *pedir* emergja no subesquema infinitivo no PB moderno, não há alteração da rede, porque as infinitivas com Manipulado clítico e SPrep já existiam com outros predicados.

participantes Manipulador e Manipulado. Primeiramente, a fim de mapear diacronicamente a organização interna dos pareamentos, descrevo quais categorias sintagmáticas e marcações morfológicas expressam essas entidades e qual sua produtividade. Também, verifico quais posições, tendo como referência o predicado manipulativo da oração matriz e o predicado subordinado, essas entidades ocupam no complexo construcional, com o intuito de evidenciar se há fixação ou mudança na distribuição linear dos dois *slots* ao longo dos séculos. Em seguida, identifico como os Agentes da manipulação interpessoal são conceptualizados, averiguando historicamente mudanças relacionadas à ampliação ou à restrição de traços referenciais desses participantes.

5.2.1 Estrutura e referencialidade do Manipulador

Nesta seção, baseado em resultados quantitativos em termos de frequência *token* e proporção, analiso inicialmente a expressão formal do Manipulador, participante inaugurador do ato de manipulação interpessoal, ligado diretamente aos predicados manipulativos na oração matriz e responsável pela emissão dos imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição.

Em relação a sua estruturação na fase arcaica, exibido, na Tabela 10, as possibilidades formais de expressão do Manipulador (SN¹³⁶ ou flexão de número/pessoa) e de sua posição nas MicroCx.

¹³⁶ Considero, sob o rótulo geral SN, tanto SNs plenos quanto pronomes pessoais de caso reto.

Tabela 10 – Frequência *token* e proporção da expressão formal do Manipulador no português arcaico

		Período	Português arcaico									
		Estrutura	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com Clítico	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com Clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ	
		MicroCx										
Marcação sintagmática	pré	SN	13 6,5%	4 2%	14 7%	13 6,5%	11 5,5%	3 1,5%	43 21,5%	99 49,5%	200 40%	244 48,8%
	entre	SN	2 5,1%	4 10,3%	2 5,1%	3 7,7%	1 2,6%	1 2,6%	8 20,5%	18 46,1%	39 7,8%	
	pós	SN	-	-	-	-	-	-	1 20%	4 80%	5 1%	
Marcação morfológica	Flexão	1ª pessoa sing./pl.	18 17,8%	11 10,9%	14 13,9%	8 7,9%	1 1%	2 2%	14 13,8%	43 32,7%	111 22,2%	256 51,2%
		2ª pessoa sing./pl.	-	-	-	-	1 5%	-	15 75%	4 20%	20 4%	
		3ª pessoa sing./pl.	11 8,8%	3 2,4%	12 9,6%	21 16,8%	3 2,4	5 4%	27 21,6%	43 34,4%	125 25%	
Σ			44 8,8%	22 4,4%	42 8,4%	45 9%	17 3,4%	11 2,2%	108 21,6%	211 42,2%	500 100%	

Fonte: Elaboração própria.

De modo geral, no português arcaico, o Manipulador tem frequência e proporção equilibradas entre expressão por SN (48,8% = 244/500) e por marcação morfológica de número e pessoa (51,2% = 256/500). Mais especificamente, o *slot* de Manipulador preenchido por SNs ocorre em três posições no complexo construcional: anteposto ao predicado manipulativo, entre o predicado manipulativo e o predicado encaixado ou posposto aos dois predicados.

Mais produtivamente, Manipulador anteposto ao predicado manipulativo (40% = 200/500) ocorre majoritariamente em contextos de subordinadas infinitivas com Manipulado indeterminado (49,5% = 99/200) e expresso por clítico (21,5% = 43/200), e menos frequentemente com finitas com Manipulado expresso por SPrep (7% = 14/200), via morfologia (6,5% = 13/200) e por clítico (6,5% = 13/200). Em posição intermediária (7,8% = 39/500) o Manipulador experimenta combinações com todos os tipos de subordinadas, destacando-se em contextos de infinitivas com Manipulado indeterminado (46,1% = 18/39) e expresso por clítico (20,5% = 8/39). Raramente, a entidade Manipuladora ocupa a posição posposta no complexo oracional (1% = 5/200), mas, quando ocorre, prevalece em contextos de subordinada infinitiva com Manipulado indeterminado (80% = 4/5). Essas possibilidades de posição do Manipulado dizem respeito à informação do ato manipulativo que se deseja destacar.

As ocorrências de (106) a (108) exemplificam as posições ocupadas pelo Manipulador expresso via SN.

(106) Manipulador em posição anteposta

Alboazer Alboçadam mandou-lhe **dizer** que lhe prazia delo e que fosse a Gaia [...]. (14NLL_CIPM).

“Alboazer Alboçadam mandou-lhe dizer que gostava dele e que ele se fosse a Gaia.”

(107) Manipulador em posição intermediária

[...] Foi esto dito a elRei per alguns seus, e **mandoua elRei tirar** dalli e entregar aaquelles que a criavom. (15DPI_CIPM).

“E isto foi dito ao Rei por alguns dos seus, e o Rei mandou tirá-la dali e entregar àqueles que a criavam.”

(108) Manipulador em posição posposta

E dizia Ao d(i)to p(ri)ol q(ue) lhe **Ma~daua diz(er) o d(i)to fra(ncisco) m(art)i(n)z** [..] q(ue) no~ q(ue)ria co~ elle p(rei)to’ [...]. (14DN0103_CIPM).

“E dizia ao dito pároco que o dito Francisco Martins mandava-lhe dizer que não queria fazer um pacto com ele.”

Conforme ainda os resultados da Tabela 10, em casos de Manipuladores expressos morfologicamente, prevalecem de modo equilibrado os de 3ª pessoa (25% = 125/500) e de 1ª pessoa (22,2% = 111/500), seja do singular seja do plural. Manipulador expresso apenas morfologicamente pela 3ª pessoa do verbo é mais recorrente em contexto de subordinadas infinitivas, com Manipulado indeterminado (34,4% = 43/125) ou expresso por clítico (21,6% = 27/125), e finitas com Manipulado clítico (16,8% = 21/125). Manipulador codificado na 1ª pessoa do verbo ocorre em todos os contextos de subordinadas apurados, destacando-se os de infinitivas com Manipulado indeterminado (32,7% = 43/111), seguido dos de finitas com Manipulado expresso via morfologia (17,8% = 18/111) e por SPrep (13,9% = 14/111 = 13,9%), e dos de infinitiva com Manipulado clítico (13,9% = 14/111). Manipulador em 2ª pessoa, embora pouco produtivo nessa fase do português (4% = 20/500), restringe-se a contextos de subordinada infinitiva, podendo o Manipulado vir expresso por clítico (75% = 15/20) ou SN (5% = 1/20) ou ser indeterminado (20% = 4/20).

O dado em (109) exemplifica a expressão do Manipulador expresso apenas morfologicamente pela flexão 3ª pessoa do predicado manipulativo.

(109) Triste and’ eu velida, [...] por que **mi non leixan veer** meu amigo [...]. (13CA257_CIPM).

“Eu ando triste e bela, porque não me deixam ver meu amigo.”

Os resultados da expressão formal do Manipulador no português médio seguem na Tabela 11, com valores de frequência *token* e proporção.

Tabela 11 – Frequência *token* e proporção da expressão formal do Manipulador no português médio

		Período	Português médio											
		Tipo	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com Clítico	Infinitiva com marcação morfo.	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com Clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ		
		MicroCx												
Marcação sintagmática	pré	SN	3 3,6%	-	3 3,6%	8 9,5%	-	-	5 5,9%	15 17,9%	50 59,5%	84 22,7%	113 30,5%	
	entre	SN	3 13%	-	1 4,3%	1 4,3%	-	2 8,7%	2 8,7%	5 21,7%	9 39,1%	23 6,2%		
	pós	SN	-	-	-	-	-	-	-	2 33,3%	4 66,7%	6 1,6%		
Marcação morfológica	Flexão	1ª pessoa sing./pl.	17 19,8%	1 1,1%	8 9,3%	21 24,4%	-	3 3,5%	4 4,7%	4 4,7%	28 32,5%	86 23,2%	257 69,5%	
		2ª pessoa sing./pl.			2 4,4%			1 2,2%	1 2,2%	22 48,9%	19 42,3%	45 12,2%		
		3ª pessoa sing./pl.	5 4%	4 3,2%	8 6,3%	12 9,5%	1 0,8%	1 0,8%	7 5,6%	39 30,9%	49 38,9%	126 34,1%		
Σ			28 7,6%	5 1,3%	22 6%	42 11,3%	1 0,3%	7 1,9%	19 5,1%	87 23,5%	159 43%	370 100%		

Fonte: Elaboração própria.

No português médio, em geral, a expressão formal do Manipulador via morfologia (69,5% = 257/370) prevalece largamente sobre a expressão por SN (30,5% = 113/370). Em comparação à fase arcaica, a frequência similar entre as duas opções decai, favorecendo, na fase média, a expressão do Manipulador via flexão de número e pessoa.

Acerca da expressão do Manipulador via SN, o comportamento é muito semelhante ao do período arcaico, com posição pré-verbal prevalecendo sobre as demais (22,7% = 84/370), especialmente em contextos de subordinada infinitiva, com Manipulado indeterminado (59,5% = 50/84) ou clítico (17,9 = 15/84). Nos casos de Manipulador em posição intermediária (6,2% = 23/370), sua ocorrência prevalece nos mesmos contextos subordinativos de SN anteposto: de infinitivas com Manipulado indeterminado (39,1% = 9/23) ou clítico (21,7% = 5/23). SN-Manipulador posposto ao predicado matriz é opção mais rara (1,6% = 6/370), mas, se ocorre, a preferência recai sobre contextos de infinitivas com Manipulado indeterminado (4/6 = 66,7%) e clítico (2/6 = 33,3%).

As ocorrências abaixo exemplificam a ordem do Manipulador nas MicroCx da fase média.

(110) Manipulador em posição anteposta

[...] digo a V. M. que cuido que, por zombarem de mi, dizem só tão pouco aqueles que censuram os meus escritos. **V. M. os deixe cortar** e retalhar; que eu estou já insensível [...]. (17CF_TYBR).

(111) Manipulador em posição intermediária

[...] no cabo **o fez ElRey aparecer** para ante si com o lavrador: e perguntandolhe, se o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro [...]. (17ARF_TYBR).

“Por fim, o Rei o fez aparecer perante si com o lavrador, e mandou-lhe pagar a pipa e o vinho em dobro [...]”

(112) Manipulador em posição posposta

Auto que **mandou fazer ho gdor e ca- pitaõ generall deste estado do brazill dom luis de souza** [...] (17PGB_CDP).

“Auto que o governador e capital geral deste estado do Brasil, Dom Luis de Souza, mandou fazer [...]”

Também de modo similar ao período arcaico, Manipulador codificado apenas morfologicamente no verbo manipulativo continua produtivo na codificação mais de 3ª pessoa (34,1% = 126/370) do que de 1ª pessoa (23,2% = 86/370), e menos frequente na 2ª pessoa (12,2% = 45/370). Frequentemente, a flexão em 3ª pessoa, singular ou plural, do Manipulador ocorre com as subordinadas infinitivas com Manipulado indeterminado (38,9 % = 49/126) ou clítico (30,9% = 39/126), enquanto a de 1ª pessoa é mais produtiva em contextos de subordinada infinitiva com Manipulado indeterminado (32,5% = 28/86) e de finitas com Manipulado clítico (24,4% = 21/86) e ou expresso morfologicamente (19,8% = 17/86). Com menor frequência, Manipulador em 2ª pessoa ocorre com subordinadas infinitivas com Manipulado clítico (48,9% = 22/45) ou indeterminado (42,3% = 19/45). Em (113), segue uma ocorrência exemplificativa desse último caso.

(113) [...] Calidio (empregado). Que pressa he esta tua [...]? Amente (fidalgo). Pera que queres saber mais das minhas desauêturas? [...] perdi aquella minha carta que sabes [...] torno em sua busca, **deixame ir só**. (16TFM_TYBR).

“Calidio (empregado): Que pressa é esta tua [...]? Amente (fidalgo): Para que queres saber mais das minhas desaventuras? [...] sabes que perdi aquela minha carta [...] volto em sua busca, deixa-me ir só.”

Por fim, sobre a expressão formal do Manipulador na fase brasileira moderna, seguem os resultados na Tabela 12.

Tabela 12 – Frequência *token* e proporção da expressão formal do Manipulador no PB moderno

		Período	Português brasileiro moderno										
		Tipo	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com Clítico	Infinitiva com marcação morfo.	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com Clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ	
		MicroCx											
Marcação sintagmática	pré	SN	3 1,9%	10 6,4%	5 3,2%	7 4,5%	1 0,6%	13 8,3%	4 2,5%	25 15,9%	89 56,7%	157 30,9%	190 37,4%
	entre	SN	4 12,9%	3 9,7%	2 6,4%	-	-	1 3,2%	4 13%	5 16,1%	12 38,7%	31 6,1%	
	pós	SN	-	-	-	-	-	-	-	1 50%	1 50%	2 0,4%	
Marcação morfológica	Flexão	1ª pessoa sing./pl.	15 12,5%	20 16,7%	18 15%	19 15,8%	-	4 3,3%	-	14 11,7%	30 25%	120 23,6%	318 62,6%
		2ª pessoa sing./pl.	1 1,3%	8 10,2%	1 1,3%	-	-	13 16,7%	4 5,1%	28 35,9%	23 29,5%	78 15,4%	
		3ª pessoa sing./pl.	3 2,5%	7 5,8%	11 9,2%	5 4,2%	-	14 11,7%	7 5,8%	25 20,8%	48 40%	120 23,6%	
Σ			26 5,1%	48 9,4%	37 7,3%	31 6,1%	1 0,2%	45 8,9%	19 3,7%	98 19,3%	203 40%	508 100%	

Fonte: Elaboração própria.

De maneira geral, o comportamento do Manipulador no PB moderno segue a tendência das fases anteriores média, com prevalência da expressão morfológica (62,5% = 318/508) sobre a de SN (37,4% = 190/508) .

Manipulador SN, como nos séculos anteriores, ocorre e prototipicamente anteposto ao predicado manipulativo (30,9% = 157/508) e predominantemente em contextos de subordinadas infinitivas com Manipulado indeterminado (30,9% = 89/157) ou clítico (15,9% = 25/157), mas verificável em todos os tipos de subordinadas, em maior ou menor frequência. A posição intermediária do SN Manipulado, mais restrita (6,1% = 31/508), ocorre especialmente com subordinadas infinitivas com Manipulado indeterminado (38,7% = 12/31) ou clítico (16,1% = 5/31). Em posição posposta ao predicado manipulativo, o SN Manipulador, no PB moderno, mostra caminhos de obsolescência. Mesmo que não produtiva nas sincronias anteriores, nesta, sua frequência cai consideravelmente (0,4% = 2/508), dividindo-se entre um caso de subordinada infinitiva com Manipulado indeterminado e um com clítico. De (114) a (116), seguem ocorrências exemplificativas das posições ocupadas pelo Manipulador expresso via SN no PB moderno.

(114) Manipulador em posição anteposta

o desembargador Chanceler dessa Relação **fizera prender** a Manuel José Viegas por uma suposta culpa, com que o teve na prisão perto de seis meses. (18CAX_TYBR).

(115) Manipulador em posição intermediária

Sanch. **Deixe-me vossa mercê fazer** primeiro as minhas; que he razão, que acuda primeiro às minhas necessidades, do que às alheias. D. Quix. Vamos, Sancho [...]. Sanch. **Deixe-me vossa mercê** primeiro **urinar** [...]. (18TAJ_TYBR).

“Sancho: Vossa mercê me deixe fazer primeiro as minhas, porque é justo que acuda primeiro às minhas necessidades do que as alheias. D. Quixote: Vamos, Sancho [...]. Sancho: Vossa mercê me deixe primeiro urinar [...].”

(116) Manipulador em posição posposta

Agora | vejo (lhe disse Antionor) qual he o gosto | dos que com alegria comem; porque estes | manjares [...] são mais saborosos, que os delicadissi- | mos, que de sua Real meza **me fazia parti-** | **cipar Anfiarão** [...]. (18AVD_TYBR).

“Agora vejo, lhe disse Antionor, qual é o gosto dos que comem com alegria, porque estes majares [...] são mais saborosos que aqueles delicadíssimos, de quando Anfiarão me fazia participar de sua mesa Real [...].”

Sobre a marcação morfológica do Manipulador, diferentemente dos períodos anteriores, no PB moderno, as flexões de 1ª pessoa e de 3ª pessoa ocorrem com a mesma frequência (23,6% = 120/508), com a de 1ª pessoa mais afeita a ocorrer em contextos de infinitiva com Manipulado indeterminado (25% = 30/120), de finita com Manipulado SN (16,5% = 20/120) ou clítico (19/120 = 15,8), e a de 3ª pessoa, em contextos de infinitiva com Manipulado indeterminado (40% = 48/120) ou clítico (20,8% = 25/120), preservando, assim, o mesmo cenário observado na fase média. Já a codificação morfológica do Manipulado por 2ª pessoa cresce em frequência (15,4% = 78/508) nesse período, especialmente, diante de infinitiva com Manipulado clítico (35,9% = 28/78) ou indeterminado (29,5% = 23/78).

A ocorrência em (117) ilustra um dos casos de uso da forma morfológica de 1ª pessoa para a marcação do Manipulador.

- (117) Carlos - É indecente o que faz. Belfort - Não insista. O ar de fora far-lhe-á bem. E note: mesmo o respeito que tenho por seu pai, não impedirá que o declare publicamente e o **faço prender** se disser uma palavra a respeito deste caso. **Mando-o prender** irrevogavelmente. Carlos - Há amizades suspeitas. (20BMV_BLPL).

Após a descrição das formas de codificação do *slot* do Manipulador nas microconstruções investigadas, cabem as seguintes considerações:

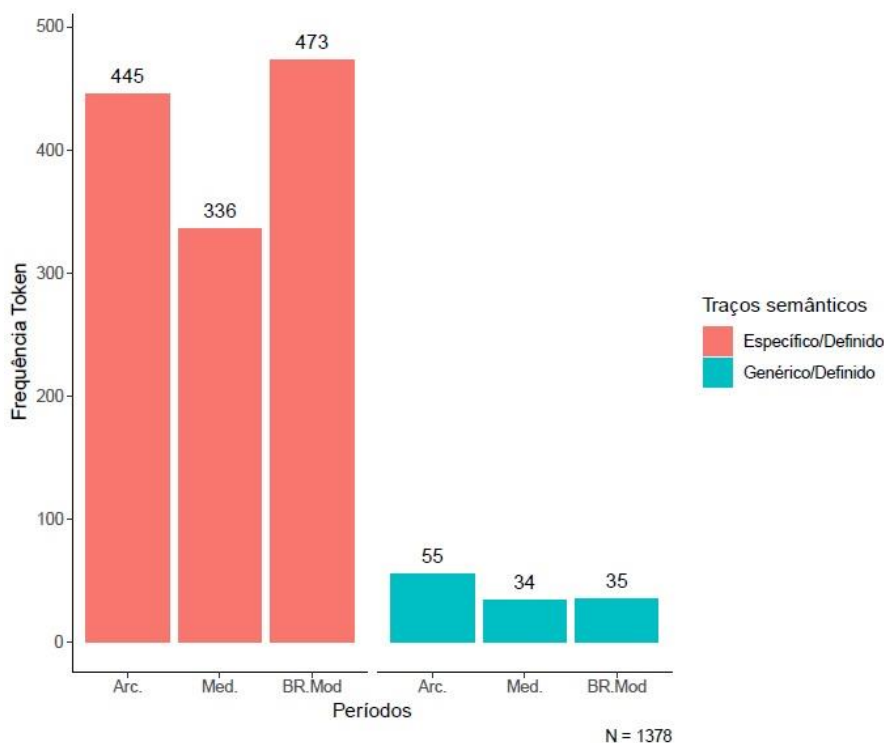
- i) A verificação das posições alternativas do SN Manipulador confirma que, historicamente, sua distribuição linear nos pareamentos é prototipicamente em posição anteposta ao predicado matriz. No entanto, há possibilidade de ocorrência em posições intermediária e pós-verbal, explicada por escolhas pragmáticas que elevam a pôr em evidência os EsCo que compõem o ato manipulativo, não aquele que o instaura;
- ii) No português arcaico, as marcações morfológica e sintagmática do Manipulador variam, quase pareadas em frequência, no entanto, há uma tendência, já no português médio, de a marcação por meio de flexões de número e pessoa se estabelecer como mais produtiva. Esse movimento se fortalece no PB moderno, no qual esse modo de codificação ocorre em mais da metade dos dados (62,6%).

Nesta seção, descrevi, de modo geral, a codificação do Manipulador em MicroCx manipulativas, apontando os contextos de subordinadas infinitivas com Manipulado indeterminado e clítico como tipos mais produtivos. Essa constatação, somada à tendência diacrônica de favorecimento da marcação morfológica do Manipulador em detrimento de sua expressão por SN, conduziu-me à realização de uma análise colostrucional distintiva, na qual examinei a associação de cada tipo microconstrucional com as duas possibilidades de marcação do Manipulador. Os resultados não indicaram um movimento claro de mudança na preferência de uma forma de expressão sobre outra, nem, especificamente, a especialização de apenas uma delas em uma dada MicroCx. A diferença entre os valores de atração e repulsão foi mínima, indicando baixa força colostrucional. Por conseguinte, esses resultados não estão aqui apresentados sob a forma de tabela, pois não são significativos.

A conclusão a que chego depois de tal análise é a de que há variação entre os tipos morfológico e sintagmático na expressão do Manipulador, mas sem prevalência de um sobre o outro, ainda que a análise de frequência *token* tenda a sugerir o contrário.

Descrita a estrutura formal do Manipulador, passo à análise de seu comportamento semântico. Consoante a classificação de Lyons (1977), esse participante é categorizado como entidade de primeira ordem, *indivíduo*, restrito a apenas dois traços referenciais: específico/definido e genérico/definido. O gráfico da Figura 19 exhibe a frequência *token* de tais traços nos três períodos da língua portuguesa investigados .

Figura 19 – Referência semântica do Manipulador no português



Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostra o gráfico, há uma estabilidade, em termos de frequência *token*, no comportamento semântico do Manipulador, prevalecendo, em todos os três períodos, Manipulador de referência específica/definida (91% = 1254/1378) sobre os de referência genérica/definida (9% = 125/1378). Baseado nesse resultado quantitativo, argumento que a conceptualização, constante ao longo dos séculos, do Manipulador como prototipicamente de referência específica/definida se deve à sua função como Agente precursor da manipulação interpessoal. Seja via SN seja via flexões morfológicas, o participante Manipulador tem referencialidade definida, a fim de conferir maior credibilidade da informação codificada no ato manipulativo, porque o reconhecimento/justificativa de seu sucesso depende, de certo modo, da identificação mais precisa de quem ordena, instrui, permite ou proíbe.

Como exemplo da referencialidade do Manipulador, apresento as ocorrências em (118) e (119), do PB moderno e do arcaico, respectivamente.

(118) Manipulador com traços semânticos [+ específico/ + definido]

Leônidas partiu em busca do major. No acampamento não estava. Foi até Boniteza. Encontrou um cabo. **O cabo mandou Leônidas bater** na casa da viúva Dona Birigüi ao lado do Correio. O major apareceu na janela com má vontade. Resmungou: - Já vou. [...]. (20NAM_BLPL).

(119) Manipulador com traços semânticos [+ genérico/ + definido]

O bispo [...] entrou na camara onde elRei estava, e **os porteiros fizeram** logo **hir todollos seus e os outros**, em guisa que no paaço nom ficou nenhuum, e foi livre de toda a gente. (15DPI_CIPM).

“O bispo [...] entrou na sala onde o rei estava, e os porteiros fizeram todos os seus e os outros irem embora rapidamente, de modo que no lugar não ficou nenhum [...].”

Em conclusão, em reforço ao argumento já pontuado, defendendo que a conceptualização do Manipulador como definido, de modo específico ou genérico, no domínio da manipulação interpessoal, é uma fundamental na conceptualização do ato manipulativo e do cenário, bem-sucedido ou pretendido, subsequente.

5.2.2 Estrutura e referencialidade do Manipulado

Em relação à forma que o Manipulado assume, sua variação formal possibilitou o reconhecimento e a categorização dos diferentes tipos microconstrucionais finitos e infinitivos, conforme visto em 5.1.2. As informações relevantes do comportamento diacrônico da estrutura do Manipulado podem ser assim sintetizadas:

- i) No período arcaico da língua, observa-se considerável alternância entre as posições anteposta, intermediária e posposta para a codificação do Manipulado nos diferentes tipos de MicroCx. Durante a fase média, há tendência ao favorecimento do Manipulado expresso por SN na posição intermediária da MicroCx. No PB moderno, esse movimento se consolida, indicando uma mudança construcional na ordem do *slot*. Também nesta fase, outra mudança construcional parece estar em curso: a de fixação do Manipulado expresso por SN na posição intermediária em construções infinitivas, devido ao aumento acentuado da frequência, em detrimento da posição posposta, anteriormente predominante.
- ii) A codificação do Manipulado (por SN, SPrep, clítico ou morfologia do verbo manipulativo) demonstra estabilidade ao longo dos séculos. Exemplos dessa regularidade incluem a MicroCx finita com Manipulado expresso morfologicamente e que se firma na flexão de 3ª pessoa; a MicroCx finita com Manipulado SPrep em posição intermediária; e as MicroCx finita e infinitiva com Manipulado clítico em posição tanto anteposta quanto intermediária. Ademais, embora na construção infinitiva, o Manipulado SPrep varie entre as três posições, a posição posposta é historicamente a mais frequente.

Com o intuito de ratificar esses resultados sumarizados acima, exibo, na Tabela 13, a análise colostrucional múltipla de colexemas distintivos¹³⁷, que avalia o grau de associação (força colostrucional) entre as MicroCx manipulativas e o modo expressão formal do Manipulado.

Tabela 13 - Força colostrucional de MicroCx manipulativas e formas de expressão do Manipulado no português

Período	Português arcaico				Português médio				PB moderno			
MicroCx	Estrut.	Freq. Obs.	Freq. Esp.	Força Colos.	Estrut.	Freq. Obs.	Freq. Esp.	Força Colos.	Estrut.	Freq. Obs.	Freq. Esp.	Força Colos.
Finita com morfo.	Flexão 3p	38	3,34	5,62	Flexão 3p	19	1,43	4,02	Flexão 3p	15	0,76	3,67
	Flexão 2p	6	0,52	2,23	Flexão 2p	9	0,68	2,77	Flexão 2p	10	0,51	3,00
	-	-	-	-	-	-	-	-	Flexão 1p	1	0,10	0,89
Finita com SN	Entre SN	18	1,18	3,96	Entre SN	5	0,09	2,19	Entre SN	48	7,65	5,82
	Pós SN	3	0,66	1,35	-	-	-	-	-	-	-	-
	Pré SN	1	0,04	0,95	-	-	-	-	-	-	-	-
Finita com SPrep	Entre SPrep	38	3,27	5,63	Entre SPrep	22	1,78	4,31	Entre SPrep	34	2,98	5,31
	Pré SPrep	4	0,50	1,74					Pré SPrep	3	0,21	1,60
Finita com clítico	Entre cl.	25	5,76	3,84	Entre Cl.	19	5,78	3,03	Entre cl.	19	4,21	3,39
	Pré cl.	20	8,1	2,66	Pré cl.	23	8,85	2,94	Pré cl.	12	3,66	2,40
Infinitiva com morfo.	-	-	-	-	SN	1	0,01	0,98	Flexão 1p	1	0,03	0,99
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Infinitiva com SN	Pós SN	12	0,51	3,31	Pós SN	6	0,11	2,40	Entre SN	33	7,17	4,49
	Entre SN	5	0,91	1,82	Entre SN	1	0,13	0,86	Pós SN	12	1,06	3,15
Infinitiva com SPrep	Pós SPrep	7	0,15	2,58	Pós SPrep	9	0,46	2,84	Pós SPrep	12	0,44	3,33
	Pré SPrep	2	0,13	1,32	Entre SPrep	8	1,54	2,28	Entre SPrep	7	1,53	2,06
	Entre SPrep	2	0,88	0,79	Pré SPrep	2	0,10	1,34	-	-	-	-
Infinitiva com clítico	Pré cl.	70	19,4	6,04	Pré cl.	55	18,3	4,94	Pré cl.	48	11,57	5,25
	Entre cl.	38	13,8	3,92	Entre cl.	32	11,9	3,53	Entre cl.	50	13,31	5,18
Infinitiva com indet.	Indet.	211	89,0	8,39	Indet.	159	68,3	7,19	Indet.	203	81,12	8,55

Fonte: Elaboração própria.

Os argumentos relacionados à estabilidade das construções manipulativas interpessoais na história do português e aos processos de mudança construcional (do predicado *pedir* como matriz de MicroCx infinitivas e do SN-Manipulado em posição intermediária), se confirmam na análise colostrucional com base nos resultados da Tabela 13, dos quais cabem destacar os seguintes aspectos:

- i) MicroCx finita com marcação morfológica do Manipulado apresenta força colostrucional de atração da flexão de terceira pessoa, que é constante nas três sincronias do português (arcaico = 5,62, médio = 4,02, moderno = 3,67). Embora a flexão de segunda pessoa possua menor frequência, ela mantém força colostrucional semelhante nos dois primeiros períodos (arcaico = 2,23, médio = 2,77), no entanto, observa-se um aumento gradual de força no período moderno (3,00), indicando que também é uma forma de marcação ativa do Manipulado.

¹³⁷ A fim de se ter melhor compreensão analítico, para os valores dos dados esperados e da força colostrucional, considerei apenas os dois primeiros números após a vírgula.

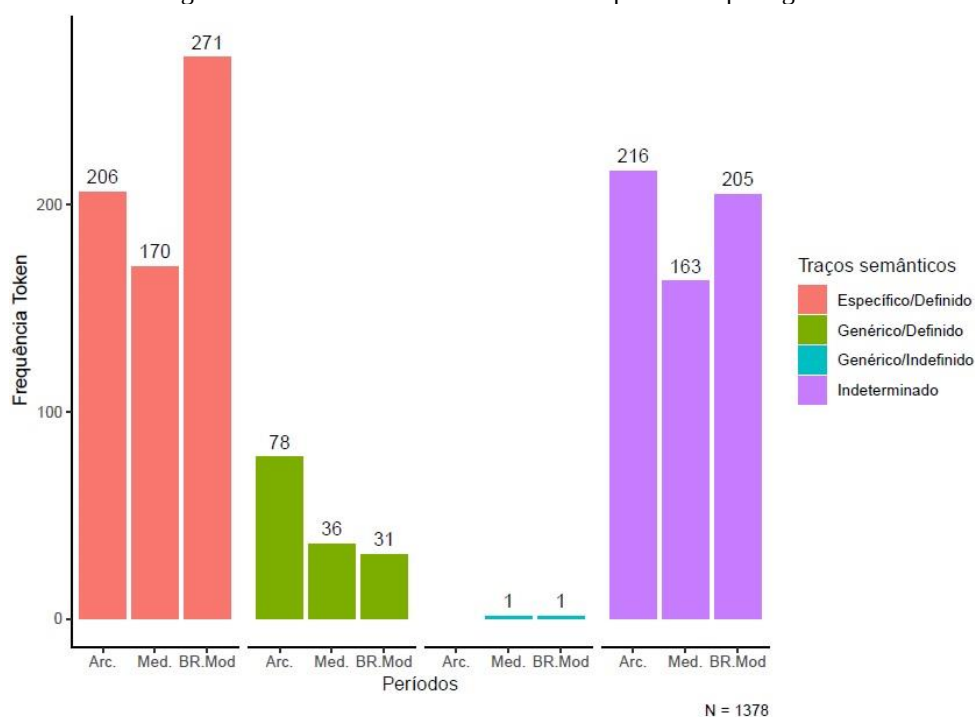
- ii) Os resultados dos testes para a MicroCx finita com Manipulado expresso por SN ratificam a mudança construcional na ordenação do *slot*, que sanciona a entidade em foco. Durante o período arcaico, o Manipulado ocorre em três posições, com a intermediária sendo a de maior força (3,96). No período médio, essa tendência se fortalece, pois o Manipulado só ocorre na posição intermediária (2,19), atestando a mudança construcional e, no PB moderno, a força colostrucional de atração para essa posição aumenta significativamente (5,82). Portanto, há uma reconfiguração interna no elo sequencial do *slot* de Manipulado dessa MicroCx.
- iii) Para a MicroCx finita com Manipulado expresso via SPrep, há a preservação da posição intermediária, com força colostrucional semelhante (arcaico = 5,63, médio = 4,31, moderno = 5,31). A opção pré-verbal do Manipulado, embora presente, apresenta uma força de atração menor (arcaico = 1,74, moderno = 1,60). Da mesma maneira, a MicroCx finita com Manipulado clítico mantém variação estável entre as posições intermediária (arcaico = 3,84, médio = 3,03, moderno = 3,39) e anteposta (arcaico = 2,66, médio = 2,94, moderno = 2,40) do Manipulado, com a posição intermediária com maior força de atração.
- iv) MicroCx infinitiva com marcação flexional do Manipulado, devido à baixa quantidade de *tokens*, apresenta força colostrucional insignificante, não sendo possível fazer afirmações ou generalizações.
- v) Confirma-se a tendência de mudança construcional envolvendo a MicroCx infinitiva com Manipulado expresso via SN e indicada pela frequência e proporção. No português arcaico e médio, a posição do SN posposto ao predicado matriz é caracterizada como de forte atração colostrucional na MicroCx (arcaico = 3,31, médio = 2,40); já a posição intermediária do SN é de baixa atração (arcaico = 1,82, médio = 0,86). Porém, no PB moderno, essa tendência se inverte, pelo aumento significativo da força colostrucional do SN Manipulado posposto ao predicado matriz (4,49). Argumento que esse movimento pode ser interpretado como uma mudança construcional ainda em processo de convencionalização na fase moderna do PB, porque a posição posposta ainda é ativa e com considerável força colostrucional (3,15). A expectativa é a de que a atração do SN Manipulado para a posição intermediária aumente cada vez mais, em detrimento da posição posposta. Essa expectativa pode ser confirmada por um teste colostrucional com dados do PB do século XXI.

- vi) A MicroCx infinitiva com Manipulado expresso por SPrep apresenta estabilidade ao longo da história da língua, com a posição posposta sendo a de maior força colostrucional (arcaico = 2,58, médio = 2,84, moderno = 3,33). Contudo, do período arcaico ao médio, a posição intermediária aumenta sua força colostrucional, mantendo-se como a segunda opção ativada (arcaico = 0,79, médio = 2,28, moderno = 2,06), enquanto a posição pré-verbal entra em obsolescência, pois só ocorre nas fases arcaica e média (arcaico = 1,32, médio = 1,34).
- vii) MicroCx infinitiva com Manipulado expresso via clítico, apresenta historicamente uma variação estável entre o clítico em posição anteposta e posição intermediária. Nas três sincronias analisadas, a maior força colostrucional da posição anteposta se estende até o período médio (arcaico = 6,04, médio = 4,94), quando a posição intermediária (arcaico = 3,92, médio = 3,53), no PB moderno, se aproxima em força colostrucional (moderno = 5,18) da posição pré-verbal (moderno = 5,25), o que torna ambas as posições intercambiáveis nessa MicroCx.
- viii) Acerca da MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado, não há considerações a serem pontuadas, uma vez que esse participante não tem expressão formal no *slot* construcional.

Em conclusão, a análise colostrucional, que associa as microconstruções com as formas de marcação do Manipulado, corrobora a estabilidade das microconstruções ao longo dos séculos, mostrada não só pela constante atração das mesmas estruturas, mas também por nenhuma marca formal apresentar algum valor de repulsão, apenas de baixa força colostrucional, e pelo reconhecimento de duas mudanças construcionais envolvendo MicroCx finita e infinitiva com SN Manipulado, que se realoca no complexo construcional em posição intermediária.

Prossigo com a análise do comportamento diacrônico da referencialidade do Manipulado, que, a exemplo da semântica do Manipulador, é também categorizado como entidade de primeira ordem, *indivíduo*, porém com maior variabilidade dos traços referenciais: específico/definido, genérico/definido, genérico/indefinido e indeterminado. A Figura 20 apresenta o gráfico com a frequência de *tokens* desses traços nos três períodos da língua portuguesa.

Figura 20 – Referência semântica do Manipulado no português



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico da Figura 21 evidencia a alta produtividade da referência específica/definida do Manipulado no total dos dados ($46,9\% = 647/1378$). Especificamente, esse traço referencial oscila em frequência do português arcaico ao moderno, chegando ao final do período como traço referencial mais frequente dentre os apurados ($53,4\% = 271/507$). A referência genérica/definida é pouco produtiva ($10,5\% = 145/1378$) e apresenta declínio ao longo das três sincronias. A referência genérica/indefinida é praticamente ausente nos dados ($0,1\% = 2/1378$), ocorrendo apenas nos períodos médio e no PB moderno. Por fim, Manipulado de referência indeterminada é o segundo mais produtivo ($584/1378 = 42,4\%$) e, do período arcaico para o moderno, apresenta leve declínio em frequência (arcaico: $37\% = 216/584$; moderno: $35,1\% = 205/584$).

Com base no resultado exposto, ao contrário da referencialidade do Manipulador, que essencialmente possui o traço [+ definido], associado aos traços específico e genérico, a referencialidade do Manipulado, estende sua referência definida para indefinida e indeterminada. A meu ver, isso ocorre porque a conceptualização do Manipulado só se configura após a instauração do Agente iniciador da manipulação interpessoal, o Manipulador. Esse segundo participante, quando portador do traço definido se torna um Agente em potencial, com alternativa de aceitar ou não a execução dos imperativos de ordem, instrução, permissão e proibição. Mas, quando possui referência indefinida ou indeterminada, tal entidade se torna

elemento secundário na concepção do ato, uma vez que a figura do Manipulador, o primeiro a ocupar a rede conceptual manipulativa interpessoal, vem perfilada. Portanto, concluo que, na concepção do ato manipulativo, o Manipulado pode ocupar posição saliente, quando apresenta referência [+ específica/+ definida] ou [+ genérica/+ definida], mas, também, pode ocupar posição secundária, mostrando-se mais dependente da dinâmica de poder gerada pelo Manipulador, quando porta os traços [+ genérico/ + indefinido] e [indeterminado].

A título de exemplo da referencialidade do Manipulado, apresento as ocorrências de (120) a (122).

(120) Manipulado com traços semânticos [+ específico/ + definido]

E **Almançor** nom o quis matar, e prende-o. E em tendo-o preso, **fez** em tanto **Rui Vaasquez** **matar** os sete ifantes e seu amo Nuno Salido [...]. (14NLL_CIPM).

“E Almançor não o quis matar, e o prendeu. E, tendo-o preso, fez, no entanto, Ruiz Vasques matar os sete infantes e seu amo Nuno Salido [...].”

(121) Manipulado com traços semânticos [indeterminado] e [+ genérico/ + definido], respectivamente.

Pozse o Embaixador ao caminho [...]. H~ua legoa de Roma lhe sahio ao encontro o Embaxador de Frãça; e logo lhe veyo h~u proprio de Monsenhor o Eminentissimo Cardeal Nino-te Francisco Barba-rino, o qual lhe **mandou [Ø] dizer**, ~q não entrasse de dia, porque o desgosto dos Hespanhoes, e a alegria do povo naõ fosse causa de alg~ua inquietação. Elle o fez assi [...]de noite entrou pella porta dos cavallos ligeiros; e dalli **mãdou ~q a sua g~ete fosse andando** em duas esquadras até á Fõtana do Teuere, donde pousava o Embaixador de França [...]. (17GZ_TYBR).

“O embaixador se pôs a caminho [...]. Há uma légua de Roma, o embaixador da França veio a seu encontro, e, logo, veio o próprio Monsenhor, o Eminentíssimo Cardeal Nipote Francisco Barbarino, o qual lhe mandou dizer que não entrasse [na cidade] de dia, para que o desgosto dos espanhóis e a alegria do povo não causasse alguma inquietação. Ele assim o fez [...] de noite entrou pela porta dos cavalos ligeiros; e dali mandou que seu povo fosse andando em dois grupos até à Fontana de Trevi, onde estava o embaixador da França.”

(122) Manipulado com traços semânticos [+ genérico/ + indefinido]

Brito. (Toca a campainha; aparece um criado). **Não deixe ninguém entrar** nesta sala. (O criado inclina-se). (19CMC_TYBR).

Esta seção promoveu a análise do comportamento formal e semântico dos participantes da manipulação interpessoal, Manipulador e Manipulado. Sumariamente, a entidade Manipuladora varia entre expressão por SN, tipicamente, anteposto ao predicado matriz, e por vias morfológicas, geralmente, por flexões de 1ª e de 3ª pessoa do verbo manipulativo e; além disso, porta os traços semânticos de específico/definido ou genérico/definido. A entidade

Manipulada pode ser expressa via morfologia, por SN, SPrep ou clítico ou ser indeterminada. Quando marcada sintagmaticamente, alterna entre as posições anteposta, intermediária e posposta, porém, mostra estabilidade histórica, com preferências por posições específicas a depender da MicroCx. Sobre seus traços semânticos, há também variedade de referência, podendo combinar os traços específico, genérico, definido, indefinido ou indeterminado. Na investigação do Manipulado, constatei dois processos de mudança construcional no elo linear das MicroCx com subordinada finita e infinitiva com Manipulado SN, forma que passa, ao longo dos séculos, a se alocar em posição intermediária.

5.3 *Type* e *token* do predicado encaixado

Relacionado ao elo de preenchimento de *slots* das MicroCx manipulativas, esta seção se volta para o mapeamento histórico dos tipos semânticos e os *tokens* dos predicados sancionados pela oração subordinada. O principal objetivo é evidenciar, ao longo dos séculos, a produtividade desse *slot*, no que diz respeito à extensibilidade na sanção de diferentes classes verbais e a sua associação ao predicado manipulativo da oração matriz.

Conforme indicado na seção de metodologia (cf. Quadro 12), valho-me da escala de traços semântico-pragmáticos de verbos proposta por Tavares e Freitag (2010), organizada hierarquicamente entre tipos verbais de mais concretos, como os de *atividade específica* e *dicendi*, a mais abstratos, como os de *experimentação mental* e *estado*. A Tabela 14 apresenta os valores de frequência *token* e proporção dos *types* dos predicados subordinados.

Tabela 14 – *Types* de predicados encaixados das microconstruções manipulativas interpessoais no português

<i>Período</i> <i>Type Pred_{enc.}</i>	<i>Português</i> <i>arcaico</i>	<i>Português</i> <i>médio</i>	<i>PB</i> <i>moderno</i>	Σ
<i>Momentâneo</i>	-	-	1 0,2%	1 0,07%
<i>Atividade específica</i>	270 54%	141 38,1%	263 51,8%	674 48,9%
<i>Dicendi</i>	62 12,4%	63 17%	84 16,5%	209 15,2%
<i>Atividade difusa</i>	83 16,6%	106 28,7%	96 18,9%	285 20,7%
<i>Instância</i>	3 0,6%	3 0,8%	8 1,6%	14 1%
<i>Evento transitório</i> <i>intencional</i>	3 0,6%	-	1 0,2%	4 0,4%
<i>Evento transitório</i> <i>não intencional</i>	6 1,2%	2 0,5%	4 0,8%	12 0,8%
<i>Processo</i>	2 0,4%	-	-	2 0,1%
<i>Experimentação</i> <i>mental</i>	14 2,8%	13 3,5%	14 2,7%	41 2,9%
<i>Relacional</i>	55 11%	41 11,1%	29 5,7%	125 9,1%
<i>Estado</i>	2 0,4%	1 0,3%	8 1,6%	11 0,8%
Σ	500 36,3%	370 26,8%	508 36,9%	1378 100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 14 mostra que, de modo geral, os predicados encaixados das MicroCx manipulativas interpessoais apresentam grande variabilidade, com a ativação de 11 classes semânticas, porém, com diferentes graus de produtividade. Os *types* de natureza mais concreta são, em todas as sincronias, os mais frequentes, como o de atividade específica (48,9% = 674/1378), atividade difusa (20,7% = 285/1378) e *dicendi* (15,2% = 209/1378). Com menor frequência, em todos os séculos, são sancionadas geralmente classes mais abstratas, como processo (0,1% = 2/1378), experimentação mental (2,9% = 41/1378) e estado (0,8% = 11/1378). Com base nessas evidências, verifico que há estabilidade dos *types* que preenchem o *slot* de predicado subordinado, mostrando que há, em termos de frequência *token*, uma constância das classes semânticas, sendo mais produtivas as de natureza mais concreta.

Precisamente, do português arcaico ao brasileiro moderno, o *type* atividade específica é o mais frequente (arcaico: 54% = 270/500, médio: 38,1% = 141/370, moderno: 51,8% = 263/508), seguido do de atividade difusa (arcaico: 16,6% = 83/500, médio: 26,7% = 106/370, moderno: 20,7% = 96/508) e *dicendi* (arcaico: 12,4% = 62/500, médio: 17% = 63/370, moderno: 16,5% = 84/508).

Os *types* de natureza mais concreta evocam EsCo do cotidiano dos usuários da língua, conforme exemplificam as ocorrências de (123) a (125).

(123) Predicado de atividade específica (*ir*)

Ao **côde de Castanheira**, que se ~eforme do que esta mulher diz, e, achando que he asy, **a deixe ir** pera seu marydo que amda na Imdia. (16CDJ_TYBR).

“Ao Conde de Castanheira, que se informe do que esta mulher diz, e, achando que é verdade, a deixe ir até seu marido, que está na Índia.”

(124) Predicados de atividade difusa (*fazer e preparar*)

CARLOTINHA. É a flôr da minha paixão! As violetas! Que perfume! D. MARIA. E os meus morangos, que sabor! Não tenho mais um pé de alface ou de chicoria... EDUARDO. Não se agonie, minha mãe; eu **mandarei fazer** uma pequena divisão no quintal; deste lado Carlotinha terá o seu jardim; do outro Vm. **mandará preparar** a sua horta. (19DFC_TYBR).

(125) Predicados *dicendi* (*falar e chamar*)

mandarom falar com Gonçalo Mixia, que **mandasse chamar** o conde dom Anrique, ca o reino seu era [...]. (14NLL_CIPM).

“Mandaram falar com Gonçalo Mixia, para que mandasse chamar o Conde Dom Henrique, porque o reino era seu [...].”

Embora ativados em menor frequência, os predicados subordinados mais abstratos também mostram estabilidade ao longo das sincronias. As ocorrências em (126) e (127) são dois exemplos desses *types*.

(126) Predicado de experimentação mental (*refletir*)

Carlos (explodindo) - Barão, por que me tortura, há tanto tempo? Belfort - Mas não. Procuo as palavras. Quero apenas **fazê-lo refletir**. Carlos - Ela vai casar, ela aceitou o casamento? Belfort - Ela aceitará. (20BMV_BLPL).

(127) Predicado relacional (*dar*)

Mandou elRei pedir a elRei de França que lhe desse por mulher huuma das filhas do duque de Borbom seu primo; e de seis filhas que elle tiinha, escolherom os messegeiros huuma, que chamavom Dona Bramca, moça de dezoito annos e bem fremosa. (15DPI_CIPM).

“O Rei mandou pedir ao Rei da França que lhe desse, por mulher, uma das filhas do duque do Bourbon, seu primo, e, das seis filhas de que tinha, os mensageiros escolheram uma, que chamavam de Dona Branca, moça de dezoito anos e bem formosa.”

Os demais *types* que ocorrem no *slot* de predicado subordinado mostram baixa produtividade, e são exemplificados de (128) a (131): instância (128), evento transitório intencional (129), evento transitório não intencional (130), momentâneo (131), que só é ativado no período moderno, e de processo (132), disponível apenas na fase arcaica.

(128) Predicado de instância (*assentar*)

Quero seguir meu destino. —“ Ora dei- xe-se disso, menino... (tornou-me elle). **Deixe-me assen- tar** perto de você, para conversarmos mais a gosto...” Dizendo isto, ergueu-se para rodeiar a mesa, e vir para junto de mim. [...]. (19MMR_TYBR).

(129) Predicado de evento transitório intencional (*ficar*)

[...] **pediu-lhes que**, se ele desperecesse naquela lide, **que ficasse** dom Egas Gomez de Sousa em seu logo [...]. (14NLL_CIPM).

“[...] pediu-lhes que, se ele desaparecesse naquele combate, que Dom Egas Gomes de Sousa ficasse em seu lugar.”

(130) Predicado de evento transitório não intencional (*dormir*)

[...] OTÁVIO (olhando para Chiquinho). Não vai deixá ele chegá atrasado no | armazém! ROMANA . Eu já chamei ele, mas tá cedo ainda. Vou **deixá ele dormir** mais | um pouco. (20ENBT_TYBR).

(131) Predicado de evento momentâneo (*subir*)

Outra garrafa, e ponto final. — Está bem, senhor. — E pare de me chamar de senhor. Meu nome é Felipe. Seu Felipe, me chame de seu Felipe. — Muito bem, seu Felipe. — Espero um amigo, Alexandre. Quando ele chegar, **mande-o subir**, por favor [...]. (20DAH_BLPL).

(132) Predicado de processo (*queimar*)

Mais se foss’eu rei **eu** as **mandaria** por em [já] **queimar** [...]. (13_CEMD_177_CIPM).

“Mas, se eu fosse rei, eu as mandaria, porém, já queimar [...].”

O *type* mais abstrato da hierarquia, estado, cresce em frequência do português arcaico e médio ($2/500 = 0,4\%$, no arcaico, e $1/370 = 0,3\%$, no médio) para PB moderno ($1,6\% = 8/508$), mas mantém-se pouco frequente quando comparado a outros *types* de natureza abstrata, como o relacional e o de experimentação mental. O dado em (133) exemplifica o *type estado* nucleador pelo verbo *ser*.

(133) Predicado de estado (*ser*)

Fernão. Levantai de paus agora. Vasco. Roubais vós com a manilha. [...] Fernão. Ponde vós ãa carta fora e jogai. Cavaleiro. Ora meu senhor roubei **quero que sejais** ladrão. Compadre. Tendes boa condição [...]. (16TAC_TYBR).

“Fernão: Levantai as cartas de paus agora. Vasco: Vós roubais com a manilha. [...] Fernão: Colocai uma carta fora e jogai. Cavaleiro: Agora, meu senhor, roubei, quero que sejais ladrão. Compadre: Tendes boa condição [...].”

Em suma, ao investigar o funcionamento de *types* semânticos, não atesto um movimento de abstratização do *slot* em questão, de tipos mais concretos a mais abstratos, mas uma estabilidade da maior produtividade de predicados mais concretos e de menor dos mais abstratos.

Diante dos resultados, é possível observar a convencionalização de três *types* de natureza concreta como representantes das MicroCx manipulativas interpessoais com os predicados subordinados de atividade específica, atividade difusa e *dicendi*. A justificativa para esses *types* concretos serem altamente produtivos se deve à conceptualização do desafio imposto ao Manipulador por recurso a predicados abstratos, desafio que seria social e cognitivamente complexo nos imperativos de ordem ou proibição, por exemplo, para que o Manipulado altere sua identidade ou seu estado psicológico, ou ainda, tenha um comportamento diverso daquilo que acredita. Então, o objetivo de que o ato seja apresentado como bem-sucedido depende de um Manipulador que esteja envolvido em eventos de realização concreta como Agente potencial e com capacidade de executá-los.

Para atestar quais *tokens* se convencionalizam no *slot* de predicado encaixado, quando determinado predicado manipulativo está na oração matriz, passo à análise colostrucional de colexemas covariantes, identificando a dinâmica de atração e repulsão na associação dos dois predicados no nível ao *token*. Os resultados dessa análise colostrucional começam pelos dados do português arcaico expostos na Tabela 15, com indicação da atração (atr.) ou repulsão (rep.) da combinação e do nível de significância.¹³⁸

¹³⁸Níveis de significância: 5 = significativa em $p < .00001$, 4 = significativa em $p < 0.0001$, 3 = significativa em $p < .001$, 2 = significativa em $p < .01$, 1 significativa em $p < 0.5$. Neste trabalho, abordo apenas os níveis acima de 2, estando, assim, excluído o nível 1, por apresentar baixa força colostrucional e um extenso número de *tokens* de predicados encaixados que ocorrem com baixíssima frequência junto ao predicado manipulativo.

Tabela 15 – Força colostrucional de predicado manipulativo e predicado subordinado no português arcaico¹³⁹

<i>Pred. Man.</i>	<i>Pred. Enc.</i>	<i>Freq. total Pred. Man.</i>	<i>Freq. total Pred. Enc.</i>	<i>Freq. da combinação observada</i>	<i>Freq. da combinação esperada</i>	<i>Associação da combinação</i>	<i>Força colostrucional (log likelihood)</i>	<i>Nível de significância</i>
Pedir	mandar	42	8	7	0,7	atr.	29,935	5
	dar	42	46	14	3,9	atr.	21,650	5
	julgar	42	5	4	0,4	atr.	15,332	4
	constranger	42	2	2	0,2	atr.	9,996	2
Mandar	fazer	350	103	91	72,1	atr.	23,837	5
	dizer	350	29	27	20,3	atr.	9,970	2
	ver	350	10	3	7	rep.	6,934	2
	mandar	350	8	1	5,6	rep.	11,746	3
Deixar	morrer	42	4	4	0,3	atr.	20,177	5
	sair	42	5	4	0,4	atr.	15,332	4
	ir	42	28	9	2,4	atr.	14,038	3
	viver	42	6	4	0,5	atr.	12,858	3
	ver	42	10	5	0,8	atr.	12,257	3
	haver	42	2	2	0,2	atr.	9,996	2
	entrar	42	10	4	0,8	atr.	7,679	2
	fazer	42	103	1	8,7	rep.	13,390	3
Fazer	entender	64	4	4	0,5	atr.	16,669	4
	pesar	64	4	4	0,5	atr.	16,669	4
	ser	64	2	2	0,3	atr.	8,278	2
	vir	64	11	5	1,4	atr.	7,283	2
	fazer	64	103	5	13,2	rep.	8,843	2

Fonte: Elaboração própria.

No português arcaico, conforme mostra a Tabela 15, há diferentes *tokens* associados aos predicados manipulativos, com diferentes níveis de significância e força colostrucional. Altamente atraídos pelo predicado matriz *pedir* (níveis 5 e 4) estão os predicados subordinados *mandar* (29,935), *dar* (21,650) e *julgar* (15,332), e, com baixa força colostrucional, o predicado *constranger* (9,996, nível 2). Com o predicado matriz *mandar*, *fazer* (23,837, nível 5) é o mais atraído no *slot* do predicado subordinado, e *dizer* (9,970), o menos atraído; e *ver* (6,934) e *mandar* (11,746) são repelidos, com grau de força diferente. O predicado matriz *deixar* atrai mais significativamente (níveis 5 e 4) e mais fortemente os *tokens* *morrer* (20,177) e *sair* (15,332), e, com menor grau de significância (nível 3 ou 2), *ir* (14,038), *viver* (12,858), *ver* (12,257), *haver* (9,996) e *entrar* (7,679). O *token* de maior repulsão com *deixar* é *fazer* (13,390, nível 3). Diferentemente dos demais predicados manipulativos, *fazer* atrai *tokens* que denotam *types* mais abstratos, como de experimentação *mental* e *estado*, no nível 4 de significância, e se associa com maior força colostrucional a *entender* (16,669) e a *pesar* (16,669), e com menor

¹³⁹A ordenação dos predicados manipulativos nas tabelas desse tipo de análise colostrucional não segue a disposição comumente encontrada nas demais tabelas, nas quais os ordeno pelos imperativos e surgimento nos períodos da língua. A ordem encontrada aqui diz respeito aos valores de maior para menor força colostrucional.

força (nível 2), aos *tokens* *ser* (8,278) e *vir* (7,283), enquanto repele *token* de semântica e raiz idênticas, como *fazer* (8,843).

Essa distribuição evidencia que os predicados *mandar* e *deixar* se associam a *tokens* relacionados a EsCo concretos, de atividades básicas do cotidiano, enquanto os predicados *pedir* e *fazer*, tendem a atrair *tokens* que sancionam EsCo abstratos, de natureza mental. Essa predisposição passa a ser conferida nos períodos subsequentes.

A respeito da análise colostrucional que associa os *tokens* de predicados subordinados aos predicados manipulativos no português médio, apresento a Tabela 16.

Tabela 16 – Força colostrucional de predicado manipulativo e predicado subordinado no português médio

Pred. Man.	Pred. Enc.	Freq. total Pred. Man.	Freq. total Pred. Enc.	Freq. da combinação observada	Freq. da combinação esperada	Associação da combinação	Força colostrucional (log likelihood)	Nível de significância
Deixar	ir	36	15	10	1,5	atr.	31,064	5
	viver	36	2	2	0,2	atr.	9,422	2
Fazer	jurar	32	3	3	0,3	atr.	14,952	3
	retirar	32	4	3	0,3	atr.	10,618	2
	recolher	32	2	2	0,2	atr.	9,907	2
Pedir	mandar	38	5	4	0,5	atr.	13,791	3
	querer	38	4	3	0,4	atr.	9,576	2
Mandar	dizer	256	25	24	17,3	atr.	12,241	3
	pedir	256	13	13	9	atr.	9,785	2
	chamar	256	12	12	8,3	atr.	9,017	2
	ir	256	15	5	10,4	rep.	8,519	2

Fonte: Elaboração própria.

No português médio, há menores associações significativas entre os predicados manipulativos e a variedade de *tokens*, em comparação ao período anterior. No entanto, observa-se repetições de padrões já atestados, que permanecem estáveis ou aumentam em força de atração. Com o predicado *deixar*, a força de atração do predicado *ir* (31,064) aumenta, atingindo nível 5 de significância. Com *viver*, baixa a força de atração (9,422) e a significância (nível 2). O predicado manipulativo *fazer*, destoante dos demais, não apresenta padrões vistos no período arcaico, e atrai, com pouco significância (níveis 3 e 2) *jurar* (14,952), *retirar* (10,618) e *recolher* (9,907). Para o predicado manipulativo *pedir*, a significância de associação com *mandar* se mantém a mesma (nível 3), com queda em força colostrucional (13,791), e com *querer*, a associação é menos significativa (nível 2) e a força de atração é menor (9,576). Por fim, em relação às combinações do manipulativo *mandar*, com *dizer*, o mais atraído no período, aumenta a força colostrucional (12,241) e seu nível de significância (nível 3) e com *pedir* (9,785) e *chamar* (9,017), a significância (nível 2) e a força de atração são menores. A única

combinação repelida no período é entre mandar com *ir*, pela frequência esperada (10,5) ser o dobro da observada (5).

Em vista dessa distribuição, fica evidenciado que, na fase média do português, os manipulativos *deixar* e *mandar* continuam a se associar a predicados subordinados semanticamente mais concretos, com destaque de *mandar*, que mostra tendência ao aumento da força de atração de predicados com semântica *dicendi*. O predicado *fazer*, surge em novas combinações, agora com predicados de natureza mais concreta, e *pedir*, como na fase anterior, conserva a força de atração de *mandar*.

Os últimos resultados da análise colostrucional covariante entre os predicados manipulativo e subordinado da fase moderna no PB estão dispostos na Tabela 17.

Tabela 17 – Força colostrucional de predicado manipulativo e predicado subordinado no PB moderno

<i>Pred. Man.</i>	<i>Pred. Enc.</i>	<i>Freq. total Pred. Man.</i>	<i>Freq. total Pred. Enc.</i>	<i>Freq. da combinação observada</i>	<i>Freq. da combinação esperada</i>	<i>Associação da combinação</i>	<i>Força colostrucional (log likelihood)</i>	<i>Nível de significância</i>
Pedir	mandar	95	9	8	1,7	atr.	21,496	5
	ajudar	95	3	3	0,6	atr.	10,137	2
	trazer	95	3	3	0,6	atr.	10,137	2
	apertar	95	2	2	0,4	atr.	6,740	2
	conceder	95	2	2	0,4	atr.	6,740	2
	deixar	95	2	2	0,4	atr.	6,740	2
	prestar	95	2	2	0,4	atr.	6,740	2
Deixar	querer	95	2	2	0,4	atr.	6,740	2
	ir	81	13	9	2,1	atr.	19,131	4
	comer	81	5	5	0,8	atr.	18,626	4
	falar	81	11	8	1,8	atr.	18,126	4
	beijar	81	3	3	0,5	atr.	11,110	3
	dormir	81	3	3	0,5	atr.	11,110	3
	roubar	81	2	2	0,3	atr.	7,386	2
	sair	81	2	2	0,3	atr.	7,386	2
	viver	81	2	2	0,3	atr.	7,386	2
	dizer	81	35	1	5,6	rep.	6,727	2
Mandar	fazer	265	33	28	17,2	atr.	16,725	4
	dizer	265	35	29	18,3	atr.	15,499	4
	chamar	265	11	11	5,7	atr.	14,539	3
	buscar	265	8	8	4,2	atr.	10,529	2
	ler	265	18	15	9,4	atr.	7,984	2
	pagar	265	6	6	3,1	atr.	7,874	2
Fazer	ir	265	13	1	6,8	rep.	12,219	3
	sofrer	39	3	3	0,2	atr.	15,620	4
	chorar	39	2	2	0,2	atr.	10,364	2

Fonte: Elaboração própria.

No PB moderno, conforme mostra a tabela acima, apesar da expansão de predicados do *slot* reservado aos predicados subordinados, é baixíssimo o número de predicados repelidos. Apenas duas combinações são repelidas, entre *deixar* e *dizer* e entre *mandar* e *ir* (esta já

observada na fase arcaica), pela frequência esperada superar a efetivamente observada, mesmo a força de atração desta última combinação não sendo a menor do seu grupo.

Em relação ao predicado *pedir*, *mandar* continua sendo o mais atraído, no mais alto nível de significância e força colostrucional (21,496), e novos predicados surgem na combinação em menores níveis de significância (nível 2) e de força colostrucional (*ajudar*, *trazer*, *apertar*, *conceder*, *deixar*, *prestar* e *querer*). Na combinação com *pedir*, *querer* já aparecia no período médio, com o mesmo nível de significância. Na combinação com *deixar*, *ir* permanece como o mais fortemente atraído, (19,131, nível 4), seguido, com mesmo nível de significância (nível 4) por *comer* (18,626) e *falar* (18,126), e, em menor significância e força de atração (níveis 3 e 2), por *beijar* e *dormir* (11,110), e *roubar*, *sair* e *viver* (7,386). O predicado *mandar* retoma sua forte atração por *fazer* (16,725) e, no mesmo nível de significância, atrai fortemente também *dizer* (15,499), e, mais moderadamente (níveis 3 e 2) *chamar* (14,539), *buscar* (10,529), *ler* e *pagar* (7,984). Por fim, o predicado *fazer*, preserva sua tendência, desde a sincronia arcaica, de atrair predicados de estados psicológicos, como *sofrer*, com alto grau de significância (nível 4) e força colostrucional (15,620,).

Em suma, o PB moderno mostra variedade e expansão de associações com manipulativos. Ainda que se ateste esse fato, defendo que há uma estabilidade entre alguns padrões que se mantêm ativados com [*pedir* + *mandar*], [*deixar* + *ir*], [*mandar* + *fazer*] e [*mandar* + *dizer*]. Essa constância se ratifica pela coerência mantida em relação aos *types* semânticos concretos evidenciados na análise de frequência, como é o caso de predicados de atividade (específica e difusa) e *dicendi*. *Fazer* destoa desse grupo de predicados manipulativos, porque atrai fortemente, desde a fase arcaica, verbos que denotam estados mentais. Esse comportamento de *fazer* em se associar a verbos mais abstratos (experimentação mental, relacional e estado), não captado pela análise de frequência bruta, justifica-se pela sua natureza genérica e neutra, como argumenta Carvalho (2004). Ao contrário dos demais predicados manipulativos, que têm intrinsecamente sentido mais restrito, *fazer* é altamente polissêmico, e, quando ativado no domínio manipulativo interpessoal, é usado como uma estratégia eficaz de indicar a persuasão do Manipulador sobre o Manipulado para o sucesso do ato de manipulação.

Esta seção investigou o *slot* de predicado subordinado nas microconstruções manipulativas interpessoais, demonstrando que esses predicados se relacionam a *types* mais concretos, como os de atividade específica, atividade difusa e *dicendi*, o que evidencia que o Manipulador busca persuadir o Manipulado, para garantir o sucesso do ato manipulativo. A única exceção para essa constatação é a associação de predicados subordinados de natureza abstrata com o predicado matriz *fazer*.

5.4 Relações sociais entre Manipulador e Manipulado e cenário manipulativo

Em razão de as MicroCx manipulativas interpessoais terem encarecida a relação social entre Manipulador e Manipulado na configuração do cenário do ato manipulativo, esta seção se dedica a observar, de modo multidimensional, as relações de *status* social e as dinâmicas de poder entre os participantes do ato, e a indicar a constituição do cenário manipulativo, por meio da correlação entre *status* e formato construcional e das operações de *construal*.

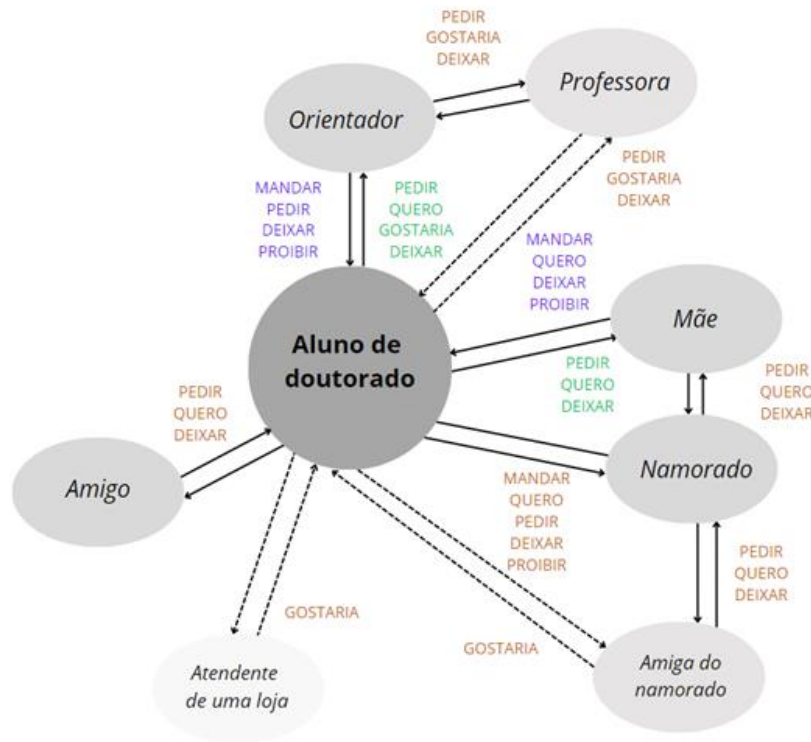
5.4.1 Relações sociais entre Manipulador e do Manipulado

Com base na amostra coletada, busco responder, por meio da identificação das relações sociais entre os participantes do ato manipulativo: i) como os *status* se constroem e se desenvolvem ao longo do tempo na configuração do cenário da manipulação e, em que medida, as relações sociais influenciam a codificação das MicroCx manipulativas? E, ii) como a dinâmica de poder compartilhada entre Manipulador e Manipulado se manifesta diacronicamente? A busca de respostas a essas perguntas conduz a análise em dois momentos. Primeiramente, investigo as relações sociais estabelecidas entre os participantes (*governamental, judicial, eclesial, profissional, familiar e de amizade*) no que concerne aos tipos de MicroCx manipulativas. Em seguida, verifico as dinâmicas de poder compartilhadas entre as entidades envolvidas, medidas por meio de diferentes níveis radiais, que atestam o quanto de autoridade tem o Manipulador para influenciar a realização da ação pelo Manipulado, e como este tem a habilidade de se opor à realização ação e ser apresentado como relevante na cena.

Essa dinâmica de poder é ilustrada por meio de redes sociais de caráter multidimensional, cujo objetivo é constatar que, assim como a rede conceptual manipulativa (cf. Figura 11) e as redes linguísticas das MicroCx (cf. Figura 17 e Figura 18), o domínio da manipulação interpessoal também pode ser representado em redes sociais dinâmicas, que evidenciam os diferentes graus de poder e força manipulativa emanados da interligação entre os dois Agentes. Dessa ligação radial, compreende-se melhor o funcionamento dos imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição, evocados pelos predicados manipulativos *mandar, fazer, querer, pedir, deixar, proibir, impedir* e *gostar*, em relação ao papel social desempenhado pelos participantes.

Com o intuito de exemplificar o dinamismo social presente no poder de influenciar o outro expresso por meio dos predicados manipulativos, apresento, na Figura 21, uma rede multidimensional construída pelas relações sociais estabelecidas entre um participante central, *um aluno de doutorado*, e os demais Agentes envolvidos em sua rede.

Figura 21 - Exemplo de rede social multidimensional



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 21 representa uma rede social multidimensional, centrada em um Agente *aluno de doutorado* e nas relações que emanam de suas conexões sociais. A rede é delineada por círculos que identificam as pessoas do entorno do Agente, com setas de linhas duplas indicando a direção da manipulação interpessoal e o papel desempenhado pelo Manipulador ou pelo Manipulado. As setas com linhas contínuas denotam uma ligação mais direta entre o Agente Central e os demais participantes de sua rede, e as com linhas descontínuas representam relações mais indiretas entre as entidades conectadas. Ao lado dos círculos e das linhas, predicados manipulativos se alocam com diferentes cores: a roxa se refere à abordagem do Manipulador, a verde, à do Manipulado, e marrom representa predicados que podem ser intercambiáveis entre as entidades.

Além da binária distância social exibida pelos diferentes *status*, como entre *orientador* e *aluno* (*profissional*), *mãe* e *aluno* (*familiar*) e *aluno* e *namorado* (*de amizade*), esta rede

evidencia relações de poder multidimensionais evocadas durante as interações interpessoais, que variam em níveis diversos e refletem o grau de autoridade ou de influência de cada entidade.

Essa dinâmica de poder, que determina quem possui autoridade e como essa autoridade se manifesta e que impacta a distância entre Manipulador e Manipulado, se concretiza na língua em MicroCx manipulativas interpessoais, mostrando que a complexidade da natureza social opera intimamente nos imperativos semântico-pragmáticos denotados pelos predicados manipulativos.

Portanto, na Figura 21, os verbos alocados próximos aos círculos das entidades e as linhas com setas exemplificam que, ao compartilhar o status *profissional*, o *orientador*, enquanto Manipulador, é mais propenso a expressar os imperativos de ordem e permissão, como *mandei você escrever o artigo* ou *deixei você participar do evento*, e que o *aluno*, enquanto Manipulado, devido à assimetria de autoridade na relação acadêmica instaurada, se expressa por meio de instruções ou pedidos de concessões como: *peço que corrija meu texto* ou *o senhor me deixa ir ao evento?* Ainda na relação acadêmica, quando há envolvimento de outro *professor* com o *aluno*, a relação é indireta, pois, apesar de lecionar na mesma instituição que o *orientador*, o *professor* detém menor autoridade sobre o *estudante*, se expressando de maneira mais branda por meio de instruções, como *gostaria/quero que você me enviasse/envie o artigo*.

Em relação aos *status* mais íntimos, como *familiar* e *de amizade*, quando o Agente *aluno* tenta manipular sua *mãe*, utiliza verbos mais neutros, como *pedir*, para ordens, e *deixar*, para permissões em contrapartida, a *mãe*, na figura de Manipulador, detém maior grau de autoridade para *mandar* e *proibir*, por exemplo. Nas relações amorosas, em vista da maior simetria social, a forma pela qual os imperativos são expressos é afetada, permitindo que ambos os parceiros expressem os imperativos de maneira mais direta, com o uso dos predicados *mandar*, *querer*, *deixar*, *proibir* etc., ambos os participantes podem assumir seu papel social de Agentes que ordenam ou se esquivam facilmente da execução da ação.

Diferentemente, mas ainda no *status de amizade*, a relação entre o *estudante* e seu *amigo* é menos direta na expressão de imperativos que expressam maior grau de autoridade no ato manipulativo. Assim, entre amigos, a relação se faz com maior cordialidade, como estratégia de atenuação do ato manipulativo e de preservação de face, para “tentar” evitar o sentimento de quem detém mais poder em uma relação em que, figurativamente, ambos estariam na mesma posição.

Por fim, a rede social dinâmica de manipulação se mostra extensível, quando o participante central, *aluno*, pode manipular um *atendente* de uma loja ou uma *amiga* do

namorado. Essas interações podem ocorrer, no entanto, com maior preservação de face, utilizando-se geralmente o imperativo de instrução como: *gostaria de saber onde ficam as roupas masculinas* ou *gostaria de vir jantar conosco hoje?*

Portanto, argumento que o componente social, como parte do significado das MicroCx manipulativas interpessoais, está nas redes sociais dinâmicas que mostram os diferentes graus de poder e de influência entre Manipulador e Manipulado e pela distância social gerada pelo *status* dessas entidades.

Para a descrição do componente social, apresento a Tabela 18 com a distribuição quantitativa da relação de *status* entre Manipulador e Manipulado apreendida nos tipos das MicroCx manipulativas do português arcaico.

Tabela 18 – Frequência *token* e proporção dos *status* sociais entre os participantes do ato manipulativo no português arcaico

Período	Português arcaico								
MicroCx	Português arcaico								Σ
Status	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com Clítico	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com Clítico	Infinitiva com indeterminado	
<i>Governamental</i>	23 9,8%	10 4,3%	12 5,1%	21 9%	12 5,1%	7 3%	23 9,8%	126 53,9%	234 46,8%
<i>Judicial</i>	14 13,5%	7 6,7%	17 16,3%	11 10,6%	-	3 2,9%	8 7,7%	44 42,3%	104 20,8%
<i>Eclesial</i>	2 5,7%	-	6 17,1%	5 14,3%	1 2,9%	-	3 8,6%	18 51,4%	35 7%
<i>Profissional</i>	1 2,9%	1 2,9%	6 17,1%	3 8,5%	2 5,7%	1 2,9%	9 25,7%	12 34,3%	35 7%
<i>Familiar</i>	1 3,1%	3 9,4%	1 3,1%	2 6,3%	-	-	24 75%	1 3,1%	32 6,4%
<i>De amizade</i>	3 5%	1 1,7%	-	3 5%	2 3,3%	-	41 68,3%	10 16,7%	60 12%
Σ	44 8,8%	22 4,4%	42 8,4%	45 9%	17 3,4%	11 2,2%	108 21,6%	211 42,2%	500 100%

Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostra a Tabela 18, no português arcaico, se destacam, com maior produtividade, os *status* governamental (46,8% = 234/500), expresso frequentemente pelas MicroCx infinitivas com Manipulado expresso por indeterminação (53,9% = 126/234) e por clítico (9,8% = 23/234), e pela MicroCx finita com Manipulado marcado morfologicamente (9,8% = 23/234); e o *status* judicial (20,8% = 104/500), sancionado com maior frequência pelas MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado (42,3% = 44/104) e finitas com Manipulado expresso por SPrep (16,3% = 17/44) e por flexão morfológica (13,5% = 14/44). O *status* de amizade (12% = 60/500), menos frequente que os dois anteriores, é mais ativado pela MicroCx

infinitiva com Manipulado expresso por clítico (68,3% = 41/60), e os *status* eclesial (7% = 35/500), profissional (7% = 35/500) e familiar (6,4% = 32/500) ocorrem com baixa frequência, com o número de *tokens* semelhante nesse período.

As ocorrências de (134) a (139) exemplificam os *status* sociais dos participantes do ato manipulativo.

(134) Status governamental

reçebem(os) carta ab(er)ta do nosso segnor **don Affonso Rey de Portugal** ena qual carta n(os) **mandou diz(er)** q(ue) nos fossemos dep(ar)tir & d(e)marcar [...] o herdam(en)to d(e) don Joha~ p(er)iz [...]. (13CAF004_CIPM).

“Recebemos carta aberta do nosso senhor Dom Afonso, Rei de Portugal, na qual nos mandou dizer que nós fossemos dividir e demarcar a propriedade de Dom João Peres [...].”

(135) Status judicial

E em testemu~nho desto **as d(i)tas ||p(ar)t(e)s||** **pediro~ a mj~ sobred(i)to Tabelljom q(ue)** lhjs **desse** [...] publicos storme~tos [...]. (14DN131_CIPM).

“E em testemunho disso, as ditas partes pediram a mim, sobredito tabelião, que lhes desse [...] documentos públicos [...].”

(136) Status eclesial

E **as d(i)ctas partes** outorgaro~ esto [...] E **pedirom a mj~ d(i)cto vigairo q(ue)** lhes **mandasse dar** duas c(ar)tas do d(i)cto enprazamento hu~a p(er)a o d(i)cto Joha~ uaasq(ue)z (e) p(e)ra a d(i)cta Maria ujçe~te sua molher [...] E outra p(er)a o d(i)cto Moesteiro E **eu** lhas **mandey dar** anbas [...] p(er) mj~ synaadas (e) seelladas com o seello da corte da d(i)cta **Eg(re)ia de bragaa**. (15CHP_CIPM).

“E as ditas partes outorgaram isto [...] e pediram a mim, dito vigário, que lhes mandasse dar duas cartas do dito contrato: uma para o dito João Vasques e para a dita Maria Vicente sua mulher [...] E outra para o dito Mosteiro. E eu mandei dar-lhes ambas [...] as cartas assinadas por mim e seladas com o selo da corte da dita Igreja de Braga.”

(137) Status profissional

per conselho dos **pilotos** **mandou o capitam** **leuamtar** amcoras E fazer vela E fomos de lomgo da costa com os batees E esquifes amarrados per popa comtra o norte pera veer se achauamos alguu~a abrigada E boo pouso. (15PVC_CIPM).

“Por conselho dos pilotos, o capitão mandou levantar âncoras e fazer vela, e fomos ao longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados à popa na direção do norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso.”

(138) Status familiar

A San Servand', u ora van todas orar, **madre velida**, por Deus vin volo rogar que **me leixedes** ala' **ir** a San Servand' e, se o meu amigo vir, leda serei, por non mentir. (13CA254_CIPM).

“Agora, todas vão a San Servando orar, bela mãe, por Deus, venho vos rogar que me deixeis ir lá em San Servando, e, se o meu amigo vir, serei feliz por não mentir.”

(139) Status de amizade

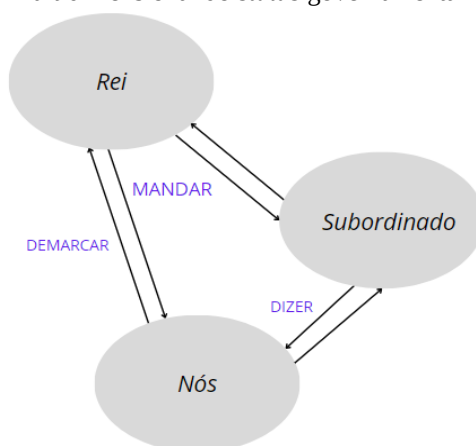
A maior coita que eu no mund' ei [a] **meu amigo** non lh' ousou falar: [...] se **o eu** por mi **leixar morrer**, sera' gran tort', e non ei de fazer. (13CA34_CIPM).

“Meu amigo, a maior dor que tenho no mundo, não lhe ousou falar: [...] se eu o deixar morrer por mim, será grande injustiça, e não farei isso.”

Represento, na sequência, as relações dinâmicas de poder, evidenciando os graus de influência entre os participantes do ato manipulativo por meio de redes multidimensionais. Portanto, a fim de abarcar todos os *status* diacronicamente atestados, seleciono, para o português arcaico, apenas duas das ocorrências apresentadas acima referentes aos *status* governamental e eclesial. As demais relações sociais se encontram representadas na descrição dos outros períodos da língua.

A rede social do *status* governamental, exibida na figura 22, retrata o dado (134), com a MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado: “*don Affonso Rey de Portugal ena qual carta n(os) mandou diz(er) q(ue) nos fossemos dep(ar)tir & d(e)marcar [...]*”.

Figura 22 - Rede social multidimensional do *status* governamental no português arcaico



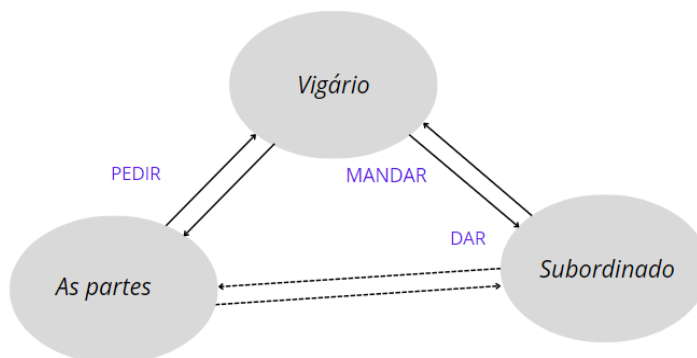
Fonte: Elaboração própria.

Na rede delineada em na Figura 22, o Manipulador, o *Rei*, participante central, emite o imperativo de ordem com o predicado *mandar* a algum subordinado, não determinado na estrutura construcional. Este, por sua vez, se submete à ordem e realiza o EsCo *dizer*, ligando-

se diretamente aos outros participantes, codificados pela primeira pessoa do plural, *nós*. Essas entidades, representadas pelos círculos em cinza, se conectam via elos, ilustrados pelas linhas duplas com setas: o principal, ilustrada pelas linhas contínuas com setas, reflete a força de autoridade da figura real representada pelo emprego do predicado *mandar*, na emissão de uma ordem direta a seu subordinado, o qual, pelo segundo elo, torna-se Manipulador e, mediante a vontade do *Rei*, os manipula a fim de que a demarcação de terras aconteça. Esta dinâmica cria uma rede radial onde todos os participantes, menos influentes que o *rei*, se submetem à manipulação interpessoal, garantindo seu sucesso.

A segunda rede, a do *status* eclesial, ilustrada na Figura 23, retrata o dado em (136). Essa rede possui maior complexidade que a anterior, por ser composta de três atos manipulativos do imperativo de ordem, manifestados por três MicroCx: finita com Manipulado expresso por SPrep ligada ao predicado *pedir*, concatenada a outra infinitiva com indeterminado ligada ao predicado *mandar*, e, por fim, outra MicroCx também com Manipulado indeterminado com *mandar* se firma: “*as d(i)ctas partes outorgaro~ esto [...] E pedirom a mj~ d(i)cto vigairo q(ue) lhes mandasse dar duas c(ar)tas [...] E eu lhas mandey dar anbas [...]*”.

Figura 23 - Rede social multidimensional do *status* eclesial no português arcaico



Fonte: Elaboração própria.

No primeiro ato da rede eclesial, as pessoas interessadas, *as partes*, no contrato objetivam persuadir o *Vigário*, figura de maior poder. No segundo, concatenado ao primeiro, o *Vigário* assume o papel de Manipulador e ordena a um Manipulado não expresso que as cartas sejam dadas a essas pessoas. No terceiro, se confirma o cumprimento do pedido feito ao *Vigário*, que, ainda no papel de Manipulador, emite as cartas solicitadas por meio do imperativo ordem, possivelmente, ao mesmo subordinado inferido pragmaticamente no segundo ato. Na rede, os participantes dos atos manipulativos são representados pelos círculos em cinza, sendo o *Vigário* o Manipulador central, de grande autoridade, que se liga diretamente, via linhas contínuas com setas, às *partes* que o tentam influenciar na emissão de uma ordem, e do

subordinado que a cumpre. Este, por sua vez, se liga indiretamente à primeira entidade, *as partes*. Essa dinâmica de poder demonstra que o uso dos predicados *mandar* e *pedir* se diferenciam não só semântica e pragmaticamente, mas também socialmente, já que o *Vigário*, devido ao seu alto *status* na igreja, recebe instruções em vez de ordens diretas, enquanto ele próprio emite ordens ao seu subordinado.

Os resultados dos *status* sociais no português médio seguem na Tabela 19, com valores de frequência *token* e proporção.

Tabela 19 - Frequência *token* e proporção dos *status* sociais entre os participantes do ato manipulativo no português médio

Período	Português médio									
MicroCx \ Status	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com Clítico	Infinitiva com marcação morfo.	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com Clítico	Infinitiva com indeterminado	Σ
<i>Governamental</i>	14 6,6%	4 1,9%	8 3,8%	30 14,2%	-	6 2,8%	13 6,2%	31 14,7%	105 49,8%	211 57%
<i>Judicial</i>	2 10,6%	-	1 5,2%	1 5,2%	1 5,2%	-	1 5,2%	5 26,4%	8 42,2%	19 5,1%
<i>Eclesial</i>	1 4%	-	4 16%	3 12%	-	-	1 4%	5 20%	11 44%	25 6,8%
<i>Profissional</i>	5 9,4%	1 1,9%	4 7,5%	1 1,9%	-	1 1,9%	2 3,8%	20 37,7%	19 35,9%	53 14,3%
<i>Familiar</i>	3 16,7%	-	1 5,6%	-	-	-	-	8 44,4%	6 33,3%	18 4,9%
<i>De amizade</i>	3 6,8%	-	4 9,1%	7 15,9%	-	-	2 4,6%	18 40,9%	10 22,7%	44 11,9%
Σ	28 7,6%	5 1,3%	22 6%	42 11,3%	1 0,3%	7 1,9%	19 5,1%	87 23,5%	159 43%	370 100%

Fonte: Elaboração própria.

De maneira geral, no português médio, há alterações na frequência e proporção dos tipos de vínculos sociais. O *status* governamental continua como tipo mais produtivos (57% = 211/370), ocorrendo, como na fase anterior, com as MicroCx infinitivas com Manipulado expresso por indeterminação (49,8% = 105/211) e por clítico (14,7% = 31/211). Além disso, a MicroCx finita com clítico (14,2% = 30/211) passa a se associar frequentemente a esse *status*. Com acentuada queda em produtividade, em comparação ao período arcaico, o *status* judicial (5,1% = 19/370) expressa-se majoritariamente em MicroCx infinitivas com Manipulado indeterminado (42,2% = 8/19) e com clítico (26,4% = 5/19). O *status* eclesial (6,8% = 25/370), ainda que mostre pequena queda em frequência, preserva-se com grau semelhante de produtividade, sendo ativado frequentemente pela MicroCx com Manipulado indeterminado

(44% = 11/25). O *status* profissional aumenta consideravelmente em frequência (14,3% = 53/370), tornando-se o segundo mais produtivo no português médio e expressando-se pelas MicroCx infinitivas, com Manipulado clítico (37,7% = 20/53) e indeterminado (35,9% = 19/53), apresentando frequências muito próximas. Por fim, os *status* familiar e de amizade dispõem de produtividade moderada, com pouca alteração em vista da sincronia anterior. O primeiro (4,9% = 18/370) expressa-se preferencialmente em MicroCx infinitiva com Manipulado expresso por clítico (44,4% = 8/18), enquanto o segundo (11,9% = 44/370) é também frequente nesse mesmo tipo de MicroCx (40,9% = 18/44).

Exemplos dos *status* sociais no período médio da língua se encontram nas ocorrências de (140) a (145).

(140) Status governamental

O **Conde de Bocoí** mandou prender hum soldado Frances da companhia de Monsiur Baron [...]. (17GZ_TYBR).

“O Conde de Bocoí mandou prender um soldado francês da companhia do Monsieur Baron [...].”

(141) Status judicial

E **elle dito ouuidor** mandou passar mandado pera os **tabaliais** lhe mostrarẽ as deuassas [...] p^a **mandar Liurar** os Culpados [...]. (17PGB_CDP).

“E ele, dito ouvidor, mandou passar uma ordem para que os tabeliães lhe mostrassem as sindicâncias [...] para mandar livrar os culpados [...].”

(142) Status eclesial

Bispo quando veio do Reyno trouxe por Adayam Gomez Ribeiro, **capelão** de V. A., e por **preguador**, com vinte mil reis d’ordenado, e o encarregou tambem de **Vigairo Gerall** e **o mandou vissytar** a costa em seu nome com seus regimentos [...]. (16CPJ_CDP).

“O Bispo, quando veio do reino, nomeou Adayam Gomes Ribeiro capelão e pregador de Vossa Alteza, com vinte mil reis de ordenado, e o encarregou também de ser vigário geral, e o mandou visitar a costa em seu nome com seus regimentos [...].”

(143) Status profissional

Amente. (**mancebo**) Cuydas que te ey de fugir? Cassiano (**aio**). [...] De Palermo não fugiras tu, mas de mim si. Ora ja que tu fazes o que não deues, **deyxame a mim fazer** o que deuo [...]. (16TFM_TYBR).

“Amente (moço): Pensas que eu vou fugir? Cassiano (aio): [...] De Palermo não fugirás, mas de mim sim. Ora, já que tu fazes o que não deves, me deixe fazer o que devo [...].”

(144) Status familiar

Sabendo o que passava [...] que seu pay estava doudo: prendeo-o em casa, amarrou-o com huma cadeya, sem **o deixar fallar** com gente [...]. (17ARF_TYBR).

“Sabendo o que se passava [...], que seu pai estava doido, o prendeu em casa, o amarrou com uma corrente, sem o deixar falar com a gente [...].”

(145) Status de amizade

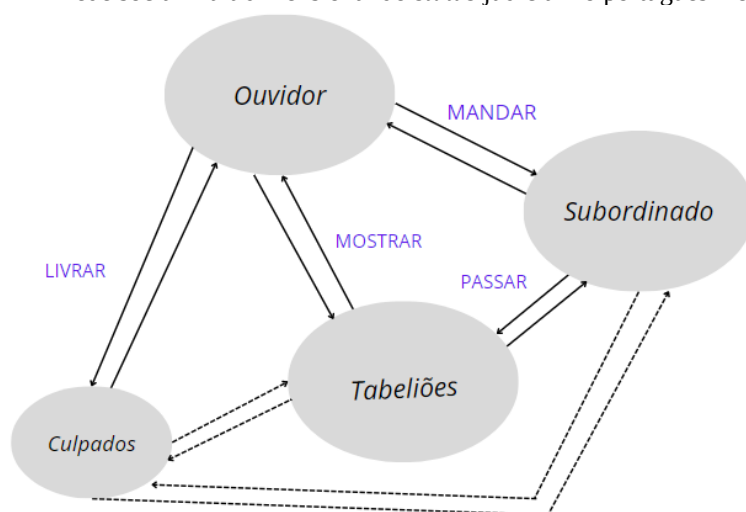
E confiada na antiga amizade que tenho com vosco, [...] me vim agora [...] a **pediruos** cõ lagrimas, **que** em nome do serenissimo Rey de Portugal meu senhor, cujo subdito & leal vassalo sempre foy meu marido, **me quisesseis valer**, & socorrerme em meu desamparo [...]. (16PFP_TYBR).

“E, confiando na antiga amizade que tenho convosco [...] venho agora [...] pedir-vos com lágrimas que, em nome do sereníssimo Rei de Portugal, meu senhor, cujo súdito e leal vassalo sempre foi meu marido, me quisesseis valer e me socorrer em meu desamparo [...].”

Para fins de exemplificação seleciono, do português médio, duas ocorrências, uma do *status* judicial e outra do *status* familiar, com o intuito de evidenciar a dinâmica de poder entre as entidades via redes sociais multidimensionais.

A primeira rede social é ilustrada na Figura 24, construída a partir da ocorrência em (141): *“elle dito ouvidor mandou passar mandado pera os tabaliais lhe mostrarẽ as deuassas [...] p^a mandar Liurar os Culpados [...]”*, que focaliza dois atos manipulativos interpessoais instaurados pelo Manipulador, o ouvidor.

Figura 24 - Rede social multidimensional do *status* judicial no português médio



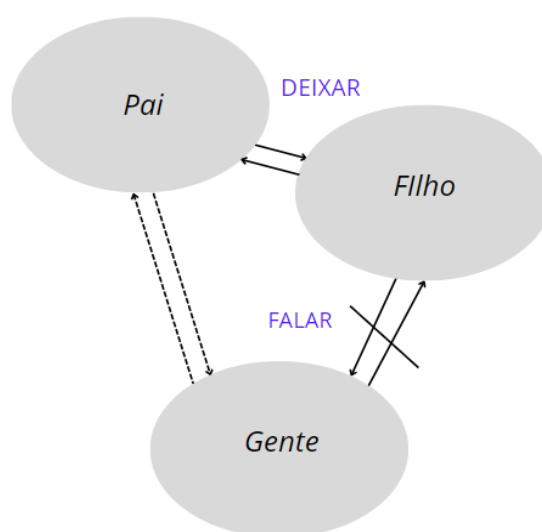
Fonte: Elaboração própria.

Na rede social da figura acima, há dois atos manipulativos de ordem com o predicado *mandar*, ambos centrados no participante central, o *ouvidor*, Manipulador, que exige de um

subordinado indeterminado que entre em contato com os *tabeliães*, com o intuito de ele próprio realizar outra ação: a de libertar os *culpados*. Nessa dinâmica de poder, o *ouvidor* detém maior autoridade, dada sua elevada posição social no contexto judicial, em comparação com seus subordinados, que apenas executam os imperativos por ele expressos. Ademais, o subordinado inferido pragmaticamente se conecta aos *tabeliães*, a fim de que estes mostrem as sindicâncias ao Manipulador proeminente. Esses participantes estão representados pelos círculos e as setas contínuas evidenciam a direção de poder desse *status* judicial. Mais periférico à rede, está a entidade os *culpados*, apenas mencionada no contexto da ocorrência, mas que participa, indiretamente, dos atos manipulativos. Essa relação indireta é vista pelas linhas pontilhadas.

A segunda rede social, ilustrada na Figura 25, do português médio, retrata o *status* familiar, exemplificado pela ocorrência em (144): “*seu pay estava doudo: predeo-o em casa, amarrou-o com huma cadeya, sem o deixar fallar com gente*”.

Figura 25 - Rede social multidimensional do *status* familiar no português médio



Fonte: Elaboração própria.

A rede da Figura 25 ilustra a dinâmica de poder na relação familiar, em que o *pai*, Manipulador, impõe sua autoridade pelo imperativo de proibição com o predicado *deixar*, na busca de controlar o comportamento do *filho* e de evitar que ele se comunique com outras *pessoas*. Nessa rede multidimensional, os participantes se apresentam nos círculos em cinza, com o Manipulador, o *pai*, como figura proeminente, que levanta uma barreira social, representada pela linha diagonal entre a linha com setas, que indica a ligação familiar direta, para bloquear a comunicação entre seu *filho*, Manipulado, com outras *pessoas*, expressa na ocorrência como *gente*. O Manipulado possui menor poder de se esquivar de tal imposição, em

vista do nível social mais baixo que ocupa neste *status*. Embora não diretamente envolvidos nessa relação familiar, as *pessoas* se ligam indiretamente, por meio da linha tracejada, *ao pai*, indicando menor poder dentro do núcleo no qual a díade pai e filho se encontram.

Os dados quantitativos da relação do *status* social com os diferentes tipos das microconstruções no PB moderno estão organizados na Tabela 20.

Tabela 20 - Frequência *token* e proporção dos *status* sociais entre os participantes do ato manipulativo no PB moderno

Período	PB moderno									Σ
MicroC Status	Finita com marcação morfo.	Finita com SN	Finita com SPrep	Finita com Clítico	Infinitiva com marcação morfo.	Infinitiva com SN	Infinitiva com SPrep	Infinitiva com Clítico	Infinitiva com indeterminado	
<i>Governamental</i>	4 4,1%	8 8,1%	8 8,1%	5 5%	-	7 7,1%	5 5%	15 15,1%	47 47,5%	99 19,5%
<i>Judicial</i>	7 6,2%	11 9,8%	10 8,9%	1 0,9%	-	11 9,8%	5 4,5%	8 7,2%	59 52,7%	112 22%
<i>Eclesial</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	4 100%	4 0,8%
<i>Profissional</i>	2 3,3%	4 6,4%	3 4,8%	4 6,4%	-	5 8,1%	3 4,8%	13 21%	28 45,2%	62 12,2%
<i>Familiar</i>	1 1,7%	7 11,9%	3 5,1%	2 3,4%	1 1,7%	9 15,2%	4 6,8%	13 22%	19 32,2%	59 11,6%
<i>De amizade</i>	12 7%	18 10,5%	13 7,6%	19 11%	-	13 7,6%	2 1,1%	49 28,5%	46 26,7%	172 33,9%
Σ	26 5,1%	48 9,4%	37 7,3%	31 6,1%	1 0,2%	45 8,9%	19 3,7%	98 19,3%	203 40%	508 100%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 20 evidencia significativas alterações em relação à frequência *token* e proporção nos *status* social dos participantes. Primeiramente, o *status* governamental, altamente produtivo desde a fase arcaica, cai consideravelmente em frequência (19,5% = 99/508), mas continua sendo expresso, especialmente, em MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado (47,5% = 47/99). O *status* judicial, mesmo com a queda em produtividade na fase média, retoma sua posição como o segundo mais frequente (22% = 112/508), ocorrendo majoritariamente com MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado (52,7% = 59/112). O *status* eclesial, produtivamente mediano nas sincronias anteriores, decai drasticamente, tornando-se praticamente obsoleto no *corpus* de análise (0,8% = 4/508), e restrito à MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado (100% = 4/4). O *status* profissional mantém a tendência de aumento de frequência, iniciada no português médio (12,2% = 62/508), especialmente em contextos de MicroCx infinitivas com Manipulado indeterminado (45,2% = 28/62) e expresso por clítico (21% = 12/62). Os *status* familiar e de amizade crescem

acentuadamente em produtividade na fase moderna, em comparação com as sincronias anteriores. O primeiro (11,6% = 59/508) expressa-se frequentemente em MicroCx infinitivas com Manipulado indeterminado (32,2% = 19/59) e expresso por clítico (22% = 13/59), enquanto o segundo torna-se o primeiro mais produtivo nesse período (33,9% = 172/508), instanciando-se mais frequentemente em MicroCx infinitivas com Manipulado clítico (28,5% = 49/172) e indeterminado (26,7% = 46), mas também, diferentemente dos demais tipos de *status*, em MicroCx finitas com Manipulado clítico (11% = 19/172) e SN (10,5% = 18/172).

As ocorrências abaixo exemplificam o funcionamento dos seis *status* no PB moderno.

(146) Status governamental

Ordeno aos DireCtores, que logo na chegada das Canôas, tirem huma exaCta informação nesta materia; e achando que os Cabos commetteraõ culpa grave, [...]os remetteraõ prezos ao **Governador do Estado**, para **mandar proceder** contra elles á proporção de seus deliCtos. (18DMA_CDP).

“Ordeno aos diretores que, logo na chegada das canoas, tirem uma informação exata sobre este assunto; e, achando que os Cabos cometeram culpa grave, [...] os enviarão presos ao Governador do Estado, para mandar instaurar processo contra eles à proporção de seus delitos.”

(147) Status judicial

pede a palavra pela ordem, **o Socio Amancio Sei-xas**, sobre o artigo 15º, paragrapho 1º, **pedindo que os membros d'assemblea, prestassem** bem atenção, sobre este artigo, que era para ao depois, não fazerem censuras futuras, a com- missão de Estatutos. (19AB_TYBR).

“Sobre o artigo 15º, parágrafo 1º, pela ordem, o sócio Amâncio Seixas pede a palavra, pedindo que os membros da assembleia prestassem bem atenção sobre esse artigo, para depois não fazerem censuras futuras à comissão de Estatutos.”

(148) Status eclesial

Pelo que toca à recomendação que V. S.^a me faz dos bilhetes e água-forte, foram já dos primeiros as duas vias deste ano e daqui em diante terá cuidado de remetê-los o Conselho, a S. Majestade o tem encarregado; quanto à água-forte, **Sr. Cardeal da Mota** me seguiu que por esta ocasião **fazia remeter** boa cópia dela. (18CAX_TYBR).

(149) Status profissional¹⁴⁰

Outra garrafa, e ponto final. — Está bem, **senhor**. — E pare de me chamar de senhor. Meu nome é Felipe. Seu Felipe, me chame de **seu Felipe**. — Muito bem, seu Felipe. — Espero um amigo, Alexandre. Quando ele chegar, **mande-o subir**, por favor. Voltei a procurar o revólver [...]. (20DAH_BLPL).

¹⁴⁰Essa ocorrência foi anteriormente exibida sob o número (131), uma vez que o predicado subordinado *subir* inserido nessa MicroCx é o único da classe verbal *momentâneo* encontrado na amostra.

(150) Status familiar

Mamãe o dia que a senhora vir **manda avizar** para mim ir a Estação para vir com Fina; O taninho já sarou?. Ruth eta gostando dahi?. (20CMG_PHPB).

“Mamãe, o dia em que a senhora vir, mande avisar para eu ir na Estação para vir com Fina; o Taninho já sarou? Ruth está gostando daí?”

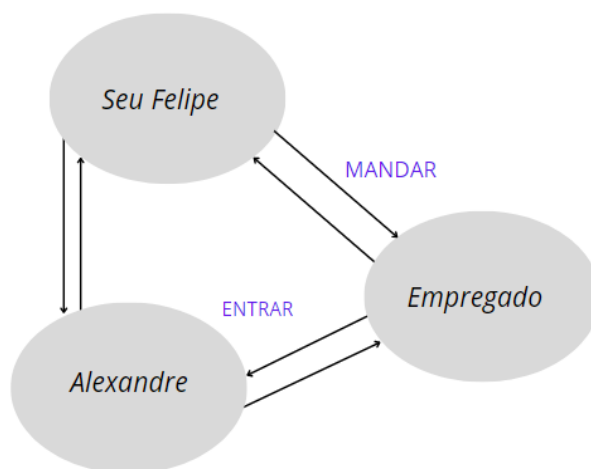
(151) Status de amizade

Lucinha resolvi lhe | escrever esta carta por um | grande motivo, motivo este | que nunca mais você me es- | creveu [...] se | possível **gostaria que você me | desse** notícias, pois acho voce | uma pessoa maravilhosa, [...] acho que você | ainda é uma **melhor amiga**. (20CRN_PHPB).

Assim como nas fases anteriores, seleciono duas ocorrências para destacar a dinâmica de poder compartilhada entre as entidades via redes sociais, agora, com os últimos dois *status* não exemplificados anteriormente.

A rede ilustrada na Figura 26 destaca o *status* profissional instanciado na ocorrência (149): *“Quando ele chegar, mande-o subir, por favor”*.

Figura 26 - Rede social multidimensional do status profissional no PB moderno



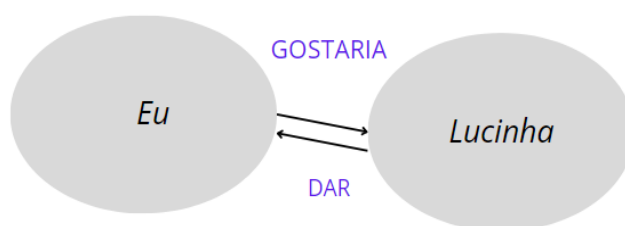
Fonte: Elaboração própria.

A rede representada na Figura 26 trata da relação empregatícia compartilhada pelo Manipulador, *Seu Felipe*, e seu *empregado*, Manipulado, delineados nos círculos. No contexto da ocorrência, o Manipulador ocupa posição central na rede, em razão de sua distância social em relação a seu outro, e professa o imperativo de ordem, de modo autoritário. Tal ordem se firma quando o empregado aceita sua execução, passando ao papel de Manipulador, mediante a autorização da figura central: *Seu Felipe*. A ligação direta entre eles está ilustrada pelas linhas contínuas com setas. Então, o empregado, quando um terceiro participante, *Alexandre*, se

aproxima, transmite a exigência do padrão, estabelecendo indiretamente com esse terceiro o *status* profissional. *Alexandre*, por sua vez, ocupa uma posição periférica na rede, pois não compartilha do *status* da díade enfocada, mas se liga a *Seu Felipe* pelo *status* de amizade.

A última rede social, a do *status* de amizade, é apresentada na Figura 27, com base na ocorrência (151): “*gostaria que você me desse notícias*”.

Figura 27 - Rede social multidimensional do *status* de amizade no PB moderno



Fonte: Elaboração própria.

Na figura acima, a rede social mostra uma relação íntima entre os dois participantes, Manipulador, *eu*, aquele que escreve a carta, e Manipulada, *Lucinha*, representados nos círculos da rede. Por compartilharem o *status* de amizade, ambos têm posição central na rede, devido à menor assimetria ou distância social entre eles, fato evidenciado pela aproximação dos curtos elos representados em linhas contínuas com setas nas duas direções. Portanto, em vez da demonstração de poder por meio de imperativo de ordem, o Manipulador utiliza o de instrução, a fim de que sua face seja preservada e de que *Lucinha* interprete seu ato como apenas um desejo de amigo a ser realizado, não como uma manipulação direta, autoritária. Essa condição ocorre pelo uso do predicado *gostaria*, que denota maior intimidade social emanada pela díade em foco.

Diante dos resultados obtidos, constatam-se diacronicamente diversas alterações nas relações sociais associadas à frequência *token* e proporção:

- i) Nos períodos arcaico e médio, o *status* mais produtivo é o governamental, que cai drasticamente em produtividade na fase brasileira moderna do português.
- ii) O *status* judicial, apesar de ligeira queda na fase média, mantém-se como produtivo no domínio manipulativo interpessoal.
- iii) O *status* *eclesial* também sofre queda acentuada de frequência no PB moderno, expressado raramente nas MicroCx manipulativas.
- iv) O *status* profissional, que era pouco frequente na fase arcaica, aumenta consideravelmente sua produtividade no período moderno.

- v) Os *status* familiar e de amizade aumentam em frequência no PB moderno, em comparação às fases arcaica e média, com predominância do segundo.

Essas observações gerais demonstram que a descrição do componente social das MicroCx manipulativas reflete as mudanças sociais, que não são estáticas. Cada período histórico determina diferentes relações sociais. Por exemplo, em épocas passadas, a relação entre realeza, igreja e sociedade era mais acentuada, pois a corte e os representantes eclesiásticos ditavam o comportamento da população. No entanto, com a queda da monarquia no Brasil e a dissipação da supremacia do poder eclesiástico na sociedade atual, outras relações, como as empregatícias e as mais íntimas, como a familiar e de amizade, ocupam um papel mais importante na sociedade. Somado a isso, há também uma expansão na variedade de autores e aumento de letramento da população, que reflete em uma sociedade diversificada com maior autonomia de se expressar por meio de textos de diferentes gêneros.

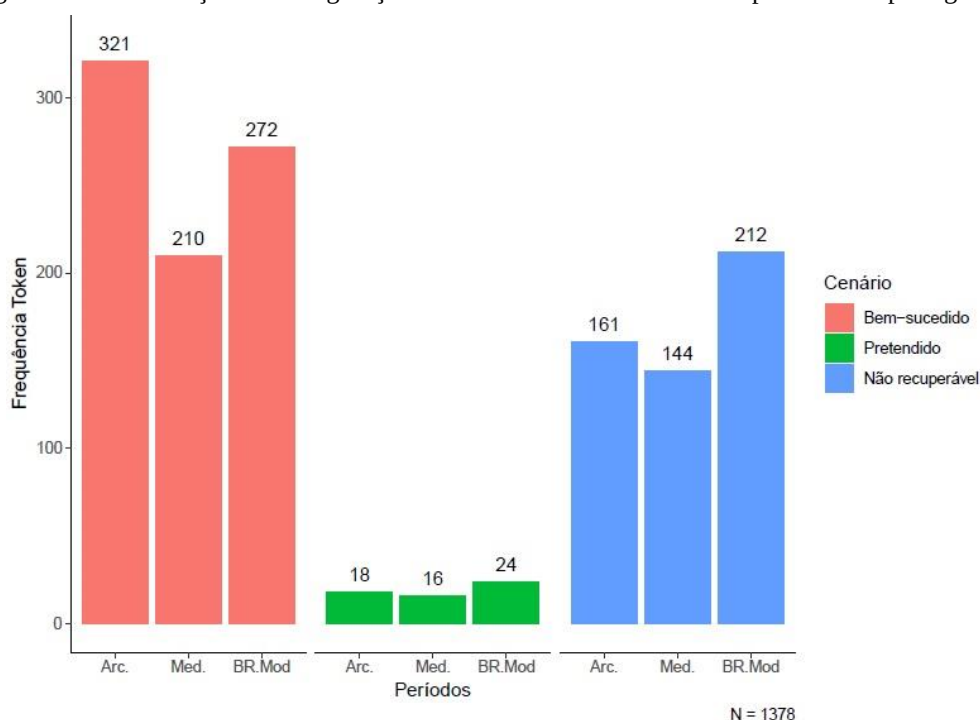
Embora meu objetivo nesta tese não seja aprofundar antropologicamente essas mudanças sociais, apenas exemplificadas brevemente, a análise proposta evidencia que a relevância dos grupos sociais varia à medida que a sociedade se transforma. Portanto, concluo que os imperativos semântico-pragmáticos e as formas construcionais permanecem ao longo da história do português, no entanto, a abordagem social do *status* compartilhado pelo Manipulador e Manipulado se ajusta à realidade social do período retratado.

5.4.2 Cenário manipulativo

Como complemento ao mapeamento dos componentes sintático e semântico-pragmático das construções de manipulação interpessoal, esta tese objetiva também descrever a constituição dos cenários resultantes da manipulação, os quais podem ser de dois tipos: *bem-sucedido* e *pretendido*. A expectativa é a de que cenário de manipulação bem-sucedida resulte de situações em que o Manipulador, em posição mais elevada na hierarquia de *status*, detém maior grau de controle sobre a ação do Manipulado, que, por isso, se submete à imposição que lhe é imposta. A expectativa em torno dessa dinâmica se inverte quando o Manipulado, também responsável por suas ações, escolhe não executar o imperativo do ato manipulativo, devido à maior proximidade social e ao menor grau de controle do Manipulador na execução do ato, transformando a cena manipulativa em apenas pretendida. Na análise dos dados, a apreensão desses cenários se ampara nas informações disponíveis no co(n)texto das ocorrências. No entanto, quando o co(n)texto não permite depreender o desfecho do ato manipulativo, o cenário é interpretado como *não recuperável*.

O gráfico da Figura 28 mostra quantitativamente a distribuição dos cenários manipulativos nos três períodos históricos do português.

Figura 28 – Distribuição da configuração dos cenários em MicroCx manipulativas no português



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico acima mostra que, de modo geral, dos cenários bem-sucedido ou pretendido (62,4% = 861/1378) das MicroCx manipulativas possíveis de serem recuperados contextualmente, o bem-sucedido é o mais produtivo tomando-se os dados das três sincronias do português (93,2% = 803/861), inclusive se incluídos aqueles não recuperáveis contextualmente (37,5% = 517/1378), o que, conseqüentemente, leva ao reconhecimento da baixíssima produtividade do cenário pretendido (4,2% = 58/1378).

A título de exemplo, as ocorrências de (152) a (154) ilustram os cenários que constituem o ato manipulativo.

(152) Cenário de manipulação bem-sucedida

El rey ma~doulhe dizer que se fosse pera Portugal e **ele co~pryo e foyssse pera Coynbra** e hy vyveo no moysteiro de Sam Domi~gos. (14CGE_CIPM).

“O rei mandou dizer a ele que se fosse para Portugal, e ele cumpriu e foi-se para Coimbra, e ali viveu no mosteiro de São Domingos.”

(153) Cenário de manipulação pretendida

chegou aqui hum principal que chamam Maracajagaçu, que quer dizer guato grande [...]. Este vivia no Rio de Janeiro e aa muitos annos que tem guerra com os Tamoios, [...] foi constrangido a mandar **hum filho seu** a esta Capitania a **pedir** que lhe **mandassem** embarcação [...], porque elle e sua mulher e seus filhos e os mais dos seus se queriam fazer christãos. [...] Mas não ousarão a fazê-llo por ser elle de Capitania alhea, [...] e assi se tornou seu filho sem ajuda. (16CPJ_CDP).

“Chegou aqui um representante que chamam de Maracajagaçu, que quer dizer gato grande [...]. Este vivia no Rio de Janeiro e, há muitos anos, guerreia com os Tamoios, [...] foi forçado a mandar um filho seu a esta Capitania para pedir que lhe mandassem embarcação [...], porque ele, sua mulher, seus filhos e seus demais queriam se tornar cristãos. [...] Mas não ousaram a enviar a embarcação, por ele ser da Capitania alheia, [...] e, assim, seu filho retornou sem ajuda.”

(154) Cenário não recuperável contextualmente

[...] vos emcomendo que **deixeis ir servir o dito Amtonio Vaaz**, pois jaa te~ Recebidas as mercadorias [...]. (16CDJ_TYBR).

“[...] Vos encomendo que deixeis o dito Antônio Vaz ir servir, pois já recebeu as mercadorias [...].”

A ocorrência em (152) é exemplo de manipulação bem-sucedida, porque a ordem do rei, Manipulador, fora transmitida por um subordinado, não expresso na MicroCx, a alguém que a cumpriu. Em (153), o Manipulador, embora *filho* de uma pessoa importante de uma Capitania (*Maracajagaçu*), não é figura detentora de grande força manipulativa, para ter seu pedido de envio de embarcação atendido por responsáveis de outra Capitania, Manipulados, possuidores de grande força na hierarquia social, resultando o cenário de manipulação pretendido. Em (154), o cenário não é recuperável, pela falta de informações co(n)textuais que possam evidenciar se o Manipulador (2ª pessoa) cumpriu a recomendação que lhe fora feita, e se o Manipulado, *Antonio Vaz*, cumpriu tal ato.¹⁴¹

Com base nesse procedimento analítico de verificar co(n)textualmente o resultado da manipulação interpessoal, investigo mais a fundo como ocorre a constituição dos cenários bem-sucedido e pretendido¹⁴², correlacionando-os com o *status* dos participantes, porque o (in)sucesso da manipulação interpessoal parece depender dos papéis sociais por eles desempenhados, e também com da estrutura formal das MicroCx, para a verificação da atuação do princípio da iconicidade e da propriedade de sedimentação na representação sintática das

¹⁴¹Cabe esclarecer que, no caso de cenário não recuperável, como não há no contexto mais amplo pistas que amparem o reconhecimento de cenário bem-sucedido ou pretendido, a transcrição do dado limita-se à apresentação do contexto mais restrito de ocorrência da MicroCx manipulativa.

¹⁴²Nesta análise, não considero os dados cujo cenário é não recuperável, pois, busco verificar o resultado da manipulação, explicitado no co(n)texto.

orações matriz e subordinada, como decorrente da integração dos eventos codificados na construção manipulativa.

Com o intuito de ratificar a proposição de que a definição do cenário manipulativo (se bem-sucedido ou pretendido) depende do *status* social dos participantes, recorro à estatística inferencial, especificamente, ao Teste de Qui-Quadrado de Pearson¹⁴³. A princípio, estabeleço como hipótese nula a não influência do *status* na construção do cenário manipulativo, considerando essas duas variáveis (*status* e cenário) como categorias independentes; diante do resultado obtido, testo a hipótese alternativa da influência do *status* na construção da cena manipulativa, considerando as duas variáveis como dependentes. Esse movimento está detalhado em (155).

- (155) *Hipótese nula: status e cenário manipulativo são variáveis independentes, ou seja, o status não influencia o cenário manipulativo. Não há diferenças significativas.*

Aplicação do teste: $\chi^2 = 77,198(10)$, $p < 0,001$.

Hipótese alternativa: status e cenário manipulativo são variáveis dependentes, ou seja, o status influencia o cenário manipulativo. Há diferenças significativas.

Como mostrado em (155), a aplicação do teste de Qui-Quadrado (χ^2) revela resultados significativos: o valor $\chi^2 = 77,198$, com 10 graus de liberdade, e valor- p inferior a 0,001 mostra que a hipótese nula não se confirma, e que devo considerar a hipótese alternativa como verdadeira, ou seja, de que *status* influencia a cena manipulativa. A validação da hipótese alternativa me permite inferir que, de fato, o *status* exerce influência no cenário manipulativo, e ocorrências cuja cena manipulativa não é recuperável podem ser interpretadas como bem-sucedida ou como pretendida. Considere, a esse respeito, a ocorrência em (156), cujo cenário manipulativo foi classificado como não recuperável.

- (156) E diuia A bertolameu [p(er)]ez de coy~bra #xxv liuras (e) **ma~do q(ue)** as **den** A seus h(er)deyros (13CHP006_CIPM).

“E devia 25 libras a Bartolomeu Peres de Coimbra, e mando que as deem a seus herdeiros.”

¹⁴³ Na aplicação deste teste comparei a frequência *token* observada das variáveis *status* social e cenário manipulativo com a frequência *token* que se esperaria observar se não houvesse nenhuma relação entre elas. Se a diferença for grande e o valor- p for menor que o nível de significância (0,05), a conclusão é a de existe uma relação significativa entre as variáveis.

Em (156), a MicroCx com predicado *mandar* evidencia o *status* judicial e não há informações contextuais que permitam atestar a realização do evento *dar dinheiro aos herdeiros*, mas, pela ratificação quantitativa da relação entre *status* e cenário, é possível inferir que, por advir de um documento notarial, licenciado por um juiz, de força manipulativa maior que os processados, a manipulação tem maior tendência de ser interpretada como bem-sucedida.

Há, porém, contraexemplos para tal generalização, que, mesmo que não apresentem significância estatística, estão presente no amontoado de dados da amostra coletada, como é o caso em (157), no qual o imperativo de ordem, vindo de um Manipulador do *status* governamental, e expresso pelo predicado *pedir*, não é cumprido pelo Manipulado, que se nega a *sair da terra*. O cenário, portanto, é classificado como pretendido, ainda que haja grande distância social entre os participantes do ato.

(157) Neste lugar o **Governador** (como estava já prevenido por ord~e do Sumo Pontífice pera o receber) **lhe pedio, que saísse** a terra, e elle não quiz [...]. (17GZ_TYBR).

“Neste lugar, o Governador (como já estava prevenido, por ordem do Sumo Pontífice, para o receber) *lhe pediu para que saísse da terra, e ele não quis* [...].”

Para além da influência do *status* e da força social da díade do cenário manipulativo, constato, pela análise das ocorrências, uma variação entre MicroCx finitas e infinitivas nos cenários engendrados. Portanto, associo também os parâmetros tipo sintático das MicroCx aos cenários manipulativo, a fim de mostrar se a codificação sintática das MicroCx e os cenários bem-sucedido e pretendido revelam uma relação significativa. Para tanto, recorro, mais uma vez, ao Teste de Qui-Quadrado,¹⁴⁴ verificando primeiramente a hipótese nula de ausência de influência da variável tipos microconstrucionais sobre a variável constituição do cenário manipulativo (consideradas variáveis independentes), e, na sequência, a hipótese alternativa, que testa a influência da variável tipos de MicroCx sobre a variável constituição do cenário manipulativo (consideradas variáveis dependentes). Esse procedimento está explícito em (158).

¹⁴⁴ Semelhantemente ao teste anterior, neste, comparei as frequências observadas das variáveis tipo sintático das MicroCx e cenário manipulativo com as frequências esperadas, caso não houvesse nenhuma relação entre elas. Assim, com uma grande diferença e o valor-*p* menor que o nível de significância (0,05), o resultado é o de existe uma relação significativa entre as duas variáveis.

- (158) *Hipótese nula*: cenário manipulativo e tipo sintático das MicroCx são variáveis independentes, ou seja, o cenário não influencia o tipo microconstrucional. Não há diferenças significativas.

Aplicação do teste: $\chi^2 = 92,097$ (16), $p < 0,001$.

Hipótese alternativa: cenário manipulativo e tipo sintático das MicroCx são variáveis dependentes, ou seja, o cenário influencia o tipo microconstrucional. Há diferenças significativas.

Sob a hipótese nula, o teste revela uma relação de significância, apontando a existência de tal relação pelo valor $\chi^2 = 92,097$, com 16 graus de liberdade e valor- p inferior a 0,001. Consequentemente, a hipótese nula não se afirma verdadeira, permitindo a consideração da hipótese alternativa: a cena manipulativa influencia no tipo microconstrucional. Por conseguinte, essa análise estatística permite inferir que as MicroCx do subesquema finito favorecem a constituição da cena pretendida, enquanto as do subesquema infinitivo motivam a constituição da cena bem-sucedida. Essa relação se firma porque as MicroCx finitas exibem menor integração sintática entre os predicados manipulativo e subordinado, efetivando uma maior distância espaço-temporal e conceitual entre as entidades envolvidas no ato manipulativo. Em contrapartida, as infinitivas demonstram um complexo oracional mais unificado, sintática e semântico-pragmaticamente, em função do maior grau de iconicidade e de sedimentação na distância conceitual e temporal entre os predicados e os participantes.

Como exemplo da relação entre os cenários e os tipos microconstrucionais, exibo as ocorrências em (159)e (160).

- (159) Cenário pretendido com MicroCx finita

[...] **Eu lhe pedi que me commu- | tasse** aquelle trabalho em outro; [...] e **não foi possível que | os meus rogos o conseguisse**: e como sa- | ber mandar he mais difficil, que saber obe- | decer [...]. (18AVD_TYBR).

- (160) Cenário bem-sucedido com MicroCx infinitiva

Huum pobre manco que sempre em sua casa avia esmolla quamdo Diego Lopez comia, [...] e chegou **aas guardas da porta** que **o leixassem sahir** fora, e elles de tal homem nenhuuma cousa sospeitando, **abrimdo a porta leixaromno hir**. (15DPI_CIPM).

“Um pobre manco que sempre em sua casa recebia esmola, quando Diego Lopez comia, [...] e chegou até as guardas da porta para que o deixassem sair fora, e eles, não suspeitando de nada do tal homem, abrindo a porta, o deixaram ir.”

Em (159), a MicroCx finita com Manipulado expresso por clítico denota o imperativo de instrução com o predicado *pedir*. Devido à distância conceptual e temporal e menores graus de integração, iconicidade e sedimentação, o pedido da Manipuladora é menos direto, contribuindo para que o resultado de sua tentativa de trocar de trabalho seja somente pretendido. Como já sabido, também há influência da relação social entre os participantes, pois, infere-se que o *empregador*, Manipulado, não acatou a solicitação de uma *empregada*. Em (160), as duas MicroCx com o predicado *deixar* são do tipo infinitiva com Manipulado clítico, e nelas se apreende a execução do imperativo de permissão, em que os *guardas da porta*, Manipulador, possibilitam a saída do *pobre manco*, Manipulado, resultado na bem-sucedida, expressa por meio da organização formal do subesquema infinitivo, que demonstra maior integração, iconicidade e sedimentação na relação entre os predicados matriz e subordinado, que, por sua vez, apresentam os participantes envolvidos em menor distância conceptual e temporal.

Evidentemente, há contraexemplos, como o mostrado em (161), para a inferência fornecida pelo teste quantitativo.

(161) Cenário pretendido com MicroCx infinitiva

[...] SAMPAIO. Tenho ainda um requerimento que fazer. Juiz .Então qual é? SAMPAIO. Desejava que V . S . **mandasse citar** a assembléa provincial. Juiz. Oh! homem! citar a assembléa provin- cial! e para que? SAMPAIO. Para **mandar fazer** cercado de espi-nhos em todas as hortas. Juiz. **Isso é impossivel! a assembléa provin- cial não póde ocupar-se com estas insignifi-cancias.** (19JPR_TYBR).

Embora a ocorrência em (161) disponha de duas MicroCx infinitivas com o predicado *mandar* com Manipulado marcado via indeterminação, o cenário resultante é pretendido. Essa condição adversa à hipótese validada se justifica porque a constituição da cena também perpassa o social, conforme visto anteriormente. Assim, apesar *Sampaio* dar ordens ao *juiz*, este, dada sua distância e poder social, bloqueia a força manipulativa de seu interlocutor, fazendo com que os *EsCo* *citar a assembleia provincial* e *mandar fazer cercado* sejam indeferidos.

A constituição do cenário manipulativo, conforme atestado por testes estatísticos e exemplos, é influenciada pelas relações sociais estabelecidas entre os participantes e pela codificação gramatical em orações subordinadas finitas ou infinitivas. Dessa forma, além desses fatos, o processamento cognitivo desse cenário também desempenha um papel crucial.

Em consonância com a proposta desta tese, que estabeleceu três bases, gramatical, cognitiva e antropológica, para a definição de manipulação interpessoal, passo ao exame da

organização cognitiva dos cenários manipulativos por meio das operações de *construal*, considerando os subesquemas finito e infinitivo, com o intuito de mostrar que a constituição das cenas passa por uma organização cognitiva de como os usuários desejam comunicar sua experiência no domínio da manipulação interpessoal. Antes, porém, é importante lembrar que a manipulação interpessoal se efetiva pela DF, que explicita o embate entre Manipulador e Manipulado, os quais, dotados de agentividade distribuída, atuam, com poder e distância social, na concessão, resistência e persuasão em relação à execução de um ato manipulativo, situação que se reflete na conceptualização e na codificação do ato manipulativo por parte do usuário da língua.

Inspirado pelos estudos de Givón (2001) e de Soares da Silva (2005; 2015), investigo a conceptualização das MicroCx manipulativas do subesquema finito perante o cenário pretendido, conforme sugerido pelo teste estatístico.

Em geral, as MicroCx manipulativas do subesquema finito revelam baixa integração espaço-temporal e baixo grau de iconicidade e sedimentação entre os eventos das orações matriz e subordinada, conseqüentemente, a distância conceptual entre a emissão dos imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição e de sua execução é maior. Por exemplo, observa-se estruturalmente entre os *slots* construcionais, material linguístico que contribui para essa distância, como o complementizador (*com*) *que*, elementos intervenientes como *SN* ou *clítico* argumento do predicado da oração encaixada ou construções adverbiais. Intrinsecamente ligadas a essas considerações, encontram-se as operações cognitivas de *construal*.

Na relação cenário pretendido e subesquema finito, a primeira operação ativada é a de *organização dos elementos na cena*, que se dispõem em dois espaços conceituais individuais, em vista da distância conceptual e temporal entre os dois eventos, alocando Manipulador e Manipulado como referentes centrais ou proeminentes em seus respectivos eventos. A proeminência de ambas as entidades leva à segunda operação, a de *perfilamento*, que, quando efetivada nas MicroCx finitas, evidencia a focalização tanto no Manipulador, que emite o imperativo manipulativo, quanto no Manipulado, que pode não se submeter à realização do evento desejado pelo primeiro membro da díade.

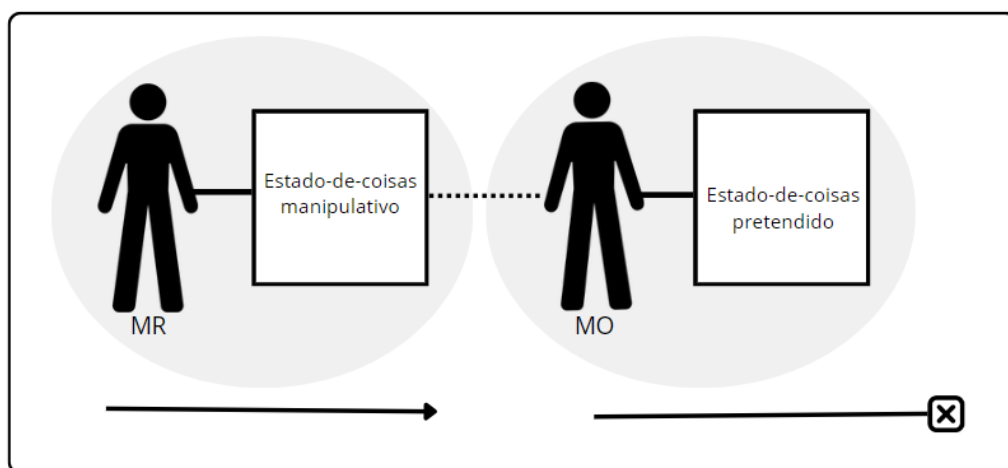
Por serem duas fontes que perfilam forças persuasivas, outra operação ativada é a de *perspectiva*, indicando que, nas MicroCx do subesquema finito, o ponto de vantagem é dividido, por se considerar a situabilidade dos participantes, regido pela *dêixis*. Inicialmente, o Manipulador recruta o Manipulado, que dotado de agentividade, pode agir em seu próprio

tempo, espaço e vontade. Assim, quando o usuário conceptualiza a construção manipulativa finita, ele perspectiviza ambas as entidades em seus respectivos eventos.

A quarta operação cognitiva na constituição da manipulação interpessoal em MicroCx finitas é a de *subjetificação*, que atua no modo de apresentar como Manipulador e Manipulado a agem de acordo com suas crenças e experiências nos eventos sancionados pelos predicados. Então, na conceptualização do embate de forças interpessoal, o usuário da língua pode conceber o Manipulado com controle, poder e resistência para superar a incisão de seu Antagonista e não performar o imperativo emitido, resultando no insucesso do ato manipulativo.

As interpretações arroladas acima estão ilustradas na Figura 29.

Figura 29 - Diagrama do processamento cognitivo das MicroCx manipulativas do subesquema finito no cenário pretendido



Fonte: Elaboração própria.

No diagrama, os ícones humanos simbolizam as entidades Manipulador (MR) e Manipulado (MO) com semelhante distribuição no cenário, ligadas aos quadrados indicativos dos dois eventos codificados no ato manipulativo pelo predicado manipulativo, que expressa os imperativos de ordem, instrução, permissão ou proibição, e pelo predicado subordinado. Por detrás desses elementos, dispõem-se círculos cinzas que retratam os espaços conceptuais, que, mesmo ligados pela linha pontilhada, se distanciam, devido ao perfilamento dos dois participantes na organização da cena. As duas linhas na parte inferior do diagrama indicam a menor cotemporalidade do ato manipulativo, equivalendo à distância espaço-temporal e cognitiva dos eventos e de seus responsáveis e à constituição de uma cena pretendida, resultante do bloqueio do Manipulado, conforme ilustrado pela forma geométrica com um X.¹⁴⁵

¹⁴⁵ O diagrama da Figura 29, baseado no teste estatístico, serve para ilustrar o processamento do subesquema finito junto à cena pretendida, porém, como se constatou, tal subesquema também sanciona o cenário bem-sucedido, embora não significativamente.

Com base nesse processamento cognitivo do subsequema finito e para completar sua descrição, apresento, na Figura 30, a representação do padrão construcional em foco que, inspirada em Morin (2023), identifica os componentes de forma e de significado.¹⁴⁶

Figura 30 - Representação completa do subsequema manipulativo finito

FORMA	Morfossintaxe:	[[([SN]) _i [PRED] _(flex) _i ([SPrep/Cl]) _j] _{Matriz} [[(com)que] ([SN]) _j [PRED] _(flex) _j] _{Sub.Fin}]
↕		
SIGNIFICADO	Semântica:	[[([MR]) _i [PRED _{Man}] _(MR) _i ([MO]) _j] _{Evento} [[CONNECT] ([MO]) _j [PRED] _(MO) _j] _{Evento}]
	Pragmática:	
	Situacional:	'função imperativa de MR para MO' 'força interpsicológica entre MR e MO'
	Sociocultural:	'status social do MR e do MO'

Fonte: Elaboração própria.

Características a serem destacadas nas representações acima, para além da forma e da semântica discutida nas seções precedentes, é a identificação dos elementos pragmáticos, bipartidos entre situacional, indicando as funções imperativas e as forças interpsicológicas envolvidas, e sociocultural, apontando o *status* das entidades participantes. Tais especificações, por vezes preteridas em análises construcionais, contribuem para um mapeamento completo do objeto e ratificam a importância de se considerar o social como parte saliente das MicroCx, uma vez que ele influencia no todo construcional.

Na análise das MicroCx do subesquema infinitivo, que demonstra uma significativa conexão com o cenário bem-sucedido, volto-me à proposta de Givón (2001), que, ao exibir sua escala de complementação e tratar fundamentalmente dos verbos manipulativos, defende, sob a noção de iconicidade, que as estruturas completivas de infinitivo formam complexos altamente icônicos e sedimentados, fazendo com que as duas orações, ao se integrarem, se tornem interdependentes na constituição do complexo oracional, sem distanciamento conceitual entre predicado matriz e subordinado, o que ratifica o princípio icônico, por formarem uma unidade conceptual única, que se expressa no e fortalece o vínculo sintático-semântico e cognitivo entre as partes construcionais.

Com respaldo nesses argumentos, na investigação do subsequema infinitivo, ainda que haja o compartilhamento de características gerais, como menor distância espaço-temporal, iconicidade e sedimentação, uma descrição específica revela distinções significativas desse

¹⁴⁶ Na representação das MicroCx, não insiro o cenário como elemento do componente de significado, porque, mesmo dependente de fatores sociais, como *status*, e cognitivos, como operações de *construal*, também se relaciona com toda a produção textual de onde o dado foi retirado, não, sendo assim possível, incluir essa categoria como parte da construção.

subesquema, atribuíveis às operações de *construal*. Portanto, divido o subesquema em dois subgrupos de MicroCx: o primeiro com Manipulado expresso morfológicamente ou sintagmaticamente (SN, SPrep e clítico), e o segundo, com Manipulado indeterminado.

Diferentemente do subesquema finito, o subgrupo de MicroCx infinitivas com Manipulado expresso demonstra elevada integração espaço-temporal, pelo fato de os imperativos ativados pelos predicados manipulativos e os eventos subsequentes serem mais dependentes, gerando, no complexo oracional, cotemporalidade, sedimentação e iconicidade crescentes. Esse tipo não atinge grau máximo de aplicação dessas propriedades devido à codificação do Manipulado, que, embora ainda considerado Agente potencial, já se expressa ligado à oração matriz, manifestando menor grau de controle e resistência à persuasão do Manipulador.

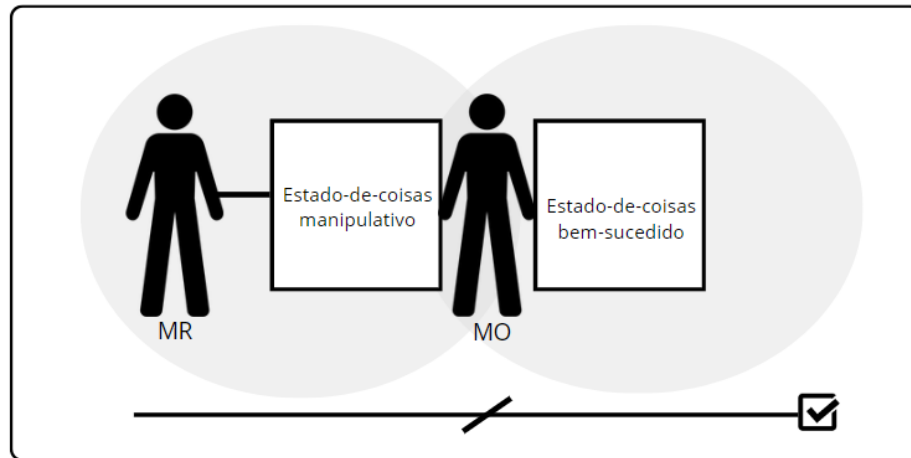
A primeira operação de *construal* desse subgrupo é a de *organização dos elementos em cena*, que traz os dois espaços conceituais, referentes às entidades da manipulação em seus respectivos eventos, interseccionados, mas sem grande distância conceitual, por conta da forte iconicidade do ato manipulativo. No cruzamento desses espaços, Manipulador e Manipulado se encontram na cena, mas o primeiro é foco primário, deixando-se ao segundo o papel de intermediário, ou ainda, aquele que medeia secundariamente a realização do ato. Por consequência, a proeminência do Manipulador efetua seu perfilamento, como referente central o de toda a cena. Na operação de *perspectiva*, os imperativos semântico-pragmáticos atribuídos ao Manipulador, considerando a dêixis, colocam o Manipulado em cena sob ponto de vantagem do Manipulador, dando-lhe pouca ou nenhuma chance de agir em seu tempo ou por vontade próprios. Nesse cenário, o Manipulado, por ter correferência a elementos expressos nos limites da oração matriz e, portanto, estar em perspectiva periférica, não ocupa o mesmo foco de atenção na conceptualização do imperativo manipulativo.

Nesse ambiente o Manipulador é subjetificado, pois age em consonância com suas crenças, persuadindo e, simultaneamente, impedindo que seu Agonista mantenha o poder de controlar e resistir à imposição enunciada. Essa operação cognitiva, junto às demais descritas, contribuem para o sucesso do ato manipulativo.

Essa interpretação é visualmente exemplificada na Figura 31.¹⁴⁷

¹⁴⁷ Novamente, destaco que este diagrama e o subsequente, que retratam o subesquema infinitivo, são baseados na relação significativa corroborada por meio da análise estatística envolvendo MicroCx infinitivas e cenário bem-sucedido. Contudo, como evidenciado por meio de exemplos, esse formato construcional pode também sancionar o cenário pretendido.

Figura 31 - Diagrama do processamento cognitivo das MicroCx com Manipulado expresso no cenário bem-sucedido



Fonte: Elaboração própria.

A figura acima representa a distribuição distinta de Manipulador (MR) e Manipulado (MO) na cena. Devido ao perfilamento, o Manipulador se expressa como central, enquanto o Manipulado, atua como intermediário da cena e, ao se interseccionar com o espaço conceitual de seu Antagonista, realiza o evento almejado. Essa mediação é representada: i) pela conexão do Manipulado com os dois quadrados indicativos dos dois EsCo da cena, ii) pela intersecção dos círculos cinzas, indicativa da progressiva convergência dos espaços conceituais, e iii) pela inclusão do Manipulado como parte do espaço do Manipulador. Abaixo da cena representada, uma única linha é disposta, para representar a maior integração temporal e cognitiva entre os eventos e seus participantes na conceptualização do ato manipulativo como um todo. O traço diagonal presente na linha sugere que, apesar de ser um evento conceptual e formalmente integrado, o Manipulado está presente para executar o que lhe foi solicitado ou permitido. O desfecho, por fim, é simbolizado ao final da linha, onde um sinal de verificação (✓) dentro do quadrado indica o sucesso do ato.

Para concluir a descrição desse subgrupo infinitivo, trago sua representação, inspirada em Morin (2023), na Figura 32.

Figura 32 - Representação completa do subgrupo de MicroCx infinitivas com Manipulado expresso

FORMA	Morfossintaxe:	[[([SN]) _i [PRED] _(flex) _i ([SPrep/Cl]) _j] _{Matriz} [([SN]) _j ([para]) [PRED] _(flex) _j] _{Sub.Inf}]		
SIGNIFICADO	Semântica:	[[([MR]) _i [PRED _{Man}] _(MR) _i ([MO]) _j] _{Evento} [([MO]) _j ([PREP]) [PRED] _(MO) _j] _{Evento}]		
	Pragmática:			
	Situacional:	'função imperativa de MR para MO' 'força interpsicológica entre MR e MO'		
	Sociocultural:	'status social do MR e do MO'		

Fonte: Elaboração própria.

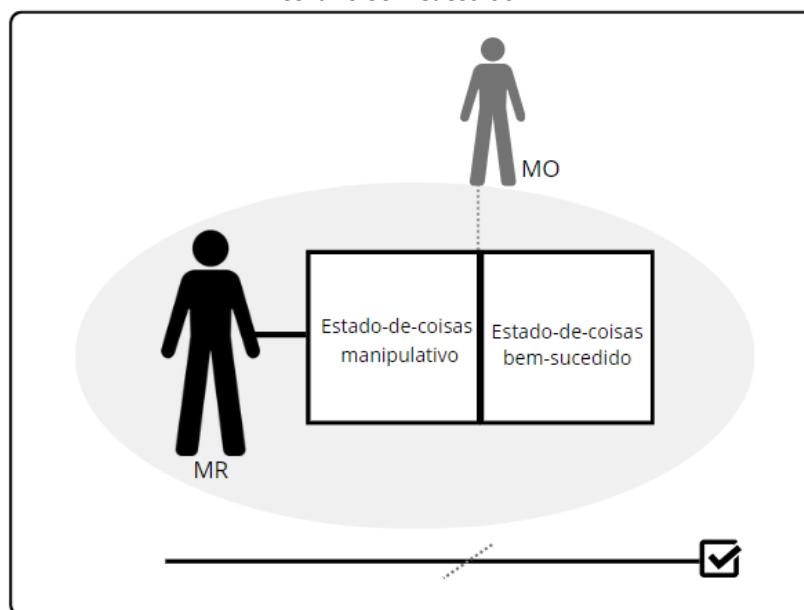
Conforme já abordado no subesquema finito, destaco desta representação a identificação da pragmática das funções imperativa e interpsicológica, bem como do *status* social, que permanece inalterada, quando comparada com o subesquema finito, porque os imperativos e as relações sociais são as mesmas, variando somente a codificação sintática.

Sobre o subesquema infinitivo com a MicroCx que não expressa o Manipulado formalmente, retomo brevemente os argumentos de Soares da Silva (2005; 2015), sobre as estruturas desse tipo (VV), que denotam um processo conceptualizado de modo holístico, pois, pelo fato de o Sujeito da oração infinitiva não ser foco principal, há a formação de um complexo verbal uno, cujo único Sujeito explícito é o da matriz: o controlador de todo complexo oracional. Em outras palavras, nesse cenário, emerge uma fonte de energia exclusiva, a do Manipulador, que exerce um controle expressivo, estabelecendo uma relação mais direta e imediata entre os dois eventos concatenados.

Baseado nesse entendimento, argumento que o processamento cognitivo dessa MicroCx infinitiva com indeterminação do Manipulado se inicia com a operação de *construal de organização os elementos na cena* de maneira distinta daquela do subgrupo anterior. Na presente MicroCx, observa-se um espaço conceptual exclusivo, processado integralmente, embora ambos os EsCo que compõem o ato manipulativo possam ser identificados. Esse único espaço se estabelece pelo máximo grau de integração sintática das orações e de integração espaço-temporal e dos dois eventos, resultando em extrema iconicidade e sedimentação. O participante que emerge na cena é somente o Manipulador, foco de atenção, enquanto o Manipulado permanece indeterminado, sem representação na estrutura, sendo inferido pragmaticamente e desprovido de influência e de força e poder para tentar controlar a constituição do ato.

Como único participante em cena e detentor exclusivo da fonte de força manipulativa, o Manipulador se destaca em uma sequência de operações cognitivas. Ele é *perfilado*, permanecendo proeminente, e todos os elementos do cenário são moldados a partir de sua *perspectivização*, fortalecendo o *ponto de vantagem* escolhido. Mesmo a realização do ato manipulativo exigindo outro Agente, em vista da *dêixis* enunciativa, o Manipulado não é considerado na *perspectivização*, permanecendo sem agentividade explícita. Assim, todo ato manipulativo está intrinsecamente condicionado à subjetividade do Manipulador, que, uma vez perfilado, exerce grande controle sobre a formação da cena e de seu resultado bem-sucedido. Essa descrição é ilustrada pelo diagrama na Figura 33.

Figura 33 - Diagrama do processamento cognitivo da MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado no cenário bem-sucedido



Fonte: Elaboração própria.

No diagrama, a MicroCx manipulativa tem Manipulado indeterminado, a MicroCx se centra na perspectivização e perfilamento do Manipulador, dando-lhe proeminência e consolidando todo o ato manipulativo em um espaço conceptual único, destacado pelo círculo cinza, que une, em dois quadrados, o EsCo manipulativo e o EsCo bem-sucedido. Em contraste, o Manipulado, mostrado em tom esmaecido, é posicionado fora desse espaço conceptual, representado como periférico e de baixa relevância no cenário delineado; sua participação no ato manipulativo é indicada por uma linha pontilhada, simbolizando sua contribuição na execução do evento subordinado, embora sua agentividade permaneça implícita. Na parte inferior do cenário, a linha indica máxima integração temporal dos eventos, com reduzida distância espaço-temporal e cognitiva e da codificação gramatical dos eventos e seus participantes na concepção do ato, que tem seu processamento holístico. Presente na linha, o traço diagonal pontilhado na cor cinza sugere que, ainda que de modo implícito e sem o poder persuasivo em cena, o Manipulado faz parte do ato. O cenário de sucesso resultante é indicado ao final da linha, pelo sinal de verificação dentro do quadrado.

A fim de encerrar tal análise, exponho sua representação na Figura 34.

Figura 34 - Representação completa do subgrupo da MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado

FORMA	Morfossintaxe:	[[([SN]) _i [PRED] _(flex) _i] _{Matriz} [[Ø] _j [PRED]] _{Sub.Inf}]
SIGNIFICADO	Semântica:	[[([MR]) _i [PRED _{Man}] _(MR) _i] _{Evento} [[MO _{Indet}] _j [PRED]] _{Evento}]
	Pragmática:	
	Situacional:	‘função imperativa de MR para MO’ ‘força interpsicológica entre MR e MO’
	Sociocultural:	‘status social do MR e do MO’

Fonte: Elaboração própria.

Conforme exhibe a figura 35, as funções pragmáticas das MicroCx e o *status* social permanecem inalterados. Nessa esfera, embora representado como zero/indeterminado nas partes morfosintática e semântica, o Manipulado continua explícito pragmaticamente, visto que, os imperativos de ordem, instrução, permissão e proibição atribuídos ao Manipulador dirige-se a um Manipulado, sempre necessário, pois dele depende o sucesso do ato. Esse fato corrobora a importância de descrever as propriedades pragmáticas e sociais, que permaneceriam ocultas, caso houvesse somente a representação sintática e semântica da construção.

Esta seção empreendeu uma investigação sobre aspectos sociais apreensíveis nas MicroCx manipulativas interpessoais, identificando-se diacronicamente os diferentes *status* sociais do Manipulador e Manipulado. Os resultados dessa análise demonstram que as relações sociais entre esses participantes se ajustam às realidades vivenciadas no tempo representado por cada sincronia descrita. Por meio de análises estatísticas, foi validada a existência de associações significativas entre *status* social e codificação sintática das MicroCx e os cenários bem-sucedido e pretendido. Tal relação foi elucidada através das operações de *construal* que permeiam o domínio manipulativo. Adicionalmente, foram apresentadas representações do processamento cognitivo dos subesquemas finito e infinitivo, evidenciando-se a influência marcante das funções pragmáticas e sociais em seu mapeamento.

5.5 Confrontando duas hipóteses

Considerando o mapeamento histórico mostrado nesta seção, confronto agora as duas hipóteses enunciadas na introdução e na descrição da metodologia deste trabalho. A primeira sustenta que, na zona de subordinação, há uma trajetória evolutiva gradual de mudança entre MicroCx finitas para MicroCx infinitivas, evidenciada pela dessentencialização da oração subordinada e consequente integração entre matriz e subordinada.

Diante da discussão dos parâmetros de análise, micropassos de mudança entre MicroCx manipulativas finitas e infinitas não permitem constatar um movimento gradual de construcionalização gramatical que possibilitasse reconhecer novos pareamentos na família de construções manipulativas por meio de alterações na estrutura ou no significado dessas construções. Ao contrário, as MicroCx, ao longo da história do português, permanecem as mesmas. Essa conservação da família de construções manipulativas, que impossibilita ratificar a primeira hipótese, explica-se por duas evidências de i) as MicroCx, sejam finitas ou infinitivas, já operam, desde o período arcaico da língua, na rede, recrutando os predicados manipulativos para suas orações matrizes, com maior ou menor produtividade em termos de frequência *token* e proporção, e ii) a MicroCx infinitiva com Manipulado indeterminado, a qual apresenta, dentre as outras, maior integração, alta iconicidade e sedimentação, já era a mais produtiva desde o século XIII e, assim, manteve-se até o século XX.

Diante da falta de corroboração de um movimento de mudança, o mapeamento realizado evidencia as propriedades que se conservam nas MicroCx manipulativas, as quais são expostas no Quadro 13, que resume os principais resultados obtidos.

Quadro 13 – Principais resultados do mapeamento diacrônico das MicroCx manipulativas interpessoais

Parâmetros	Resultados
<i>Constituição do componente significado</i>	Conservam-se os imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição, denotados a partir do predicado manipulativo na oração matriz.
<i>Constituição do componente forma</i>	Os subesquemas finito e infinitivos e suas microconstruções preservam regularidades formais. <u>Observações:</u> - No português médio, há uma mudança construcional com o predicado <i>fazer</i> na MicroCx finita com SN (<i>fazer com que</i>); - No português médio, há emergência da MicroCx de infinitivo com Manipulado expresso morfológicamente; - No português moderno, há uma mudança construcional, pela ativação do predicado <i>pedir</i> no subesquema infinitivo.
<i>Estrutura e referencialidade do Manipulador</i>	Constante variação entre marcação morfológica e sintagmática do Manipulador. Quando sintagmática, a posição dessa entidade é prototipicamente anteposta ao predicado manipulativo. O Manipulador apresenta o traço semântico [+ definido], associado aos traços [+ específico] ou [+ genérico].
<i>Estrutura e referencialidade do Manipulado</i>	Estabilidade com preferências por posições específicas a depender da MicroCx, com crescente favorecimento da posição intermediária (entre os predicados matriz e subordinado). O Manipulado apresenta os traços semânticos [+ específico/+ definido], [+ genérico/+ definido], [+ genérico/ + indefinido] e [indeterminado]. <u>Observação:</u> - Mudança construcional na posição do Manipulado nas MicroCx finita e infinitiva com SN, que se realoca no complexo construcional para a posição intermediária.
<i>Type e token do predicado encaixado</i>	Não há abstratização do <i>slot</i> de predicado encaixado, porque os predicados mais ativados são semanticamente mais concretos, com três <i>types</i> mais produtivos: atividade específica, atividade difusa e <i>dicendi</i> . <u>Observação:</u> - O predicado <i>fazer</i> mantém a coerência em todas as sincronias na atração de predicados de natureza psicológica, como os de experimentação mental.
<i>Status social</i>	O <i>status</i> compartilhado pelo Manipulador e Manipulado se ajusta à realidade social das sincronias retratadas, porém os imperativos semântico-pragmáticos e as formas construcionais permanecem diante das diferentes relações sociais reconhecidas.

Fonte: Elaboração própria.

Como exposto no Quadro 13, há mais estabilidade na família de MicroCx manipulativas interpessoais que as mudanças pressupostas na primeira hipótese. As pequenas mudanças observadas, já descritas anteriormente, estão resumidamente justificadas abaixo:

- i) A MicroCx infinitiva com marcação morfológica do Manipulado, encontrada na rede manipulativa no português moderno, advém da estrutura chamada de infinitivo flexionado. Apesar de sua verificação na rede, a MicroCx não é um nó representativo como os demais, pois, os dados da amostra coletada não me permitem medir e explorar seu funcionamento e suas propriedades de convencionalização e produtividade na rede, por exemplo. Então, classifico essa emergência como um reflexo do surgimento desse tipo de infinitivo no sistema gramatical da língua nesse período. Um estudo sincrônico do século XXI

- possibilitaria expandir a amostra coletada e chegar a resultados mais sólidos sobre essa MicroCx, caso encontrada com maior frequência;
- ii) A mudança construcional observada com o predicado matriz *fazer* na fase média se justifica como uma reconfigura interna do elo sequencial da MicroCx finita com SN, quando associada a esse predicado, pois altera-se apenas a estrutura do complementizador (*com que*).
 - iii) A mudança construcional verificada no *slot* de Manipulado expresso por SN em MicroCx finitas e infinitivas é uma reconfiguração interna do complexo construcional, que já exibia variação desde os primeiros séculos e que se fixa na sincronia moderna. Não são, pois, de estruturas completamente reformuladas;
 - iv) A mudança construcional atestada pela inclusão do predicado *pedir* nas MicroCx com Manipulado expresso por SPrep ou clítico do subsequema infinitivo no PB moderno se explica pela analogização, uma vez que as estruturas infinitivas já existam, e esse uso de *pedir* com subordinada infinitiva ainda está em fase de consolidação, conforme mostrado pela análise colostrucional;
 - v) A exceção dos *types* do predicado manipulativo *fazer* com predicados subordinados de natureza mais abstrata, contrariando a disposição prototípica dos demais manipulativos, não é considerada uma mudança, pois observa-se a regularidade diacrônica desse predicado na combinação com *types* verbais da classe de verbos de experimentação mental .

Em suma, por adotar a premissa da GDC de que a língua é composta por várias redes interconectadas por elos verticais e horizontais e por relações de vizinhança, argumento também que as pequenas alterações encontradas não são exclusivas das MicroCx manipulativas, mas, antes, trata-se de transformações sistêmicas operantes em toda a gramática do português, especialmente, na variedade brasileira, refletindo, então, a organização morfossintática da construção de manipulação interpessoal, que espelha os padrões gerais da língua e passa também a se comportar de maneira semelhante a outras construções da rede.

Com esse resultado, chego à segunda hipótese, que, contrariamente à primeira, sustenta a estabilidade diacrônica das construções manipulativas no português, porque, como primitivo, a manipulação interpessoal opera desde as primeiras interações do Homem na esfera biopsicossocial. Portanto, conforme exposto no mapeamento diacrônico, resumido no quadro acima, confirmo a segunda hipótese, pela observação de constantes regularidades na rede de MicroCx manipulativas, sem que as poucas alterações encontradas inviabilizem a validação desta hipótese, porque a gramática da língua, como sistema adaptativo complexo (Bybee, 2016),

incontestavelmente é sempre emergente no tempo, o que me leva a compreender estabilidade não como imutabilidade, mas como constante busca por regularidade e permanência.

A estabilidade construcional é ratificada, porque a manipulação, intrínseca desde a ancestralidade humana, representa uma relação social evidente desde a infância, quando os seres humanos se envolvem na manipulação de objetos, incitando ações com repercussões físicas, para, posteriormente, se dedicarem à persuasão de indivíduos por meio da linguagem. Como complemento a esses argumentos, recorro também às contribuições de dois pesquisadores no campo da aquisição da linguagem que ajudam a confirmar a relação inerente entre o domínio manipulativo e a natureza humana.

Slobin (1985) declara que a cognição pré-linguística de crianças pequenas é organizada em pequenas cenas experienciais básicas, sendo estruturada por: i) a cena de atividade manipulativa, na qual um Agente animado causa uma mudança de estado em um Paciente inanimado; ii) a cena figura-fundo, em que uma pessoa ou objeto se move ao longo de algum caminho no espaço. Ao experienciar tais cenas, as crianças desenvolvem suas habilidades de negociação e persuasão, no convencimento de outros humanos para atenderem suas necessidades.

Tomasello (2003) sustenta que, no desenvolvimento humano em sociedade, particularmente, na infância, as dimensões simbólicas da linguagem resultam de uma adaptação biológica exclusivamente humana às nuances culturais, aos movimentos e ações físicas. Essa adaptação resulta na compreensão de que as pessoas compartilham estados intencionais e mentais semelhantes, promovendo o desejo de manipular o outro por meio das convenções sociais. Também, esse fenômeno adaptativo contribui para a padronização e repetição ao longo do tempo dos padrões gramaticais associados a tais interações. Ademais, o autor afirma que, na aquisição de sentenças complexas, as crianças parecem aprender complementos infinitivos antes dos complementos sentenciais finitos. Segundo o autor:

[complementos infinitivos] são mais fortemente integrados do que os complementos sentenciais, porque lidam mais com intenções e menos com crenças (que são cognitivamente mais difíceis), porque são mais úteis (já que expressar intenções e desejos é muito importante para crianças pequenas) e, [...] porque as crianças os ouvem com mais frequência em sua experiência linguística (Tomasello, 2003 p. 265).¹⁴⁸

¹⁴⁸ *No original:* infinitival complements are more tightly integrated than sentential complements, because they deal more with intentions and less with beliefs (which are cognitively more difficult), because they are more useful (since expressing intentions and desires is so important for young children), and [...] because children hear them more often in their linguistic experience.

Por conseguinte, o entendimento de que, já na infância, as cenas construídas via experiência sociais geram formas padronizadas e frequentemente empregadas pode ser aplicado às MicroCx manipulativas, que sempre permaneceram ativadas pelos subesquemas finito e infinitivo, funcionando regularmente tanto em forma quanto em significado nos três períodos do português, com apenas movimentos discretos de alterações de frequência *token* e de mudança em configurações internas. Assim, os usuários da língua, de crianças a adultos, ao se depararem com essas construções, as ativam em seu *Constructicon*, porque, constantemente, querem exercer seu controle e expressar sua força persuasiva; isso contribui para que a rede de manipulação interpessoal permaneça sempre ativa e estável.

Esta seção realizou o mapeamento diacrônico das microconstruções manipulativas interpessoais na história do português. Por meio de quatro parâmetros, com análises quantitativas e qualitativas; argumentei que a constituição geral dos componentes de forma e de significado das microconstruções é sancionada por nove pareamentos de formato oracional finito e infinitivo, ativados pelos imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição. Sobre as características formais e semânticas dos participantes, verifiquei que, prototipicamente, o Manipulador pode ser expresso por SN em posição anteposta ao predicado matriz ou por flexão de número e pessoa, enquanto o Manipulado pode ser expresso via morfologia do verbo subordinado, por SN, SPrep, clítico ou permanecer indeterminado. Observei ainda que os predicados encaixados das MicroCx favorecem na diacronia a *types* mais concretos, e descrevi os *status* sociais que definem a relação entre Manipulador e Manipulado e que evidenciam as dinâmicas de poder entre essas entidades do ato e a formação dos cenários manipulativos bem-sucedido e pretendido, por meio das operações de *construal*. Por fim, completei a investigação proposta pelo confronto das duas hipóteses, de mudança e de estabilidade construcional, sendo a última corroborada com base nos resultados apresentados.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve por principal objetivo mapear as MicroCx manipulativas interpessoais com os predicados *mandar, fazer, querer, pedir, deixar, proibir, impedir* e *gostar* na história do português, fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da abordagem construcional da linguagem, particularmente, nos modelos da GCD (Barðdal; Gildea, 2015; Traugott; Trousdale, 2021; Sommerer; Smirnova, 2020; Hilpert, 2021; Gildea; Barðdal, 2023; *inter alia*) e de redes multidimensionais e dinâmicas (Diessel, 2019; 2023).

Com o propósito de advogar por uma diferenciação semântica entre manipulação e causação, propus um conceito de manipulação interpessoal assentado em três bases epistemológicas: i) *gramatical*, demonstrando a codificação sintática das estruturas manipulativas na língua; ii) *cognitiva*, abordando o processamento cognitivo das construções por meio de operações de *construal*; e iii) *antropológica*, enfocando as relações sociais, particularmente aquelas relacionadas a *status* social. Assim, defendi manipulação interpessoal como uma categoria semântico-pragmática complexa, entendida como ação social, regida pela DF, que, aplicada ao objeto de investigação, permite conceber que Manipulador e Manipulado, com diferentes *status* sociais e forças interpsicológicas, agem na promoção do ato manipulativo.

A primeira hipótese desta tese foi elaborada, com base na literatura sobre gramaticalização de orações (Lehmann, 1988), em busca de uma trajetória gradual de micropassos de mudança, os quais pudessem revelar, no âmbito da subordinação, um processo diacrônico de integração oracional das MicroCx manipulativas. A segunda hipótese, formulada após revisão da literatura acerca do tema e uma compreensão mais clara do conceito de manipulação, aventou que, devido à manipulação interpessoal ser considerada um primitivo da natureza humana, as MicroCx de manipulação interpessoal apresentariam estabilidade do ponto de vista tanto formal quanto semântico-pragmático ao longo da história do português.

Para a verificação das hipóteses, um mapeamento diacrônico foi conduzido por meio da criação de um *corpus* próprio, composto por diferentes gêneros textuais representativos dos três períodos do português (arcaico, médio e brasileiro moderno). Nesse processo, selecionei e interpretei os dados utilizando parâmetros que investigam: i) a estrutura formal, como o tipo sintático das MicroCx e a forma de expressão do Manipulador e do Manipulado, ii) os componentes de significado, como os imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução,

permissão e proibição, a referencialidade e os *status* sociais dos participantes do ato manipulativo; iii) os *types* e *tokens* do predicado da oração subordinada; e iv) a configuração do cenário manipulativo, como bem-sucedido ou pretendido.

Mediante as descrições e as análises quantitativas e qualitativas dos resultados, a primeira hipótese não foi confirmada, mas a segunda se mostrou verdadeira, porque, desde o período arcaico do português, as MicroCx finitas e infinitivas se encontram na rede linguística, que permanece estável nas demais sincronias.

As regularidades atestadas evidenciam que, diacronicamente, os imperativos semântico-pragmáticos de ordem, instrução, permissão e proibição, denotados pelo predicado manipulativo da oração matriz, são preservados, assim como os subesquemas finito e infinitivo das MicroCx, que mantêm regularidades formais. A forma de expressão do Manipulador, de referência definida, específica ou genérica; varia entre marcação morfológica e sintagmática, e a do Manipulado, de referência definida, específica, genérica, indefinida ou indeterminada, quando ocorre, demonstra preferência, ao longo dos séculos, pela posição entre os predicados matriz e subordinado. Em relação ao predicado subordinado, há frequentemente ativação de predicados de sentido mais concreto.

As raras alterações na rede de manipulação interpessoal residem na estrutura interna da posição do Manipulado no tipo microconstrucional com SN, que passa a ser intermediária, no predicado *fazer* que se associa, em MicroCx finitas com SN, ao complementizador *com que*, e na emergência do predicado manipulativo *pedir* no subsequema infinitivo.

Além disso, destaco que, desde a proposta de uma conceituação de manipulação interpessoal, a tese trilhou um percurso que evidencia a relevância de, no mapeamento construcional, se considerar o papel de categoriais sociais, como a de *status*, ligada ao componente de significado, especificamente, à subparte pragmática denominada sociocultural.

Portanto, pelos resultados apreendidos, argumento que a associação de aspectos gramaticais, cognitivos e sociais promoveu um caminho de análise profícuo, que possibilitou um mapeamento diacrônico abrangente, alinhado às premissas teórico-metodológicas da GCD, mostrando como a natureza do significado social influencia a codificação gramatical e a configuração da rede linguística.

Como investigações futuras, inspiradas nos resultados desta tese destaco: i) acréscimo da sincronia do século XXI, do PB moderno, para complementar os resultados obtidos; ii) ampliação do objeto de análise para outros predicados manipulativos, como *forçar*, *obrigar*, *persuadir*, *influenciar*, *ordenar*, *sugerir*, *permitir*, *recomendar* etc., a fim de expandir a descrição diacrônica da rede de manipulação interpessoal; iii) descrição e análise diacrônica de

outros domínios básicos da natureza humana, como a percepção, investigando-se predicados perceptivos, como *ver*, *olhar*, *escutar*, *ouvir*, na história do português, sob a hipótese de estabilidade construcional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. Construções causativas no português antigo e clássico: O *scrambling* e a emergência da marcação de caso excepcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7-58, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.23.1.07-58>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8421>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ARRAIS, T. C. As construções causativas em português. **Alfa: revista de linguística**, São Paulo, v. 29, p. 41-58, 1985. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3753>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BARÐDAL, J. **Productivity**: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.8>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.8>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BARÐDAL, J.; GILDEA, S. Diachronic construction grammar: Epistemological context, basic assumptions and historical implications. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (ed.). **Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 1-50. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.18.01bar>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.18.01bar>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BERGEN, B. K.; CHANG, N. Embodied Construction Grammar in Simulation-based Language Understanding. In: ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (ed.). **Construction Grammars: Cognitive Grounding and Theoretical Extensions**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 147–190. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.3.08ber>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.3.08ber>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BERLINCK, R. A. The Portuguese Dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. (ed.). **Case and Grammatical Relations Across Languages: The Dative**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. v. 1, p. 119-151. DOI <https://doi.org/10.1075/cagral.2.07and>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cagral.2.07and>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. A. A. (org.). **Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BITTENCOURT, V. O. **Da expressão da causatividade no português do Brasil**: uma viagem no túnel do tempo. 1995. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

BORGES, D. C. **Construções causativas na diacronia do português do Centro Oeste: séculos XVII a XX**. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/jspui/bitstream/10482/1620/1/2008_DalmoVCBorges.pdf. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRANDÃO, S. M. **Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças condicionais: contribuições à sociolinguística histórica**. 2022. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/235437>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623. DOI <https://doi.org/10.1002/9780470756393.ch19>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470756393.ch19>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BYBEE, J. **Mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. **Constructions**, Duesseldorf, v. 1, p. 1-28, 2006. DOI <https://doi.org/10.24338/cons-381>. Disponível em: <https://constructions.journals.hhu.de/article/view/381>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CARVALHO, C. S. **Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista**. 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1598558>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CASIMIRO, S. **Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/86548>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CEZARIO, M. M. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**. 2001. 217 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

COMRIE, B. Causative Constructions. In: COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology**. 2nd ed. Chicago: The Chicago University Press, 1989. p. 165-184.

CROFT, W. Radical Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 211–232. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0012>. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/34551/chapter/293152564>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/32815>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CROFT, W. **Ten Lectures on Construction Grammar and Typology**. Leiden: Brill, 2020. DOI <https://doi.org/10.1163/9789004363533>. Disponível em: <https://brill.com/display/title/36391>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CROFT, W. **Verbs**: Aspect and Causal Structure. Oxford: Oxford University Press, 2012. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199248582.001.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/36388>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. **Vocabulário histórico-cronológico do português medieval**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2020. Disponível em: <http://www.medieval.rb.gov.br/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DAVIES, M. The Diachronic Evolution of the Causative Construction in Portuguese. **Journal of Hispanic Philology**, Tallahassee, v. 17, p. 262-292, 1996.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do português**: 1 bilhão de palavras, web/dialetos. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DE SMET, H. Entrenchment Effects in Language Change. In: SCHMID, H. J. (ed.). **Entrenchment and the Psychology of Language Learning**: How We Reorganize and Adapt Linguistic Knowledge. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. p. 75-100. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110341423-005/html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DIESSEL, H. **The Constructicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. DOI <https://doi.org/10.1017/9781009327848>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/elements/abs/constructicon/ECD7CC294373BC24CF5C2D97068F1F82>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. DOI <https://doi.org/10.1017/9781108671040>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/grammar-network/CD33C0E542AA159B5383228C67B416CD>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DAŹ BROWSKA, E.; DIVJAK, D. (ed.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. p. 296-322. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110292022-015>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110292022-015/html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DIXON, R. M. W. A Typology of Causatives: Form, Syntax and Meaning. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (ed.). **Changing Valency: Case Studies in Transitivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 30-83. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511627750.003>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/changing-valency/typology-of-causatives-form-syntax-and-meaning/23E5ED2AF6F4E0765D47E99E7B8BE9CB>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DUARTE, I.; GONÇALVES, A. Construções causativas em português europeu e em português brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 16., 2001, Lisboa. **Actas[...]**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2001. p. 657-671.

ENFIELD, N. J. Common ground as a resource for social affiliation. In: KECSKES, I.; MEY, J. (ed.). **Intention, Common Ground and the Egocentric Speaker-hearer**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2008. p. 223-254. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110211474.2.223>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110211474.2.223/html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ENFIELD, N. J. **Relationship Thinking: Agency, Enchrony, and Human Sociality**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199338733.001.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/2788>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ENFIELD, N. J.; SIDNELL, J. **The concept of action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. DOI <https://doi.org/10.1017/9781139025928>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/concept-of-action/08EF352615D33FD3E81CD141C6C61EA0>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRO, M. **Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa**. Coruña: Universidade da Coruña, 2014. Disponível em: <https://universocantigas.gal/glosario/r>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). **Linguistics in the morning calm: Selected Papers from SICOL-1981**. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. p. 111-138. Disponível em: http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf. Acesso em: 24 jun. 2024.

FILLMORE, C. J., KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, Baltimore, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i217204>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FLACH, S. **Collostructions: An R implementation for the family of collostructional methods: Package Version v. 0.2.0**, 2021. Disponível em: <https://sfla.ch/collostructions/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FLACH, S. Constructionalization and the Sorites Paradox: The emergence of the into-causative. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 45-67. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.27.01fla>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.27.01fla>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire Latin-Français**. Paris: Hachette, 2016. Disponível em: <https://gaffiot.org/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GALVES, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, A.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R.; CYRINO, S. (org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.

GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. **Corpus histórico do português Tycho Brahe**, [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: a periodização do português revisitada. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIE, B. (org.). **Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch: Synchrone und Diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und Mehr**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-75.

GILDEA, S; BARÐDAL, J. From Grammaticalization to Diachronic Construction Grammar : A Natural Evolution of the Paradigm. **Studies in Language**, Amsterdam, v. 47, n. 4, p. 743–788, 2022. DOI <https://doi.org/10.1075/sl.20079.gil>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/sl.20079.gil>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GIVÓN, T. Cause and control: On the semantics of interpersonal manipulation. In: KIMBALL, J. P. (ed.) **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1975. v. 4, p. 59-89. Disponível em: <https://brill.com/display/book/edcoll/9789004368828/BP000004.xml>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 1. DOI <https://doi.org/10.1075/z.syn1>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/z.syn1>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 2. DOI <https://doi.org/10.1075/z.syn2>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/z.syn2>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GIVÓN, T.; YOUNG, P. Cooperation and interpersonal manipulation in the society of intimates. In: SHIBATANI, M. **The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 23-56. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.48.05giv>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl.48.05giv>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GOLDBERG, A. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 14–31. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0002>. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/34551/chapter-abstract/293145114>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/32920>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GOLDBERG, A. **Explain Me This**: Creativity, Competition, and the partial Productivity of Constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019. DOI <https://doi.org/10.1515/9780691183954>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9780691183954/html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GONÇALVES, A. P. L. M. **Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu**. 1999. 505 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

GONÇALVES, S. C. L.; OLIVEIRA, T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 102–127, 2020. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2020v21n1p102>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2020v21n1p102>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016. v. 5, p. 69–121.

GRIES, S. T.; STEFANOWITSCH, A. Extending collostructional analysis: A corpus-based perspectives on 'alternations'. **International Journal of Corpus Linguistics**, Amsterdam, v. 1, n. 9, p. 97–129, 2004. DOI <https://doi.org/10.1075/ijcl.9.1.06gri>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ijcl.9.1.06gri>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GUASTI, M. T. Analytic Causatives. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. **The Blackwell Companion to Syntax**. London: Blackwell, 2006. v. 1, p. 142–172. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470996591.ch6>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470996591.ch6>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HAIMAN, J. **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. (Typological Studies in Language, v. 6). DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.6>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl.6>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HEINE, B. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. 2nd ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019. DOI <https://doi.org/10.1515/9781474433624>. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctvsf1p6c>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HILPERT, M. Distinctive collexeme analysis and diachrony. **Corpus Linguistics and Linguistic Theory**, Berlin, v. 2, p. 243-256, 2006. DOI <https://doi.org/10.1515/CLLT.2006.012>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/CLLT.2006.012/html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HILPERT, M. **Ten Lectures in Diachronic Construction Grammar**. Leiden: Brill, 2021. DOI <https://doi.org/0.1163/9789004446793002>. Disponível em: <https://brill.com/display/title/56854>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HILPERT, M. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSE, E.; OLOFSSON, J.; ANDERSSON, P. (ed.). **Grammaticalization Meets Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 21-39. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.21.c2>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.21.c2>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HILPERT, M.; DIESEL, H. Entrenchment in construction grammar. In: SCHMID, H. J. (ed.). **Entrenchment and the Psychology of Language Learning: How We Reorganize and Adapt Linguistic Knowledge**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. p. 57-74. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110341423-004/html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HOFFMANN, T. **Construction Grammar: The Structure of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

HOFFMANN, T. What would it take for us to abandon Construction Grammar?: Falsifiability, confirmation bias and the future of the constructionist enterprise. **Belgian Journal of Linguistics**, Amsterdam, v. 34, p. 148-160, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/bjl.00042.hof>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/bjl.00042.hof>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, Reason and Imagination**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KAYNE, R. French Syntax: The Transformational Cycle. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 13, n. 1, p. 118-128, 1975. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-linguistics/article/abs/s-kayne-richard-french-syntax-the-transformational-cycle-cambridge-mass-mit-press-1975-pp-473/0968629F5CEDA5D7CE6F9FE6F5D31605>. Acesso em: 25 jun. 2024.

KEMMER, S; VERHAGEN, A. The grammar of causatives and the conceptual structure of events. **Cognitive Linguistics**, Berlin, v. 5, n. 2, p. 115-156, 1994. DOI <https://doi.org/10.1515/cogl.1994.5.2.115>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/cogl.1994.5.2.115/html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: A basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. **Essentials of Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive application**. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. 2.

LANGACKER, R. W. **Ten Lectures on the Basics of Cognitive Grammar**. Leiden: Brill, 2017. DOI <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.c.3726877>. Disponível em: <https://brill.com/display/title/34986>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LECLERCQ, B. Semantics and pragmatics in Construction Grammar. **Belgian Journal of Linguistics**, Amsterdam, v. 34, n.1, p. 225–234, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/bjl.00048.lec>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/bjl.00048.lec>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 181-225. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.18.09leh>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl.18.09leh>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LONGHIN, S. R. **Corpus Diacrônico do Português**, [S. l.: s. n.], 2007.

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. *et al.* **Cantigas medievais galego portuguesas**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **Delta: documentação e estudos em linguística teórica e aplicada**, São Paulo, v. 33, n. 2, 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/34369>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 2 v.

MADEIRA, A. M. L.; FIÉIS, A. Construções infinitivas com verbos causativos e percetivos na diacronia do português. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, 28., 2013, Lisboa. **Textos Seleccionados**[...]. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2013. p. 341-357. Disponível em: https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/FIEIS_MADEIRA_2013.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

MARTINS, A. M. Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese. In: GESS, R. S.; ARTEAGA, D. (ed.). **Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 327-355. DOI <https://doi.org/10.1075/cilt.274.20mar>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cilt.274.20mar>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MARTINS, A. M. Infinitival complements of causative/perception verbs in a diachronic perspective. In: GONÇALVES, A; SANTOS, A. L. (ed.). **Complement Clauses in Portuguese: Syntax and Acquisition**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 101-128. DOI <https://doi.org/10.1075/ihll.17.04mar>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ihll.17.04mar>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica: "ouvir o inaudível"**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Universidade, 1972. v. 1-2.

MORIN, C. **Social Meaning in Construction Grammar: double modals in dialects of English**. 2023. 326 f. Thèse (Doctorat en Linguistique) – École Doctorale Sciences du Langage, Université Paris-Cité, Paris, 2023.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. rev. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.). **Language Typology and Syntactic description: complex constructions**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 2, p. 52-150.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PEDERSON, E. W. **Subtle Semantics: Universals in the Polysemy of Reflexive and Causative Constructions**. 1991. 404 f. Thesis (Doctorate in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1991. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/9mk6q5mt>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PEREIRA, M. B. **A sintaxe do dativo em estruturas com verbos causativos no português brasileiro**. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/14382>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.17>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.17>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PREZOTTO JR., J. R. Fixação, idiomatidade e composicionalidade: a unidade fraseológica “deixar a poeira baixar” no português. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 809–828, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i2.2959. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2959>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PREZOTTO JR., J. R. A formação da família de construções aspectuais finais na história do português: conexões entre redes multiformes. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 1206-1237, 2022. DOI <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.3.1206-1237>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/21254>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PREZOTTO JR., J. R. **As microconstruções auxiliares com "deixar" e "parar" no português na expressão de aspecto final**. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/191820>. Acesso em: 26 jun. 2024.

RAPOSO, E. P. Case Theory and Infl-to-COMP: the inflected infinitive in European Portuguese. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 18, n. 1, p. 85-109, 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4178525>. Acesso em: 26 jun. 2024.

R FOUNDATION. **The R Project for Statistical Computing**: R Core Team. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 26 jun. 2024.

ROSSI, G.; FLOYD, S.; ENFIELD, N. J. Recruitments and pragmatic typology. In: FLOYD, S.; ROSSI, G.; ENFIELD, N. J. (ed). **Getting Others to Do Things: A Pragmatic Typology of Recruitments**. Berlin: Language Science Press, 2020. p. 1-23. Disponível em: <https://langsci-press.org/catalog/book/263>. Acesso em: 26 jun. 2024.

ROSSI, G.; ZINKEN, J. Social agency and grammar. In: ENFIELD, N. J.; KOCKELMAN, P. **Distributed Agency**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 79-86. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190457204.003.0009>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/2078/chapter-abstract/141995732>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SAG, I. A. Sign-Based Construction Grammar: An informal synopsis. In: BOAS, H. C.; SAG, I. A. (ed.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford: CSLI, 2012. p. 61–188. Disponível em: <https://web.stanford.edu/group/cslipublications/cslipublications/pdf/BoasSag-sag-chapter.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SEARLE, J. R. **Making the Social World: The Structure of Human Civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:osobl/9780195396171.001.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/5336>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SEOANE, E. G.; LA GRANJA, M. A.; AGRELO, A. I. B. **Dicionario de Dicionarios do Galego Medieval**. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega, 2022. Disponível em: <https://ilg.usc.gal/ddgm/index.php>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SHIBATANI, M. The Grammar of Causative Constructions: A Conspectus. In: SHIBATANI, M. (ed.) **Syntax and Semantics**, Leiden, v. 6, p. 1-40, 1976. DOI https://doi.org/10.1163/9789004368842_002. Disponível em: <https://brill.com/display/book/edcoll/9789004368842/BP000002.xml>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SHIBATANI, M.; PARDESHI, P. The causative continuum. In: SHIBATANI, M. (ed.) **The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 85-126. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.48.07shi>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl.48.07shi>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SLOBIN, D. I. **The Crosslinguistic Study of Language Acquisition**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1985.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. Introduction: The nature of the node and the network: Open questions in Diachronic Construction Grammar. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1-42. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.27.int>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.27.int>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOARES DA SILVA, A. Revisitando as construções causativas e perceptivas em português: significado e uso. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 20., 2005, Lisboa. **Actas[...]**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2005. p. 855-874. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2004-67.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOARES DA SILVA, A. **A semântica de deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SOARES DA SILVA, A. Stages of grammaticalization of causative verbs and constructions in Portuguese, Spanish, French and Italian. **Folia Linguistica**, The Hague, v. 46, n. 2, p. 513–552, 2012. DOI <https://doi.org/10.1515/flin.2012.018>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/flin.2012.018/html#MLA>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOARES DA SILVA, A. Subjetificação, objetificação e (des)gramaticalização nas construções completivas infinitivas em português, em comparação com outras línguas românicas. In: ENGWALL, G.; FANT, L. (ed.). **Festival Romanistica: Contribuciones lingüísticas: Contributions linguistiques: Contributi linguistici: Contribuições linguísticas**. Stockholm: Stockholm University Press, 2015. p. 64-91. DOI <http://dx.doi.org/10.16993/bac.d>. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/33931>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOMMERER, L. Constructionalization, constructional competition and constructional death: Investigating the demise of Old English POSS DEM constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 69-103. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.27.02som>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.27.02som>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.27>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.27>. Acesso em: 26 jun. 2024.

STEELS, L. Introducing Fluid Construction Grammar. In: STEELS, L. (ed.). **Design Patterns in Fluid Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 3–30. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.11>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.11>. Acesso em: 26 jun. 2024.

STEFANOWITSCH, A.; FLACH, S. “Too big to fail but big enough to pay for their mistakes”: A collostructional analysis of the patterns [*too ADJ to V*] and [*ADJ enough to V*]. In: CORPAS PASTOR, G.; COLSON, J. P. (ed.). **Computational and corpus-based phraseology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 248–272. DOI <https://doi.org/10.1075/ivitra.24.13ste>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ivitra.24.13ste>. Acesso em: 26 jun. 2024.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. T. Covarying collexemes. **Corpus Linguistics and Linguistic Theory**, Berlin, v. 1, n. 1, p. 1-43, 2005. DOI <https://doi.org/10.1515/cllt.2005.1.1.1>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/cllt.2005.1.1.1/html>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science**, Norwood, v. 12, n. 1, p. 49–100, 1988. DOI https://doi.org/10.1207/s15516709cog1201_2. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1207/s15516709cog1201_2. Acesso em: 27 jun. 2024.

TALMY, L. **Towards a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems**. Cambridge: MIT Press, 2000. v. 1. DOI <https://doi.org/10.7551/mitpress/6847.001.0001>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/books/book/2799/Toward-a-Cognitive-SemanticsConcept-Structuring>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4442/3214>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1999.

TOMASELLO, M. **Becoming human: a theory of ontogeny**. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

TOMASELLO, M. **Constructing a language**: A usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Cambridge: MIT Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.7551/mitpress/7551.001.0001>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/books/book/3292/Origins-of-Human-Communication>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. A. “Eu disse pra ele” ou “disse-lhe a ele: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, A.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R.; CYRINO, S. (org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 61- 74.

TORRES MORAIS, M. A; LIMA SALLES, H. M. M. Parametric Change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. **Probus**, Berlin, v. 22, n. 2, p. 181-210, 2010. DOI <https://doi.org/10.1515/prbs.2010.007>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/prbs.2010.007/html>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TRANNNIN, J. B. **Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos no português europeu**: uma abordagem diacrônica. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/785455>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TRAUGOTT, E. C. **Discourse Structuring Markers in English**: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2022. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.33>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.33>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TRAUGOTT, E. C. Modeling language change with constructional networks. In: PONS BORDERÍA, S.; LOUREDA LAMAS, O. (ed.). **Beyond Grammaticalization and Discourse Markers**: New Issues in the Study of Language Change. Leiden: Brill, 2018. p. 17–50. (Studies in Pragmatics, v. 18). DOI https://doi.org/10.1163/9789004375420_003. Disponível em: <https://brill.com/display/book/9789004375420/BP000002.xml>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**, Baltimore, v. 65, n. 1, p. 31–55, 1989. DOI <https://doi.org/10.2307/414841>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/414841>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalisation. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (ed.). **Subjectivity and Subjectivisation**: Linguistic Perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 31–54.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução: Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. O uso do futuro do pretérito no português falado. In: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. v. 7, p. 673-697.

UNGERER, T.; HARTMANN, S. **Constructionist Approaches: Past, Present, Future**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. DOI <https://doi.org/10.1017/9781009308717>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/constructionist-approaches/4F37E9A2B97EB663F532B4068702055C>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R.; COLLEMAN, T.; RUTTEN, G. (ed.). **Extending the Scope of Construction Grammar**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014. p. 141–179. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110366273.141>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110366273.141/html>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VAN LANGENDONCK, W. Iconicity. In: GEERERTS, D.; CUYKENS, H. (ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 394–418. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199738632.013.0016>. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/34552/chapter-abstract/293164016?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VASCONCELOS, C. M. **Lições de filologia portuguesa**: segundo as preleições feitas aos cursos de 1911/1912 e de 1912/1913. Lisboa: Revista de Portugal, 1956.

VIEIRA DA SILVA, M. C. **A complementação infinitiva em textos latinos dos séculos XI e XII e textos portugueses dos séculos XIII e XIV**. 2003. 459 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2453>. Acesso em: 27 jun. 2024.

XAVIER, M. F. **Corpus Informatizado do português medieval**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=4>. Acesso em: 27 jun. 2024.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G.; CRISPIM, M. L. (org.). **Dicionário de verbos portugueses dos séculos 12 e 13/14**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=5>. Acesso em: 27 jun. 2024.

ZEHENTNER, E.; TRAUGOTT, E. C. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 167–211. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.27.05zeh>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/cal.27.05zeh>. Acesso em: 27 jun. 2024.